

JOANNE HARRIS

"Prepare-se para
um tremendo *twist*."

TIMES

"Maravilhoso
e inquietante."

GUARDIAN

A decorative vine with green and brown leaves is intertwined with the title text. The vine starts from the left, goes up and over the word 'UMA', then down and under 'PORTA', and finally up and over 'ESTREITA' before ending on the right. The leaves are detailed with veins and some are slightly browned at the edges.

UMA PORTA ESTREITA

OS HOMENS ENTRAM PELA PORTA PRINCIPAL.
AS MULHERES TÊM DE IMPROVISAR.



Ficha Técnica

Título: Uma Porta Estreita

Título original: A Narrow Door

Autor: Joanne Harris

Edição: Carmen Serrano

Tradução: Ana Saldanha

Revisão: Catarina Sacramento

Capa: Tomas Almeida/Orion Books

Adaptação da capa: Maria Manuel Lacerda

Ilustração da capa: Micaela Alcaino/Orion Books

ISBN: 9789892353463

Edições ASA II, S.A.

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Frogspawn Limited 2021

Edição publicada por acordo com a Grandi & Associati

e a Rogers, Coleridge & White Ltd. London

© 2022, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.pt

Índice

Capa

Ficha Técnica

Prefácio - Tânatos

PRIMEIRA PARTE - Aqueronte (Rio do Infortúnio)

1

2

3

4

5

SEGUNDA PARTE - Cócito (Rio das Lamentações)

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

TERCEIRA PARTE - Lete (Rio do Esquecimento)

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

QUARTA PARTE - Flegetonte (Rio do Fogo)

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

QUINTA PARTE - Estige (Rio do Ódio)

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11

SEXTA PARTE - Mnemosine (Rio da Memória)

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

SÉTIMA PARTE - Asfódelos (Terra dos Mortos)

- 1

2
3
4
5
6
7
9
10

OITAVA PARTE - Tártaro (Terra das Trevas Eternas)

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

Epílogo - Eliseu (Ilhas dos Abençoados)
Agradecimentos

Joanne Harris
UMA PORTA ESTREITA

Tradução
Ana Saldanha

Para o doutor Philip Oliver (1948-2020)

Prefácio

Tânatos

«Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos o que o encontram!»

Evangelho Segundo São Mateus, 7:14



Liceu St. Oswald, setembro de 2006

Constato com frequência que os homens como o senhor subestimam as mulheres como eu. Pensam que devemos estar destroçadas, de algum modo. Que procuramos o poder para compensar alguma injustiça real ou imaginária. Que devemos detestar os homens, pela maneira como há séculos excluem as mulheres dos seus clubes masculinos, as impedem de progredir, abusam delas, as exploram. Bem, sim, talvez tenha alguma razão. Certas coisas fazem uma mulher dar luta. E outras, embora nos desafiem, só nos tornam mais fortes.

Um reitor do sexo feminino. A si, deve parecer-lhe uma inversão de tudo aquilo em que acredita. Como chegámos a isto, pergunta? Como é que o mundo foi assim tão virado de pernas para o ar? Mulheres como eu, diz para consigo, devem ser como são por alguma *razão*. O nosso ímpeto para alcançar o sucesso advém da fraqueza, pensa. Da raiva, do ódio, do medo ou da insegurança. E é por isso que vencerei. Porque o senhor acredita na fraqueza essencial das mulheres em posições de autoridade.

Mas é aí que se engana, Mr. Straitley. Não tenho inseguranças. Excetuando um incidente nos meus primeiros tempos de vida, a minha infância decorreu sem acontecimentos dignos de nota. Os meus parceiros sexuais têm sido desinteressantes ao ponto de quase não se distinguirem uns dos outros. Exceto o Johnny Harrington, com quem fui para a cama entre os dezasseis anos e os dezasseis anos e meio, e que me deu uma filha, assim como a novidade duvidosa de ter dormido, se não com um assassino, pelo menos com o mais parecido que há com um assassino. Tirando isso, também ele era insípido, arrogante e previsível; montado no seu privilégio até chegar à direção da escola. Sob muitos aspetos, nasceu para ser reitor. Era o modelo de aluno do Liceu de St. Oswald; tão confiante nos seus direitos inatos que nunca questionou a sua aptidão. E, sim, ajudei-o ao longo do caminho. Não por algum sentimento relativamente ao seu esperma doado – nunca chegou a saber da existência da Emily nem do que me custou criá-la –, mas porque era conveniente. Segui a sua carreira de longe, embora ele nunca tenha seguido a

minha. Reconheci uma oportunidade. Quando restabelecemos contacto, eu já tinha aptidões para lhe oferecer, e tornei-me a sua vice-reitora; o seu braço-direito de confiança. Aceitou os meus serviços como sempre os aceitara, sem pensar sequer uma vez que talvez eu tivesse ambições próprias. E quando caiu – como eu sabia que cairia –, na sequência dos acontecimentos desastrosos do ano passado, eu estava lá para ocupar o lugar dele, com o St. Oswald a debater-se por sobreviver a mais um infeliz escândalo. Depois disso, foi fácil. Tal como o senhor, eles subestimaram-me. Para subir na vida bastaram-me lisonjas, muito trabalho duro, alguma paciência, tempo e, acima de tudo, a força para aceitar o desdém e as humilhações com que se depara inevitavelmente qualquer mulher ambiciosa.

Contudo, sentada agora no meu gabinete – o gabinete que em tempos foi *dele* – a beber café da máquina dele, a ler os nomes nos quadros de honra que decoram as paredes apaineladas a madeira, tenho uma sensação de justiça. Este é *o meu* gabinete; esta é *a minha* secretária. As minhas orquídeas no parapeito da janela. O meu lugar de estacionamento por baixo da janela. A minha máquina de café. A minha chávena. A minha escola. Mereci este cargo, pertenço aqui e não tenho nada mais a provar. O St. Oswald, com toda a sua história, com toda a sua bagagem implacável e patriarcal, é meu. E hoje sento-me na cadeira do reitor, e estarei por trás do atril esta manhã na assembleia enquanto nova reitora – um título que em quinhentos anos nunca tinha sido atribuído a uma mulher – a dirigir a palavra a uma escola cheia de rapazes e raparigas que conduzirei para fora do deserto.

Reza um velho provérbio do St. Oswald que *É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que uma mulher entrar por estes portões*. Bem, não só entrei, mas também os portões são agora *os meus* portões e as regras são as minhas regras. O erro que o Roy cometeu foi um erro de escala. Os homens cometem-no sempre, acostumados como estão a seguir pela entrada principal. As mulheres têm de ser mais discretas. Basta-nos uma porta estreita. E, depois de entrarmos à socapa, como uma aranha pelo buraco de uma fechadura, tecemos um império de seda e enchemos-vos de espanto.

Tenho realmente bastante afeto por si, Roy. Não pense que, como me opus a si no ano passado, não lhe tenho muito respeito. Contudo, faz parte da *velha* escola, e eu pertenço ao futuro. Suponho que não sabe como isso é. Sempre fez parte do St. Oswald. Homem e rapaz, sempre lhe pertenceu. Nunca teve

necessidade da porta estreita. E, mesmo depois do que aconteceu no ano passado, ainda acredita que tenho coração.

Quão pouco me conhece, Straitley. Sobrevivi a mais contratempos do que o senhor poderia alguma vez imaginar. Tive a minha filha aos dezassete anos sem nunca identificar o pai. Entrei na docência aos vinte e três, numa escola muito parecida com o St. Oswald. Lutei pelo meu lugar passo a passo, por entre preconceitos, sexismo e críticas. Sobrevivi a uma mastectomia dupla sem contar a ninguém. Sobrevivi à morte de um marido e de um irmão mais velho, a um caso amoroso. Vi morrer os meus pais; a minha filha mudar-se para a América. Cometi dois homicídios; um deles um crime passional, o outro um crime de conveniência. Tenho uns meros quarenta anos e, finalmente, começo a colher os frutos que a minha ambição semeou. Este é o meu momento, Mr. Straitley. E não, não estou destroçada.

Estou inteira.

PRIMEIRA PARTE

Aqueronte
(Rio do Infortúnio)



~~Liceu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 4 de setembro de 2006

Não vou fingir que não dá a sensação de ser uma espécie de mau augúrio. Palavras riscadas na primeira página de uma nova agenda do St. Oswald. Contudo, a partir deste ano já não somos o Liceu Masculino de St. Oswald, mas a *Academia* do St. Oswald – uma mudança que a nova reitora garante que nos impelirá para a estratosfera das excelentes escolas independentes no Norte.

Para um velho jarreta como eu, parece o fim. A reformulação que começou no ano passado sob o regime de Johnny Harrington alastrou como uma erva daninha a todas as partes do St. Oswald. Da remoção dos quadros de honra no corredor do Terceiro Ciclo aos terminais de computadores na sala dos professores; dos quadros brancos em todas as salas de aula às raparigas em todos os anos, a influência da nova reitora tem-se feito sentir. Temos até um novo lema: *Progresso através da tradição*, como se a tradição fosse um túnel através do qual o comboio expresso do progresso um dia emergiria em triunfo, tendo arrasado com júbilo tudo aquilo que representamos.

Contudo, depois do caos do ano passado e da tragédia do ano anterior a esse, algumas pessoas poderiam dizer que tivemos sorte. A fusão há muito adiada com a nossa escola-irmã, Mulberry House, desviou alguma da atenção do St. Oswald, e a chegada das raparigas ao liceu provocou uma rajada de artigos elogiosos na imprensa local, que, historicamente, tem sido no geral bastante negativa em relação a nós. A nova reitora é bem-falante, apresentável e mais do que suficientemente inteligente para saber como lidar com os meios de comunicação. O número desta semana do *Malbry Examiner* apresenta-a na primeira página, num dos seus elegantes fatos de calças e casaco, rodeada por um grupo selecionado de algumas das nossas novas alunas mais fotogénicas, todas com elegantes uniformes novos (concebidos pela reitora, é claro), e a sorrir para a objetiva como um general vitorioso.

Sim, quase um ano depois de ocupar provisoriamente o lugar do reitor ausente, Ms. Buckfast, que até há pouco tempo constituía um terço da Equipa de Crise de Johnny Harrington, obteve finalmente um lugar permanente na Reitoria do Liceu. À sua homóloga em Mulberry House (Miss Lambert, também conhecida como «Chame-me Jo») foi oferecido o cargo de vice-reitora, mas optou pela aposentação antecipada e tem sido avistada em vários locais de prestígio, onde cobra valores exorbitantes, ao que me dizem, para discursar em jantares. O outro vice-reitor da Equipa de Crise obteve um cargo de reitor noutra escola, e o doutor Markowicz, que entrou para o Departamento de Alemão no ano passado, foi ocupar o seu lugar como segundo mestre, para grande ira do doutor Devine, que, tendo apoiado o homem no ano passado, vê isto como uma traição, e de Bob Strange, o terceiro mestre, um apoiante leal da La Buckfast, que presumiu desde o início que a sua promoção há muito adiada seria pouco mais do que uma formalidade.

O Departamento de Línguas não ficou intocado pela fusão, com uma série de colegas mais velhos a aposentarem-se para dar lugar aos seus homólogos mais novos. A Kitty Teague continua a ser delegada de Francês e o doutor Devine delegado de Alemão, enquanto eu, o único classicista, me mantenho na defesa do meu departamento de um só membro. Miss Malone (também conhecida como Sirene de Nevoeiro) mantém-se, e contamos com dois novos membros do corpo docente, ambos destacados de Mulberry House: uma jovem do tipo Iogurte Magro e um jovem com um pequeno bigode, demasiado efeminado para ser Sangue Novo, mas demasiado à moda para ser Velha Guarda.

Pensar-se-ia que todas estas mudanças me teriam impelido a descer a prancha de desembarque. Não nego que me passou pela cabeça; mas o que faria com a minha liberdade? Raramente um Casaco de *Tweed* se dá bem na aposentação. Como as roupas dos mortos, ficamos esfiapados; o ar não nos sustenta. No ano passado, perdemos três: o Harry Clarke; o Pat Bishop, demasiado novo, de um ataque cardíaco – embora o seu coração tivesse sido partido há dois anos; e o meu velho amigo Eric Scoones, cujo plano para se aposentar em Paris foi cerceado por um AVC, seguido pelo início brutal de demência. Um choque pode provocar isso, diz-me o meu médico, e Scoones tinha sofrido vários nesse ano, entre eles a morte da mãe. Acabou em

Meadowbank – o hospício onde o Harry tinha falecido – e morreu de um segundo AVC daí a três meses. Foi misericórdia, suponho: nessa fase, já tinha perdido a capacidade da fala, e os seus olhos eram os de um cão perdido. É claro, estava perdido para mim há muito tempo – mas não falamos desse velho caso ou das minhas suspeitas relativamente ao rapaz, o tal David Spikely. Além disso, o assunto está encerrado, não é verdade? Não há necessidade de ir desenterrar o passado. O St. Oswald segue em frente, e eu com ele.

Tenho uma nova turma este ano. O meu anterior décimo ano passou a ser o décimo primeiro¹, com Miss Malone, também conhecida por Sirene de Nevoeiro, como sua diretora de turma. Nem me atrevo a pensar na carnificina que os meus Brodie Boys – o Tayler, o Sutcliff, o McNair e o Allen-Jones – vão conseguir fazer sob o reinado da Sirene de Nevoeiro. Pode soar autoritária, mas, mal eles se apercebam de que é só som e nenhuma substância, estarão no seu elemento. E, que diabo, sinto saudades deles. Tive-os como alunos durante dois anos. Conhecem as minhas pequenas manias. Demasiadas coisas mudaram já este ano – nova reitora, novo pessoal, nova escola. Seria realmente demasiado esperar que *alguma coisa*, pelo menos, se mantivesse igual?

A minha direção de turma neste ano é um oitavo ano, e irei ensinar tanto rapazes como raparigas. Trinta e dois neste ano; mas a fusão com Mulberry House fez aumentar o tamanho das nossas turmas bem como, proporcionalmente, subir o nível e (segundo o novo tesoureiro) melhorar incomensuravelmente as nossas finanças. Como um casamento de conveniência entre um nobre empobrecido e uma herdeira de uma família de mercadores, esta fusão vai salvar o nosso futuro e ao mesmo tempo, infelizmente, restringir o nosso antigo estilo de vida. É certo que este ano não voltou a ser mencionada a venda dos campos de jogos do liceu. Tenho de admitir que é um alívio, embora algo atenuado pelo facto de que aceitar raparigas nesta instituição também significa perturbações da ordem normal: novos cheiros; o som de risos agudos; a introdução de saladas para o almoço, bem como a construção de vários novos equipamentos. Daí os novos *courts* de *netball*, vestiários, casas de banho, chuveiros e até mesmo um novo pavilhão desportivo, completo com uma piscina, pago pelos pais do Rupert Gunderson, que também emprestaram o seu nome a um prémio: a Medalha

Rupert Gunderson por Excelência Académica. Não que o Gunderson alguma vez se tenha destacado em alguma coisa a não ser na sua capacidade de explorar a fraqueza de um rapaz mais novo, mas a maior parte das coisas pode ser esquecida, acredito, com a ajuda de um donativo suficientemente avultado.

Contudo, as obras do Edifício Gunderson, tal como o jovem Rupert Gunderson, têm sido simultaneamente lentas e perturbadoras da ordem. Longe de serem um benefício para a escola, já desrespeitaram prazos, ignoraram licenças de construção e por fim pararam, com o resultado de que, em vez de uma piscina novinha em folha para o novo período, continuamos a ter um local de construção todo enlameado à volta de umas paredes de cimento hediondas, cercado por uma vedação de arame, a aguardar uma decisão do Departamento de Planeamento da Câmara no próximo mês. Assim sendo, pressenti que durante este período os intervalos seriam passados em grande medida a patrulhar o local para o manter livre de intrusos.

Contudo, tive outro trabalho hoje. Tradicionalmente, o primeiro dia do período no St. Oswald é livre de alunos, enquanto o pessoal participa em reuniões, trata de papelada e reentra delicadamente na velha rotina sem o entrave de dar aulas. Razão pela qual eu estava aqui às sete e meia, a beber chá de uma caneca do St. Oswald e a apreciar a vista da minha secretária como Canuto a tentar deter a maré. Uma maré de mesas com tampo de fórmica, que, durante as férias de verão, levou todas as velhas carteiras, com os seus buracos para o tinteiro e os seus tampos gravados com mais de cem anos de *graffiti* em latim, a maioria dele pouco correto gramaticalmente, mas cheio de uma exuberância juvenil que a mera fórmica não consegue refletir. A minha secretária de mestre manteve-se intocada, apesar de uma oferta da nova reitora para a substituir por algo mais «magistral». Suponho que ela se refira a algo com dignidade, como a nova mesa de madeira de cedro do doutor Devine ou a secretária de mogno dela com o seu tinteiro de metal dourado.

No entanto, eu já me sento a esta minha velha e gasta secretária há mais de cem períodos de aulas. Conheço todas as marcas, todas as queimaduras de cigarros, todos os *graffiti*. A terceira gaveta está perra, e há um resíduo enegrecido de algo na parte de trás da gaveta de cima que talvez tenha sido em tempos alcaçuz. Ficarei com a minha secretária até ao dia em que for

levado de pés para a frente do St. Oswald. Quanto às novas secretárias de fórmica, graças ao encarregado da manutenção, o Jimmy Watt, serão em breve transferidas para um departamento diferente, e as velhas carteiras (atualmente armazenadas na cave, à espera de serem resgatadas) devolvidas aos seus lugares originais. Uma tarefa bastante dura para o Jimmy, que terá de as carregar uma a uma pelas escadas acima até à Torre do Sino, mas ele tem a vantagem de ser ao mesmo tempo de boa índole e corruptível, e a promessa de cinquenta libras, mais uma rodada de bebidas no *pub* Thirsty Scholar, provaram ser incentivo mais do que suficiente para requisitar os seus serviços.

Acendi um furtivo e delicioso *Gauloise*. O aroma do fumo era volátil e nostálgico. O outono chegou cedo este ano; as árvores no relvado superior parecem chamuscadas, e no topo dos campos de jogos o epilóbio passou de cor-de-rosa flamejante a branco esfumado. É a minha época do ano favorita; melancólica, rosada e madura, mas, desta vez, é a melancolia que domina.

Oh, deuses, que saudades sinto do Eric. Ele era como o cheiro a giz e ratos e cera do soalho no corredor do Terceiro Ciclo; mal se reparava nele até desaparecer. Agora, o corredor do Terceiro Ciclo cheira a desinfetante com aroma floral e o giz foi substituído pelo fedor dos marcadores do quadro branco. Sei que ele se foi, mas continuo a esperar encontrá-lo nas escadas; vê-lo na sala dos professores; ouvir a sua saudação: «Bom dia, Straits.»

É da época do ano. Vai passar. Mas sinto mesmo saudades do velho idiota, mesmo depois daquele triste caso. Ou talvez sinta saudades de quem *pensava* que ele era. De quem queria que ele fosse. Este pensamento deixa-me desconfortável: que, durante tantos anos, ele possa ter mantido oculto de mim o seu segredo sombrio. Mesmo assim, sessenta anos de história partilhada contam. Ainda me lembro do rapaz que ele era. Ainda o recordo como um jovem, antes do caso Harry Clarke. E, seja o que for que ele tenha feito, sei que, no seu íntimo, havia bondade nele, e amor, juntamente com a ira e as trevas.

Segundo os Gregos Antigos, cinco rios conduziam ao Mundo dos Mortos: o Aqueronte, o rio da tristeza e do infortúnio, o Cócito, o rio das lamentações, o Flegetonte, o rio do fogo; o Estige, o rio da fúria e do ódio; e finalmente, o Lete, cujas águas conferiam um abençoado esquecimento. Se assim é, eu estou pelo menos a quatro quintos do caminho para o Hades. Os

acontecimentos dos últimos anos fizeram-me atravessar fogo e água, escuridão e pesar. Tudo o que posso esperar agora, suponho, é o abençoado dom do esquecimento. O Eric Scoones terá aceitado o Lete de bom grado? Ou ter-se-á debatido contra a corrente? E no seu lugar, o que escolheria eu? O esquecimento ou o remorso eterno?

Um chá, penso, para banir os fantasmas. Excetuando o Lete, é a minha opção preferida. Tenho uma chaleira debaixo da secretária, juntamente com algumas saquetas de chá e um pequeno abastecimento de doses individuais de leite UHT. Não chego ao ponto de ter um bule, mas prefiro de facto a minha caneca do St. Oswald. Até recentemente, a caneca do Eric ainda se encontrava no armário da sala dos professores, mas no período passado vi que já tinha sido retirada. Menos uma coisa a recordar-mo. Ou talvez uma das novas funcionárias da limpeza goste *realmente* da princesa Diana.

Fiz o chá e sentei-me à minha secretária. O Jimmy chegaria daí a pouco. De facto, quando ouvi bater à porta, estava à espera de ver o seu rosto redondo espreitar pelo vidro martelado. Em vez disso, fiquei surpreendido ao ver o que parecia ser um grupo de pessoas, uma das quais envergava uma peça de vestuário rosa néon de um estilo que o Jimmy nunca escolheria.

– Entrem – disse, e a porta abriu-se e revelou um quarteto muito familiar. O Sutcliff, o Allen-Jones e o McNair, juntamente com a Benedicta Wild, também conhecida como Ben, com quem travaram amizade no ano passado, apesar de ela estar agora no último ano e eles só no décimo primeiro. Todos sem uniforme, claro, com o Allen-Jones de *t-shirt* num tom rosa-vivo estampada com a misteriosa legenda: *às quartas-feiras damos cabo do patriarcado*. Seria uma piada, pensei? Tenho de confessar que o humor dos estudantes tem evoluído desde aqueles tempos mais soalheiros e simples em que *César comia compota à merenda e Brutus tinha uma ratazana*.

De facto, demorou-me um momento mais do que devia a reconhecê-los. Um rapaz sem uniforme é como um gato doméstico à noite; de certa forma mais independente; arisco, mais distante do que de dia. E, é claro, eles tinham *crescido*; acontece sempre durante as longas férias de verão. Excetuando o Allen-Jones, que se mantém mais acriançado do que o resto, e a Ben – uma Brodie Boy honorária –, que tem um novo corte de cabelo muito curto que teria causado espasmos de rejeição à Chamem-me Jo.

Ao ver esta comitiva, pousei a minha caneca de chá e pus-me de pé. Ainda eram só 7h45; demasiado cedo para uma visita social. E o facto de estarem todos sem uniforme excluía a possibilidade de os quatro se terem eventualmente esquecido de que o primeiro dia de aulas é só para o pessoal docente.

– Bom dia – disse eu.

– Bom dia, *sir*. – O Allen-Jones sempre fora o porta-voz do pequeno grupo e parecia incaracteristicamente sério. Por um terrível momento, pensei que tinha acontecido alguma coisa ao Tayler, o único dos meus Brodie Boys não presente. Depois lembrei-me de que a família do Tayler tinha ido para um *kibbutz* em Israel e que o jovem Tayler não era esperado no liceu antes do fim da semana. Suponho que o meu pensamento estava ainda no velho Scoones, mas já sabia que se passava algo.

– O que aconteceu? – disse. – Passa-se algo de errado? – Em qualquer outra ocasião, talvez tivesse acrescentado um remoque bem-humorado em latim, mas havia algo nas suas expressões que me fez sentir que neste caso seria inapropriado. Pensei mais uma vez no Tayler. Tantas coisas já correram mal que a ideia de perder um dos meus rapazes fez o meu coração saltar no peito de um modo alarmante. O dedo fantasmagórico que por vezes ronda o terceiro botão do meu colete – um lembrete do ataque cardíaco que me prostrou há dois anos – contraiu-se. – O que se passa? – perguntei, com mais rispidez do que tencionava.

O Allen-Jones olhou para os outros. A Ben acenou com a cabeça. O Sutcliff parecia pálido – mas o seu tom de pele de ruivo significa que, seja qual for a estação do ano, dá sempre a impressão de ter passado a vida numa caverna. O dedo fantasmagórico começou a subir delicadamente pela minha caixa torácica. Queria perguntar pelo Tayler, mas não me atrevia a dizer as palavras em voz alta. Dê-se voz ao medo e ele tomará forma. *Lupus in fabula*.

– O que se passa? – repeti, numa voz ríspida de ansiedade.

– *Sir* – disse, por fim, o Allen-Jones –, acho que encontrámos um corpo.

¹ O sistema de ensino do Reino Unido é diferente do português; optou-se por uma equivalência aproximada. (*N. da T.*)



~~Liccu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 4 de setembro de 2006

Demoraram algum tempo a contar a sua história. O Allen-Jones – para minha consternação – nunca foi especialmente conciso ou direto. Além disso, os outros estavam sempre a tentar acrescentar pormenores desnecessários, de modo que o fio da história não tardou a desaparecer numa rajada de interjeições.

A história, em breves palavras, era a seguinte: Para comemorar o regresso às aulas, o grupinho planeava uma partida. Eu não tinha qualquer dúvida de que esta ideia – se posta em prática – teria sido simultaneamente complexa e subversiva. O local de construção do Edifício Gunderson meio-terminado – que se localizava para lá dos campos de jogos perto do antigo portão da casa do porteiro – um vestígio dos velhos tempos em que o porteiro vivia nos terrenos da escola – fora deixado sem vigilância dentro da sua vedação de arame desde a decisão do Conselho de Planeamento de suspender as obras.

– Estávamos a tentar entrar pela vedação – começou a dizer o Allen-Jones.
 – Tipo, estávamos a pensar em começar o novo período com uma partida realmente clássica. Sabe, como daquela vez em que os do décimo segundo conseguiram pôr um *Morris Minor* no telhado do bloco de Física? – (De facto, não era um *Morris Minor*, mas um *Mini Cooper*, e os rapazes tinham-no transportado para um dos *courts* de ténis, não para o telhado do bloco de Física, mas deixei aquilo passar. A questão era que a partida se transformara numa lenda na história do St. Oswald, e, previsivelmente, os meus rapazes tinham-na encarado como um desafio à sua astúcia e engenho.)

– Que tipo de partida? – perguntei, cautelosamente. – Por favor, não me digam que roubaram um guindaste.

A Ben olhou para os outros.

– Não exatamente, *sir*.

– Oh, deuses!

– A ideia foi minha – disse a Ben, parecendo agora algo rebelde. Não duvidava disso; a rapariga era esperta. – Preferia não entrar em pormenores neste momento...

– Mas, *sir*, ia ser fabuloso – disse o Allen-Jones, com os olhos brilhantes. – Sinceramente, se tivéssemos conseguido, ia fazer aquilo tudo do *Morris Minor* parecer insignificante.

Os outros acenaram com a cabeça, pensei consternado. Nessa altura, tenho de admitir, começava já a perguntar-me se a partida em questão seria esta história, destinada a fazer de mim sua vítima, mas os modos deles eram suficientemente pouco normais para me levarem a afastar essa suspeita.

– Então, o que aconteceu exatamente? – perguntei.

– Bem, há uma parte da vedação onde o arame, tipo, está solto – disse o Allen-Jones. – Pensámos que talvez fosse um bom sítio por onde começar, por isso fomos investigar. Há um monte grande de cascalho e pedras ao lado dele, à espera de ser levado dali, e do outro lado há o Buraco Glorioso...

– O Edifício Gunderson – disse o McNair.

Sei o que ele quer dizer. A parte dos campos de jogos mais perto do portão lateral fica frequentemente alagada depois de chover, e as escavações recentes criaram um buraco do tamanho de uma piscina que prontamente se encheu com água. Desde o começo das obras, desta poça já saíram três carrinhos de compras, uma trotineta de criança, além de várias latas de alumínio, garrafas e outro lixo. Nessa manhã, houvera outra coisa.

– Um corpo – disse eu delicadamente.

Acenaram com a cabeça, o seu humor já esquecido.

– Parecia...

O monte de cascalho tinha recentemente aluído, provavelmente por causa das chuvadas. Uma porção do solo escavado deslizara para o lado do buraco, revelando algo que parecia...

– *Restos mortais* – disse a Ben.

Suspirei.

– É melhor irmos ver.

Já tinha posto de parte a ideia de que *aquilo* pudesse ser a partida planeada. Os rostos deles estavam demasiado sérios, a matéria em questão era demasiado horrenda. Levantei-me, pousando cuidadosamente a chávena em cima da mesa. A minha batina estava pendurada por trás da porta, e enfiei-a automaticamente, como um cavaleiro idoso poderia envergar uma armadura familiar. Assim preparado, com um aperto no coração, atravessei em largas passadas os campos de jogos, um porta-estandarte à cabeça de uma legião dizimada.



~~Licou Masculino~~ Academia de St. Oswald

Primeiro período, 4 de setembro de 2006

Durante as férias de verão, o local de construção do Edifício Gunderson passou de meramente desagradável à vista a algo semelhante a um círculo do Inferno. Lixo e outros detritos formam uma espécie de monte na ponta alagada, e a água está coagulada e manchada com um resíduo oleoso. Segui os rapazes pela vedação partida – com bastante menos facilidade de movimentos. Com algum esforço, acocorei-me ao lado do buraco onde a terra escavada deslizara. Os meus joelhos protestaram violentamente.

– Ali, *sir*!

Poderia ser qualquer coisa. No entanto, não poderia ser outra coisa. Uma sensação de inevitabilidade, como algo num sonho perturbador, começou a apoderar-se de mim. Inclinei-me para inspecionar um chumaço grande de tecido e o que poderia ser um pedaço de madeira, ali no monte de terra solta junto ao Edifício Gunderson.

Mas não era um pedaço de madeira. E ali, contra o tecido, vi o brilho de algo familiar.

Mais uma vez, os meus joelhos protestaram. Cheguei a uma idade em que um homem pensa duas vezes antes de se baixar. Um dos meus atacadores estava desapertado. Aproveitei a oportunidade para o apertar com um nó duplo. Em seguida, levantei-me com um gemido e virei-me mais uma vez para os meus Brodie Boys.

– Bem, *sir*?

Senti um impulso avassalador de lhes dizer que estava tudo bem, que se tinham enganado; que deviam voltar para casa e desfrutar do último dia de férias. Via que era o que eles queriam. Poderiam até ter acreditado. Mas eram os meus rapazes, e eu não podia mentir. A outros, talvez, mas não a eles.

Disse antes:

– Talvez tenham razão. Vou ter de informar a reitora disto.

– Vamos ter de prestar declarações? – perguntou a Ben.

Sacudi a cabeça.

– Duvido – disse. – Mas obrigado por terem vindo ter comigo e me informarem. Eu trato do assunto agora. Deixem isto comigo. Mas não contem o que viram a mais ninguém. Não queremos pôr em risco uma potencial investigação.

O Allen-Jones parecia esperançado.

– Pensa realmente que é um corpo, *sir*?

Suponho que para um rapaz como o Allen-Jones uma descoberta daquelas nos terrenos do liceu era como um cão no recreio; uma distração bem-vinda da rotina desinteressante; um mistério empolgante. A um mestre, parece diferente. Os dois últimos anos foram duros para todos nós. Escândalos múltiplos; um rapaz assassinado; vingança, abusos e desgraça pública arrastaram a reputação do liceu pela lama e levaram-nos à beira da falência. A última coisa de que necessitamos este ano, logo este ano, é de mais escândalos. Recorri à minha dignidade natural.

– Vou tratar do assunto, Allen-Jones. Não há necessidade de se ocuparem mais do caso. – E, com essas palavras, enfiiei-me pela vedação para sair, com tanta força que arranhei o rolo de carne tenra à volta da barriga e da anca, deixando uma mancha assanhada de sangue na minha camisa do primeiro dia do ano escolar.

Mais um mau sinal. Perfaz três hoje. Mas este era de longe o pior; não só um sinal de nuvens de tempestade, mas de um furacão iminente. Porque reconhecera algo na trouxa de farrapos junto ao Edifício Gunderson; algo que os meus Brodie Boys não teriam visto como significativo. Mas *eu* vira-o, e sabia o que significava. Mais um postal do passado. Um postal que, se descoberto agora, poria em risco o liceu no momento em que estava a começar a recuperar – tanto do ponto de vista financeiro como emocional – dos desastrosos acontecimentos do ano passado, e dos do ano anterior a esse. Algo que poderia finalmente derrubar-nos, apesar dos esforços da nossa nova reitora e do pacote de resgate de Mulberry House.

Mas nada se mantém enterrado eternamente, pensei. O passado é uma lotaria que está sempre a dar prémios, a tirar nomes de uma grande cartola preta. David Spikely, Becky Price – agora regressada como Ms. Buckfast –, Eric Scoones e Harry Clarke. Um dia, talvez o meu próprio nome. Meti a mão ao bolso. O objeto que encontrara junto à poça estava frio entre os meus dedos. Passou-me pela cabeça que, mesmo agora, poderia simplesmente deixá-lo cair algures nos campos para ser pisado na lama. Ninguém saberia. Ninguém queria saber de histórias antigas. E a lei tem de dormir em tempos de guerra. *Inter arma enim silent leges*.

Estamos em guerra? Talvez estejamos. Aquelas secretárias são apenas o início. Quadros brancos; batas; computadores; e-mail; slogans. Progresso através da tradição. Do meu lugar junto à vedação de arame, fiquei a ver os meus Brodie Boys atravessar o campo enlameado, com a *t-shirt* cor-de-rosa do Allen-Jones a brilhar como um farol. O Sutcliff virou-se e acenou-me.

Tirei a mão do bolso e retribuí o aceno. Apercebi-me de que não tinha outra opção. Na brochura publicitária do liceu pode ler-se *Progresso através da tradição*, a substituir o mais tradicional *Audere, agere, auferre*, mas o meu lema pessoal continua a ser *Ad astra per aspera*. Como, mesmo da sarjeta, continuamos a tentar alcançar as estrelas.

Virei-me. O som de risadas juvenis tiniu de forma exuberante pelos campos. Em seguida, e com um peso no peito, atravessei os campos na direção do gabinete da reitora.



St. Oswald, 4 de setembro de 2006

Becky era filha única e, no entanto, tinha um irmão. Parece uma adivinha, não parece? E sim, talvez fosse, de certa maneira. Porque o meu irmão desapareceu quando tinha apenas catorze anos, não deixando nada no seu rasto a não ser desgosto e um espaço em forma de rapaz que nunca fui capaz de preencher, que foi crescendo ao mesmo tempo que eu ia diminuindo.

Não era a primeira vez que os meus pais perdiam um filho. Uma irmã, que morreu antes de o Conrad nascer; de quem os meus pais raramente falavam. Não havia fotografias dela; nenhum retrato na sala de estar. Sabia que tinha morrido pouco depois de nascer; que houvera algo de errado nela. A dor que os meus pais podem ter sentido foi atenuada pela consciência desse facto. Não foi assim no caso do Conrad. Ele era absolutamente perfeito.

Eu só tinha cinco anos quando ele desapareceu. Era demasiado pequena para compreender o que aquilo significava. Demasiado pequena para saber como o meu mundo mudara. Demasiado pequena para saber que, fizesse o que fizesse, por muito que me esforçasse, nunca habitaria aquele espaço, nunca deixaria de sentir a corrente de ar frio da ausência do Conrad, como uma porta aberta à noite. E estava lá, nos olhos dos meus pais; a ausência que persistiu ao longo de toda a minha infância e adolescência; a ausência do Conrad, mais potente do que qualquer mera presença poderia ser, eclipsando-me completamente. Manteve-se quando me casei e quando envievei; quando fui mãe e até à menopausa. Mesmo agora, ao tomar o meu lugar como reitora de St. Oswald, ainda consigo ouvir aquela voz familiar a dizer: *Estás aqui? Estás realmente aqui?*

Sirvo-me de mais uma chávena de café. O Johnny deixou-me a sua máquina de café – não que tenha tido realmente grande voto na matéria –, que é das caras; um cromado brilhante que reflete o meu rosto, mais uma vez afirmando a minha presença. Por fim, estou aqui. Por fim, sou real. Não só um reflexo. Não só um nome. Não só um fantasma na máquina de café.

Já lhe disse que era inteira, Roy. Lutei por esse estado. Porque durante todos aqueles anos tive consciência de que faltava uma parte de mim. Ninguém o dizia explicitamente. Mas as crianças têm consciência destas coisas. Sabia que havia dias em que desaparecia para um mundo silencioso só meu; dias que pareciam sumir-se numa série de poços. E via-o nos olhos deles; nas suas saudades; na sua decepção. Como se desejassem que tivesse sido eu, não ele, a desaparecer. Talvez tenha sido por esse motivo que, ao chegar à adolescência, comecei a usar o sexo como um meio de controlo. Aprendi que era desejável; aprendi a fazer os rapazes verem-me – pelo menos, enquanto lhes convinha. Não consigo pensar em nenhuma outra razão para ter encorajado o Johnny Harrington; o certo é que nunca gostei dele, embora me agradasse o meu controlo recém-adquirido. Mesmo assim, para os meus pais, eu continuava a ser um fantasma; uma pancada nos canos da água; um lembrete diário do dia em que o meu irmão desapareceu.

É claro, os meus pais já morreram. Todas as pessoas nesta história estão mortas ou alteradas de modo irreconhecível. Já ninguém me compara ao Conrad. Ninguém me culpa da sua morte. A casa já não é um santuário à sua memória, mas o lar de uma família simpática sem a menor ideia da tragédia que se desenrolou dentro das suas quatro paredes há tantos anos. Duas crianças e um cão *Jack Russell*. Um pequeno jardim com rosas. Ninguém que ali viva escuta ainda as estações de emissões numéricas. Os canos gorgolejantes foram, por fim, consertados. Nunca ponho pesos sobre o tampo da sanita. Até recebo postais nos meus anos.

Mas nada perdura. O passado nunca acaba completamente. E foi por isso que não fiquei nada surpreendida quando veio ter comigo com a sua história hoje. Penso que estava à espera dela. Esperei estes vinte anos para que alguém desse por acaso com a verdade. Parece agora quase poético que esse alguém fosse o Roy Straitley. O Straitley, o idiota desajeitado que de algum modo derrubou o Johnny Harrington. Straitley, o incorruptível; a alma e o coração de St. Oswald. Mas é *por causa* do St. Oswald que eu vencerei. O St. Oswald é o ponto fraco dele, assim como o Conrad era o meu. Mas, ao contrário de mim, o Roy Straitley não é capaz de exorcizar o seu ponto fraco. Usa-o como um casaco favorito, julgando-o ingenuamente uma armadura. E é por esse motivo que não tive medo quando veio ver-me esta manhã. É por

esse motivo que não estremecei quando ele tirou um pequeno objeto metálico do bolso e o pousou diante de mim em cima da minha secretária.

Senti antes uma espécie de alívio, e pensei: *Por fim. Encontraram-no.*



~~Liccu Masculino~~ Academia de St. Oswald

Primeiro período, 4 de setembro de 2006

Posso dizer isto em abono da La Buckfast: não se deixa abalar facilmente. Ouviu a minha história, depois ergueu entre o indicador e o polegar o objeto metálico que eu tinha tirado do cascalho junto ao Edifício Gunderson e esboçou o seu sorriso de Mona Lisa.

– Reconhece o que isto é, claro – disse eu.

Acenou com a cabeça.

– Sim, claro. – Apontou para a máquina de café. – O *cappuccino* é muito bom, embora o Johnny preferisse o café expresso. Posso tentá-lo a tomar um?

– Não, obrigado. – Já estava suficientemente nervoso. Não é todas as manhãs que se encontra um corpo nos campos de jogos, mas a diretora parecia estar a encaixar a notícia, como se o desastre prestes a abater-se sobre St. Oswald com uma força descomunal não fosse mais do que um pequeno contratempo.

– Tem consciência do que isto significa – disse eu, a vê-la tirar um café. – A polícia terá de ser informada. Haverá uma investigação. Os jornais não vão largar o caso. A construção será suspensa de novo, não apenas por uns meses, mas talvez durante *anos*. E os pais. O que pensarão os pais? E uma vez envolvido o Conselho Escolar... Reitor, poderia arruinar-nos. – Apercebi-me de que, na minha agitação, lhe chamara *reitor*.

La Buckfast não mostrou nenhuma reação. Pegou num pequeno recetáculo de vidro e polvilhou pó de cacau sobre o seu *cappuccino*.

– É sempre tão teatral, Roy. O pior pode nunca vir a acontecer. – Bebeu um gole delicadamente, para evitar deixar batom na chávena. – Começemos pelo princípio, sim? Conte-me o que sabe sobre isto.

E apontou para o objeto que eu tinha pescado da lama ao lado do Edifício Gunderson; não maior do que a unha do meu polegar, mas cheio de significado. Vinte anos debaixo da terra retiraram-lhe a sua cor: mas sei que foi em tempos do vermelho-escuro forte de um bom vinho envelhecido. O alfinete perdeu-se, e o metal está corroído e é agora de um castanho sujo, mas a forma é ainda reconhecível: um escudo, ainda com os fantasmas de letras em tempos gravadas em dourado; letras que outrora formavam as palavras:

KING HENRY'S GRAMMAR SCHOOL

PREFECT²

Deixei-me ficar a olhar para ele por um momento. Uma coisa tão pequena. Uma coisa tão pequena, para derrubar uma escola. Naquele momento, desejei tê-lo simplesmente coberto de novo com terra, juntamente com a trouxa de farrapos e paus que em tempos fora um ser humano. Porém, o caminho pedregoso que conduz às estrelas está cheio de tentações como esta. Um mestre do St. Oswald deve dar o exemplo correto. Deve ser honesto, corajoso e verdadeiro; caso contrário, de que vale seja o que for?

– A senhora primeiro – disse à La Buckfast.

– O que o faz pensar que *eu* sei?

Oh, por favor. A minha estadia no St. Oswald, como homem e rapaz, ensinou-me certos instintos. Para começar, ela está excessivamente calma. E não chegou a olhar realmente para o crachá; mal lhe lançou uma vista de olhos. La Buckfast estava *à espera* disto. Talvez já estivesse a par do assunto. Contudo, se já sabia da existência de um corpo nos terrenos do liceu, porque não o teria comunicado às autoridades?

Sorriu.

– É uma história bastante longa – disse. – Tem a *certeza* de que quer saber?

– Estou cá toda a semana, reitora.

– Claro que está. – Sorriu novamente. Notei como parecia à vontade; quase como se estivesse a gostar daquilo. Como um jogador de xadrez que sabe desde o início qual será o resultado do torneio.

– Aceito esse café agora – disse eu.

– Pensei que talvez aceitasse – disse ela. Serviu-me um *cappuccino*, e polvilhou um pouco de chocolate por cima da espuma. Por acaso ou

coincidência, tomou a forma de uma caveira. Cícero, o cínico, recusava-se a acreditar em presságios e prodígios. Pergunto-me se deveria imitá-lo. Afinal, como Freud poderia ter dito, por vezes um figo *cauneas* é só mais uma peça de fruta.

O *cappuccino* estava bom, embora continue a preferir o café à moda inglesa. Lembro-me de quando o café só se servia com ou sem leite. As coisas – e as pessoas – eram mais simples então. Sabia-se sempre onde traçar o risco. Mas a diretora tem de saber a verdade, independentemente de onde ela possa levar-nos. *Veritas numquam perit*. A verdade nunca morre, ao contrário do pobre sujeito junto ao Edifício Gunderson, reduzido a um emaranhado de paus e farrapos. Se as minhas suspeitas estão corretas, não era um dos nossos. No entanto, a sua história devia ser contada, seja qual for o custo para nós. Um liceu como o St. Oswald é um palco para todos os cambiantes de drama. Esta manhã, tragédia. Amanhã, farsa. La Buckfast compreende isto perfeitamente. Afinal, era uma atriz quando ainda era aluna de Mulberry House. Conhece o valor do *suspense* e o prazer de ter uma assistência a escutar com a respiração sustida. E, no entanto, deve ter consciência dos danos que tal revelação poderá causar ao império que está a construir. Tencionará persuadir-me a ignorar o que encontrei, para bem de todos? Acreditará realmente que eu o faria, para o bem do St. Oswald?

Acabou de beber o café e olhou para mim.

– Bem, Mr. Straitley – disse com um sorriso. – Se está pronto, vou começar.

Os seus olhos são de um tom curioso de verde; bastante frios, mas cheios de humor. Pensei: *Oh, deuses, ela está a gostar disto*.

Pousei a chávena.

– Sou todo ouvidos.

² «Liceu King Henry – Prefeito». Nos colégios ingleses, o prefeito é um aluno encarregado de vigiar os colegas. (*N. da T.*)

SEGUNDA PARTE

Cócito
(Rio das Lamentações)



St. Oswald, 4 de setembro de 2006

Lembro-me do dia em que ele desapareceu, porque era o dia dos meus anos. Dos *nossos* anos, para ser mais precisa: nasci exatamente nove anos depois dele. Aos cinco anos, um aniversário é mágico: um dia muito ansiado de presentes, guloseimas e satisfação de desejos. E tinha começado muito bem, com panquecas ao pequeno-almoço e postais de aniversário e até mesmo um presente do Conrad. Uma pequena pasta para a escola, parecida com a dele, mas mais pequena e num vermelho de chupa-chupa: exatamente do que eu precisava para o meu novo período na escola primária. Mas isso seria só daí a seis semanas, depois das férias de verão, e nessa altura o Conrad já se teria ido e tudo seria diferente.

Lembro-me daquela manhã de sexta-feira com a clareza de certos sonhos. Dia 9 de julho de 1971; com o rádio a passar «Get It On» e a sentir borboletas no estômago, e as longas férias de verão tão perto que quase se conseguia sentir o cheiro da praia. Já contei esta história tantas vezes que os pormenores adquiriram uma espécie de pátina pouco usual, como as feições mais destacadas de uma estatueta de bronze depois de repetidamente manuseada. Não me lembro bem do rosto dele. Só me lembro de fotografias. As que os jornais publicaram, claro, tiradas no dia em que desapareceu: o Conrad com o seu uniforme do liceu – calças cinzento-escuras, gravata às riscas vermelhas; *blazer* debruado a gorgorão. Depois, a fotografia com os meus pais no Natal; a outra tirada na praia, com o castelo de areia, e eu com três anos, com um balde e uma pá, a rir para a objetiva. E a que aparece na capa daquele livro que nos causou tanta dor: *CONRAD: O Menino Perdido de Malbry*, da autoria de uma mulher chamada Catherine Potts; com o rosto do Conrad sobreposto numa fotografia de uma porta verde.

Estas fotografias são as minhas recordações. O resto é um nevoeiro distante. Mesmo os sonhos estão agora esquecidos. Especialmente aqueles sonhos, e a voz da pessoa a quem eu chamava *Mr. Smallface*³.

Suponho que já ouviu a história. Apareceu nos jornais, afinal, embora o senhor e o St. Oswald devessem ter preocupações mais prementes nessa altura. Também não se lembraria do nome da irmã mais nova do menino perdido, mesmo quando ela reentrou na sua vida como aluna do liceu feminino. Mas quem poderia esquecer Conrad Price? Ele era realmente um mistério. Um aluno do liceu King Henry desaparecido no dia dos seus anos, imediatamente antes do fim do último período de aulas, para nunca mais ser visto; nenhum corpo alguma vez encontrado. E eu estava lá quando aconteceu, embora o meu relato dos acontecimentos desse dia fosse inútil para a investigação. Tentaram fazer com que me lembrasse, mandaram-me a um psicólogo, mas quanto mais tentavam menos descobriam, e por fim concluíram que fosse o que fosse que eu tivesse visto desaparecera de vez no esgoto do meu trauma.

Os factos básicos eram bastante simples. O meu irmão devia ir buscar-me ao infantário nesse dia. Eu sentia-me empolgada. O Conrad entrava na peça de teatro do liceu, e na noite de sexta-feira seria o último espetáculo. Por conseguinte, a festa dos anos dele tinha sido planeada para o dia seguinte, o que queria dizer que, pela primeira vez, eu teria uma festa só minha.

Contudo, quando saí do infantário naquele dia, o Conrad não estava à minha espera. Portanto, fiz o que costumava fazer. Fui a pé até ao liceu King Henry, que ficava a poucas centenas de metros. Lembre-se, estávamos na década de 1970, e Malbry é uma cidade pequena. Naqueles tempos, as crianças ainda iam a pé da escola para casa. A professora estava há muito tempo acostumada a que eu fosse ter com o meu irmão ao fundo da rua. Entrei no edifício pela porta do Terceiro Ciclo e daí para o vestiário do Terceiro Ciclo, onde o Conrad costumava parar com os seus amigos: o Milky, que se parecia com o miúdo do anúncio do chocolate *Milky Bar*, o Fatty – ou por vezes Fattyman – e o Mod, que usava uma *parka* verde, o que explicava a sua alcunha⁴. Eu estava habituada a fazer aquilo. O Conrad não gostava de ser visto aos portões do infantário. Contudo, desta vez aconteceu alguma coisa; algo que anos de terapia não conseguiram fazer-me recordar, e fui encontrada, horas mais tarde, enfiada num dos armários como um pequeno animal em hibernação. Do Conrad não havia sinal. Quando me perguntaram onde estava o meu irmão, só consegui abanar a cabeça – com os caracóis ruivos recentemente cortados – e dizer:

– *Mr. Smallface levou-o embora. Levou-o pela porta verde.*

As autoridades tentaram afincadamente descobrir o que eu queria dizer com *a porta verde*. As portas do Liceu King Henry eram, na sua maioria, de madeira natural envernizada, e as portas que davam para os espaços de manutenção do edifício – a do gabinete do encarregado da manutenção, a da sala das máquinas – estavam uniformemente pintadas de preto. A polícia investigou todas as portas verdes na zona, sem qualquer resultado. O jornal *Malbry Examiner* lembrou que as portas do St. Oswald estavam pintadas de verde, o que provocou uma breve excitação; mas o St. Oswald ficava a oito quilómetros de distância e não havia nenhuma razão para crer que o Conrad ou eu tivéssemos estado lá. Era muito mais provável, pensaram, que o rapaz tivesse sido raptado do liceu – talvez por um intruso num carro verde – e que o trauma do que eu vira se tivesse traduzido numa fantasia.

Fosse como fosse, o Conrad desapareceu, exceto em sonhos e fotografias. E durante quase vinte anos depois disso, os meus aniversários passaram sem comemoração: os meus dezasseis, os meus dezoito, os meus vinte e um anos. Aquele dia foi posto de lado para sempre; uma oferenda ao fantasma do Conrad. E a partir desse dia, também eu passei a ser um fantasma; a andar de quarto em quarto numa casa na qual a presença gigante do Conrad crescia ano após ano, enquanto eu continuava a minguar, até que por fim, aos olhos dos meus pais, quase desaparecera.

Em dias bons, ainda falavam comigo. Cumpriam as rotinas. O meu pai aposentara-se antecipadamente no ano do rapto do Conrad; fora subdiretor da mina, e recebia uma pensão generosa. Havia as poupanças do casal também; dinheiro que tinham posto de lado para pagar as propinas do liceu do Conrad. Podiam ter ido de férias ou mudado para uma casa melhor. Mas o meu pai nunca tocaria no dinheiro posto de lado para o Conrad. Em dias bons, ia ao futebol ou trabalhava no seu talhão da horta comunitária. Em dias bons, a minha mãe ia à igreja e ajudava nos encontros matinais para tomar café. Mas em dias maus não havia como lhes chegar. A minha mãe passou por fases em que ficava na cama semanas seguidas e o meu pai tornou-se cada vez mais obcecado com as estações de emissões numéricas, e a ideia do rapto do Conrad estava de algum modo relacionada com elas. Ao longo dos primeiros meses e dos primeiros anos que se seguiram ao rapto, ouvia-as incessantemente, de tal modo que a banda sonora da minha juventude não foi

uma série de canções *pop* ou músicas de séries de televisão, mas aquelas identificações assombradas das estações – *Lincolnshire Poacher* ou *Cherry Ripe*, o tom alegre da pequena melodia desprovido de vida pelos sons da estática – ou pior, um gorgear insuportável que parecia prolongar-se indefinidamente. E depois ouvia-se a lista de números: *Zero, dois, cinco, oito, oito. Zero, dois, cinco, oito, oito* – sempre com aquele tom mais agudo na última palavra, como se a voz sintética estivesse a transmitir alguma mensagem alegre de esperança. Talvez fosse o que o meu pai ouvia; um sinal de além-túmulo. Para mim, eram as vozes dos mortos, e adormecia com as suas cadências constantes, por muito algodão em rama que enfiasse nos ouvidos à hora de deitar.

Só tinha uma amiga na escola: uma rapariga chamada Emily Jackson. Lembro-me muito bem dela – essas recordações datam de antes daquilo que a minha mente se recusa a aceitar –, uma menina loura pequena com um rosto rosado e um temperamento plácido e maternal. A sua irmã mais velha, a Teresa, tinha paralisia cerebral, e a Emily assumira o papel de irmã mais velha, pondo as necessidades da Teresa antes das suas sem qualquer sinal de ressentimento. Os seus pais eram gorduchos e joviais; a sua casa cheia de uma desordem animada. Ela e a sua família mudaram-se no inverno de 1971, mas nunca a esqueci, e a minha amizade com ela continuou a ser a parte mais cheia de afeto da minha infância. Além dela, não tinha ninguém; perdida no meu mundo imaginário. Sem os Jackson, teria sido uma criança sem amigos e só.

Não estou a tentar obter a sua compreensão. Estou meramente a tentar descrever o contexto. A casa dos meus pais, as estações de emissões numéricas, o relicário do meu irmão desaparecido. Oh sim, eles tinham um relicário: uma fotografia dele, de uniforme da escola, com o crachá de prefeito na lapela, o cabelo tão louro, liso e brilhante como o meu era ruivo e indomável.

O cabelo ruivo é sinal de mau feitio, ou assim costumava dizer a minha mãe, mas, nessa fase, eu já aprendera a manter os meus sentimentos sob controlo. Era uma aluna exemplar. Ia à igreja todos os domingos. No Mulberry House, ganhei prémios em Teatro e Comportamento. Sim, houve aquela coisinha com o Johnny Harrington quando eu tinha dezasseis anos; porém, mal o seu nome apareceu nos jornais, rompi com ele. Era ajuizada. O

resultado não planeado – a minha filha Emily – nasceu no verão do ano seguinte, e os meus pais, embora abalados, receberam a minha decisão de ficar com a criança com a mesma perplexidade impotente com que tinham encarado *todos* os acontecimentos nas nossas vidas desde o desaparecimento do Conrad.

Mas, sim, eu era uma *boa* menina. Uma menina sossegada. Uma menina obediente. E se por vezes tinha pesadelos em que *algo* me perseguia implacavelmente pelos corredores desertos do Liceu King Henry, algo que nunca conseguia ver bem, mas que cheirava a papel de alumínio a arder e a esgotos e ao fedor de água estagnada – esse não era com certeza um preço demasiado elevado a pagar pelo privilégio de ter ultrapassado em idade o meu irmão mais velho, que nunca chegaria a fazer quinze anos, a beijar uma rapariga, a ir para a faculdade ou a dar aos seus pais um neto.

A minha filha devia ter sido um rapaz, suponho. *Assim*, eles talvez a tivessem amado, amando-me também a mim por acréscimo. Contudo, no casulo da sua dor como um par de traças mortas, os meus pais mal pareciam reparar na sua única neta, exceto quando sugeri que me deixassem transformar o antigo quarto do Conrad no quarto da bebé, uma sugestão que receberam com o mesmo alarme de se eu tivesse sugerido pegar fogo à casa. Talvez, se ela fosse um menino, eu tivesse posto a hipótese de a dar para adoção. Não tinha sido de modo nenhum o meu plano engravidar aos dezasseis anos e meio de um rapaz seis meses mais novo do que eu. Mas a ideia de deixar a minha filha à mercê de um Estado patriarcal – ou pior, de a deitar pela sanita abaixo como um peixinho vermelho moribundo – enchia-me de uma repugnância profunda. Não a abandonaria, como eu própria tinha sido abandonada. Nem me viraria para os meus pais a pedir auxílio ou contactaria a família do Johnny. E portanto, assim que fiz dezoito anos, saí de casa para um apartamento num bairro camarário em Pog Hill e um emprego em *part-time* como rececionista no Lar Meadowbank. O horário era bom, o salário bastante menos bom; mas entre isso e a Segurança Social, conseguíamos viver, se não confortavelmente, pelo menos de uma maneira que mantinha a Emily alimentada, as contas pagas e as assistentes sociais ao largo.

Todos os domingos à tarde, apanhava o autocarro para a casa dos meus pais na Jackson Street e passava exatamente cinquenta minutos a beber chá e a

tentar fazer conversa. Por vezes, o meu pai oferecia-me dinheiro, que eu recusava sempre. Por vezes, levava a Emily. Mas nenhum aspeto da minha vida – nem o meu emprego nem a minha filha – parecia prender a atenção deles. A ausência do Conrad engolira-os a ambos, e só ganhavam vida – de um modo breve e errático, e mesmo assim só em dias bons – à menção do seu nome.

E portanto falávamos sobre o Conrad: sempre no tempo presente; como se a qualquer momento ele pudesse entrar na sala de estar. Sobrepondo a voz à litania imparável das estações de emissões numéricas, passavam em revista as notas da escola, os seus êxitos desportivos, as suas qualidades: enquanto eu ficava ali sentada a olhar para o ponteiro mais pequeno do relógio da sala a dar voltas sobre voltas.

– O Conrad tem tanto jeito para as crianças – dizia a minha mãe, com o seu chá a arrefecer. – Quando chegar a casa, vai ficar tão surpreendido ao descobrir que tem uma sobrinha pequena.

– Come uma bolacha com recheio de chocolate – dizia o meu pai. – Anda lá. São as tuas favoritas.

De facto, eram as favoritas *do Conrad*; eu nunca as apreciara. O mesmo se aplicava aos *Coco Pops*, os flocos de cereais preferidos do Conrad, que os meus pais me tinham servido ao pequeno-almoço manhã após manhã, e ovos cozidos panados e fritos, que apareciam na minha lancheira todas as manhãs sem falta e que, a caminho da escola, eu atirava da ponte para o canal, onde ficavam a flutuar como pequenas boias cor de laranja e eram comidos pelos ratos que se perfilavam solenemente na margem como crianças na fila da cantina. Era quase como se, dando-me os alimentos favoritos do Conrad, os meus pais pudessem continuar a fingir que ele ainda fazia parte das nossas vidas.

– Não gosto de bolachas com recheio de chocolate. Não se lembra?

– Suponho que estás de dieta – dizia a minha mãe. – Não devias. Já és bastante magra.

– Sinceramente, não é isso.

– O Conrad come sempre como um cavalo. É por causa daquela atividade toda. Devias dar umas voltas ao ar livre. Ia abrir-te o apetite.

Por fim, eu cedia sempre. É só uma bolacha, dizia para comigo. Que mal tem fazer-lhes a vontade? E portanto comia uma, muito depressa, para despachar a coisa, e a minha mãe olhava para mim e dizia:

– Estás a ver? Afinal sempre estavas com fome. Tenho ovos panados na despensa.

Entretanto, entre cuidar da Emily e o meu trabalho no lar, consegui terminar o ensino secundário, fazer um curso pela Universidade Aberta, a seguir um curso de formação de professores no Instituto Técnico e finalmente, aos vinte e três anos, acabei como professora substituta na Escola Sunnybank Park. Não era tudo aquilo com que sonhara ou que os meus pais tinham tido a esperança que alcançasse. E também não era o tipo de vida que desejava para a minha filha. Ao longo daqueles seis anos, mal dormi; comprava a minha roupa em lojas de beneficência e alimentava-me de enlatados baratos. Contudo, ao longo desses seis anos tornei-me forte. Aprendi a desenvolver os meus talentos. E foi assim que conheci o Dominic, e, embora isso não tenha resultado tão bem quanto esperava, o Roy poderia dizer que o Dominic me salvou.

Disse que *o senhor* poderia dizer isso, Roy. Deixarei até que acredite. Homens como o senhor – como o Dominic – adoram pensar isso sobre si mesmos. Veem-nos como orquídeas frágeis, prontas a murchar à menor alteração. Mas as orquídeas são mais resistentes do que se pensa. Por acaso, o abandono é-nos propício. As minhas orquídeas só requerem uma boa rega a cada uma ou duas semanas: e quando florescem, fazem-no meses a fio, as suas flores como borracha moldada. E, no entanto, parecem muito delicadas; tão bonitas e vulneráveis. Tal qual as mulheres. Bem tolos são os homens.

O Dominic Buckfast era o chefe do Departamento de Artes, e uns nove ou dez anos mais velho do que eu. Era encantador, divertido e esperto – demasiado esperto para a Sunnybank Park. Poderia ter dado aulas no liceu ou até na universidade. Mas o Dominic era um homem do Partido Trabalhista. Não acreditava em liceus. Filho de uma mulher da República de Trindade e Tobago que mal sabia ler e escrever, era um romântico de nascença, sempre à procura de uma causa a defender: neste caso, a de uma mãe solteira e da sua filha de seis anos. Para minha surpresa, estava a par da história da minha família. Era da idade do Conrad no ano em que o meu irmão desapareceu.

Lera sobre o caso, e ficou chocado com o que fizera à família. Tinha uma casa na April Street – uma casa com três quartos e jardim. Engraçou imediatamente com a Emily. O melhor de tudo: era solteiro.

E, portanto, permiti-lhe que nos salvasse. Ao fim de seis anos de uma independência feroz, a trabalhar todas as horas que podia; a comprar a roupa em lojas de beneficência; a escolher sempre a comida mais barata: a poupar moedas para manter o gás ligado; ao fim de seis anos a recusar-me a ser tratada com condescendência ou compaixão ou a ser usada, deixei-me ser salva por um homem.

As coisas que fazemos pelos filhos, Roy. As decisões complicadas que tomamos. Mas a Emily tinha seis anos. Já tinha idade para se comparar com as outras meninas na escola. Idade suficiente para compreender que éramos, de certo modo, diferentes. Não por sermos pobres, mas porque havia algo em falta. Incutira-lhe independência, determinação e coragem. Mas faltava qualquer coisa, eu sabia; algo que eu própria nunca tivera.

Em criança, sempre partira do princípio de que, um dia, me apaixonaria. Acontecia nas histórias e na televisão. Os jornais estavam cheios disso. Mesmo aos seis anos, a vida da Emily era dominada pelos contos de fadas. Mas eu nunca tinha estado apaixonada. Nem pelo Johnny Harrington, nem por qualquer um dos rapazes com quem tinha ido para a cama. Nunca tivera sequer uma paixoneta por uma estrela *pop* ou um ator. Devo ter amado os meus pais, em tempos. *Sabia* que devia ter amado o Conrad – mas tudo isso desaparecera num daqueles buracos de esgoto que tinham engolido tanto do meu passado. E o que quer que sentisse pela Emily – aquele estranho e feroz instinto protetor – nunca saía da maneira normal, como beijos e histórias à hora de ir dormir.

Lembre-se, Straitley, eu era jovem. Ainda pensava que um homem poderia completar-me. E ele era um bom homem, a vários níveis; e a minha filha necessitava de um pai. Não funcionou exatamente como eu planeara. No entanto, provavelmente voltaria a fazer o mesmo, se tivesse oportunidade de voltar atrás. Mas é aqui que a minha história começa. Sempre soube que a contaria um dia. Parece estranhamente adequado contar-lha a si. E começa não no dia em que o Conrad desapareceu, mas dezoito anos depois, na casa do Dominic, quando a Emily voltou da escola primária com um desenho, laboriosamente legendado com as palavras:

Mr. SmoLface.

³ Senhor Cara Pequena. (*N. da T.*)

⁴ *Milky* significa leitoso, com leite; *Fatty*, «gorducho» e *fattyman*, «homem gorducho». *Mod* é o nome de um estilo de moda popular na década de 1960.



~~Liceu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 4 de setembro de 2006

Sim, claro que me lembro do caso. Uma tragédia para todos os envolvidos. Conrad Price, um aluno do nono ano do Liceu King Henry, que desapareceu no último dia do período letivo e nunca mais voltou a ser visto. Se fosse um dos nossos, é provável que eu tivesse estabelecido a relação mais cedo, mas o Liceu King Henry fica a dez quilômetros, além de ser uma escola rival, e suponho que o caso se tinha varrido da minha memória.

– Lamento muito, reitor – disse. – Deve ter sido uma perda terrível.

– Vai continuar a chamar-me isso? – Os seus olhos ainda brilhavam com divertimento. Apercebi-me de que a minha compaixão não era bem-vinda nem justificada.

– *Reitor* é tradicional – disse eu.

Ela riu-se.

– Então, por quem é, continue a usá-lo. Mas a morte do meu irmão foi há muitos anos. Não sinta necessidade de se condoer: não é por esse motivo que lhe estou a contar isto. No entanto, devo-lhe uma explicação completa antes de decidirmos a via a seguir.

Por um momento, senti-me perplexo. Que outra via seguir com um cadáver a não ser a da polícia? No entanto, se aqueles eram os restos mortais do seu irmão, talvez ela merecesse o direito de decidir quando o divulgar. Nesse momento, um terrível pensamento cruzou-me a mente, e contive o impulso de fazer qualquer comentário. Porque é que um rapaz do Liceu King Henry seria enterrado nos terrenos de St. Oswald? Poderia haver outro elo de ligação que não o da geografia accidental?

La Buckfast lançou-me um olhar de compaixão.

– O seu amigo Eric Scoones deu aulas no King Henry, não deu?

– Dez anos depois da morte do Conrad – respondi, um pouco depressa demais. – Entre 1982 e 1990. – Ouvi o tom defensivo na minha voz e estremeci. É claro que La Buckfast não tencionara insinuar nada de inapropriado. Mas, quanto ao assunto do Eric, sou bastante melindroso. O homem está morto. Deixem-no descansar em paz. E, no entanto, as palavras dela tinham-me perturbado. O que estava a insinuar? Que o Scoones, com as suas predileções, poderia ter sido suspeito no desaparecimento de um rapaz? Não. Isso não é possível. O Eric talvez tivesse defeitos graves, mas nunca foi um assassino. Eu sabia disso. Com certeza teria visto.

La Buckfast fez outra vez aquele sorriso.

– Cheguei a ser professora substituta no King Henry, durante uns tempos. Só por um período, em 1989. Um dos professores de Francês deles adoeceu e precisaram de alguém de repente.

– Ah sim? – Fiquei um pouco surpreendido. O King Henry, mais ainda do que o St. Oswald, sempre se orgulhou das suas tradições duradouras. O que sobrevive no St. Oswald como uma espécie de folclore académico ligeiramente enxovalhado no King Henry transformou-se num edifício gótico de pretensão que inclui vestes doutorais nas assembleias, chapéus de palha para a equipa de remo e uma multiplicidade de tradições arcanas concebidas para fazer as pessoas de fora sentirem-se desconfortáveis. Os nossos rapazes chamam aos dele «Henriettas», e, embora o liceu tenha entretanto evoluído para a inclusão de algumas das políticas mais prestigiosas e lucrativas do século XX (turmas mistas, estatuto de Academia, disciplinas de Teatro e Ciências Sociais), mantém ainda assim uma reputação (algo imerecida) de exclusividade. Em resultado, e previsivelmente, os Ozzies e os Henriettas sempre foram inimigos fígadais, o que tornou a deserção abrupta do Eric ainda mais difícil de engolir.

La Buckfast sorriu.

– Foi uma experiência.

– Aposto que foi.

– De facto, trabalhei com Mr. Scoones. Também lhe falarei sobre isso – disse. – Mas agora tenho uma reunião com o doutor Markowicz e o presidente do Conselho Escolar. Poderia conceder-me o prazo de um dia? Fiquei abalada com tudo isto.

Será que sim?, pensei. Parecia bastante calma. No entanto, agora que pensava nisso, o seu sorriso não era um pouco forçado, o rosto não estava um pouco mais pálido do que o usual? Senti uma pontada de pena. Não devia ser fácil recordar aqueles acontecimentos traumáticos do passado. A morte de um irmão já é bastante dura. Mas um desaparecimento é muito pior. Despedaça a alma. Nunca descansa. E a Esperança é o espírito macabro que se recusa a morrer e não deixa repousar os mortos.

É claro, eu era filho único. Perdi os meus pais há anos e fiz o luto por dever. Mas perder o Eric ensinou-me a dor da perda. Só tínhamos uma diferença de dois anos; irmão em tudo menos no nome. Sei como por vezes uma ausência pode dar a sensação de ser mais substancial do que a própria carne, como um membro amputado que ainda exige atenção. Admito-o. Queria mais. Queria ouvir como fora o Eric durante o seu tempo no King Henry. Talvez, acima de tudo, necessitasse de ouvir que o seu abuso de um dos nossos rapazes fora um incidente isolado. Uma aberração de há muito tempo, revelada no final da sua carreira. Disse:

– É claro. Compreendo.

– Amanhã, depois das aulas. Digamos, às cinco e meia?

Assenti.

– Temos encontro.



St. Oswald, 5 de setembro de 2006

As coisas que dizemos por embaraço. *Temos encontro?* Devo tê-lo realmente abalado. Ainda bem. Preciso dele abalado. A menção do Scoones terá tido esse efeito. Mais importante ainda, necessito que acredite que estou vulnerável.

E estou, mas talvez não pela razão que o Straitley pensa. A Xerazade pode ter vivido mil noites sob uma sentença de morte, mas foi sempre ela a deter o controlo da situação. E não necessito de mil noites: uma ou duas semanas deverão bastar. O Straitley é um romântico, lá no íntimo. Como o Cavaleiro Branco em *Alice no País das Maravilhas*, vê-se neste papel galante; a permitir-me contar a minha história enquanto me conduz para porto seguro. É claro, isso está muito longe de ser a verdade. Eu é que dirijo a narrativa; conto-lhe apenas o que ele precisa de saber. Uma história de pistas erradas, para o manter do meu lado até o perigo ser evitado. O resto – a história mais profunda, as entranhas complicadas e enredadas dos acontecimentos passados – ficará arrumado em segurança, como lenços de assoar em gavetas com saquinhos de alfazema. E, no entanto, consigo sentir os ecos da mulher que era dantes, há aqueles anos todos: aquela mulher jovem e frágil, ainda à sombra do Conrad e, sob a sua aparência de autoconfiança, ainda à espera do inevitável.

Mr. Smallface. Oh, aquele nome. Aquele nome, na letra da minha filha. Como fora ingénua ao crer que marcas como as minhas poderiam simplesmente desaparecer. Duas palavras num papel. Foi quanto bastou para as trazer de volta. Duas palavras e uma imagem disforme: uma figura com uma cabeça minúscula. Duas palavras, e uma súbita recordação, tão nítida como o cheiro a queimado; eu, com cinco anos, numa cadeira de plástico, e dois adultos de uniforme, um de cada lado; rostos brilhantes, cheios de expectativa, corados com a fadiga e a frustração crescentes:

– Viste para onde foi o Conrad? Ele foi com alguém?

E a minha resposta, uma e outra vez, naquela voz fininha e segredada:

– *Mr. Smallface levou-o embora. Levou-o pela porta verde.*

– Onde é que ele vive, Becky? Onde fica a porta verde?

No fundo do esgoto.

– Debaixo da terra?

Não era muito, eu sei, mas era a única pista possível que tinham. Seguiram-na até onde puderam: pediram-me que desenhasse Mr. Smallface; perguntaram-me onde ele vivia, quem era, e porque queria levar o Conrad. Tentaram uma e outra vez descobrir o que eu queria dizer com *a porta verde*. Revistaram a cave da escola, assim como as caves de variados edifícios abandonados em Malbry, Pog Hill e nas vilas vizinhas. Procuraram em condutas subterrâneas e minas de caulino e nos locais de minas desativadas. Os idiotas levaram tudo à letra e chegaram ao ponto de trazer à esquadra um homem da zona que sofria de microcefalia, na esperança de que pudesse dar-lhes uma pista sobre um potencial suspeito.

Contudo, apesar de o homem ter, de facto, um rosto pequeno (e um sorriso esperançado e nervoso a revelar uma fiada de dentes miúdos e muito juntos, e o hábito de arrancar cabelos um a um do cimo da cabeça enquanto os agentes repetiam: *Olha para ele, Becky, é o homem? É o homem que levou o Conrad?*), eu só abanava a cabeça. Mesmo assim, os jornais locais obtiveram o nome do homem de cabeça pequena, cuja casa, por infeliz coincidência, tinha uma porta verde. Por fim, o homem abandonou a vila, mas o jornal *News of the World* voltou a localizá-lo e ele acabou por pôr fim à própria vida num parque de caravanas perto de Blackpool. E, com o rasto a desvanecer-se, o Conrad foi – se não exatamente *esquecido*, simplesmente empurrado para o fundo da pilha de casos, com outros a assumirem precedência.

Exceto na minha casa, onde, em vez de se desvanecer, a sua imagem se tinha tornado ainda maior, eclipsando tudo o mais nas nossas vidas. O quarto dele era mantido tal qual como o deixara, mas a cama era feita de lavado todos os dias. Punha-se um lugar à mesa para ele. Os meus pais estavam sempre a falar dele, como se tivesse simplesmente saído durante uma hora e não desaparecido há uma semana (há dez dias, há seis meses). O tempo passava em todos os outros lugares, mas na casa dos meus pais não. Simplesmente cristalizara, como um rolo de veludo negro a recamar-se de sal

no mar Morto. Mesmo todos aqueles anos depois, quando a minha filha me veio com o seu desenho da escola primária, a casa na Jackson Street continuava tal qual era em 1971, com retratos do Conrad nas paredes; o seu lugar posto à mesa; o *poster* dos The Doors junto à sua cama. Os nossos pais detestavam aquela banda. Mas o Conrad adorava-a, portanto, ficou. Por vezes, a minha mãe até punha a tocar os discos dele quando limpava o quarto, como se o Conrad ainda estivesse ali, sentado à secretária, a escutar a música. Era melhor do que as estações de emissões numéricas, mas eu não gostava dela. Preferia de longe música clássica, os hinos que costumávamos cantar na igreja. Mais tarde, descobri que tinha boa voz e agradava-me usá-la. No entanto, por mais alto que cantasse, os meus pais não ouviam a minha voz acima do zumbido nos ouvidos da sua dor. E por isso saí de casa, e voltei a encontrar a minha voz – desta vez, como professora.

No dia em que a Emily chegou a casa com o seu desenho de Mr. Smallface, já vivíamos com o Dominic há seis meses. Seis meses a não me preocupar com a comida ou o dinheiro para a luz e o gás. A Emily tinha o seu próprio quarto; roupas novas, brinquedos novos, sapatos novos, livros novos. Mais importante ainda, eu acabara de receber boas notícias. Ao fim de doze meses a procurar sem sucesso uma colocação permanente numa escola, recebi um telefonema do Liceu King Henry. Um dos professores do Departamento de Francês tinha morrido subitamente de ataque cardíaco no início do terceiro período, e precisavam de alguém que o substituísse até conseguirem arranjar um professor permanente. Embora eu ensinasse principalmente Inglês, tinha uma licenciatura nas duas línguas, o que me qualificava para o lugar, e esperava há muito tempo por voltar para o King Henry.

Da perspectiva do liceu, o momento não poderia ter sido pior. Tão perto do fim do ano escolar, todos os candidatos prováveis para uma vaga em setembro já estão colocados. Nem mesmo os professores recentemente diplomados estão muitas vezes disponíveis, o que deixou o King Henry sem outra opção a não ser considerar a hipótese de uma substituição provisória.

Fui convidada a ocupar o lugar durante o resto do período, com a possibilidade de prolongar o meu contrato em setembro, partindo do princípio de que me integraria adequadamente. O veredicto, comunicado nessa tarde através da secretária do reitor, foi ao mesmo tempo condescendente e vagamente suspeito, como um missionário colonial a dirigir-se ao

representante de uma tribo até àquele momento nunca contactada. E aquilo não agradou ao Dominic, claro; o Dominic, que nos salvara e que detestava o King Henry com todo o evangelismo do fanático recém-convertido.

– Mereces melhor do que isso – disse ele. – Aquela cambada de snobes com os seus cachecóis de Oxford ou Cambridge e gravatas dos clubes e vestes doutorais. Imagina teres de trabalhar com eles!

Abanei a cabeça.

– O salário é bom.

– Já não precisas do dinheiro. – Era verdade; desde que nos mudáramos para a casa do Dominic no ano anterior, começava de facto a sentir-me menos ansiosa em relação ao dinheiro. – E, de qualquer maneira, como achas que te vais sentir, de volta ao lugar onde o teu irmão desapareceu?

– É temporário – respondi. – Não te preocupes, eu aguento.

– Devias ter conseguido aquele lugar na Sunnybank. – Houvera uma vaga nesse ano, no Departamento de Inglês da Escola Sunnybank Park. Eu tinha concorrido ao lugar, a pedido do Dominic, mas tinha ido para outro candidato. Mesmo agora, o Dominic ressentia-se do facto. Talvez até me culpasse.

– Vai haver outras vagas – disse eu.

– Não tão boas como a da Sunnybank.

Virou-me as costas e começou a fazer um chá. O Dominic fazia sempre chá quando estava perturbado ou zangado. Suponho que nos imaginara aos dois a dar aulas lado a lado, todos os dias, tal como quando cheguei à Sunnybank como professora substituta. Mas eu tinha em mira algo mais elevado, e agora a sua reprovação era palpável. O seu rosto escuro estava tão duro como um pedaço de carvalho. Tinha os olhos pregados no chá.

– Sabes que tentei. Rejeitaram-me.

O Dominic encolheu os ombros.

– Se tu o dizes.

– Achas que não me esforcei o suficiente? Que falhei na entrevista de propósito?

Começava a erguer a voz. Estava ciente da Emily no canto, com o seu livro de colorir. A Emily apercebia-se sempre de qualquer tensão entre nós. O Dominic passou por água duas chávenas no lava-louça, usando mais água do que a necessária. O cano da água protestou, fazendo um som gemido e gorgolejante. Sempre detestei esse som. Recordava-me sempre o Conrad, de algum modo; ar estagnado; escuridão.

É onde ele vive. No esgoto. É para onde leva as crianças.

Voltei a baixar a voz e pousei a mão no ombro do Dominic.

– É só um lugar temporário – disse. – Prometo. Sou capaz de aguentar. Desde que continues a manter-te do meu lado.

Vi a sua postura descontrair-se.

– Continuo. Exagerei na minha reação. – Olhou de novo para mim e sorriu.
– Desculpa, Becks. Só quero o teu bem e o da Milly. Tu sabes isso, certo?

– Claro que sei.

Crise evitada, disse para comigo. O Dominic era sempre muito empenhado a defender-me. Era como um cão bom; crédulo e fiável. Era bondoso e divertido, também: atraente; esperto; bom na cama. Não pela primeira vez, perguntei-me porque seria que não o amava. Não havia nada a *não* amar; no entanto, onde o meu amor por ele deveria estar havia uma espécie de fenda, como uma vidraça partida. Ou talvez essa zona partida fosse onde o meu amor por *qualquer* pessoa deveria estar. Pelos meus pais. Pelo Dominic. Pela Emily...

Do seu canto, a Emily disse:

– Fiz um desenho na escola. Querem ver?

– É claro que queremos – disse o Dominic. – Fez-lhe sinal para se aproximar. Ainda me lembro do seu rosto rosado, do papel de desenho numa das mãos, rabiscado com aquele nome vindo das sombras. Abri os braços para a acolher, mas, mesmo assim, ela aproximou-se primeiro do Dominic. Era o que fazia sempre. Talvez pressentisse aquela vidraça partida dentro de mim.

– A mamã arranjou um emprego – disse eu.

– Um dia ela vai ser artista – disse o Dominic, pegando no desenho. – Olha, queridinha, deixa a mamã ver. – Ergueu o desenho. À distância, o que conseguia ver da arte da Emily era um borrão de cores, mas a *forma* da imagem enregelou-me. Quando me aproximei, reconheci o corpo sem forma. A cabeça minúscula. As palavras, a lápis de cor amarelo...

– Quem é este? – Sentia os lábios frios e dormentes.

– Oh, mamã. Olha. *Diz* aí. – Traçou as palavras com um dedo. – Mister Smallface.

Senti a garganta contrair-se. A minha voz reduziu-se a um murmúrio quase inaudível.

– Conta-me, queridinha. Quem é ele?

– Vive no fundo do esgoto. Sobe pelos canos. Olha para cima pelo ralo e às vezes faz um som *assim*... – Fez um terrível som de sorver, e senti os pelos dos braços eriçarem-se. De repente, tinha de novo quatro anos e estava a pressionar as mãos contra a porta da casa de banho, com o som agourento da canalização a desenrolar-se como uma grande bandeira negra.

«*Ele vem aí*», segredou uma voz do outro lado da porta.

– Não!

«*Ele sabe. Consegue sempre saber. Vem buscar-te, Becks.*»

– Não! – A minha voz estava agora a desaparecer, a esvair-se em espiral sobre si mesma como água a descer por um ralo. Só me restava um murmúrio, uma sucção sem ar na garganta, todos os meus sentidos perdidos sob um manto pesado de terror. Atrás de mim, o som intermitente de sorver tornara-se uma espécie de guinchos guturais.

«*Fecha os olhos*», segredou a voz. «*Fecha os olhos, encolhe-te muito e talvez ele não repare em ti.*»

E então encolhi-me, a fazer-me muito, muito pequena contra a porta, e fechei os olhos e esperei, enquanto, pouco a pouco, os sons dos canos se foram tornando uma série de arrotos soluçados. E lembro-me de ter ficado sentada ali, de olhos fechados, a abraçar os joelhos contra o peito, como me sentaria dentro do armário no King Henry.

As canalizações da casa da Jackson Street sempre tinham sido más; os canos estavam sempre a protestar. Os meus pais tinham dito que não havia nada a recear, mas aos quatro anos o mundo está cheio de terrores supersticiosos. E o Conrad dissera-me que era verdade; o Conrad, que nunca se enganava; o Conrad, que era o meu irmão.

Mr. Smallface vive nos canos. Ele sabe se não escovares os dentes.

Mr. Smallface consegue enfiar-se pelos canos acima. É por isso que eles fazem aqueles ruídos.

Era uma vez uma menina pequena que não dizia as orações à noite. Mr. Smallface veio pelo ralo no lavatório do quarto dela e puxou-a pelo cabelo para dentro dos canos. Há quem diga que ela ainda está lá em baixo. Por vezes, as pessoas ouvem-na, a gritar que a deixem sair.

Sim, suponho que poderia dizer que era cruel. Mas as crianças por vezes são cruéis, e o meu irmão era ainda criança. Não fazia ideia do quanto Mr. Smallface me aterrorizava. Não sabia que todas as noites eu tapava o lavatório do meu quarto e punha livros em cima do tampo da sanita antes de ir para a cama. Não sabia com que frequência eu sonhava com Mr. Smallface, com olhos como buracos no seu rosto inexpressivo e escuro e o corpo todo coberto de lama escura. Ou como por vezes eu prendia a respiração e olhava para o escuro do cano – e como, por vezes, o cano me retribuía o olhar.

É claro que não disse nada disso à Emily; nem o direi ao Straitley. Essas coisas guardarei para mim. Não há necessidade de as ressuscitar. Mas *alguém* tinha contado à Emily. Alguém transmitira a história. Ao fim destes anos todos, Mr. Smallface, como muitos outros monstros, talvez se tivesse tornado um mito urbano, passado de boca pequena a ouvido pequeno em recreios distantes e pequenos.

Devolvi-lhe o desenho e forcei-me a sorrir-lhe.

– Sabes que ele não é real, certo? Sabes que é só uma história?

– É claro que sei que é uma história – disse a Emily, do alto dos seus seis anos. – Já não sou nenhuma bebé.

– Então, onde é que ouviste esta história? – perguntei, mantendo um tom de voz muito delicado.

A Emily abanou a cabeça.

– É segredo – disse.

– De mim? – disse eu.

Olhou para mim. *Oh, por favor. Julgas que me conheces?* As crianças são como gatos, pensei. Desenvolveram comportamentos que os tornam apelativos para os seres humanos. Os gatos bravos são silenciosos, sabe? Não miam entre si. Mas para os seres humanos, miam, ronronam; roçam-se contra as nossas pernas e pedincham. Um comportamento infantil, destinado a seduzir e a ocultar o facto de que são uns assassinos.

– Quem te falou sobre Mr. Smallface? – perguntei. – Foi alguém na escola?

Ela sorriu e abanou a cabeça.

– Então quem foi? – Tentei ocultar a minha impaciência. A Emily nunca tinha sido uma criança faladora ou extrovertida. Sempre fora calada, reservada; contente a brincar sozinha com as suas bonecas ou a ler um dos seus livros ilustrados. Se tivesse opção, teria preferido que a minha filha fosse uma menina feliz e aberta, como a minha amiga com o seu nome, a Emily Jackson. Uma menina sorridente com faces rosadas e pouca imaginação. Mas a Emily era demasiado como a menina que eu fora com a sua idade. Uma menina com uma voz baixa e uns olhos grandes cheios de segredos.

– Quem te falou sobre Mr. Smallface? – insisti.

Por um momento, olhou para mim. Quem lhe contara a história, pensei, devia ter sido alguém na escola. Estas lendas disseminam-se como rimas infantis, invadindo todos os recreios. Awd Goggie e o Trapper-Lad; Tom Poker e o bicho-papão; todos aqueles monstros infantis que nos agrada pensar que ultrapassámos. Mr. Smallface foi engrossar as suas fileiras agora. Talvez isso signifique que se esqueceu de mim. Era o que estava a pensar ao olhar para o desenho da minha filha, trazido até mim como um gatinho traz ao seu dono o presente de um rato sem cabeça.

E depois ela fez-me um sorriso vivo e disse:

– Quem me contou foi o Conrad.



~~Liceu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 4 de setembro de 2006

Maio, 1989. Sim, o Eric estaria lá nessa altura; embora tenha regressado ao St. Oswald no outono. Uma mulher no King Edward deve ter sido bastante inusitado, mas uma mulher tão jovem e atraente como ela com certeza fez erguer alguns sobrolhos. Pensei se o Eric não a teria reconhecido quando ela veio para o St. Oswald, ao lado do Harrington como parte da malfadada Equipa de Crise, formada para salvar o nosso liceu em perigo. Quase vinte anos mais tarde, claro, e até o nome dela era diferente nessa altura. Mas com certeza ele tê-la-ia reconhecido. E, no entanto, se a reconheceu, nunca disse nada.

Lembro-me de 1989. Um ano relativamente tranquilo, misericordiosamente sem acontecimentos dignos de nota, exceto a partida súbita de um novo professor, chamado Fentiman, que lançou um olhar ao meu nono ano e fugiu antes do fim do primeiro dia do período para nunca mais se ouvir falar dele. Bem, sim. Acontece por vezes. E o nono ano desse ano era uma turma turbulenta, ainda mais do que os meus Brodie Boys de agora. Mas o Fentiman era um homem de Oxford, que viera muito bem recomendado, e, com mais de trinta anos, com certeza não era estranho a expressões de exuberância juvenil. De qualquer modo, nunca se sabe o que vale um novo homem até a sua coragem ser posta à prova: neste caso, por uma partida preparada por um rapaz chamado Darren Milk – outra versão do Allen-Jones, indisciplinado, mas basicamente inofensivo. Pode dizer-se que a piada foi das clássicas; a velha partida do rato na secretária do professor, mas substituindo o roedor em questão pela tarântula de estimação do Milk. E, para ser justo para com o jovem Milk, os rapazes não podiam ter tido conhecimento prévio nem da aracnofobia do Fentiman nem do pacote aberto de bolachas digestivas que ele tinha deixado na secretária para o intervalo, pacote esse em que o aracnídeo procurou refúgio.

O resultado, depois de chegar o chá do intervalo, foi o suficiente para satisfazer o mais empedernido brincalhão, e o Fentiman, tendo fugido do local do incidente, decidiu continuar a correr. Daí a uns dias, chegou a sua carta de demissão, e nós, os restantes membros do Departamento de Línguas, passámos o resto do período a colmatar a ausência do colega. O que aconteceu à tarântula não se sabe: correu o boato de que viu a sua hipótese de liberdade e escapou, tornando-se a fundadora de uma raça de aranhas gigantes que ainda habitam nos tetos e nos rodapés da Torre do Sino.

Quanto ao Eric, via-o de tempos a tempos, embora não com a mesma frequência de quando éramos colegas no St. Oswald. Penso que sentia saudades do velho liceu. Fingia sempre que não, mas queria saber o que se passava. Encontrávamo-nos no *pub* Thirsty Scholar aos sábados às seis para beber uma ou duas canecas de cerveja e fumar uns cigarros (não havia restrições nesses tempos), e eu punha-o a par da telenovela infundável do St. Oswald. O Scholar ficava-lhe bastante fora de mão – o seu *pub* local chamava-se Shanker's Arms –, mas esse era um *pub* dos da Escola Sunnybank, e o Eric recusava-se a frequentá-lo.

– Arruaceiros a mais, Straits – dizia. – Demasiado povinho lá.

Sim, o meu velho amigo era bastante snobe. Não posso arvorar superioridade moral, claro: também eu preferia o Scholar, com as suas velhas e desconjuntadas estantes de carvalho. Alegadamente, algumas são até da antiga biblioteca do St. Oswald, que foi reconstruída e mobilada de novo em 1834, e mobilada por Jeremiah Smarthwaite, um milionário das minas local com ilusões de imortalidade. A biblioteca do St. Oswald continua a ser oficialmente chamada Biblioteca Smarthwaite, e um retrato do nosso benfeitor – um homem com ar bastante intimidativo, uma barba terrível e expressão crítica – está pendurado por cima do fogão de sala, juntamente com a sua placa comemorativa.

Talvez fosse por esse motivo que o Eric preferia aquele *pub*: ligava-o ao St. Oswald. E era ali que costumávamos conversar sobre o drama em decurso do liceu; os pequenos triunfos; a roupa suja; a tragédia e a farsa do dia a dia. Em troca, falava-me sobre a sua mãe; as suas perspetivas; a sua saúde. Era raro falar diretamente sobre o King Henry ou o relacionamento com o pessoal. A sua deserção pairava entre nós como uma nuvem silenciosa. Mas acabaria por

voltar para nós, na sequência do caso do desgraçado do Fentiman, cuja fuga do Departamento de Francês proporcionou uma aberta adequada, além de uma oportunidade para o Eric salvar a situação.

– Milk – disse ele. – Esse nome diz-me alguma coisa. Dei aulas a um rapaz chamado Milk. É da família?

– Provavelmente. Estes rapazes estão por todo o lado.

– Teve boa nota a Francês, um Bom, creio. – O Eric recordava-se dos rapazes pelas notas, mais do que pela personalidade. Não faço ideia da nota que o Milk teve no exame do nono ano de Latim, mas recordo de facto um rapaz sossegado, com cabelo louro-escuro e uma franja brilhante. Previsivelmente, os outros rapazes chamavam-lhe Milky, ou o Miúdo da Tablete Milky, como no anúncio. Se o Darren Milk se sentia perturbado com isso, não o mostrava. Em vez disso, especializou-se no tipo de vingança discreta e partidas sorrateiras que, sem dúvida, provocaram a saída do infeliz Mr. Fentiman.

– Ele era um bocado brincalhão – prossegui. – Mas qualquer mestre do St. Oswald que não seja capaz de lidar com uma ou outra aranha na sua secretária não merece esse nome. – Lamentável, o pobre Fentiman. Não posso realmente dizer que o conhecesse de todo, exceto a breve conversa que tivemos à porta da sala dos professores no dia em que chegou.

– É o que dá contratar um homem de Oxford – disse o Eric. – Só esperam facilidades. Não têm experiência da vida real.

Essa era uma queixa regular do velho Scoones, que tendia a atribuir a sua falta de promoção ao facto de ter estudado na universidade de Leeds em vez de num lugar com prefeitos de chapéu de coco. Mesmo assim, acertou em cheio no caso do Fentiman, que optara por chegar no seu primeiro dia com um *blazer* e uma gravata do seu Colégio de Oxford, o que lhe valeu alguns comentários indecorosos entre os alunos do nono ano.

– Parece uma Henrietta, *sir*. Enganou-se no liceu?

– Ainda está a estudar para professor, *sir*? É uma espécie de intercâmbio entre escolas?

Os rapazes podem ser desapiedados por vezes, especialmente quando lhes cheira a fraqueza. A semelhança do novo mestre com um dos seus

arquirrivais deve ter funcionado como um desafio para os meus rapazes, que, de outro modo, provavelmente lhe teriam dado um prazo de uma semana para se instalar.

– E o King Henry? – perguntei, tentando aligeirar o estado de espírito do Eric. – Há gente nova interessante este ano?

O Eric bufou.

– Alguma – disse. – Incluindo uma mulher.

– Oh.

Era a Rebecca Buckfast, claro. Miss Price, devia ser na altura. Com vinte e três anos, olhos verde-jade e cabelo da cor de brasas. Quem me dera ter dado mais atenção àquela parte da conversa, mas na altura não poderia saber a sua importância. Limitei-me a encolher os ombros.

– Aquela substituição do período passado – prosseguiu o Eric, acendendo um *Gauloise*. Nunca fumava no trabalho. Pensava que o fazia parecer pouco profissional.

– Julguei que tinhas dito que ela não ia ficar. Deve ter mais que se lhe diga do que pensavas.

Fungou.

– Não posso dizer que tenha realmente reparado.

Suponho que devia ter adivinhado. O Eric estava a esconder-me alguma coisa. Tento imaginar o impacto que Miss Price deve ter tido no King Henry, sobressaindo como uma catatua num bando de pardais. *É claro* que ele deve ter reparado nela. Então, porquê fingir que não? Sob o seu exterior ríspido, o Eric era um bisbilhoteiro. E já tivera o período anterior para recolher mais do que o seu quinhão de escândalos, especulações e roupa suja. Porquê então aquela relutância em falar? Na altura, atribuí-a simplesmente ao seu feitio introvertido, mas, sabendo o que sei agora, parece que talvez houvesse algo mais naquilo.

Pergunto-me o que La Buckfast saberá. Pergunto-me se suspeitaria sequer. Pergunto-me se a sua relutância em chamar imediatamente a polícia terá alguma relação com...

Não. O seu irmão desapareceu há muitos anos. Há trinta e cinco. Há cento e cinco períodos escolares. O que, por acaso, é também precisamente o tempo

há que estou no St. Oswald, a seguir a um período de cinco anos numa escola menor em Leeds. Custa recordar-me assim tão jovem; a começar o meu primeiro período de aulas. Tudo era ao mesmo tempo familiar e estranho. A sala dos professores; a sala silenciosa; a sala da minha turma na Torre do Sino. As regras, que nunca seguira quando era aluno, mas que agora se esperava que impusesse diariamente. Os mestres mais velhos, alguns dos quais – como o capelão – me tinham até conhecido quando eu era miúdo.

Mas o Eric estava lá para me mostrar os cordelinhos; o Eric, o meu velho amigo de infância. O Eric, cuja feia vida secreta demorei trinta e cinco anos a descobrir. Nada foi alguma vez tornado público, e o Spikely – aquele rapaz perturbado, introvertido – não era uma testemunha fiável. Mesmo agora, dou comigo a pensar em maneiras de absolver o Eric. Nunca houve nenhuma prova. Com certeza um homem continua inocente até se provar culpado. No entanto, sei no meu íntimo que o Eric abusou do David Spikely e fugiu da escola quando o Harry Clarke foi vítima do mesmo tipo de escândalo.

E aqui estamos de novo, ele e eu, com mais um rapaz morto por explicar. Não um dos nossos, desta vez, claro. Mas posso *realmente* ter a certeza de que o Conrad Price não foi um dos *dele*?

Não, é impensável. No entanto, penso muito nisso. O Eric conduzia um *Austin Morris* verde a que se referia afetuosamente como *Bessie*, e que substituiu sem qualquer explicação durante o verão de 1971. O meu amigo poderia ter ido de carro ao King Henry em 9 de julho? A Rebecca Price suspeitaria que *ele* era o homem por trás da porta verde? E o que acontecera entre os dois no verão de 1989?



Liceu Masculino King Henry, 10 de abril de 1989

Bem, sim. Eu conhecia o Eric Scoones, pelo menos tanto quanto *conhecia* realmente alguém no King Henry. Contudo, quando cheguei ao St. Oswald no ano passado, ele não estabeleceu minimamente a relação com a jovem frágil que eu era quase vinte anos antes. Compreensivelmente, já que eu me reinventei mais do que a maior parte das mulheres: como mãe, como esposa, como viúva. Tenho consciência de que mudei desde então. O meu corpo ganhou formas. O meu cabelo foi domado. E aos vinte e três anos não tinha noção da frequência com que os homens se viravam para olharem para mim. Era mãe de uma criança de seis anos. Sentia-me muito madura para a idade. A verdade é que eu própria era uma criança. A Alice no fundo do buraco do coelho.

Cheguei ao meu novo posto às oito da manhã de segunda-feira, 10 de abril. Estacionei o meu velho *Mini* azul no parque de estacionamento do pessoal, entre os *Audis* e os *Jaguares*. Tomara mil cuidados com a minha indumentária. Fato de calças e casaco azul-escuro; camisa branca de seda; o cabelo apanhado num coque. Na Sunnybank, os professores usavam o que quisessem, o que, na maior parte dos casos, significava calças de ganga e camisas informais. Sabia que no King Henry seria julgada por todas as pequenas coisas que pudessem encontrar para usar contra mim. A minha pasta de executivo vermelha era nova, um presente de anos antecipado do Dominic, que recebera a revelação de que eu não comemorava aniversários com um misto de compaixão e incredulidade. É claro, ele ainda não tinha conhecido os meus pais. Nem eles tinham mostrado nenhum interesse por ele nas poucas ocasiões em que o mencionara. Mas o seu presente foi o primeiro que tive desde o dia em que o Conrad desapareceu, e, embora não pudesse deixar de ver a similaridade entre a minha nova pasta de executivo e aquela pequena pasta vermelha de há tantos anos, tomei-a como um gesto de reconciliação; um sinal de que, a despeito dos seus princípios, o Dominic queria que eu fosse bem-sucedida no King Henry.

O liceu é um edifício bonito, construído segundo linhas bastante grandiosas. Uma avenida de cerejeiras, agora a começarem a florir, conduz os visitantes do portão de ferro forjado até ao edifício principal. Um lanço de escadas largo em curva leva à entrada principal, reservada aos visitantes e ao pessoal. Duas entradas laterais para os rapazes; uma à esquerda para o Segundo e o Terceiro Ciclos, outra à direita para o Secundário. Um breve lanço de escadas liga ao vestiário no piso inferior. Era onde por vezes esperava pelo Conrad quando saía da escola. A minha escola – o seu nome era Chapel Lane – ficava perto, ao fundo da rua, por trás de umas árvores. As minhas aulas terminavam dez minutos antes das do Conrad, portanto, no fim das aulas eu percorria as poucas centenas de metros ao longo da estrada até ao King Henry para ir ao encontro dele. Entrava pela porta dos alunos, descia ao vestiário e esperava pelo meu irmão junto ao seu cacifo, depois do que ele me levava para casa antes de sair de novo com os amigos.

Lembrava-me dos amigos do Conrad: o Fatty, o Mod e o Milky. Andavam sempre juntos na escola, no recreio do parque, junto à linha férrea ou no terreno baldio a que as pessoas chamavam as Minas de Caulino. Os nossos pais não gostavam muito deles – os pais do Milky eram divorciados, o Fatty era muito pouco atlético (o meu pai, especialmente, desaprovava-o) e o Mod era, o pior de tudo, *de cor* – mas nunca ninguém fora suficientemente bom para o Conrad aos olhos deles. Para os meus pais, ele era sempre o inocente, desviado para maus caminhos por outros. Demasiado bom para este mundo. Demasiado bom fosse para quem fosse.

Não sei o que me impeliu a entrar no vestiário naquele primeiro dia. Talvez quisesse ver o que tinha mudado. Talvez ainda acreditasse, depois de todo aquele tempo, que poderia recordar algo de novo. A memória é um lugar de areias movediças, inçada de trepadeiras. No entanto, por vezes ainda se consegue encontrar o caminho para um lugar quase esquecido. Os cheiros podem por vezes ajudar; e os sons. No meu caso, são especialmente os cheiros e os sons.

Passei pela entrada principal e entrei pela porta lateral. Uma rajada forte do vento de abril fechou a porta atrás de mim. O corredor estava desimpedido; reconheci um cheiro familiar a madeira velha e cera de móveis. O vestiário do Terceiro Ciclo ficava à esquerda, ao fundo de um pequeno lanço de escadas. Comecei a descer os degraus e uma rajada de sons veio lá de baixo.

O vestiário tinha um pé-direito alto, que fazia reverberar o ruído. E havia rapazes por toda a parte, a subir e a descer os degraus. Um mestre de batina preta tentava manter a ordem.

– Mantenham-se à esquerda! Mantenham-se *à esquerda*!

É claro que ainda não conhecia o Scoones nessa altura. E, é claro, ele era mais novo. Mas o Roy tê-lo-ia reconhecido. O tom vermelhusco da sua pele, a voz atroadora. Os olhos como lascas de mica. Os rapazes nunca tiveram muito respeito por ele, nem sequer na sala de aulas, e aqui, nos degraus que davam para o vestiário, ele não tinha realmente hipótese nenhuma.

– Tu, ó rapaz com a gravata da Murray House! *Eu* vi isso! Quem é o teu diretor de turma?

Claro que eu não o sabia nessa altura, mas o Scoones nunca se dava ao trabalho de aprender o nome dos rapazes. Em vez disso, fixava-se em pormenores partilhados por dúzias deles – se não mesmo por centenas. Gravatas diferentes; óculos; cores dos *blazers*; batinas dos prefeitos. Por conseguinte, não surpreendia que os seus acessos breves e violentos fossem geralmente ignorados.

– Tu, ó rapaz de cabelo ruivo! Porque não trazes a gravata do liceu?

Fitei-o. O mestre estava a olhar-me furioso da zona dos cacifos. Por trás dele, a luz do sol daquela manhã fresca incidia em ângulo numa faixa de tijolos de vidro perto do teto. Recordei aquela luz submarina a filtrar-se do topo da sala e dos pés de quem passava, fantasmagórica através do vidro martelado.

– Bem? – disse o Scoones. – Onde é que está a tua gravata?

Demorei um momento a compreender, primeiro, que estava a falar comigo, e segundo, que, à luz ténue das escadas, a combinação do meu fato de calças e casaco e camisa branca poderia ter parecido o uniforme dos rapazes.

– Estou a falar *contigo*, rapaz! – berrou o Scoones. Nessa altura, já vários dos rapazes nas escadas à minha volta tinham compreendido o equívoco do mestre. As risadas troavam no ar.

– *Sir*, não é um rapaz, *sir*!

– Não sabe ver a diferença?

Mais risos trocistas. Não eram, de modo geral, dirigidos a mim, mas fui arrastada para eles, de qualquer modo. Rebentavam contra mim como ondas do oceano. Troçavam de mim na voz do meu irmão. O Scoones deu meia dúzia de passos furiosos e defrontou-me nas escadas. Longe de parecer arrependido, o seu rosto estava congestionado com fúria.

– O que diabo está a fazer aqui? – berrou perante o meu ar de consternação.
– Isto não é um acesso! Os visitantes usam a entrada *principal*!

Consegui gaguejar alguma coisa sobre querer dar uma vista de olhos. Aquilo pareceu enfurecê-lo ainda mais, e a sua voz, já atroadora, deu a impressão de encher todo o edifício. Por um momento, tive de novo cinco anos e estava na barriga da baleia, com a voz de Mr. Smallface a ribombar pelos canos.

– Isto é uma escola, minha senhora, não um jardim zoológico! Vá à entrada principal e pergunte pela secretária do liceu!

Sim, deve parecer impossível imaginar-me com medo do Scoones. Mas, Straitley, eu era muito jovem. Não estava preparada para aquilo. E o cheiro, o cheiro do vestiário – lixívia e botas de futebol e rapazes, assim como o cheiro subjacente de algo muito mais sinistro – era tal qual como naquela tarde, no dia dos meus anos, no dia em que o Conrad desapareceu; no dia que eu nunca conseguia recordar.

Virei-me e fugi por entre nova vaga de gargalhadas ruidosas, juvenis, e perguntei-me – não pela última vez – se aceitar aquele lugar não fora um erro terrível.



~~Lieu Masculino~~ Academia de St. Oswald

Primeiro período, 5 de setembro de 2006

A primeira coisa que fiz neste primeiro dia do primeiro período foi verificar o local de construção do Edifício Gunderson. Nada ali tinha sido tocado; excetuando o facto de o buraco na vedação de arame ter sido remendado com um arame grosso. Olhando através da rede, penso que consigo avistar a trouxa que, para quem tenha uma imaginação fértil, poderia talvez parecer um corpo. Desde ontem, a semelhança parece ter-se tornado menos vincada. Talvez se deva a que ontem foi um dia de neblina e hoje é um dia de sol brilhante. À luz do sol, tudo parece melhor. A sombra ominosa contra a parede que se parecia tanto com um monstro agora tem um ar muito mais inócuo. De facto, parece mais provável hoje que a trouxa de farrapos e paus junto à piscina não seja de facto mais do que trapos e paus, e que o velho crachá do King Henry só se encontrasse ali por coincidência. Não há sinal de que a polícia tenha estado aqui. Por outro lado, porque havia de ter estado? La Buckfast tem uma história a contar e eu prometi escutá-la. Talvez ela chame a polícia esta noite. Talvez a chame amanhã. De qualquer modo, a prova já se encontra ali há muito tempo. O que quer que seja, com certeza sobreviverá por mais um ou dois dias.

O que deveria dizer aos meus Brodie Boys? É claro, estão na escola hoje. Mas duvido que vá haver tempo para conversas demoradas. O primeiro dia de um novo período é sempre um tempo de perturbação, e agora que os nossos portões foram abertos a raparigas, a possibilidade de um *Gauloise* calmo antes da aula ou de uma chávena de chá sem pressas durante a chamada está drasticamente reduzida.

Felizmente, as novas turmas não são mistas. A Kitty Teague, a chefe do Departamento de Francês, está encarregada de uma turma inteiramente constituída por raparigas, enquanto eu tenho a cargo a parte masculina. Segundo a nova reitora, estudos académicos fidedignos indicam que as

raparigas têm um desempenho melhor em turmas não-mistas, enquanto a um nível mais social os rapazes podem beneficiar do efeito civilizador das raparigas. O nosso sistema está concebido para aproveitar ambos, assim como dar ao liceu um influxo muito necessário de novo sangue – e, claro, as propinas adicionais servirão para tirar o velho navio dos rochedos nos quais se encontra atualmente encalhado.

Mesmo assim, não altera o que sinto. Gostamos do que gostamos, independentemente das circunstâncias. O Harry Clarke ensinou-me isso, e, embora a probabilidade de sobrevivência do St. Oswald possa ter melhorado substancialmente com esta injeção de novo talento, dou comigo a não ser capaz de aderir à mudança de alma e coração. *Ad astra per aspera*. A estrada pedregosa conduz às estrelas. E se esses pedregulhos se revelarem demasiado grandes, o capitão deveria afundar-se com o seu navio.

Não que eu *seja* o capitão, claro. Ainda sou o moço do convés, agora com barba, grisalho e velho, como um marinheiro sujeito a uma maldição, condenado a navegar para sempre sob a mesma velha bandeira esfarrapada. À hora do almoço, sentado com a minha turma, a corrigir uns testes de Gramática e a comer uma sanduíche de queijo e fiambre, vi o Allen-Jones espreitar à porta. Vi que queria falar comigo, mas o protocolo do liceu dita que eu devia convidá-lo a entrar. Fiz um sorriso a mandá-lo embora e voltei para a correção dos testes na esperança de que isso lhe bastasse. Mas o Allen-Jones não é do tipo de compreender uma indireta. Ficou ali mais um momento e a seguir bateu à porta e entrou, parecendo ao mesmo tempo ansioso e decidido.

Ergui os olhos dos testes mais uma vez.

– *Sir*, tem alguma notícia? – disse ele.

Lancei-lhe um olhar interrogativo.

– Notícia?

– Notícia – repetiu ele. – Do... sabe. Do câ ô érre pê... – Apontou para os meus alunos do oitavo ano, sentados na sala em grupos. Alguns estavam a comer o almoço que tinham trazido de casa. Outros estavam a jogar xadrez ou às cartas ou a ler. Reparei com um ligeiro baque que a secretária que anteriormente era do Allen-Jones estava ocupada por um rapaz sem traços distintivos chamado Tebbitt ou Tibbett (não fixo o nome dos rapazes no

primeiro dia de aulas tão bem como costumava), que estava a comer pensativamente *Hula Hoops* e a ler um exemplar em mau estado da revista *Viz*.

– Ah. Isso – disse ao Allen-Jones, afivelando o meu sorriso mais senatorial.

– Está atualmente a ser tratado por... hum... pelas autoridades relevantes, obrigado.

Olhou para mim.

– Comunicou o sucedido, *sir*? O que é que disseram? Foi...? Sabe. – Baixou a voz. – Foi o que pensámos que era?

– Isso não posso dizer-te no momento presente – respondi, escolhendo as minhas palavras muito cuidadosamente. – O tempo dirá. Testes, e coisas que tais. Obrigado por teres vindo ter comigo, mas penso que agora é melhor que tu e os outros não discutam o assunto, nem sequer entre vós. – Deixei o meu olhar regressar aos alunos do oitavo ano agrupados pela sala. – Não queremos problemas nas fileiras.

Acenou com a cabeça, com ar insatisfeito, e voltei para a correção dos testes. Detestava mostrar-me assim tão desdenhoso, mas não queria envolver-me numa conversa. O Allen-Jones pode ser fraco no que concerne à gramática latina, mas é extraordinariamente esperto no que diz respeito a avaliar as pessoas. Não tenho a certeza se ele compreenderia porque me sinto tão relutante em agir; ou por que motivo a situação necessita de ser tratada com tanto cuidado.

– *Sir*, há mais uma coisa – disse ele, baixando um pouco mais a voz.

Suspirei e ergui os olhos dos testes que estava a corrigir.

– Tem a ver com o Ben – disse o Allen-Jones.

– O que tem ela?

– A questão é essa. – O Allen-Jones estava a olhar para mim. – Lembra-se de quando vim ter consigo e lhe disse que era *gay*, *sir*? Não me perguntou como é que eu sabia. Só me perguntou se achava que ia interferir com o meu Latim.

Assenti. Lembrava-me bem. A verdade é que nunca me senti inteiramente à vontade com questões de sexualidade. Por mim, quanto menos se disser sobre o assunto, melhor.

– Estás a dizer-me que *ela* é gay?

O Allen-Jones abanou a cabeça. A sua expressão era a de quando estava a debater-se com uma expressão latina difícil.

– Então o quê? – Sentia-me genuinamente perplexo. Não me teria surpreendido. O cabelo curto, os modos bruscos, a recusa terminante de usar saias. Os jovens de hoje são muito mais complicados do que pareciam ser nos velhos tempos. Dick e Jane. Janet e John. Tranças e cachorrinhos. Uma pessoa nunca tinha de se perguntar quem era o quê ou porque assim era. Quando eu era rapaz, as raparigas bem poderiam ser visitantes de um mundo diferente.

– O que é que a Ben quer dizer-me? – perguntei. – E porque é que não mo diz ela própria? – O Allen-Jones olhou para mim. Os seus olhos azuis tinham uma expressão muito séria.

– Ele anda a dizer, *sir*. Anda a dizer-lhe desde que veio para cá. A dizer-nos a todos quem ele *realmente* é. E quando as pessoas nos dizem quem são, devíamos realmente ouvi-las.

*

Depois de o Allen-Jones se retirar, pus-me a pensar no que me tinha dito. Não era a primeira vez que ouvia falar de um aluno a reclamar-se do sexo oposto, mas esta era a primeira vez que acontecia com um dos meus. Tenho a certeza de que, há vinte anos, teria arredado uma declaração dessas sem pensar duas vezes. Mesmo agora, tenho consciência de que sou um dos da Velha Guarda: carregado com os preconceitos da minha geração. No entanto, um professor de Clássicas *deveria* estar ciente do conceito de metamorfose. Talvez isto passe. Espero que sim – com certeza qualquer criança deve querer ser como as outras crianças. Mas a Ben nunca foi como as outras crianças; e, tal como o Allen-Jones, parece conhecer-se melhor do que a maioria. *Quando as pessoas nos dizem quem são, devíamos realmente ouvi-las*. Poderia ser o Harry Clarke a falar: essa ideia encheu-me com uma melancolia pungente e inesperada. O Harry esforçou-se tanto por ser ele próprio. Mas quando os nossos amigos nos dizem quem são, alguma vez os ouvimos *realmente*? Suspirei e estendi a mão para a gaveta para pegar no caramelo de alcaçuz. Quem me dera poder acreditar que esta questão essencialmente pastoral, assim como os restos mortais junto à piscina Gunderson, pudesse ser tratada

de modo rápido e segundo os procedimentos corretos. Mas este período já parece estar cheio de desafios peculiares. Levei a mão ao bolso e dei com o velho crachá de prefeito do King Henry, lavado agora de terra, e a começar a brilhar de novo por ser muito manuseado. Uma espécie de sinal de pontuação no reverso do escudo pintado indicava onde o alfinete se partira. Passei o polegar pensativamente no metal áspero, a perguntar-me se acabaria por se revelar um ponto final, dois pontos ou talvez uma elipse. Algo tinha de ser feito, pensei. Um rapaz está morto. Não um dos nossos, e há muito tempo – mas isso não deveria afetar a maneira como lidamos com o seu homicídio.

Esta noite falarei com La Buckfast. Explicar-lhe-ei que, venha o que vier a seguir, temos de informar as autoridades. E, no entanto, quero ouvir a sua história. Quero saber o que aconteceu naquele ano, no King Henry, com o meu amigo Eric Scoones. É claro que não existe ainda nem um indício de que o Scoones tivesse sequer noção da existência do rapaz. Talvez eu esteja a reagir a meras sombras. E talvez o encanto indubitável de La Buckfast me esteja a levar por um caminho perigoso. *Entra aqui na minha teia...*

Não: seja o que for que me conte, tenho de falar com ela esta noite. Esta noite...

Talvez amanhã.



St. Oswald, 6 de setembro de 2006

A minha plateia de um só espectador está irrequieta hoje. Vi-o no intervalo nos campos de jogos, ostensivamente a impedir que os alunos se aproximassem do local de construção, com a sua batina preta a esvoaçar ao vento. Parecia um triste corvo de cemitério. Tentou marcar outro encontro comigo através da minha secretária, depois das aulas, mas eu já tinha duas horas de reuniões com o tesoureiro e os novos chefes de ano, e, por conseguinte, não podia dizer com certeza quando estaria disponível. No entanto, ele esperou no corredor cerca de uma hora e por fim desistiu. O som dos seus passos pelo corredor ecoavam como as correntes de um prisioneiro.

O Straitley não parece nada bem ultimamente. O novo regime não se lhe adequa. Com a sua velha batina preta e o seu fato manchado de pó de giz, parece o último pedaço de pele morta deixado numa ferida a sarar rapidamente. O novo pessoal não usa batina, claro. A velha guarda – o que resta dela – fez um esforço para mudar com os tempos. Só o Straitley se agarra teimosamente aos acessórios e aos métodos do passado. Pergunto-me quanto tempo pensa que pode aguentar na sua tentativa inútil de conter a maré. Mas compareceu ao nosso encontro às cinco e meia em ponto ontem. Servi-lhe um café e retomei a minha história.

– Eu não tinha começado bem – disse. – Tinha-me embaraçado e humilhei um elemento do pessoal docente do King Henry. O doutor Scoones não era do tipo de se rir do seu erro e seguir em frente, portanto o ambiente já estava bastante tenso ainda antes de eu começar a trabalhar. Se estivéssemos no St. Oswald, talvez eu arranjasse maneira de o evitar, mas o King Henry não é como o St. Oswald, onde as salas de aulas são como ilhas, postas num mar de rapazes. O King Henry era dirigido segundo linhas formais, quase militares, com uma reunião com o reitor na sala dos professores todas as manhãs e um programa formal de mentoria para a integração de novos elementos.

Segundo esse sistema inadequadamente designado como Amiguinhos, os membros do departamento que não fossem diretores de turma seriam o primeiro ponto de contacto de quaisquer novos membros do pessoal docente. Pode adivinhar o que aconteceu a seguir. Eu era um novo membro do pessoal docente. O doutor Scoones não era diretor de nenhuma turma. Foi assim que dei comigo emparelhada com o Eric Scoones como meu mentor. Se tivesse um problema, devia levá-lo ao Scoones. Se precisasse de um conselho, o Scoones. Se alguém apresentasse uma queixa, o Scoones.

– Estou a ver. Não pode ter sido fácil.

Deve saber isso: era amigo dele. Mas eu era tudo o que o Roy não era. Jovem; inexperiente; mulher. Isso, mais do que qualquer outra coisa, penso eu, enfurecia-o. A expressão «solteiro empedernido» foi criada para o Eric Scoones. É claro que naqueles tempos nunca me teria passado pela cabeça fazer perguntas ou sequer pensar sobre a vida sexual de um colega. E, aos meus olhos, o Scoones já parecia um velho. Começava a ficar grisalho. Os seus modos eram patriarcais, entre a condescendência e a crítica declarada. A sua rigidez, a sua formalidade pareciam pertencer a outra era. E, tal como os outros professores do King Henry, usava a batina académica por cima do fato cinzento-escuro e da gravata da sua Universidade. Mais tarde, eu acabaria por pensar que toda aquela pose era simplesmente uma maneira de ocultar a sua insegurança muito real (a universidade era a de Leeds, afinal), mas naquela época achava-o não só aterrador, como também monstruoso.

Eu não tinha batina académica. No King Henry, contudo, a batina era mais ou menos obrigatória. Até os prefeitos a usavam na assembleia e para desempenharem os seus deveres. Sem a batina, arriscava-me a ser confundida com um aluno – ou, pior ainda, a ser tomada por uma das secretárias do liceu. O Scoones explicou-me tudo isto em tons glaciais na nossa primeira «reunião de amiguinhos» nessa manhã, na sala dos professores, enquanto os alunos estavam reunidos em assembleia.

Não fez mais nenhuma referência à sua cena no vestiário. De certa maneira, tornou pior o que se passara; parecia pressupor que eu o ignoraria. Limitou-se a apresentar-se, daquela maneira rígida e formal que usava sempre; apertou-me a mão (só um aperto seco) e a seguir disparou-me num tom monocórdico a rajada de informações que contava como a minha iniciação.

– As atividades começam às oito horas, com as instruções do reitor. Chamada, às oito e trinta para o pessoal docente encarregado de uma turma. Das oito e quarenta às nove, assembleia. Durante esse tempo, estarei ao dispor para abordar quaisquer questões ou preocupações. O chefe do Departamento é o doutor Sinclair, mas, como ele tem uma direção de turma, a colega dirigirá as suas questões a mim tanto quanto possível. Todas as sextas-feiras passaremos em revista os seus progressos. Este – passou-me para as mãos uma folha impressa em tinta roxa – é o seu horário. Sempre que possível, assistirei às suas aulas, tanto quanto o meu horário o permita.

– Oh – disse eu, num tom bastante débil.

Fixou-me com o seu olhar aquoso. O Scoones dava sempre a impressão de estar a descascar cebolas. Suspeito que deveria usar óculos, mas não queria ser julgado, de algum modo. O resultado era um olhar semicerrado, peculiar, derivado principalmente da miopia.

– Suponho que *tem* os planos de aulas?

Abri a minha pasta de executivo vermelha. Via que lhe parecia infantil, no seu mundo masculino monocromático. Os meus apontamentos das aulas estavam escritos cuidadosamente num bloco em espiral novo.

– Oh não, oh não – disse o Eric Scoones. (Era algo que ele dizia com bastante frequência.) – Não recebeu o seu exemplar do Livro?

O Livro, fiquei a saber, era uma série de planos de aulas do Departamento, destinados a garantir uma transição sem sobressaltos de um mestre para outro, sem dar azo a que coisas perigosas como o estilo pessoal viessem à tona. Escrito mais de dez anos antes pelo atual chefe de departamento, concentrava-se na gramática, na ortografia e nos resumos, e fora concebido para ser compatível com o currículo definido pela Comissão de Exames de Oxford e Cambridge quando eu ainda estava na barriga da minha mãe.

– Se tivesse chegado no *início* do ano letivo, ter-lhe-ia sido fornecido o seu próprio exemplar. – O seu tom de voz dava a entender que também isso era culpa minha. – De qualquer maneira, terá bastante tempo durante as férias de verão para ficar a conhecê-lo devidamente.

Assim foram os meus cuidados planos de aulas, com os seus jogos e atividades lúdicas, rapidamente despachados pelo Eric Scoones, que lhes

lançou um olhar sumário e a seguir suspirou e tirou uma capa de argolas da sua pasta de couro preta. A capa (que também era preta) estava etiquetada com PLANOS DE AULAS DO DEPARTAMENTO.

– Este é o meu exemplar pessoal – disse o Scoones. – Pode usá-lo por agora.

Abri a capa, que estava cheia de folhas mimeografadas. Reconheci a mesma tinta de cor roxa do meu horário. Reparei que o manual que o meu irmão usara ainda era o vigente. *Simpler French Course*, de Whitmarsh – com a sua distintiva capa cor de laranja e preta. Lembrava-me muito bem dele. O Conrad passara muitos serões a suspirar debruçado sobre o seu conteúdo.

– Oh – repeti, sem saber bem o que mais dizer. – Obrigada.

No fim do livro havia uma pasta cheia de fichas de trabalho, em tinta roxa e em papel de reprografia.

– Essas são as suas matrizes – disse o Eric Scoones. – Não pode fazer cópias sem autorização. A máquina Banda encontra-se na sala dos professores do Departamento. Vai ter de chegar cedo.

Ouvira falar dessas máquinas de reprografia, mas nunca tinha usado nenhuma. A maior parte das escolas avançara já para métodos menos complicados. Até a Sunnybank Park tinha uma máquina fotocopiadora na sala dos professores.

– Não tenho a certeza se sei usar essa máquina – disse eu.

O Scoones soltou o ar por entre os dentes.

– É melhor aprender, então, não é? Vá lá – disse. – Falta um quarto de hora. As aulas aqui começam a horas.



Liceu Masculino King Henry, 10 de abril de 1989

A sala dos professores do departamento situava-se no corredor do Terceiro Ciclo, onde o Departamento de Línguas tinha as suas salas. Era um pequeno gabinete, com quatro secretárias, dois cadeirões, um telefone na parede e ao canto uma peça que deduzi ser a máquina Banda. Era uma coisa primitiva, constituída por uma espécie de rolo de metal que se fazia girar por meio de uma manivela de metal, e com um tabuleiro em que se colocava o papel. Uma espécie de grelha servia para proteger o papel do mecanismo. À luz do sol, parecia arreganhar os dentes, como a grelha de um carro a aproximar-se.

Essas são as suas matrizes, dissera o Scoones. Compreendi que as folhas cobertas de tinta deveriam ser fixadas ao rolo de algum modo, onde o que estava impresso na matriz seria transferido para as folhas em branco. Selecionei uma ficha de trabalho marcada como *Décimo Ano* e fixei a matriz no seu lugar. Experimentei dar à manivela. A folha impressa disparou de baixo do rolo e aterrou no chão. As letras – que estavam esborratadas e bastante ténues – saíram no mesmo tom de roxo bilioso. Tentei mais uma folha, que se amarrotou e ficou encravada por baixo da borda do rolo. Alisei a matriz e tentei de novo, a sentir aquele cheiro característico a tinta, metal e solvente.

A manivela rodou. O rolo retiniu. Soava como um brinquedo de corda. As páginas impressas dispararam uma a uma, aterrando à sorte no chão. Baixei-me para as recolher e fiquei com as mãos manchadas de tinta roxa.

– *Porra!* – exclamei, no momento em que a porta se abriu, revelando um homem grisalho com uma batina doutoral e uma expressão de distinta reprovação no rosto. Não comentou o meu desabafo, mas o meu rosto ficou em chamas.

– Deve ser Miss Price – disse ele.

Emiti um som sem sentido e recolhi o resto dos meus papéis.

– Sou o doutor Sinclair. Chefe de Francês. O Scoones deve tê-la posto a par do necessário. Exemplar do Livro, e tudo o resto. – Olhou para as minhas mãos manchadas de tinta. – Vejo que descobriu como funciona a máquina Banda.

Voltei a acenar com a cabeça.

– Sim, obrigada.

– Muito bem. – Olhou-me friamente. – Lamento, mas não há casas de banho para senhoras no King Henry. Vai ter de pedir a chave da casa de banho para deficientes à secretária do liceu.

– Tenho a certeza de que servirá bem – disse eu.

– Mais uma coisa. – Olhou-me de alto a baixo. – As senhoras no King Henry, regra geral, não usam calças. Temos um código de indumentária formal aqui: fatos para os cavalheiros; um fato de saia e casaco ou vestido para as senhoras.

– Oh – disse eu, bastante desanimada. O fato de calças e casaco custara bastante mais do que costumava gastar em roupas: supusera que contaria como indumentária formal. Queria protestar, mas havia algo no Sinclair que era intimidativo, apesar dos seus modos calmos. Talvez fosse a batina que usava ou o seu ar de autoridade natural. Era professor no King Henry há mais de trinta anos; fazia praticamente parte da mobília. Tentei imaginar a sensação que daria ter esse tipo de autoconfiança. Em vez disso, senti um nó na garganta; uma ardência alarmante nos olhos.

O Sinclair prosseguiu sem parecer reparar na minha expressão.

– Qualquer problema com os rapazes, basta dizer ao Scoones. Ele resolve a questão. É um bom sujeito, o Scoones. Sabe o que faz. Vai pô-la ao corrente do procedimento dos castigos e tudo o mais.

– Não vou ter problema nenhum – disse eu.

A sua expressão era polidamente incrédula. Suponho que, no seu mundo, uma professora – especialmente uma mulher assim tão jovem – teria inevitavelmente problemas com os rapazes.

– Bem, se tiver, fale com o Scoones – disse ele, e saiu num rodopio de vestes debruadas a escarlate.

Ordenei as folhas amarrotadas com mãos que tremiam um pouco.

Não pertenço aqui, disse para comigo. Que diabo me deu para pensar que poderia alguma vez dar aulas aqui?

Pensei no currículo do liceu, enfiado na capa preta. No Sinclair e nas suas vestes doutorais. Na máquina Banda, com a sua grelha de dentes arreganhados. No Scoones a dizer: *Essas são as suas matrizes*. E, com essa recordação, veio outra, mais distante. A voz do Conrad, a atravessar os anos; fumo negro transportado pelo vento.

«O nome do meu professor de Francês é doutor Sinclair.» A voz do Conrad estava muito perto. *«É super-severo, mas é fixe. O meu professor de Clássicas é o capelão. Mr. Farrelly, Râguebi. Depois, há Miss Macleod, de Teatro. Parece-se um bocado com a Diana Rigg.»*

Aos quatro anos, eu não fazia ideia do aspeto que tinha a Diana Rigg. Mas recordava a voz do meu irmão; o seu tom subjacente não muito agradável. Então, o Conrad devia ter conhecido o Sinclair? Que estranho. Pensava que me tinha esquecido. Que outras coisas poderia recordar no decurso das duas semanas seguintes? Que pensamentos enterrados, que memórias?

É só por três meses, pensei. Três meses, e vais poder voltar a respirar. Três meses, e terás as férias de verão todas para...

Para fazer o quê? Para me preparar?

Para escapar?

Os meus pensamentos foram interrompidos pelo som da campainha do liceu a anunciar o início das aulas, trazendo consigo recordações de mim própria aos cinco anos, à espera na lista de luz aos pés do cacifo do Conrad. Peguei na minha pasta e nas fichas de trabalho e dirigi-me para o corredor, onde a campainha soava ainda mais alta. Uma simples sineta com badalo, acionada eletronicamente. O seu ruído era incessante. Os alunos já estavam a perfilar-se junto às respetivas salas de aula. Alguns tapavam os ouvidos com as mãos. Por fim, a campainha parou, e dirigi-me para a minha primeira aula: uma aula de Francês do décimo ano, *Four Upper*, na sala 14, no corredor do Terceiro Ciclo.

Não dei com ela à primeira, porque os rapazes em fila à porta pareciam demasiado novos. Verifiquei de novo a minha capa preta e descobri que no

King Henry *Four Upper* é o que chamam ao nono ano. Mais uma excentricidade, como o uso de batinas, destinado a fazer as pessoas de fora sentirem-se desadequadas.

Os rapazes estavam perfilados em silêncio no lado esquerdo da porta. Num silêncio algo excessivo, pensei: o silêncio dos adolescentes está usualmente ligado à incerteza. Mal se sentissem de novo em terreno firme, a balbúrdia começaria. O truque sempre foi identificar os agitadores e neutralizar qualquer mau comportamento antes de se tornar perturbador da ordem.

Segui os rapazes para dentro da sala. Contei trinta e um; na capa preta vi os seus nomes. A sala era um espaço relativamente pequeno em L, com uma série de janelas viradas a leste. A luz dourada do sol entrava pelas vidraças, incidindo na poeira no ar. A secretária do professor ficava numa espécie de estrado. Por cima da porta estavam pendurados a sineta da sala e um calendário antiquado. As carteiras dispunham-se em filas de seis, exceto a de trás, que se estendia até ao canto. Reparei que um rapaz louro com o crachá de prefeito escolheu uma carteira na ponta da fila de trás e tomei nota dele. A fila de trás é tradicionalmente o domínio dos agitadores, e este rapaz tinha um ar impudente – um andar ligeiramente apalhaçado, um sorriso que sugeria alguma espécie de hilaridade interior – que me disse que ele poderia ser quem conduziria a turma à balbúrdia.

Os rapazes mantiveram-se de pé quando entrei. Outra tradição do King Henry. Disse-lhes:

– Por favor, sentem-se. O meu nome é Miss Price. Vou dar aulas à vossa turma.

O rapaz louro na fila de trás disse:

– Asda Price⁵.

Alastrou um murmúrio entre os rapazes. Eu já sabia. Aquele rapaz louro ia dar problemas. O seu cabelo, à luz do sol matinal, tinha um brilho quase ofuscante. Tentei ver-lhe o rosto, mas o sol desbotava os seus traços particulares; parecia a sombra de um rapaz refletida numa folha de papel metálico.

– É a professora nova, *miss*? – disse um rapaz. – Ou é só mais uma substituição?

– Que carro conduz? – disse outro.

– Um *Mini* – disse um terceiro, e sorriu trocista.

Eu disse:

– Vou precisar de aprender os vossos nomes. Por favor, escrevam-no num papel e ponham-no na parte da frente da vossa carteira. – Distribuí folhas. Os rapazes aproveitaram a oportunidade para começar a falar entre si. Senti as faces começarem a arder: mesmo assim tão cedo, a sala de aulas já estava quente. – Nada de conversas, por favor – avisei. O ruído diminuiu um pouco. Só o rapaz louro na fila de trás pareceu não me ter ouvido. Em vez de obedecer, sorriu e começou a dobrar a sua folha na forma de um avião. – Vamos lá deixar-nos disso – disse eu.

O sorriso trocista do rapaz ficou ainda mais rasgado. À sua volta, os outros rapazes tinham recomeçado a conversar entre si. Vários estavam a fazer desenhos na folha em que deveriam escrever o nome. Daí a um momento, haveria um verdadeiro motim.

– Tu aí atrás. Como te chamas? – perguntei num tom ríspido, dirigindo-me ao rapaz louro.

O rapaz à frente dele ergueu a cabeça.

– Persimmon, *miss*.

– Não é a ti que me refiro – disse eu.

O Persimmon fingiu-se perplexo. Tinha um rosto largo e cómico e o hábito de se estender sobre a carteira, como uma foca preguiçosa num rochedo liso. Atrás dele, o rapaz louro olhou-me nos olhos, descarado, com um sorriso trocista e triunfal.

– Ora bem. Vamos tentar isto outra vez – disse eu, tentando soar autoconfiante. – Todos de pé. Em silêncio. – Os rapazes puseram-se de pé, bastante ruidosamente, a sorrirem uns para os outros. – Vamos esperar até ficarem todos em silêncio – disse eu. Era uma técnica que resultara bastante bem na Sunnybank Park; mas, por outro lado, na Sunnybank Park sempre me sentira como professora. Aqui, era algo diferente. Alguém que conduzia um *Mini* em vez de um *Audi* ou um *Jaguar*. Alguém que nem sequer sabia que devia usar-se uma batina académica nas assembleias e que as senhoras usavam fato de saia e casaco ou vestido.

– Asda Price – repetiu o Persimmon, batendo no bolso das suas calças como a mulher no anúncio do supermercado.

– O que é que disseste?

– Sim, Miss Price – disse o Persimmon inocentemente, voltando a bater no bolso traseiro das calças. Os rapazes que o ladeavam sorriram, trocistas. O rapaz na fila de trás saltava e dançava como o maestro de uma orquestra louca.

– Sim, Miss Price – disse o resto da turma, todos a baterem no bolso em unísono. Uma vaga de gargalhadas perpassou o grupo, uma vaga que não tardou a tornar-se uma grande onda.

Na fila de trás, o rapaz louro estava em paroxismos de riso, a pender meio dentro meio fora da sua cadeira. Havia algo estranhamente familiar na maneira como se movia, pensei. Embora o sol estivesse demasiado forte para lhe ver bem as feições, havia algo no seu sorriso que achei profundamente perturbador.

– Tu aí atrás... para com isso... *senta-te!* – A voz saiu-me mais aguda do que pensara; soava quase perto das lágrimas.

A turma ficou subitamente em silêncio, mas não devido às minhas palavras. A porta de vidro martelado da sala de aula tinha-se aberto e vi o Eric Scoones à entrada.

– Mas que diabo é que se está a passar? – berrou o Scoones na sua voz do vestiário.

Os rapazes tinham-se posto de pé quando ele entrou e mantinham-se agora em silêncio, hirtos como soldadinhos de chumbo.

O Scoones prosseguiu:

– Conseguia ouvi-los até no meu gabinete!

Os rapazes ficaram ali de pé em silêncio, de cabeças baixas como se isso os tornasse invisíveis. Disse ao Scoones:

– Eu trato disto, obrigada.

O Scoones ignorou-me completamente.

– Mais um ruído que seja desta sala – afirmou – e vão *todos* ficar de castigo no intervalo. Está compreendido?

– Sim, *sir*.

– Não vos ouvi! – disse o Scoones.

– *Sim, sir*.

– É bom que assim seja – disse o Scoones, e voltou a sair sem me ter dirigido uma palavra ou ter sequer reconhecido a minha presença. Por um momento, fiquei ali em silêncio, a sentir o meu embaraço transformar-se numa raiva sem palavras. *Como é que o homem se atreve! Como se atreve!* Os rapazes ainda estavam de pé, a aguardar a minha reação em silêncio.

– Oh, sentem-se, por amor de Deus – disse eu. A seguir, desviando o olhar para a fila de trás iluminada pelo sol, procurei o agitador...

E nesse momento apercebi-me de duas coisas. Uma, que a razão pela qual o rapaz na fila de trás me parecera tão familiar era ele ser a viva imagem do meu irmão aos catorze anos; e a outra, que, no momento entre o meu ralhete e a intervenção do Eric, o rapaz de cabelo louro na fila de trás tinha, sabe-se lá como, desaparecido completamente.

⁵ *Asda* é o nome de uma cadeia de supermercados no Reino Unido e o apelido da personagem, *Price*, significa «preço». (*N. da T.*)



~~Liceu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 7 de setembro de 2006

É o terceiro dia do período e continua a não haver nem uma palavra sobre o corpo. Começa a pesar-me na mente. A ideia daquela trouxa ali por terra é como uma comichão num lugar a que não se consegue chegar; torna-me distraído, irritável; tinge todos os momentos. Dou comigo à procura de razões para passar pelo local de construção inundado. Digo a mim mesmo que o portão da casa do porteiro fica mais perto da Torre do Sino do que o portão principal, e uso esse facto como a minha desculpa diária para passar pelo Edifício Gunderson.

Esta manhã, reparei que os restos mortais foram cobertos por um oleado cor de laranja. Isso significará que a polícia já foi informada e isolou o local do crime? Faria sentido se assim fosse, mas até ao momento não houve nem sinal da presença da polícia em parte alguma dos terrenos do liceu. Talvez La Buckfast tenha pedido a sua descrição neste momento difícil.

Consegui chegar à fala com ela esta manhã, embora não por tanto tempo quanto desejaria. A primeira semana do período é muito atarefada para qualquer novo reitor, especialmente dadas todas as mudanças que ela implementou durante as férias. Consegui uns cinco minutos com ela a sós, no seu gabinete, depois da assembleia, mas quando lhe fiz a pergunta diretamente manteve-se evasiva.

– Mr. Straitley – disse. – Sabe o que acontece quando um construtor descobre restos humanos no decurso de uma escavação?

– Suponho que informa a polícia e ela isola o local – respondi.

Sorriu e tirou um café na máquina.

– Quer um café?

Abanei a cabeça.

– O que eu quero, reitora, é respostas.

– Nove em cada dez vezes – disse ela –, o construtor faz de conta que não viu nada e limita-se a voltar a enterrar no solo o que quer que fosse com as máquinas. Porquê? Porque fazer outra coisa implicaria interromper a obra vários meses, talvez até mais tempo. Significa deixar ficar mal o cliente. Frequentemente, significa dispensar a equipa de trabalhadores, sem lhes pagar, devolver as máquinas alugadas. Significa perder dinheiro, na melhor das hipóteses, talvez até perder o contrato. E existem tantos restos humanos enterrados neste pedaço de terreno. Alguns são muito, muito velhos. Alguns datam dos tempos das minas de carvão. Sabia que houve outrora um veio de carvão por baixo dos nossos terrenos?

– É claro que sim. Quando éramos pequenos, costumávamos ir à procura de sinais de minas nos campos.

Sorriu.

– O senhor e o Eric.

– Sim – respondi.

– Então, uma investigação demorada e prejudicial poderia, em último caso, revelar que o que descobriu são restos antigos, não relacionados com o desaparecimento do Conrad.

– Não acredita realmente nisso – disse eu.

Encolheu os ombros.

– Não, não acredito. Mas é possível. E se a polícia *fosse* informada, teria de seguir todas as pistas, incluindo as que poderiam prejudicar ainda mais a reputação da escola.

– Já ultrapassámos outras tormentas – disse eu. – Os últimos dois anos são prova disso.

– Mas tudo isso teve um preço elevado – disse ela. – Aquele assunto no ano passado, e especialmente a perda do reitor num período de crise, foi a última gota. Os pais precisam de garantias de que as velhas atitudes se foram de vez. Precisam de uma mudança. De raparigas nesta escola. De novos edifícios. De um abate do pessoal antigo.

– A *senhora* certamente achou que sim – disse eu sem rodeios.

Sorriu de novo.

– Oh, Roy – disse. – Sabe que não foi nada de pessoal. E sabe tão bem quanto eu que os pais não mandam os filhos para cá para aprenderem Latim. Mandam-nos para cá para terem paz de espírito. Pelas instalações novinhas em folha. Pelas atividades desportivas, as viagens ao estrangeiro, os clubes de teatro...

– *Progresso através da tradição* – disse eu, citando o novo lema do liceu.

– Algumas tradições é melhor deixá-las para trás – disse ela. – E se alguma vez constar que alguém encontrou um corpo, tudo o que fiz para tentar distanciar-nos do passado será engolido numa vaga de escândalo e especulação.

– Se está a pedir-me que minta aos meus rapazes...

– Oh, deixe-se dessa atitude de superioridade moral, Roy. Alguma vez disse aos seus rapazes que o Eric Scoones era um pedófilo?

E ali está ela, disse para comigo. Não nos deixemos enganar pela voz baixa ou o indício de vulnerabilidade. La Buckfast é feita de aço temperado, bem embrulhado em lã de carneiro.

– Não posso ter a certeza de que o fosse – respondi. – Foi só no ano passado que...

– No entanto, eram amigos desde a infância. Se essa história se soubesse, Roy, alguém acreditaria que *não* sabia?

Senti um aperto desconfortável na zona do colete. O passado é um mágico que faz magia negra, tira ramos atrás de ramos de flores envenenadas da sua cartola. O que me estava a dizer La Buckfast? Que acredita que o Eric Scoones esteve envolvido na morte do Conrad Price? Que, por arrasto, também eu poderia ser suspeito?

– Seja paciente, Roy – prosseguiu La Buckfast – e deixe-me terminar a minha história. Se, depois disso, ainda acreditar que devíamos informar as autoridades – encolheu os ombros –, respeitarei a sua opinião. Mas espere até estar a par de todos os factos. E, claro – fez-me um sorriso de lábios fechados –, se decidisse tomar a decisão unilateralmente, então penso que não me seria possível continuar a confidenciar-lhe nada.

Como é que ela faz aquilo? É uma espécie de hipnose. Não levanta a voz, e, no entanto, tem um tal ar de autoridade. Acostumado como estou ao tipo tradicional de reitor – com uma rudeza positiva e reconfortante, arrogante nas suas vestes doutorais – é uma surpresa que seja *ela* a infligir-me esta singular paralisia.

É claro que sei que a situação não pode prolongar-se. A descoberta do corpo – se é do que se trata – tem de ser comunicada às autoridades. Contudo, de certo modo, ela tem razão. Uma investigação irá reabrir feridas que só agora começaram a sarar. O caso do Harry Clarke regressará às notícias e com ele uma nova série de boatos. Como é que ela sabe o que o Eric era? Terá sido o Johnny Harrington, o rapaz que quase deitou abaixo o liceu, só para regressar como seu reitor? Ou será que presenciou um incidente durante o seu tempo como professora no King Henry?

Disse a La Buckfast que não sabia das tendências do meu amigo. Só no ano passado suspeitei, na sequência da minha descoberta da carta do David Spikely. Contudo, agora pergunto-me se talvez soubesse desde sempre e o tivesse ignorado, como um homem poderia ignorar uma verruga suspeita ou um caroço que não apresentam sintomas. Mas haveria, de facto, sintomas? O secretismo dele. A sua recusa teimosa de ser diretor de turma. A sua partida súbita do St. Oswald na sequência do caso do Harry Clarke. A sua partida igualmente súbita do King Henry em 1989. Nunca questioneei essas coisas? Ou simplesmente as deixei passar, com receio do diagnóstico? Não *penso* que suspeitasse dele. No entanto, quando li aquela carta para ele, não me recordo de ter sentido surpresa; simplesmente uma sensação terrível de perda, solidão e traição. Terei andado a enganar-me a mim mesmo este tempo todo? Pior ainda, se a história do Eric viesse a saber-se, alguém acreditaria que eu *não* sabia?



Liceu Masculino King Henry, 10 de abril de 1989

Esforcei-me por manter a compostura até ao fim do primeiro dia de aulas. Mais uma aula; intervalo; almoço; duas mais, e uma hora livre à tarde. Durante a minha hora livre, deixei-me ficar sentada na sala de aulas vazia de onde saíra a turma do nono ano, e tentei dar um sentido ao que vira de manhã.

Poderia ter imaginado o rapaz? Poderia uma combinação de nervos e stress e o desejo de exorcizar finalmente o Conrad ter culminado numa alucinação total? Ou teria sido uma partida, e, de algum modo, o rapaz conseguira esconder-se ou até mesmo sair da sala durante a intervenção do Scoones?

Tentei familiarizar-me com algum do conteúdo da capa de argolas preta, mas as palavras não faziam sentido para mim. Não conseguia concentrar-me o tempo suficiente para compreender sequer uma frase. A permissão para tirar o casaco deve ser declarada pelo reitor na assembleia da manhã. Os rapazes judeus devem reunir-se no 3L todas as terças-feiras de quinze em quinze dias com o rabino Goldman. Para poupar espaço, os rapazes do Segundo Ciclo sentar-se-ão no chão durante as assembleias. Capela às sextas-feiras, obrigatória para todo o pessoal.

Quem quer que fosse – o que quer que fosse – o rapaz louro, o seu rosto estava sempre a vir-me à mente, e agora era sem sombra de dúvida o rosto do Conrad; o Conrad como eu o recordava; o Conrad a dizer-me ao ouvido: Ele sabe. Vem buscar-te.

Fechei a capa. Sentia a garganta seca. Ansiava por um copo de água, mas não queria arriscar-me a ir ao gabinete do departamento. O Scoones poderia estar lá, ou o doutor Sinclair. Também não me apetecia ir ao andar de baixo pedir a chave da casa de banho dos deficientes à secretária do liceu. Em vez disso, fui à casa de banho dos rapazes no corredor do Secundário, a sentir-me absurdamente furtiva. Disse a mim mesma que estava a ser ridícula. Não era propriamente culpa minha que não tivessem instalações sanitárias para

mulheres. Além disso, os rapazes estavam todos nas aulas. Ninguém me veria entrar. Ainda assim, dava a sensação de ser errado estar ali – uma mulher num espaço de homens –, um tabu social instilado nas raparigas desde tenra idade.

Aquele lugar era austero; típico de uma instituição. Azulejos brancos nas paredes; espelhos de aço; urinóis; cubículos com portas pintadas de preto. Reparei que o espaço entre as portas dos cubículos e o chão era extraordinariamente grande; podia ver por baixo sem sequer ter de me debruçar. A divisão não tinha janelas, e a luz era ao mesmo tempo sombria e estranhamente forte, como o céu num dia enevoado e quente. Uma torneira vertia um fio constante de água fria para um lavatório de pedra que estava lascada.

Aproximei-me do lavatório e fechei a torneira. O silêncio alastrava à minha volta. Do ralo veio um som: uma espécie de gorgolejo agourento. O Conrad costumava dizer-me que Mr. Smallface vivia nos canos. Agora eu sabia que não. Já não ouvia as vozes do ralo; já não tinha necessidade de que o tampo da sanita ficasse fechado e mantido no seu lugar durante a noite. No entanto, aquele som perturbou-me um pouco. Parecia dizer: *Não devias estar aqui. Uma menina pequena, a andar à socapa nos lugares aonde não deveria ir. Ninguém saberia, se desaparecesses. Ninguém se importaria sequer.*

Era uma voz que conhecia muito bem, embora já não a ouvisse há anos. Chamara-lhe *Mr. Smallface*, mas compreendia há muito tempo que era a voz da minha infância; a voz do buraco com a forma do Conrad no meu mundo; a voz dos meus pais ausentes. A minha solidão e o meu medo na infância tinham tomado a forma daquele tormento obsessivo, o ser dos pesadelos a ganhar vida com o que acontecera ao Conrad. Mas eu já não era essa criança, essa rapariga. Sobrevivera. Seguiu em frente. Já não estava destroçada.

Olhei diretamente para o ralo. Ele retribuiu-me o olhar fixamente. A peça de metal abaixo da superfície parecia o olho de uma cabra a sorrir. *Pensas que escapaste, Becks?*, parecia dizer-me o cano na sua voz sussurrada. *Pensas que escapaste a Mr. Smallface?*

– Escapei-lhe – disse em voz alta. – Está morto. Morreu há muito tempo.

O ralo fez um som gorgolejante, como a barriga de uma criança com fome.

– Já não tenho medo de ti – segredei para dentro do cano. – Já sou crescida. Tenho uma casa. Tenho uma filha, que sabe que está em segurança e é amada...

O cano soltou um arroteo escuro e ressonante, cuspidando água imunda no meu rosto e para a minha camisa branca de seda.

Recuei.

O cano fez o seu sorriso torto. Olhei para a minha camisa molhada: mas, em vez de água suja, vi um borrito chocante de sangue de matadouro...

Recuei instintivamente mais um passo, com os meus saltos altos a escorregarem nos ladrilhos. Vi o meu reflexo no espelho de aço, de boca aberta, um fantasma manchado de sangue. O cano deixara de gorgolejar e a casa de banho estava cheia com a minha respiração entrecortada. O ar estava vivo com estilhaços daquela peculiar luz doentia. Por um momento, senti-me atordoada: ardiam-me os olhos como se tivesse sido esbofetada. E depois, do cano, veio um som final; um som minúsculo, baixo e soluçado que quase poderia ter sido uma palavra...

Becks.

Consegui controlar-me, no entanto. Sentia orgulho *nisso*, pelo menos. A última coisa que queria era que o Scoones – ou pior ainda, um dos rapazes – me visse histérica, coberta de sangue. Fechei os olhos e contei até dez; forcei-me a respirar de novo. *Lentamente, lentamente, lentamente.* A seguir, abri de novo os olhos.

O sangue já estava quase seco; um vermelho enferrujado contra a seda. Despi a camisa, atirei-a para o chão e vesti o casaco por cima do *soutien*. Se o abotoasse até cima, poderia passar sem a camisa. A seguir, voltei para junto do lavatório, esguichei sabão verde espesso do dispensador e lavei o sangue das mãos e do rosto, enxaguando com água quente da torneira. O cano manteve-se dócil e calado durante todo esse tempo. Nada de sangue; nem som; nem murmúrios. Deixei correr a água para limpar o sabão da bacia e recuei da fila de lavatórios. No espelho, parecia muito pálida; sem a maquilhagem, parecia muito nova.

– Não existe nenhum Mr. Smallface – disse.

Silêncio.

– Desafio-te a voltares – disse. – Porra, *desafio-te* a voltares.

Nada. Nenhum zunido ou sorvo do cano.

– Bem me pareceu que não – disse em voz baixa.

Debrucei-me, peguei na minha camisa e enfiei-a no bolso do casaco. Virei-me para a porta – e então, por trás de mim, de um dos cubículos, ouvi o som de um autoclismo.

O espaço na parte inferior daquelas portas era grande; demasiado grande para um rapaz poder ocultar a sua presença no cubículo sem se pôr em cima da sanita. *Poderia* um rapaz ter estado escondido ali dentro? Veio-me à mente uma imagem: um rapaz louro com o crachá de prefeito, empoleirado no assento da sanita como um corvo ao lado de um caixote do lixo.

Era ridículo. Não havia rapaz nenhum. Era só o que eu *esperara* ver; uma espécie de imagem do passado, provocada pelo *stress* de estar de novo ali, ao fim daqueles anos todos. Os canos no King Henry eram ruidosos porque eram os canos de um edifício com trezentos anos: Deus sabia o que se encontrava naqueles canos ou que tipo de sedimentos se acumulara neles. A mancha vermelha na minha camisa era ferrugem. O resto era imaginação.

Do cubículo vazio veio uma leve pancada. Poderia ser o som do sapato de um rapaz contra o tampo da sanita ou o de alguém a encostar-se à porta fechada. Ou poderia não ser absolutamente nada.

Abri a porta que dava para o corredor no momento em que a campainha da escola tocou a anunciar a hora de almoço. Só tive tempo suficiente para correr de volta para a sala e esconder a minha camisa dentro da pasta de executivo vermelha. A seguir, peguei na pasta e dirigi-me para a sala dos professores. O mestre de serviço ao cimo das escadas lançou-me um olhar de apreciação quando passei e, ao erguer a cabeça, vi que continuava a olhar para mim por cima do corrimão. Presumivelmente, para mirar o meu decote – é claro, eu não trazia vestida a camisa.

– Estás a gostar do que vês, seu tarado? – resmunguei, e o homem, alto, com uns trinta e cinco anos, olhos furtivos e um bigode farfalhudo recuou a toda a pressa para trás da balaustrada. Os rapazes nas escadas lançaram-me um olhar que era um misto de surpresa e respeito relutante. Reconheci dois

dos rapazes da turma do nono ano dessa manhã; o Persimmon e outro, um rapaz bastante apagado de franja e óculos com fita-cola num dos lados.

Vê-los deu-me uma ideia. Parei e dirigi-me aos dois rapazes.

– Persimmon – disse.

– Sim, *miss*?

– Como se chama o prefeito da tua turma?

– Não temos nenhum, *miss* – disse ele. – Os prefeitos são todos do Secundário.

– Então... não viste um rapaz com um crachá de prefeito na aula hoje?

Arregalou os olhos.

– Não, *miss*. Acho que não.

Assenti; de certo modo, aliviada.

– Está bem. Obrigada, Persimmon. Vemo-nos amanhã.

– Até amanhã, *miss*.

*

Quando cheguei a casa, dei com o Dominic ao telefone na sala de estar. Desligou assim que entrei, mas aquilo deu-me a desculpa de que precisava. Corri ao andar de cima e mudei rapidamente da roupa do trabalho para umas calças de ganga e uma camisola – não queria ter de explicar ao Dom por que razão despira a camisa na escola. Tirei-a da pasta, com esperança de a meter na máquina antes de o Dominic ver aquelas manchas cor de ferrugem, e esbarrei nele, que vinha a subir as escadas.

– Olá – disse ele. – Que tal foi o teu primeiro dia?

– Ótimo. – Sorri e beijei-o, mantendo a camisa fora da sua linha de visão. – Quem era ao telefone?

– Era a minha irmã, a Victoria. Manda beijinhos. – Olhou para baixo. – O que é isso?

– Só roupa para lavar.

Franziu a testa.

– Essa só se pode limpar a seco, não é? Deixa-me cá ver. – Pegou na camisa e virou-a para ver a etiqueta. Dormente, pensei no terrível borrifo

escarlate do ralo. Esforcei-me por arranjar uma mentira conveniente: um acidente, uma briga entre rapazes, uma queda, uma hemorragia do nariz. Qualquer coisa menos a voz do cano e o rapaz que parecia o meu irmão.

– Devíamos convidá-la a vir cá a casa um dia destes – disse eu com um entusiasmo forçado. De facto, sentia-me bastante nervosa com a perspectiva de me encontrar com as irmãs do Dominic; tínhamos sido apresentadas numa festa de Ano Novo em Malbry em que me sentira tímida e pouco à vontade e não causara boa impressão.

O Dominic ignorou-me.

– O que é isto?

Senti a boca ficar seca.

O Dominic olhou mais de perto para a etiqueta da camisa.

– Não, diz aqui que podes lavá-la à mão em água fria. – Devolveu-me a camisa. – Não deve haver problema, desde que não uses o detergente para roupa branca. Usa o detergente para lavar à mão que está debaixo da bancada.

Peguei na camisa, ainda a sentir-me dormente, e levei-a para a zona de tratamento da roupa, onde a inspecionei, a parte da frente e a parte de trás, por dentro e por fora. Deixei-me ficar ali com a camisa nas mãos durante uns bons cinco minutos, sem conseguir compreender o que estava a ver. Não havia o menor sinal de mancha na seda. Nem sangue, ferrugem, resíduos – nem sequer uma marca de água. Além de estar um pouco engelhada, a camisa que eu vestira nesse dia estava imaculada.



Liceu Masculino King Henry, 19 de abril de 1989

Ao longo da semana seguinte, acabei por conhecer todas as pessoas do departamento. Havia o Sinclair, cordial e distante; o Scoones, claro, e dois homens mais novos chamados Higgs e Lenormand. O Higgs era o homem de bigode farfalhudo que espreitara para o meu decote pelo poço da escada do corredor do Secundário; o Lenormand era francês e tinha sotaque, o que causava grande hilaridade entre os rapazes. Como nenhum deles se mostrava particularmente simpático – pressenti que o Higgs talvez tivesse dito alguma coisa sobre a minha tirada nas escadas –, eu evitava a sala de Línguas, preferindo a sala dos mestres, onde todos os mestres se reuniam de manhã para ler os jornais e tomar café antes das informações do reitor.

Foi ali que fiz a minha primeira amiga – a minha *única* amiga – no King Henry. Era a Carolyn Macleod, que fora professora de Teatro do Conrad; uma ruiva com um riso de fumadora e um forte cheiro a patchuli. Vinte anos depois, já não se parecia muito com a Diana Rigg, mas ainda tinha o tipo de ar de desafio que indicava karaté e botas de combate. Apresentou-se-me quando eu estava a pegar num café antes da aula.

– Ouvi dizer que teve uma desavença com o Scoones – disse. – Espero que lhe tenha dito das boas.

Olhei à minha volta na dúvida. A sala dos mestres era um espaço imponente, madeiras escuras e estuques no teto manchado com cem anos de fumo. Os mestres sentavam-se em cadeirões de veludo vermelho gasto, a ler, a beber, a conversar. Havia um relógio ornamentado pendurado por cima da porta como a espada de Dâmocles. Sentia-me tão deslocada aqui como me sentira ao entrar à socapa na casa de banho dos rapazes.

Miss Macleod viu a minha expressão.

– Não disse? – perguntou. – Bem, foi uma pena. Tem de se impor aqui. Quando aqui cheguei em 1962, nunca tinham tido uma mulher professora. Estavam sempre a tomar-me pela secretária do liceu. Tive de combater com

unhas e dentes todos os dias só para não me ir abaixo. Também vai ter de o fazer, querida. Não mudou grande coisa por aqui desde então.

– Posso imaginar – disse eu, a olhar à volta. Via ali duas outras mulheres, ambas grisalhas, com os seus cinquenta ou sessenta anos. Fora isso, aquele lugar poderia ser um clube de cavalheiros do século XIX, a cheirar a couro, a café e a fumo. – Quer dizer, como é que *a colega* conseguiu?

Sorriu.

– Oh, eu não era pera doce nessa época. Acabada de sair de Girton e teatral como o diabo. Incenso, patchuli e cabelo comprido solto. Não havia Departamento de Teatro nessa altura, só um chefe do Departamento de Inglês com as *Obras Completas de Shakespeare*. Aceitei o lugar por necessidade, à espera da minha grande oportunidade a qualquer momento, e aqui estou, trinta anos depois. Dez espetáculos por semana. Nenhuma chamada ao palco.

Fiz um sorriso relutante.

– Sim, há de facto um elemento de atuação, não há?

Miss Macleod soltou a sua gargalhada rouca. Soava como um periquito entre um bando de pombos.

– Oh, minha querida. É *tudo* atuação, tanto dentro como fora da sala de aulas. Está *sempre* a atuar: para os rapazes, para o pessoal e, acima de tudo, para os pais. Os pais foram os meus anjos. Queriam um Departamento de Teatro. É por isso que ainda estou aqui, a fazer barulho sempre que há oportunidade.

Voltei a sorrir.

– Graças a Deus – disse. – O Departamento de Francês não me tem feito sentir propriamente bem-vinda até ao momento.

Encolheu os ombros.

– Oh, o Scoones é só fogo de vista – disse. – E o Sinclair pode parecer rígido como uma prancha, mas não é assim tão mau. O Lenormand é um fofinho. O Higgs é um bufo. Cuidado com o que diz quando ele estiver por perto. Mas, acima de tudo, tem de se impor. Não deixe que o Scoones a intimide. E se precisar de quem a ouça, venha ter comigo. Estou sempre por cá. – Estendeu-me a mão. – Sou Miss Macleod. Podes chamar-me Carrie.

– Obrigada. – De repente, dei comigo quase a chorar de gratidão. Peguei na sua mão, que era seca e magra e estava coberta de anéis de prata grandes. – Sou a Becky. Prazer em conhecer-te.

– O prazer é meu, minha querida – disse ela. – Não deixes que estes filhos da mãe te esmaguem.

Passei o resto do dia a sentir-me bastante mais esperançada. Apesar do nosso início pouco promissor, os rapazes do nono ano revelaram-se surpreendentemente cooperantes, e até acabei por ficar a saber o nome de alguns. Havia o Persimmon, o palhaço da turma, e o Spode, o seu parceiro; depois havia o Orange, que gaguejava, e o Fenelly, cuja mãe era francesa e que falava a língua como um falante nativo, embora a sua ortografia fosse atroz. Havia o Akindele, que era nigeriano, o Sato, que era japonês, o Birdman, que tinha asma, e o Andrews, cujo pai tinha contratado uma *au pair* francesa que parecia ter prazer em ensinar ao seu filho tantos termos inapropriados quanto possível. A infeliz alcunha que o Persimmon me tinha dado era difícil de suprimir: apareceu na capa de vários cadernos bem como na porta da sala de aulas, e tive de ameaçar represálias, mas o mau comportamento organizado daquela primeira aula não se repetiu. Um pequeno passo no sentido da aceitação, eu sei – mas não deixava de ser um começo.

Até ao final daquela semana já tinha conhecido todas as turmas do período seguinte, mas, para minha surpresa, foi o nono ano que me agradou mais. Os alunos do nono ano são frequentemente desordeiros, especialmente no final de um período, mas também há uma espécie de encanto que vem do entusiasmo e da energia. Bem, o Roy deve saber isso, com os seus Brodie Boys. Descobri, para minha surpresa, que a turma do nono ano melhorava à medida que os ia conhecendo; apesar – ou talvez *por causa* – da intervenção do Eric Scoones.

O Scoones não era popular no liceu. Tinha a reputação de ser ao mesmo tempo injusto e inconsistente. Os rapazes chamavam-lhe *The Eggman*⁶, e diziam piadas sobre o seu temperamento, mas não era respeitado, como por exemplo o doutor Sinclair. Provocava antes uma espécie de riso à socapa combinado com algum desconforto, assim como uma grande quantidade de *graffiti* nas carteiras e nas capas dos livros de Francês.

Mr. Scoones est un doofus.

*Mr. Scoones is the Eggman*⁷.

E, uma vez, nas costas da cadeira do professor, gravado fundo na madeira escura com o que deve ter sido a ponta de um compasso: *Mr. Scoones is a nonce*⁸.

Bem, sim. Os nossos rapazes sabem sempre quando um dos seus professores não é exatamente o que deveria ser. Se o Roy não fosse seu amigo, penso que o teria visto mais cedo. Teria visto os *graffiti*; a maneira como os rapazes evitavam a companhia dele. Teria visto por que razão ele preferia não ter uma direção de turma. Teria visto o que os alunos viam, em vez das suas ilusões fáceis. É claro, ele era mais cuidadoso consigo. Queria causar-lhe boa impressão. Conhecia-o desde pequeno; continuava a ser o guardião de todas as justificações dele.

Sim, Roy: ele admirava-o. Invejava a sua vocação. Invejava a facilidade com que ria e brincava com as suas turmas, enquanto ele só podia ficar a ver de longe, atormentado pelos seus apetites. É claro que o Roy nunca teria visto isso. Nunca lhe teria sequer passado pela cabeça que o seu velho amigo pudesse ter segredos. Mas todos temos segredos, Roy. Eu que o diga; tenho mais do que a maioria das pessoas. A questão é: o que deveria contar? E vai querer que os esconda?

⁶ O Homem Ovo. (*N. da T.*)

⁷ Na primeira frase combinam-se o francês e o inglês: «Mr. Scoones é um estúpido.» A segunda traduz-se como «Mr. Scoones é o Homem Ovo.» (*N. da T.*)

⁸ Mr. Scoones é um pederasta. (*N. da T.*)

TERCEIRA PARTE

Lete
(Rio do Esquecimento)



~~Liccu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 8 de setembro de 2006

A sexta-feira da primeira semana do período anuncia normalmente uma mudança de ritmo. Nomes aprendidos; testes realizados; lugares na sala implementados. Autoridade estabelecida na aula; agitadores identificados. Na próxima semana, começaremos a sério. Na próxima semana, retomaremos a normalidade. Se não fosse, claro, o feixe de paus ao lado da piscina Gunderson; o feixe de paus que pode ter sido em tempos um rapaz com um *blazer* do King Henry.

Como alunos do St. Oswald, o Eric e eu partilháramos um saudável desprezo pelo King Henry. Os rapazes de lá eram mais ricos, mais moles do que os nossos, a condizer com as propinas algo mais elevadas. A escola deles tinha instalações melhores do que o St. Oswald, com o seu ginásio e o seu pavilhão da piscina, com os seus campos irregulares e os seus sulcos causados pelo afundamento de terras das minas. Os alunos de Clássicas deles aprendiam Árabe além de Latim e Grego Antigo. E os quadros de honra deles estavam cheios com os nomes de estudiosos de Oxford e Cambridge e jogadores de rãguebi, enquanto os nossos privilegiavam universidades mais locais: Sheffield, Manchester e Leeds.

Dito isto, o Eric sempre tivera a tendência de visar mais alto. Tivera aspirações para além de uma colocação no St. Oswald, e a grande decepção da sua vida era nunca as ter alcançado. Trabalhar no King Henry deve ter sido um sonho tornado realidade – e, no entanto, acabaria por voltar para o St. Oswald, sem praticamente uma palavra sobre os sete anos anteriores, exceto que não fora adequado para ele. Teria, por fim, compreendido que nunca se integraria? Teria sentido saudades do St. Oswald? Ou teria havido alguma outra razão mais perturbadora para o fazer regressar? Se sim, nunca a revelou, limitando-se a resmungar algumas vezes sobre colegas que não o respeitavam e rapazes cujos pais os levavam a assistir ao ténis no *court*

central de Wimbledon durante o terceiro período, esperando que os professores arranjassem forma de suspender o processo dos exames até os filhos poderem fazê-los.

Eu, é claro, senti-me demasiado grato por voltar a vê-lo para fazer demasiadas perguntas. O Scoones costumava ser reservado, e eu sabia que só me contaria o que quisesse e quando bem entendesse. Além disso, o St. Oswald é um mundo à parte do resto da civilização, e já estávamos muito ocupados com horários, viagens de estudo, planos de aulas, recém-chegados, o porteiro, incidentes importantes e outros menores, e toda a tragédia e a farsa que acompanham qualquer liceu na sua travessia dos mares turbulentos da adolescência masculina. E, portanto, nunca aprofundei realmente a questão do motivo para ele ter saído do King Henry, por que decidira regressar ou se se sentia contente por estar de volta. Simplesmente continuámos como sempre, a tomar chá, a dissecar os escândalos da sala dos professores, a comer sanduíches de queijo e fiambre e, no meu caso, a fumar um *Gauloise* furtivo na despensa dos materiais nos intervalos. Continuámos a fazer as nossas visitas semanais ao *pub* – um sanduíche de queijo com pickles e uma cerveja no Thirsty Scholar.

Falávamos sobre a mãe idosa do Eric e sobre a sua preocupação crescente quanto às capacidades mentais dela. Falávamos sobre os alunos da Sunnybank que atiravam lixo para dentro da minha sebe. Ano após ano, falávamos dos recém-chegados ao Departamento; víamo-los chegar e partir enquanto nós nos mantínhamos no nosso posto como sentinelas, a ficarmos mais grisalhos a cada ano que passava. Tive o meu problema de coração; e o Eric ficou até singularmente alarmado; como se fosse a primeira vez que lhe passara pela cabeça a possibilidade de um dia eu poder deixar de estar ali.

– Nunca se pensa que pode acontecer – disse, junto à minha cama no dia a seguir à minha primeira trombose coronária. – Tende-se a pensar que algumas pessoas estão para lá do alcance da mortalidade.

Bastante poético para o Eric, aquilo. Mostrava como devia ter-se sentido perturbado. Foi também o que pensei depois do caso do Harry Clarke: surpresa perante a persistência da ilusão da permanência de um homem. É uma ilusão perigosa, partilhada por nós todos. *Folie à tous*, como diria o Eric. Aquela sensação de que o nosso pequeno mundo é impregnável; inquebrável. Que também nós, por acréscimo, ficaremos para sempre.

Estou a sentir-me bastante lamechas hoje. Talvez seja por isso que estou a pensar tanto no Eric. E sinto um aperto no peito, que dá a sensação de ser algo mais do que os efeitos de todo o café que tenho andado a beber. Geralmente não tomo café. O meu médico desaconselha-o, juntamente com o *stress* – que é inescapável – e o queijo, bolo inglês, caramelos, bolachas digestivas, almoços de sanduíches de queijo com pickles, cerveja, vinho do Porto, açúcar, *Gauloises* e, em suma, a maior parte das pequenas coisas deliciosas que fazem com que valha a pena viver. Ignoro-o na maior parte do tempo, a atitude adequada de um mestre de Latim a quem coube em sorte um cardiologista que é uma versão de meia-idade de um dos seus alunos.

E, no entanto, desta vez pode ser que ele tenha alguma razão. Talvez eu devesse tomar menos café. Faz-me sentir ofegante e agitado, e gordo, e mais velho do que o costume. Na maior parte dos dias, sinto-me como um rapaz de catorze anos com o cabelo inexplicavelmente branco; hoje sou um espantalho de Matusalém, a largar pedaços de mim pelo caminho desde a sala dos professores. E, sim, sinto saudades dos meus Brodie Boys. É provável que a minha turma atual do oitavo ano seja bastante rasteira, receio bem. Não há comediantes, malandros, excêntricos vistosos como o Allen-Jones, elfos sábios como o Tayler. Também não há agitadores, claro; o que, suponho, deveria ser um descanso, e no entanto não é. Um pouco de distúrbio é bom para o moral. Acelera a pulsação. Em vez disso, só consigo pensar *naquele* rapaz; naquele rapaz que não era um dos nossos. E não sou só eu a preocupar-me. A Benedicta Wilde tem andado a tentar atrair a minha atenção desde o início da semana. Hoje, no intervalo, conseguiu-a quando eu estava com a minha chávena de chá da manhã a vigiar o corredor do Terceiro Ciclo.

Como sempre, estava de calças. Em teoria, há a opção de as raparigas de Mulberry vestirem calças, encorajada por La Buckfast, que ela própria usa quase sempre, mas a Benedicta Wild é a única das nossas raparigas a ter feito essa opção até ao momento. Por outro lado, a Benedicta Wild não é nada como as suas colegas de turma. O seu novo corte de cabelo é significativamente mais curto do que o adotado pelo Allen-Jones, e, ao contrário das colegas (e, mais uma vez, do Allen-Jones), nunca pinta as unhas nem se maquilha. Aproximou-se de mim e disse numa voz baixa e carregada de sentidos.

– Bem, *sir*?

Eu andava a temer aquilo. No entanto, como tento dizer a mim mesmo, por vezes uma mentira é melhor. A Benedicta Wild não era do tipo de deixar passar uma descoberta excitante. Também não era provável que compreendesse as repercussões de uma tal descoberta e o seu impacto numa escola em declínio.

Sorri e disse:

– Bom dia, Miss Wild. Espero que a primeira semana do novo período esteja a revelar-se simultaneamente jubilosa e revigorante.

Lançou-me um olhar.

– Preferia que não me chamasse isso, *sir*.

– Miss Wild? – Para ser franco, quase me esquecera da minha conversa com o Allen-Jones.

Acenou com a cabeça.

– Preferia que me chamasse Ben.

– Ah, sim. Ouvi falar disso.

A Ben acenou com a cabeça, encorajadora.

– Não sei bem como isso me diz respeito – acrescentei, numa tentativa de aligeirar a conversa. – Como disse uma vez ao Allen-Jones, a não ser que afete o teu Latim...

– Ele avisou que o professor poderia dizer isso – retorquiu a Ben, num tom direto alarmante. – Não vai afetar o meu Latim, mas é importante que se esclareça. Compreende que não é o mesmo que eu assumir-me como *gay, sir*?

– Bem, como disse ao Allen-Jones...

– É fácil. Comece só pelos pronomes.

– Os pronomes – repeti, a sentir-me atarantado. É isto que acontece, disse para comigo, quando se permite que questões de género escapem do livro de gramática de Latim. Bem, pelo menos, talvez aquilo ajudasse a providenciar uma distração muito necessária dos restos mortais junto à piscina Gunderson.

Não tive tal sorte. A Ben baixou a voz.

– *Sir... e o corpo?*

– O corpo? – repeti.

Aquele olhar de novo.

– Oh, *isso*. Está tudo a ser tratado.

– Está? – disse a Ben, com, pensei, alguma incredulidade.

– Oh, absolutamente – prossegui, simulando despreocupação. – De facto, a polícia já cá veio. Deves ter reparado que o local da escavação foi coberto, com certeza para preservar qualquer possível prova forense.

– Oh – disse a Ben.

Houve uma pausa, durante a qual terminei o meu chá e ansiei por uma bolacha digestiva.

– *E?* – disse a Ben. – Tem alguma notícia?

– Não tenho notícias nem conclusões – respondi. – Não estou a formular nenhum juízo quanto a isto. Pode ser que não haja caso e que o que viram não seja mais do que um feixe de pedaços disto e daquilo. Mas eu, como tu, deixarei as autoridades determinarem do que se trata. E, tal como tu, espero, a partir deste momento tentarei esquecer o assunto e desfrutar do fim do verão.

– Tem estado a chover toda a manhã, *sir* – disse a Ben, que parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas foi interrompida pela campainha a assinalar o fim do intervalo.

– Vai lá para as tuas aulas agora – disse, tentando não soar como se o dedo invisível que tantas vezes espreita por baixo do terceiro botão do meu colete não estivesse a tocar-me no peito como um tambor. Sentia-o, *bum-bum*, a contar as medidas da minha vida.

– Mas, *sir*, e quanto a...

Acabei de tomar o chá, a sentir outra agulhada, desta vez menos brincalhona, do dedo invisível.

– Penso que podemos deixar o caso nas mãos... *Que diabo!*

– *Sir?* Passa-se alguma coisa?

Tentei dizer-lhe que não se passava nada. Mas as palavras recusavam-se a sair-me da boca; pareciam ter-se alojado algures na parte de trás da minha garganta. Vi o soalho encerado do corredor do Secundário inclinar-se e reparei num pedaço de papel metalizado no chão, como um resto de mica. Por um segundo, aquela prata foi tudo quanto conseguia ver ou compreender.

A dor no meu peito – agora já não era brincadeira – inflou-se como um acordeão. E a seguir tombei por terra e ouvi a minha chávena deslizar pelo chão, vozes a chamarem e a voz aguda da Ben acima das outras a dizer:

– *Vão chamar alguém. O Straitley desmaiou.*

Sempre tivera a esperança de que as minhas últimas palavras fossem algo profundo. Talvez uma referência clássica. *Morior invictus*, talvez. Ou deveria ser: *Melita, domi adsum*? Mas essa eventualidade parecera sempre confortavelmente remota, e supusera que teria tempo para planear devidamente a minha saída de cena. No entanto, aqui estava eu agora caído no soalho, que cheirava a cera e pó de giz e pés, e só conseguia sentir irritação por, provavelmente, as minhas últimas palavras não serem nada mais do que uma discreta blasfémia.

De algures atrás de mim ouvi a voz da chefe do Departamento de Francês, Miss Teague, erguida num alarme súbito e agudo. Sempre gostei da Kitty Teague. Uma mulher sensata e prática que sofreu algumas provações pessoais. Ouviu-se o som de tacões a correr e um acesso de atividade renovada.

Tomei consciência de uma presença e de uma mão na minha testa.

– Aguenta, Roy – disse a Kitty Teague. – Foi só uma pequena queda. Vai ficar bem.

– *O Eric* – murmurei. – *Encontrem o Eric.*

E depois não houve mais nada a não ser escuridão.



11 de setembro de 2006

Finalmente. Andava a perguntar-me quanto tempo demoraria a que o *stress* daquilo tudo o afetasse. Não que corra grande perigo – um simples ataque de pânico, só isso – e já estava a recuperar quando chegou a ambulância.

O médico prescreveu uns exames no hospital, mais uma semana de descanso, sem alvoroço, sem cafés fortes, e uma alteração na medicação. Encarreguei uma rapariga do décimo segundo ano – *não* a Benedicta Wild – de ir ver o paciente uma vez por dia, levar-lhe as compras, preparar-lhe uma refeição e assegurar-se de que ele nem sequer pensasse em sair até o tempo de descanso forçado terminar. A rapariga, cujo nome é Emma Wicks, tem ordens para me comunicar tudo o que possa ser relevante, e aceitou a tarefa com entusiasmo – em grande medida porque acredita que isso contará para o seu Duke of Edinburgh Gold Award⁹.

Passei por casa do Straitley antes das aulas para ver como estava e dei com ele já a pé, embora ainda de pijama, a ouvir rádio e a ler o jornal *The Malbry Examiner*.

– Diga-me, Mr. Straitley – disse eu. – *Alguma vez faz o que lhe mandam?*

– Muito raramente, reitora.

Sorri e fiz um chá. Era descafeinado, reparei. Provavelmente, ainda bem; pensei que o velho homem parecia tenso e sem cor. Pegou no chá com pouco entusiasmo, a sua mão no pires algo trémula.

– Como se está a sentir?

– *Cedere nescio* – disse. – Ceder não está na minha natureza. A não ser que traga por acaso um pacote de bolachas digestivas, caso em que sou todo seu.

Assumi uma expressão severa.

– Nada de bolachas para si, Mr. Straitley. Sabe o que o médico disse. De facto, vai voltar direitinho para a cama, depois de beber esta chávena de chá. Vou ficar aqui para me assegurar de que o faz.

O Straitley semicerrou-me os olhos.

– Assim farei, se terminar a sua história – disse. – Falou com a sua filha? Alguma vez chegou a descobrir a verdade sobre o desaparecimento do seu irmão? E qual era a ligação com o St. Oswald?

*

Aquele olhar. Anima-me profundamente. É o olhar de um homem que necessita de alguma coisa. Sou bastante boa a satisfazer as necessidades dos homens: tive de o fazer, ao longo da minha carreira. As mulheres que dizem o que *realmente* querem tendem a ter sucesso menos frequentemente. Sei por experiência que o êxito das mulheres requer um certo grau de astúcia. A capacidade de levar os homens a pensarem que as nossas ideias eram deles, e que não necessitamos de validação.

Os homens são surpreendentemente frágeis. Podia ver isso nos nossos rapazes, que, mal tinham uma nota baixa a Francês, deixavam imediatamente de se aplicar e fingiam que não se importavam, preferindo que os julgassem preguiçosos em vez de medíocres. Os homens não são diferentes. Precisam de ouvir tecer-lhes louvores. O Johnny Harrington era um bom exemplo disso. Poderia pensar-se que, como reitor de St. Oswald, seria capaz de passar sem elogios. Mas metade da minha função era dizer-lhe como estava a gerir bem as situações, mesmo quando era eu a gerir a maior parte.

O King Henry foi um excelente campo de treino. A Carrie Macleod ensinou-me isso: por trás do seu exterior arrogante havia uma mente rápida e subtil. Entrara para o Departamento de Inglês numa altura em que o Teatro era visto como um extra; um acrescento trivial a uma disciplina académica séria. Por conseguinte, como professora novata, a Carrie acabou por se encarregar dos primeiros anos e das tarefas que o seu chefe de Departamento considerava pouco importantes. Com o passar do tempo, no entanto, a sua influência foi aumentando. Organizava a peça de teatro do liceu. Levava os alunos ao teatro e encorajava os seus rapazes a sonharem com carreiras como atores e diretores teatrais. Finalmente, chegou o reconhecimento – um dos seus alunos, o Sam Noble, alcançou sucesso através de um programa televisivo popular; um outro mudou-se para a América e realizou uma série de filmes. De repente, o King Henry obteve a reputação de cultivar as artes criativas. Era, em grande medida, imerecida; mas a Carrie não se importou de

deixar o resto do departamento – e, por acréscimo, o resto do liceu – colher os proveitos. Em 1968, o chefe do Departamento de Inglês, o doutor Foulstone, foi condecorado com um MBE¹⁰ e obteve um grau honorário em Artes do Espetáculo pela Universidade de Sheffield, e no ano seguinte a Carrie Macleod conseguiu finalmente um espaço de ensino próprio.

O Pequeno Teatro do King Henry foi o resultado desta sucessão de acontecimentos. Substituindo o antigo refeitório, redundante depois da construção da nova cafeteria, alberga agora um palco de bom tamanho, cerca de trezentos lugares estofados a veludo, quatro camarins, duas casas de banho, um espaço para ensaios, uma soberba cúpula de vitrais e um espaço desafogado para guardar os fatos e os adereços. Custeado pela Fundação Sam Nobel, foi oficialmente inaugurado por Margaret Thatcher no inverno de 1970, por entre protestos das escolas estatais contra a suspensão iminente do fornecimento de leite grátis aos alunos. Para a Carrie, foi o início de uma era dourada no King Henry. O Pequeno Teatro era o seu novo domínio, e tem alargado o império desde então, de modo lento mas seguro.

– Foi uma vitória bastante pequena – disse-me na sala dos professores. – Mas para uma mulher, um espaço só seu é essencial num lugar concebido para servir os homens. Até tinha o meu próprio teto de vidro para o qual erguer os olhos. – Encolheu os ombros. – No entanto, continuou a não haver uma casa de banho para senhoras. A reitora dispõe de uma casa de banho privativa, mas as mulheres têm de pedir à secretária da escola a chave da casa de banho dos deficientes. Pensam literalmente que ser mulher é uma deficiência.

Pensei no corredor do Secundário e no lavatório e no rapaz com o crachá de prefeito. Tinham passado mais de quinze dias desde então e não acontecera nada pouco usual. A indumentária que usara naquele primeiro dia – o fato de calças e casaco e a camisa de seda – voltara a ser metida no meu guarda-fatos, substituída por uma série de conjuntos de camisola e casaco de malha e saias mais de acordo com o código de vestuário do King Henry.

Não contei ao Dominic o meu confronto com o Philip Sinclair. A sua desaprovação do King Henry era já uma fonte de tensão entre nós, e não queria dar-lhe mais causas para comentários. Também não lhe falara do rapaz com o crachá de prefeito nem da casa de banho dos alunos. Em vez disso,

puxava pela cabeça para encontrar episódios divertidos e ligeiros para contar ao Dom e à Emily – como o Scoones me tomara por um rapaz; as histórias que a Carrie me contava no intervalo. Pensei que se conseguisse fazer com que o Dom visse que me estava a adaptar, ele relaxaria a sua atitude. O que não aconteceu.

– Não é saudável – dizia ele. – Estar no antigo liceu do Conrad. Tem de estar cheio de recordações tristes.

– Não está. – Era mentira, claro, mas sabia que se lhe contasse, ele ficaria preocupado. O Dominic era protetor. Eu era tão mais nova do que ele que, por vezes, pensava em mim como uma criança. Não importava que eu tivesse uma filha, não importava aquilo a que já sobrevivera, ele pensava em mim como uma pessoa frágil. Não o era, ou não da maneira como ele pensava. E as recordações não eram exatamente *tristes*. Havia algo de que eu necessitava ali, algo que encerraria por fim o caso do Conrad, se ao menos eu pudesse encontrá-lo.

O Dom, contudo, continuava a não estar convencido. Não guardara segredo do facto de que pensava que eu fizera uma má escolha, e, quando cheguei ao fim da minha segunda semana, a sua desaprovação era já quase opressiva. Por muito que tentasse ser divertida e ligeira, ele parecia não se poupar a esforços para encontrar um ângulo negativo. Em várias ocasiões fui dar com ele ao telefone, a falar numa voz baixa que se alterava mal eu entrava. É claro, era bastante próximo da sua família e falava muitas vezes ao telefone com as irmãs. Mas perguntava-me o que lhes diria sobre os nossos problemas domésticos. E, claro, nada disto era ajudado pelo facto de a Emily ter adquirido um novo amigo imaginário a que persistia em chamar *Conrad*.

O Conrad quer panquecas para o pequeno-almoço. O Conrad não gosta de brócolos. Não me incomodes, estou no meu quarto a brincar às bonecas com o Conrad. Era uma fase, disse para comigo. As crianças têm amigos imaginários por todo o tipo de razões inofensivas. No entanto, escusado será dizer que o Dominic culpava o meu novo emprego por isso também. O comportamento da Emily, dizia, era um clássico pedido de ajuda de uma criança a necessitar de atenção.

– Na idade dela, necessita de estabilidade – disse ele um dia quando cheguei tarde a casa. – Não gosto que passe tanto tempo sozinha. Olha para

aquele desenho que trouxe da escola. E agora esta coisa toda do Conrad...

– Foi só um desenho, Dom.

– Vi o quanto te assustou.

– Não me assustou. Fiquei surpreendida, foi tudo. Só significa que precisamos de ter mais cuidado com o que dizemos na presença dela. Foi por isso que deixei de a levar a visitar os meus pais. Deve ter sido onde ela ouviu o nome dele. E muitas crianças têm amigos imaginários. Não há nada de incomum nisso.

O Dominic não parecia convencido.

– Estás diferente desde que começaste a trabalhar lá. Distante. Mal dormes. Obcecada. Ficas a pé até às três todas as noites.

– Estás a exagerar, Dom. Tenho de preparar os meus planos de aulas.

– Pensei que tinhas dito que os planos de aulas estão num dossiê do departamento.

– E estão, mas... – Fiz uma pausa, a sentir-me subitamente irritada. – Dominic, tu não compreendes. O Francês não é a minha especialidade. Tenho de ler os textos do programa. Tenho de saber o que estou a fazer. Não posso limitar-me a aparecer lá e ensinar, como tu.

– Eu sou só um professor do Sunnybank. Certo? Só um trolha com uma colher das obras.

– Isso *não* é o que queria dizer.

Virou-me as costas.

– E é assim que começa – disse. O seu sotaque trinitário, que se mantinha adormecido na maior parte do tempo, mas que por vezes vinha à tona quando estava perturbado ou empolgado, tornou-se de súbito surpreendentemente destacado. – Estares na companhia daqueles cabrões com as suas batinas de mestre e os seus cursos tirados em Oxford ou Cambridge. Não tarda nada, vais sentir-te no teu elemento.

– Isso é ridículo – disse eu. – Nada vai mudar.

– A sério? – Virou-se de novo para mim com fúria nos seus olhos escuros.
– Porque é que nunca mais usaste o fato de calças e casaco desde aquele

primeiro dia? Alguém te disse que não era apropriado? Um daqueles velhote snobes, talvez?

Senti uma ardência subir-me às faces.

– Estou a tentar adaptar-me, Dom.

Riu-se, de um modo não completamente desagradável.

– Isso é o que tu dizes a ti mesma – disse. – Esforças-te ao máximo por ser invisível. Pensas que se seguires as regras e fizeres tudo o que é suposto fazeres, um dia serás aceite. Bem, vai por mim, Becks. Alguns de nós já aprendemos essa lição com grande custo. É como tentar fazer a quadratura do círculo. Não é possível.

Nessa noite, com o Dom a dormir ao meu lado, remoí o que ele tinha dito. Tinha razão quanto a uma coisa. Pensei: não é possível fazer a quadratura do círculo. A Carrie era a prova viva disso, embora tivesse feito o que devia, e mais ainda, em mais de vinte anos no liceu. Jovem como eu era, como podia ter esperança de mudar a forma do King Henry? E quanto ao meu irmão, o que esperava descobrir depois daqueles anos todos?

Sem conseguir dormir, acabei por me levantar às duas da madrugada. Desci à cozinha e fiz uma chávena de chá. A casa estava muito silenciosa; nem um som vinha dos canos da água ou dos esgotos. Sentei-me no sofá a beber o chá à luz do lampião na rua. Lembro-me da luz prateada que entrava pelos estores; das silhuetas dançarinas das árvores; do calor da caneca de chá nas minhas mãos. Devo ter dormido um pouco, porque do que me lembro a seguir é de sentir frio e olhar para baixo e ver relva sob os pés. Teria ido lá para fora no sono? A relva estava húmida e muito fria: olhando por cima do ombro, vi a porta aberta da cozinha e uma luz dourada a jorrar no chão. Mas a porta da casa do Dominic era branca. Esta era de um verde venenoso; e apercebi-me de que *não era* a casa do Dominic, mas uma espécie de cenário pintado, por trás do qual se encontrava algum terrível conhecimento que, uma vez visto, não poderia ser esquecido.

Veio um som de baixo dos meus pés; o som agourento de algo grande a aproximar-se por um túnel. Havia uma grelha de ventilação na relva mesmo junto aos meus pés: o ar que soprava de baixo levantou-me a camisa de noite. Daí a um instante, eu subiria pelo ar como uma lanterna chinesa. Por trás da ominosa porta verde, a luz dourada desvanecera-se. Uma sombra, como a de

um homem alto, muito alto, rastejou para a relva de um verde-vivo. E ouvi uma voz: *Sei onde estás. Não podes esconder-te de mim, Becks.*

E o pior era que a terrível voz *não* era a voz do monstro, mas a voz do meu irmão Conrad, e quando acordei era de dia e a porta da cozinha estava aberta para trás e havia ervas entre os meus dedos dos pés e o sal seco de lágrimas no meu rosto.

⁹ Prémio obtido depois de os concorrentes completarem uma série de tarefas, algumas de cariz social. (*N. da T.*)

¹⁰ Membro da Ordem do Império Britânico. (*N. da T.*)



Liceu Masculino King Henry, 25 de abril de 1989

Nunca deixa de me divertir a forma como nos filmes uma personagem acorda sempre de um pesadelo subitamente, com um arquejo audível, sentando-se muito direita, como se alguém lhe tivesse enfiado um cubo de gelo no pijama. Os meus pesadelos sempre foram silenciosos; sufocantes; pesados como areia; e acordo no escuro com uma terrível paralisia. Incapaz de abrir os olhos; com os membros pesados, incapaz de me mover; e a noção – a *certeza* – de que, desta vez, não haverá fim para isto, não acordarei para o mundo; que ficarei aqui no escuro para toda a eternidade, com ele, implacável; inescapável...

A minha psicóloga diz-me que este fenómeno se chama *paralisia do sono* e que só dura segundos. Infelizmente, esta informação acordada nada faz para alterar a experiência. Há muito tempo que não tinha um episódio, e foi a primeira vez, que eu saiba, que *andei* durante o sono, embora, pela porta aberta da cozinha e pelo estado enlameado dos meus pés, compreendesse que devia ter acontecido. Não me lembrava de me ter levantado, de ir para o jardim ou de voltar para dentro de casa. O sonho da porta verde e da voz do Conrad a sair do chão já começava a perder coerência. O resto já desaparecera para um daqueles esgotos da memória que conhecia tão bem da infância.

Vi as horas: eram cinco e um quarto. Tomei um duche rápido e, silenciosamente, voltei para o quarto que partilhava com o Dom. Ele ainda estava a dormir – enfiei-me nua entre os lençóis. O Dominic disse alguma coisa – falava frequentemente durante o sono – e lançou um braço sobre o meu ombro. Encostei-me ao corpo dele, a sentir o seu cheiro almiscarado da noite. Não contava dormir, mas devo ter adormecido afinal, porque acordei às sete com o despertador na minha mesa de cabeceira, a sentir-me surpreendentemente repousada. O sol brilhava pelos estores e senti-me de súbito inesperadamente bem. Beijei o Dominic na boca – estava ainda meio-adormecido – e fui até ao guarda-fatos, onde tinha penduradas as minhas

roupas do liceu. Olhei para o meu fato de calças e casaco não usado, hesitei se devia vestir um conjunto de camisola e casaco de lã de um azul-claro com saia a condizer, e decidi que não. Tirei antes alguma coisa do fundo do armário, vesti-a rapidamente e disse ao Dom:

– Tenho de ir indo. Assegura-te de que a Emily toma o pequeno-almoço, OK?

O Dom abriu um olho, depois os dois.

– Vais assim vestida? – perguntou.

Sorri.

– Tinhas razão, Dom. Não vale a pena tentar fazer a quadratura do círculo. Fiz os possíveis por seguir as regras, e estou cansada de tentar esconder-me.

Com aquelas palavras, peguei na minha pasta, escovei rapidamente os dentes e o cabelo e parti para o King Henry no meu pequeno *Mini* azul. Sabia que o Scoones e o doutor Sinclair chegavam sempre cedo; o Scoones para usar a máquina Banda antes de aparecerem os outros membros do departamento, o Sinclair para tomar café e ler os jornais antes da assembleia. A maior parte dos outros vinha mais tarde, e os rapazes raramente chegavam antes das oito. Foi assim que pude entrar no gabinete do departamento às sete e quarenta, com um saco da lavandaria na mão, e vi a boca do Scoones e a do Sinclair abrirem-se quando me avistaram com uma minissaia escarlate, uma camisola preta e botas de cano alto e saltos altos.

– Doutor Sinclair – disse eu, e sorri. – Pensei muito no que me disse no meu primeiro dia relativamente ao código de vestuário no King Henry.

O rosto do Sinclair era mármore. O do Scoones parecia ser feito de presunto. Voltei a sorrir e ergui o saco da lavandaria.

– Como vê, estou a usar uma saia. Mas se sentir que preferiria atualizar o código de vestuário do King Henry, também trouxe o meu fato de calças e casaco.

Houve uma pausa, com o Scoones e o Sinclair a fitarem-me sem fala; o Scoones com uma expressão de horror e o Sinclair com uma espécie de surpresa calma. Sustive o seu olhar em silêncio. Sempre fui boa no póquer.

Por um momento, pensei que iria fazer-me mostrar a minha mão. Os seus olhos pareciam – tê-lo-ia jurado – divertidos.

A seguir, acenou quase impercetivelmente com a cabeça.

– Use as calças, Miss Price – disse. – Pode mudar de roupa no meu gabinete.



Liceu Masculino King Henry, 25 de abril de 1989

Era uma vitória muito pequena. No entanto, era significativa. Encontrara uma abertura na fachada patriarcal: não exatamente uma porta, mas uma *fraqueza*.

Nunca compreendi porque é que os homens nos consideram o sexo mais fraco. As mulheres são feitas para resistir. Se os homens tivessem de suportar sequer metade daquilo por que as mulheres têm de passar – a menstruação, o parto, as oscilações hormonais, a menopausa; já para não mencionar as irritações diárias de lhes assobiarem, troçarem delas, as mandarem calar-se – ficariam reduzidos a lágrimas. Os homens vão-se abaixo com uma facilidade surpreendente. Talvez seja porque têm menos provações a ultrapassar. Aos homens e aos rapazes do King Henry era servido o seu privilégio todos os dias com um acompanhamento generoso de tradição. Nenhum deles alguma vez questionou o seu direito de entrar pelos portões sagrados. Eu tive de desbravar o meu caminho por entre pedras e escolhos. Tive de travar uma guerra por cada passo de progresso. Mas aquela foi a primeira das minhas vitórias – uma vitória pequena, mas importante. Enfrentara o doutor Sinclair e descobrira que, longe de ser um gigante, ele sempre fora um moinho de vento.

Passei o resto dessa manhã numa névoa quente de triunfo. Era como se o terrível pesadelo tivesse libertado algum poder em mim. O décimo ano tinha tendência para se comportar mal; esmaguei-os sem um estremecimento. No intervalo, o Higgs fez um comentário libidinoso; afastei-o com um gesto como a uma mosca. Encontrei o Scoones nas escadas estreitas que davam para o gabinete e foi *ele* quem se colou à parede para me deixar passar; mais uma pequena vitória que me encheu de esperança e autoconfiança.

– Estás com um ar muito mais animado hoje – disse a Carrie quando cheguei à sala dos professores para almoçar com ela.

– Estou a sentir-me bem – respondi com um sorriso, e contei-lhe o meu encontro com o Scoones e o Sinclair nessa manhã.

A Carrie soltou a sua risada de fumadora.

– Bem te disse que o Sinclair é um gatinho. E o Scoones só quer ser o Sinclair, como o assistente de um vampiro que julga que um dia, se for suficientemente servil, vai conseguir ser imortal. Fizeste bem. Mantiveste-te firme. Penso que vais achar as coisas muito mais fáceis a partir de agora.

Sorri de novo.

– Agora, a única pessoa que preciso de convencer é o Dominic.

– É o teu companheiro?

Acenei com a cabeça.

– Não gosta de colégios particulares. Pensa que vou acabar como o Scoones, uma velha casmurra com uma batina empoeirada. – Falei-lhe sobre o Dominic, a sua desaprovação do meu emprego; a sua esperança persistente de que eu desistisse no fim do terceiro período. – Sei que só está a ser protetor – expliquei. – É em parte por ser muito mais velho do que eu. Mas sou capaz de travar as minhas próprias batalhas. Penso que hoje provei isso mesmo.

– Dá a impressão de que estás a combater em duas frentes – disse ela. – De qualquer modo, se ele é um bom sujeito...

– É – disse eu. – É realmente.

No entanto, enquanto dizia aquilo senti uma estranha incerteza. E, pela primeira vez naquele dia, recordei o meu sonho da porta verde e a voz da grelha e aquela certeza peculiar de que a casa do Dominic não era nada mais do que um pedaço de cenário pintado. E pensei: e se ele gosta de mim fraca? E se gosta de mim dependente? E se a única razão para me querer foi porque queria alguém para salvar? Os livros estão cheios de histórias de cavaleiros em busca de donzelas a salvar. Mas nenhuma dessas histórias alguma vez questionava a necessidade ou o desejo da donzela de ser salva. As histórias mostram-nos a donzela grata e obediente. O papel do cavaleiro é lutar e ser corajoso; o dela é simplesmente ser a recompensa do cavaleiro. Mas, e se a donzela decidir combater os dragões sozinha? O que acontece então ao

valente cavaleiro? E se ele não matar nenhum dragão, como sabemos que é de facto um cavaleiro?



~~Liceu Masculino~~ Academia de St. Oswald

Primeiro período, 12 de setembro de 2006

Excelente pergunta, Ms. Buckfast. É uma pergunta que se aplica igualmente bem aos mestres de St. Oswald. As nossas identidades são construídas a partir dos modos pequenos mas significativos como nos apresentamos ao mundo. Os nossos fatos; as nossas vestes académicas. As nossas honrarias. Os nossos *pronomes*, como a Ben poderia dizer. Sem eles, quem somos nós realmente? Se não dou aulas de Latim, pode dizer-se que sou professor? E quanto tempo demorará até que o meu lugar em St. Oswald desapareça por completo?

Começo a ver que, mesmo em muito jovem, La Buckfast era uma pessoa extremamente enérgica. Teria dado muito para a ver em frente ao Scoones e ao Sinclair com aquela minissaia vermelha. Isto começa a explicar por que razão o Eric assumia aquele ar mudo e corado de cada vez que o assunto da sua nova colega surgia nas nossas conversas. Imprevisível, volátil, esperta e – o pior de tudo – mulher, deve ter representado tudo o que ele achava intolerável.

No lugar do Eric, suspeito que teria apreciado a influência perturbadora dela, mas ele e eu nunca concordámos na questão da subversão. Ao Casaco de *Tweed*, embora leal, falta-lhe tipicamente ambição, e o Eric foi sempre um aspirante a Velha Guarda, embora, como o assistente do vampiro, nunca tenha conseguido obter aceitação no grupo dos membros – só na cripta. O St. Oswald aceitava mais porque – digo-o com a maior lealdade e o maior afeto – nunca foi *realmente* um liceu de primeira. Posso dizê-lo com impunidade, embora nunca permitisse que alguém de fora o dissesse. O facto de La Buckfast ter acabado como reitora aqui, não no King Henry, é prova disso mesmo. Não que eu tenha alguma dúvida relativamente ao génio, à visão e a eficiência de La Buckfast; mas o facto é que, no King Henry, entre as suas camadas de dinheiro antigo, tradição e excelência académica, ela teria achado

o caminho até ao topo muito mais difícil de encontrar. No entanto, começo a pensar que ela é capaz de tudo. E enquanto aguardo com impaciência e tédio crescentes que o meu médico me dê alta, as visitas dela são a única coisa que me permite aguentar. As visitas dela e a janela para o passado que as suas histórias me proporcionam: uma janela que dou comigo cada vez mais ansioso por abrir.

– Não se iluda – diz-me ela quando exprimo ansiedade pelas minhas aulas, a minha direção de turma, os meus Brodie Boys e, acima de tudo, relativamente à situação a desenvolver-se no projetado Edifício Gunderson e à volta dele. – Ninguém é insubstituível. Concentre-se na sua recuperação, Roy, e deixe que o St. Oswald olhe por si mesmo.

Está tudo muito bem, digo-lhe. Mas só faltei meia dúzia de dias em mais de trinta e cinco anos no liceu, e a maior parte foi esta semana. Durante esse tempo, quem sabe que maldades foram forjadas na Torre do Sino? Carteiras com tampos de plástico reintroduzidas; plantas mortas substituídas por outras vivas; a Sirene do Nevoeiro a dar as minhas aulas – ou, pior ainda, o doutor Devine.

Ele passou por cá ontem, sabe? Embora a nossa relação ande menos gélida nos últimos meses, não deixei de ficar surpreendido. Não considerara o Uva Amarga Devine do tipo de vir ver como se encontra um colega ausente. Era mais provável que aproveitasse a oportunidade criada pela minha indisposição para anexar o meu gabinete departamental. O doutor Devine faz campanha há muito tempo para que o Latim seja retirado do currículo, e só a força da nossa aversão comum ao novo reitor do ano passado nos uniu por um breve período de tempo. Agora, estava de volta à sua personalidade usual: ríspido; arrogante; Velha Guarda de uma ponta à outra. Ah, bem. Os tempos mudam. *Tempora mutantur*, e assim por diante.

Passou por cá a caminho de casa, ainda com a sua pasta. Saudou-me no seu típico estilo seco, dizendo:

– Straitley. Ainda vivo?

Ergui uma sobrancelha.

– Ao que parece.

Soltou a fungadela brusca e percussiva que, no seu repertório nasal, denota frequentemente reprovação.

– Andava a exagerar um pouco, hein? Achei que parecia adoentado. Bem, quem persiste em tentar dirigir um departamento sozinho ao mesmo tempo que tenta deter a maré do progresso...

– É simplesmente uma precaução – disse eu. – Volto para a minha secretária daqui a um ou dois dias.

Aquela fungadela de novo.

– Bem, não se apresse a voltar. Já não é tão novo como era, sabe?

– Sei que não é matemático, Devine, mas isso aplica-se a todos nós. – O raio do homem. É um nadinha mais novo do que eu, só isso. Contudo, o facto de por vezes jogar *badminton* aos fins de semana (assim como ter uma mulher mais nova) parece ter-lhe dado a ideia de que, comparativamente, é um jovem. – Quem está a dar as minhas aulas? – perguntei. – Não me diga que *o colega* está a ter de dar algumas aulas, para variar.

O Devine voltou a fazer o som com o nariz.

– Não se iluda, Straitley – disse ele, inconscientemente a ecoar a reitora. – Nada vai parar só porque algumas turmas deixam de ter Latim. De facto, provavelmente vão apreciar o tempo extra passado em outra coisa qualquer.

– Outra coisa *qualquer*?

– Bem, se não há mais nenhum classicista...

– Enviei uma semana inteira de planos de aulas. Espero que o meu substituto os siga. Nada de tentar meter à socapa umas aulas extra de Francês ou de Alemão, está a compreender-me, Devine?

Fez uma careta.

– Sempre tão dramático – disse. – Suponho que nunca lhe passou pela cabeça que os seus colegas possam sentir-se preocupados consigo?

– Que colegas?

– Qualquer um – disse o Devine, com o nariz a ficar um pouco cor-de-rosa. – Quer dizer, é um membro de longa data do Departamento. Obviamente, os colegas sentem alguma preocupação pelo seu bem-estar.

Sorri.

– Não sabia que se importava. Porque não entra para tomar uma chávena de chá?

Fungou.

– Não entro, mas obrigado por me convidar. Pensei que talvez lhe agradasse isto. – Abriu a pasta e entregou-me uma pequena caixa de bombons *Black Magic*, embrulhada em celofane, com um laço vermelho e uma mensagem na sua letra desenhada:

Para o Roy,
As melhoras.

– Ora, obrigado, doutor Devine – disse eu, sensibilizado.

Soltou uma fungadela percussiva final.

– Penso que depois destes anos todos, poderíamos considerar a hipótese de nos tratarmos pelo nome próprio.

Senti-me quase demasiado surpreendido para falar. Tratar-mo-nos pelo nome próprio? Murmurei uma espécie de anuência, mas, para ser sincero, não conseguia lembrar-me se alguma vez *soubera* o seu nome completo: para mim, sempre fora o Uva Azeda.

Chocolates, ora essa. E agora, isto. Quão doente julgaria o idiota que eu estava? Não sabia que sou indestrutível?

– Certo. É tudo – disse o doutor Devine. – Tenho de meter pés ao caminho, acho eu. – Rodou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a cancela. Depois, virando-se por um momento, disse, com um sorrisinho de nada:

– É Malcolm, caso esteja a perguntar-se.

E foi-se embora, com o contorno cada vez mais distante do seu fato cinzento-escuro a entrever-se pela sebe de buxo empoeirada.



Liceu Masculino King Henry, 28 de abril de 1989

Estas pequenas vitórias. Fazem-nos sentir como se fôssemos invencíveis. Nos dois dias seguintes, percorria os corredores do King Henry como uma conquistadora. O Scoones olhava para mim com o ar de um homem que está à espera de uma explosão violenta a qualquer momento; o Sinclair, com um novo e relutante respeito. O tarado do Higgs; o frio Lenormand; até os próprios rapazes – pareciam todos ter-se realinhado e avançado para uma atitude de aceitação. Ninguém perturbava as minhas aulas ou me chamava «Asda Price». Não havia sinal do rapaz de cabelo louro – se, de facto, ele lá tinha estado. Não vinham sons de chocalhar e sucção dos canos nas casas de banho dos rapazes. Até a máquina Banda se portava bem. Durante dois dias, acreditei que tinha vencido.

Mas a vida tem maneiras de neutralizar as vitórias das mulheres. Foi uma lição que aprendi naquela sexta-feira, na minha primeira assembleia na capela.

O Livro do Sinclair deixara-o claro: *A capela é às sextas-feiras, e é obrigatória para todo o pessoal*. Era também obrigatória para todos os rapazes, independentemente da sua religião. Conseguira faltar até àquele dia, mas o Sinclair tinha-me debaixo de olho agora, e eu estava empenhada em manter a minha vantagem. Havia uma razão para ter andado a evitar entrar na capela: havia um memorial ao Conrad ali, e eu nunca o vira.

Suponho que era demasiado nova quando ele morreu para seguir tudo o que aconteceu. Lembro-me de certas coisas; das buscas por toda a cidade de Malbry; de centenas de pessoas com lanternas e cães a passarem a pente fino o terreno baldio, a chamarem o seu nome; dos jornalistas que vinham à minha escola; dos repórteres de tabloides junto à nossa casa. Nada disso me interessava muito, e portanto ignorei-o em grande parte, perdida num pequeno mundo só meu. Mas agora começava a compreender o que o escândalo fizera ao King Henry; o tumulto que o seu desaparecimento

causara; a perda inevitável de rendimento. O meu irmão desaparecera *do liceu*. Muito provavelmente, tinha sido raptado. Esse tipo de coisa lança uma sombra sobre qualquer escola, mas para um colégio particular como o King Henry, que se orgulhava da sua superioridade, deve ter sido um golpe terrível.

Perguntei-me quantos pais de alunos do nono ano teriam decidido tirar os seus filhos do King Henry depois do caso do Conrad Price – afinal, havia outros liceus, todos ansiosos por aproveitar a situação. Perguntei-me por quanto tempo aquela sombra pairara sobre a reputação do liceu. Talvez fosse por esse motivo que tinham decidido criar um memorial; como um ato de contrição, um gesto de fé ou talvez na esperança de poder seguir em frente.

É provável que o tenha visto, Roy. É, de facto, bastante famoso. Baseado numa obra de arte de Frazer Pines, aparece em várias das brochuras do liceu. O tempo elevou o desaparecimento do meu irmão. Em tempos um escândalo sórdido, cheio de boatos e especulações, a sua morte agora tornou-se parte de um legado artístico. Nesse dia, quando entrei na capela e ocupei o meu lugar na ponta de uma fila de rapazes, dei comigo a fitar diretamente o vitral em frente e apercebi-me quase de imediato do que era.

O desenho é simples; uma singela pomba branca por cima do emblema do King Henry (uma flor-de-lis, uma rosa Tudor) e as palavras gravadas:

CONRAD PRICE

(1957-1971)

DO QUE É FORTE SAIU O QUE É DOCE

Senti a alfinetada súbita do choque da memória ao ler aquelas palavras. Conhecia a referência bíblica, claro, embora já há muito, muito tempo não pensasse nela. Mas associava-a principalmente ao melaço *Golden Syrup* que punha nas papas de aveia nas manhãs de inverno: uma lata verde com a imagem de um leão e essa inscrição.

Nesse momento, por fim, recordei-me de como o Conrad me contara a história. Fora já tarde, numa noite de inverno, e eu tinha tido pesadelos a seguir. Era o enigma de Sansão e da história das abelhas que tinham feito a sua colmeia no corpo do leão morto. *Do que come saiu o que se come e do que é forte saiu o que é doce*.

Quem escolhera aquele epitáfio? Com certeza não os meus pais. O que queria dizer, e porque me faria sentir tão estranha? E fez-se acompanhar por

um acesso de recordações; aparentemente desconexas, mas a zunirem como um enxame de abelhas. Saíam do esgoto, e recordei o meu quarto de infância e a minha prateleira de brinquedos e o meu berço com grades altas e a minha camisa de noite favorita; era cor-de rosa, com um padrão de passarinhos azuis. O pijama do Conrad era preto, debruado a amarelo. O Conrad contava-me muitas vezes histórias à hora de ir para a cama; mas as histórias eram muitas vezes assustadoras. Lembro-me da maneira como ele costumava segurar a sua lanterna de bolso por baixo do rosto, fazendo com que o seu rosto redondo e bastante gorducho parecesse inesperadamente macabro.

Vozes de um quarto assombrado: *O Conrad pode ir deitar-te hoje. Não vai ser agradável? Ele é tão bom com ela.*

E depois vinham as histórias, todas cheias de monstros e ogres e demónios e fantasmas. *Tens de ser uma boa menina ou o Awd Goggie vem atrás de ti. Aquele som que ouviste era o Trapper-Lad, a andar no veio de carvão soterrado.* E, é claro, o próprio Mr. Smallface, a enfiar-se pelos canos mais pequenos; a espreitar da sanita; sempre à procura de carne. No entanto, devem ter sido preciosas para mim. Lembro-me de como ficava excitada quando chegava a hora de ir para a cama e da maneira como o meu coração dava um salto e batia forte quando ele dizia: *Quanto é que gostas de mim, Becks?* E eu berrava: *Tanto como isto! Tanto como isto* – e abria muito os braços.

O Eric Scoones estava a fitar-me com ar furioso. Nunca gostara de mim, claro, mas nesse dia o seu ódio era tangível. Perguntei-me porquê. Tanto quanto sabia, ele não era devoto. Desviei o olhar do vitral e tentei concentrar-me no serviço religioso.

O capelão anunciou o primeiro hino: «When a Knight Won His Spurs». Voltei a minha atenção para o livro dos hinos religiosos, mas as palavras na página bailavam perante os meus olhos. Não longe de mim, Persimmon e Spode acompanhavam o hino. Pelas suas expressões furtivas, adivinhei que estavam a cantar uma letra não autorizada, provavelmente obscena. Tentei concentrar-me, mas sentia-me como se o teto estivesse prestes a desabar. As palavras da lata do melaço tinham começado a soltar o enxame.

Tenta ser forte, disse a mim mesma. *Só faltam trinta minutos.* Podia sobreviver trinta minutos, pensei, desde que mantivesse os olhos pregados na

página e não no vitral. Tentei respirar; sentia um aperto no peito. Queria sentar-me, mas o hino – o hino parecia ser interminável. Quantos mais versos poderia ter? Sem conseguir conter-me, ergui de novo os olhos para o vitral. E vi-o ali, na ponta da fila, mesmo por baixo do vitral. O seu cabelo estava iluminado pelo sol, as lentes dos seus óculos refletiam o escarlate de uma rosa Tudor...

Era o rapaz do meu primeiro dia, o rapaz louro com o crachá de prefeito. Olhou para mim, retalhado pela luz colorida do vitral em memória do meu irmão, e sorriu-me, como se a dizer: *Quanto é que gostas de mim, Becks?*

Perante isso, tapando a boca com a mão, corri para fora da capela do King Henry quando o último verso do hino soava no ar dourado.



Liceu Masculino King Henry, 28 de abril de 1989

O Eric Scoones estivera a observar-me. Devia ter visto como fiquei perturbada. Alcançou-me no corredor que dava para o edifício principal do liceu – um corredor forrado a placas em memória de alunos e mestres mortos na guerra. O corredor encontrava-se cheio de luz; era como estar num aquário. Encostei a mão à parede para me equilibrar. A minha cabeça zunia com náusea.

Não havia nenhum rapaz. Não havia nenhum rapaz. E, no entanto, vira-o claramente; por baixo do vitral em memória do meu irmão...

– Miss Price. Está a sentir-se mal?

O Scoones parecia rígido e reprovador. Parecia um homem que se vê forçado a tocar num ninho de vespas ou num cão moribundo. Perguntei-me quanto lhe custara vir atrás de mim, tentar aquela aparência de compreensão. Tudo em nome do dever, claro: o Scoones prezava o dever. Respondi:

– Deve ter sido do calor. Vou já ficar bem.

Emitiu uma espécie de bufo. Apercebi-me de que a sua ansiedade tinha pouco a ver com preocupação comigo e se devia inteiramente ao receio de se ver a ter de lidar com uma mulher desmaiada num corredor estreito no momento em que mil rapazes saíssem da capela numa sexta-feira.

Nervosamente, pigarreou.

– Talvez devesse ir ver a enfermeira do liceu.

Abanei a cabeça.

– Vou ficar bem. Só preciso de um minuto. – Fechei de novo os olhos, embora já não me sentisse atordoada. Sentia antes uma espécie de satisfação. O intimidador estava com medo. De quê? Da minha feminilidade; da minha alteridade essencial neste lugar masculino. Da capela, ouvi o som de mil rapazes a levantarem-se. Devia estar quase na hora, pensei. Sentia o seu desassossego, a sua ânsia por se porem dali para fora.

Abri os olhos e disse ao Scoones, com uma ponta de malícia:

– Deve ter-me vindo o período. Por vezes, desmaio... e tenho um fluxo muito abundante.

O rosto do Scoones mudou de cor. O seu tom de pele usualmente cor-de-rosa aproximava-se do roxo da tinta da máquina Banda.

– Vamos levá-la à enfermeira – soprou, e, pegando-me no cotovelo, começou quase a arrastar-me pelo corredor. O seu alarme era tangível; a mão agarrava com força o tecido da minha manga. Acredito mesmo que ele poderia ter desmaiado se me tocasse acidentalmente na pele. Segui-o, a sorrir um pouco, ouvindo o som abafado do reitor a pronunciar a despedida.

E depois os rapazes saíram em tropel, no momento em que o Scoones e eu dobrávamos a esquina para o corredor do Terceiro Ciclo, que dava para o Pequeno Teatro.

– Pode sentar-se ali dentro – disse o Scoones, manobrando-me pela porta dupla, a afastar-me do caudal de alunos. – Sente-se num dos lugares e respire. Eu vou chamar a enfermeira do liceu.

– Não, por favor, não faça isso – disse eu. – Já vou estar bem daqui a um minuto.

O Scoones pareceu bastante incomodado com aquilo; claramente, a sua intenção fora deixar-me aos cuidados de uma mulher tão depressa quanto pudesse. A malícia que me levava a simular um desmaio regressou, juntamente com o gérmen de uma ideia. Pensei naqueles *graffiti* que vira nas carteiras por toda a escola. *Mr. Scoones is the Eggman. Mr. Scoones is a nonce.* O *graffiti* nas escolas é místico, pensei. Atreve-se a dançar e saltar à volta de uma verdade que não pode ser dita.

Sentei-me pesadamente num dos lugares estofados do teatro e pus a mão na testa. O Scoones deixou-se ficar à porta, de olhos fixos no corredor.

O cheiro do Pequeno Teatro, um misto de serrim, veludo e tinta, instalou-se à minha volta. A luz da cúpula de vitrais caía como folhas de outono sobre as filas de lugares estofados a veludo vermelho e o palco, com a sua cortina pintada. Tudo parecia muito familiar. Já teria estado ali? Talvez no dia em que o Conrad desapareceu? Sentia a recordação enterrada à espera de se

revelar. Mas, por mais que tentasse, não conseguia trazê-la para fora do esgoto.

– Penso realmente que a *enfermeira*... – disse o Scoones.

– A sério, não. – Olhei para ele. – Eu fico bem daqui a um minuto, mas ver aquele vitral...

– O vitral? – disse o Scoones com mais um daqueles olhares desesperados para o corredor.

– O vitral em memória do Conrad Price.

Pareceu-me vê-lo estremecer.

– *Price?*

– O rapaz que desapareceu – disse. – O rapaz que foi assassinado. O meu irmão.



Liceu Masculino King Henry, 28 de abril de 1989

Apesar de toda a minha cautela, Roy, sou uma pessoa de impulsos. É uma das razões, afinal, pelas quais optei por lhe contar esta história. É também o motivo pelo qual decidi então avançar um pouco mais. Não que realmente suspeitasse de que ele fizera alguma coisa. Mas o Scoones tinha sido tão hostil para comigo quando cheguei ao King Henry que a ideia de o fazer sentir um pouco de desconforto era quase irresistível. E fosse o nome do Conrad, a intimidade indesejada ou a ideia da menstruação, por um momento pensei que o homem ia ter um ataque de coração. O seu rosto ficara com a tonalidade delicada de uma folha da Banda perto do fim da tinta, e a sua rigidez era quase dolorosa de se ver.

– Não pode ter conhecido o Conrad – disse eu. – Nem sequer era professor aqui nessa época. Pois não, Mr. Scoones?

– Estava no St. Oswald – respondeu. – Era só o meu segundo ano como mestre júnior.

Tentei imaginar o Eric Scoones como mestre júnior, e constatei que não conseguia. Aquele rosto vermelhusco, o cabelo grisalho deviam estar com ele desde a infância. E aquela rigidez que parecia parte dele, como a lombada de um livro particularmente desinteressante, também devia acompanhá-lo desde sempre. Não conseguia imaginá-lo diferente. Suspeitava que nunca o fora.

– Eu só tinha cinco anos – afirmei. – Mas perdê-lo mudou tudo. Nada voltou a ser normal desde então. Quem quer que tenha levado o meu irmão nesse dia levou os meus pais, a minha infância. A minha vida. – Mantive os olhos pregados no seu rosto e prossegui em voz baixa e monocórdica. – Por vezes, ainda sonho em dar com a pessoa. Quem quer que seja que levou o Conrad; gostava de a olhar nos olhos e dizer-lhe o que me fez a mim, aos meus pais, a toda a gente. Tirar uma criança do mundo é como tirar um bloco de suporte de um jogo de Jenga. Tudo fica desestabilizado. Tudo se desmorona. *Foi o que você fez, dir-lhe-ia. Foi o que nos fez a todos.*

O Scoones estava agora muito pálido. O tom arroxeadado das suas feições desvanecera-se e tornara-se um malva desbotado. Os seus olhos, que pareciam sempre ter lágrimas, pareciam agora mais aguados do que nunca. Abriu a boca, mas não saiu nenhum som além de uma espécie de gemido sufocado.

– Está bem, Mr. Scoones? – perguntei. – Parece extremamente pálido.

O Scoones lançou um olhar furtivo de lado para o corredor. Disfarcei um sorriso, como uma criança toda contente por ter levado a melhor sobre um *bully*. E depois a sua expressão alterou-se para um súbito e desesperado alívio.

– Miss Macleod – disse, numa voz que vacilava como a de um rapazinho. – Lamento, mas Miss Price está a sentir-se mal.

Ouvi o som de tacões no soalho, e o Eric Scoones voltou a olhar para mim.

– Deixo-a com Miss Macleod – disse, e haveria uma nota de triunfo na sua voz? – Ficarei de olho na sua turma, Miss Price, até a senhora se sentir melhor.

E depois desapareceu, e a Carrie estava ali, a Carrie com o seu sorriso cínico, e o Scoones afastou-se a toda a pressa como um aluno no último dia de aulas do período, e eu descobri que, em vez de triunfo, senti um grande acesso de angústia e agonia, e soluzei como uma criança desolada pela primeira vez desde que me lembrava.

É claro que a reação dele não era necessariamente uma prova de culpa. O Roy seria o primeiro a dizer-me que o Scoones se sentia profundamente desconfortável com qualquer manifestação de emoção. A perspectiva de ter de lidar com o desmaio de uma colega e depois com o seu aparente desfalecimento poderia bem ser suficiente para o mergulhar num estado de ansiedade. Mas a minha desconfiança inicial do Scoones, a acrescentar à sua reputação nada lisonjeira entre os rapazes, tinha-me despertado novas suspeitas. Seria possível que o Scoones pudesse ter sabido alguma coisa sobre o desaparecimento do Conrad? O St. Oswald e o King Henry eram tradicionais rivais. Jogavam frequentemente juntos rãguebi e críquete, as suas equipas de xadrez competiam regularmente nos mesmos torneios. Era perfeitamente possível que o Scoones *tivesse estado* no King Henry naquele dia. É claro que eu sabia que abrir o jogo tão cedo tinha as suas desvantagens.

Mas o homem ficara abalado. Com certeza isso devia significar alguma coisa. Agora eu só tinha de aguardar e ver se resultaria algo daquilo.

A Carrie estava a falar comigo, mas só nesse momento me apercebi.

– Desculpa. O que disseste? – perguntou.

– Disse que nunca tinha visto o velho Scoones tão contente por me ver. Deves ter-lhe pregado um valente susto. – Passou-me um lenço debruado a renda e senti o seu perfume forte a patchuli. – Toma, usa isto. Estás a verter.

Sorri-lhe e limpei os olhos. Já não me sentia prestes a desmaiar. Sentia-me antes como se uma luz se tivesse acendido em alguma parte do meu corpo. Recordei as luzes de Natal da minha infância, drapeadas sobre uma árvore de Natal de fios prateados já meio despida. Lembrei-me de como todos os anos o meu pai tinha de arranjar interminavelmente as luzes e de como parecia sempre demorar horas a pô-las a funcionar. Mais tarde, vim a saber que as luzes da árvore tinham ligações em série; se uma só lâmpada estivesse fundida, nenhuma das outras se acenderia. Todas as lâmpadas tinham de ser testadas. Era uma fonte de especial preocupação para os meus pais, mas nunca substituíram aquelas luzes, porque tinha sido o meu irmão a escolhê-las.

– Estás a sentir-te melhor? – perguntou a Carrie.

– Não foi nada, na realidade. Provavelmente, só a menstruação – respondi..

– Espero que tenhas dito isso ao Scoones – disse ela.

Sorri.

– De facto, disse.

A Carrie soltou a sua gargalhada cheia e forte.

– Não admira que tenha fugido, o idiota. Tem um medo de morte das mulheres. Lembro-me dele quando chegou cá. Rígido como um cepo e com a mesma simpatia. Desaprovava-me tanto que costumava virar costas se me visse a descer o corredor.

Recordei o meu primeiro dia.

– Não parece ter mudado muito – comentei.

A Carrie sorriu.

– Oh, as pessoas não *mudam* – disse. – Só se tornam mais elas próprias com a idade. O Scoones e os outros velhotes daqui estão no seu habitat natural. Os direitos que julgam seus não têm limites. Quem questione a sua visão do mundo constitui um perigo. Vivem numa espécie de clube de rapazes, onde as únicas mulheres autorizadas estão lá para lhes trazerem café e bolachas no intervalo e limparem as salas de aulas ao fim do dia. Eu e tu existimos como um lembrete incómodo de que o mundo lá fora tem regras diferentes e as mulheres não são uma minoria, um recurso ou alguém para eles protegerem do mundo.

– Agora posso ver porque és solteira – disse eu, pensando no Dominic. Acrescentei: – Peço muita desculpa. Não era minha intenção ser...

– Não, tens razão – disse ela, e sorriu. – Eu não estava destinada ao casamento. E, francamente, há maneiras mais fáceis de fazer uma pessoa sentir-se bem do que comprometer-se a uma vida de traques na cama, roupa suja para lavar e discussões por causa de dinheiro. Já para não mencionar o empréstimo da casa, os filhos e ter de fingir que *ele é que sabe...* – Interrompeu-se e sorriu de novo. – Sabes? Quando eu era muito mais nova, quase me casei com o Philip Sinclair.

– Com o *Sinclair*? – disse eu, espantada.

A Carrie acendeu um cigarro, em contravenção das regras do liceu. O fumo era acre e nostálgico, e, embora eu já não fumasse há anos, de repente ansiei por um cigarro.

– Tu e o *Sinclair*? – repeti.

– Isso mesmo. – Riu-se. – Oh, nunca teria resultado. Éramos muito diferentes. Pensei que ele era Mr. Darcy. Afinal era só um tipo controlador que não gostava de ser desafiado.

Pensei no Dominic e na sua fúria por eu ter aceitado o lugar no King Henry. Pensei na sua generosidade e no quanto lhe devia. Pensei em como a minha vida se tinha tornado uma parte da realidade dele. E depois recordei aquele momento de revelação que tivera no dia da minha vitória sobre o Sinclair. E se o Dominic não tivesse sabido do meu passado conturbado quando nos conhecemos? E se os traumas que eu sofrera fossem a razão porque se sentira atraído por mim?

A Carrie pareceu ler-me a mente.

– Estás a pensar no teu companheiro – disse. – Como é que se chama? Dominic? Dá-me a ideia de ser alguém que precisa de ser desafiado de vez em quando.

– Oh, ele não é assim – disse eu. – O Dominic é o tal.

– Ainda bem para ti, minha querida – disse a Carrie.

Contudo, mais tarde, e ao longo do resto do dia, dei comigo a voltar às minhas palavras, não só com perplexidade, mas também com dúvidas.



~~Liccu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 14 de setembro de 2006

As vantagens de ser um centurião são extremamente sobrevalorizadas. Um pouco de sabedoria limitada, talvez; mas digestões difíceis, cabelo a ficar ralo, uma bexiga hiperativa e muita dor lombar desnecessária. E, desde o meu episódio mais recente, um pequeno tremor preocupante, algures entre as costelas, menos radical do que o dedo a mover-se, mas perturbadoramente persistente.

O meu médico diz-me que preciso de me descontraír. O *stress* e a hipertensão, diz ele, estão na origem do meu problema. Alterou-me novamente a medicação e fala-me mais uma vez de me aposentar.

– Esta pode ter sido a chamada de alerta de que necessita – disse na sua visita esta tarde. – Ainda se encontra em razoável boa forma. Uma mudança de ritmo poderia ser tudo aquilo de que precisa.

Reprimi o impulso de lhe dizer que uma mudança de ritmo poderia bem ser a minha morte. Nós, os velhos centuriões, prosperamos com o *stress*. Se no-lo tirarem, vamo-nos abaixo. Veja-se o que aconteceu ao Eric Scoones.

Também La Buckfast se tem mostrado muito atenciosa. Também isso é vagamente perturbador, por razões que não sei bem pôr em palavras. Vem visitar-me todos os dias e conta-me um pouco mais da sua história. Diz-me também que tenciona contactar a polícia esta semana relativamente à descoberta macabra ao lado do Edifício Gunderson. Recebo a notícia, admito-o, com algum alívio. Deveria ter insistido nisso desde o início, mas, de algum modo, ela conseguiu hipnotizar-me. Talvez seja simplesmente a força da sua personalidade ou facto de que o Eric parece ser uma parte muito persistente da história dela. Seja como for, livrar-me-ei disso em breve, depois de ela terminar a sua história.

E quero *mesmo* que a termine. Quero saber mais sobre como era o Eric quando estava no King Henry. Nada como o Eric que conheci – se é que o conheci de facto –, mas não creio que ele pudesse alguma vez ter sido violento. No entanto, aquele tremor no meu coração diz-me que há mais por vir. O meu velho amigo, agora caído em desgraça aos meus olhos, e no entanto não menos meu amigo do que era. O coração é um marca-passo teimoso, que persiste em emoções desgovernadas sem querer saber do cérebro do professor. O Eric abusava de crianças. Sei-o, e isso destroçou-me. O que acontecerá se descobrir que o meu amigo também era um homicida? Terei coragem de levar o que sei ao mundo exterior ou deixarei que a ferida continue a supurar? E vai supurar, tenho consciência disso – na minha alma e na do liceu. O que começou como uma história é agora algo diferente; uma prova de fé; um combate até à morte: um combate pela alma do St. Oswald.

A rapariga nomeada por La Buckfast passou por cá esta manhã para ver como eu estava. Emma Wicks, assim se chama – uma rapariga bastante simpática, mas neste caso mais por dever do que por afeto. Trouxe um pouco mais do chá de La Buckfast, que melhoraria significativamente com um dedo de *brandy*, mas que La Buckfast claramente crê ser uma panaceia universal. Contém hipericão – o que quer que isso seja – bem como espinheiro e alcaçuz, e destina-se a clarificar, purificar e de algum modo rejuvenescer o meu velho ser decrépito. Duvido sinceramente que o faça. Mas a jovem Wicks também trouxe um postal dos meus Brodie Boys a desejarem-me as melhoras, juntamente com uma caixa grande de caramelos de alcaçuz e um postal da Ben em que estava escrito: *Por favor, fique bom depressa!* Aquele pequeno gesto tocou-me mais do que esperaria, e no entanto, tal como no caso dos bombons do Devine, também me deixou algo inquieto.

– Estou pronto para voltar – declarei a La Buckfast quando ela veio visitar-me nesse fim de tarde à sua hora usual, seis e meia.

Recebi-a na cozinha e liguei a chaleira. Sim, eu e ela temos uma rotina – e, o que é alarmante, agrada-me. É claro que nós, os da velha guarda, somos joguetes nas mãos da rotina. O horário dita aonde vamos, quem vemos, o que vestimos, até quando tomamos chá. Mesmo aqueles momentos em que nos é permitido fumar um *Gauloise* à socapa ou comer qualquer coisa estão sujeitos às idiossincrasias do horário labiríntico de supervisão do Bob Strange, que é a razão pela qual a maior parte dos mestres do St. Oswald

sofre de problemas digestivos resultantes do consumo demasiado apressado e da dependência excessiva de produtos de padaria. Talvez seja por isso que continuo a sentir-me um pouco em baixo de forma, apesar desta semana de repouso forçado – embora tenha tido o cuidado de não o revelar a La Buckfast, que parece crer que estou prestes a sucumbir à Ceifeira a qualquer momento.

– Estou pronto para voltar amanhã – repeti. – Foi uma pausa absolutamente agradável, mas não creio que necessite de continuar a sobrecarregar os meus colegas.

Era indubitavelmente verdade: sempre foi o costume em St. Oswald que os membros do Departamento de Línguas não recorressem a uma substituição externa até um membro docente já estar doente há uma semana ou mais; o que significava que as minhas aulas (e os deveres administrativos relacionados com a minha nova direção de turma) deviam ter recaído sobre um dos meus colegas.

– O que me leva à pergunta: qual dos meus desafortunados amigos tem estado a substituir-me na minha ausência? O doutor Devine? A Kitty Teague? Um novato? Deus nos ajude... a *Sirene de Nevoeiro*?

La Buckfast sorriu.

– Continua a não parecer nada bem, Roy. Tem a certeza de que anda a dormir o suficiente?

Durmo tanto quanto costume, o que, geralmente, é por tanto tempo quanto a minha bexiga hiperativa permite. Depois, deixo-me ficar deitado na cama com a telefonia ligada até ao amanhecer, altura em que me lavo e barbeio, faço um bule de chá, corrijo alguns trabalhos e parto para o liceu às oito.

– Não me sinto cansado, se é ao que se refere – disse. – Estou completamente recuperado.

Isso não era inteiramente verdade, mas esperava que a minha aparência a enganasse. Tomara a precaução de me lavar e barbear devidamente antes de ela chegar. É verdade que o meu fato estava engelhado, mas aparentemente não tenho nenhum que não o esteja. No entanto, parecia de algum modo desrespeitoso receber a reitora de pantufas e roupão, para além do facto de que me daria o ar de alguém às portas da morte. Mesmo assim, tinha

consciência de que não apresentava o que se chamaria uma figura atraente; mas acalentava a esperança de que, de fato e gravata, passasse na inspeção.

La Buckfast olhou-me criticamente.

– Penso que necessita de mais tempo – disse. – Além disso, já arranjei uma substituição.

– O quê, a sério? – Fiquei surpreendido. Aquilo sugeria que ela acreditava que eu continuaria a não estar apto por mais uma semana. – Como assim, arranjou uma substituição? Nunca precisei de um professor substituto na minha vida. Aonde é que foi arranjá-lo? Não me diga que foi na Sunnybank Park.

– É uma *ela* – disse La Buckfast. – E não, não foi na Sunnybank Park.

Ocultei a minha irritação. La Buckfast era suficientemente perversa para sentir prazer com o meu embaraço. Fiz um bule de chá – não me esquecendo de usar a tisana sem sabor que ela me fornecera em vez do usual *Darjeeling* – e servi uma chávena da infusão aos dois. Não é muitas vezes que uso o serviço de chá da minha mãe, que me foi deixado com o resto das suas coisas após a sua morte no lar, Meadowbank Home. As chávenas são demasiado pequenas, pouco práticas, os pires dizimados ao longo do tempo, mas há algo em La Buckfast que parece requerer algo mais refinado. Além disso, pensei, quanto menos bebesse do chá dela, tanto melhor.

A chávena tilintou no pires e apercebi-me com irritação de que a minha mão estava a tremer. Estendi o braço para o pousar na mesa da cozinha, mas ela estava cheia de papéis, livros e louça, e o pequeno pires escorregou e caiu, estilhaçando-se no linóleo.

– *Com um raio!* – Conseguira segurar a chávena, que agora pendia do meu dedo como um dos anéis excessivamente grandes do Liberace.

La Buckfast ajoelhou-se para pegar nos cacos.

– Deixe-me fazer isso, Roy – disse. – Espero que não fosse valioso?

Encolhi os ombros.

– Raramente os uso – disse. Havia um caco mesmo ao lado do meu pé esquerdo; o dourado na borda fazia-o brilhar como um minúsculo quarto crescente. Era o serviço de chá da minha mãe, um presente de casamento de uma qualquer tia. Uma coisa barata, como era a maioria naqueles tempos,

mas acumulada e guardada por muitos anos e exposta no seu louceiro. La Buckfast juntou os cacos e deitou-os no caixote do lixo.

– Não queira apressar as coisas, Roy – disse ela. – Mais uma semana vai fazer-lhe bem.

Suspirei. Estava a sentir-me bastante doente nesse momento. Sentei-me no cadeirão da cozinha e ansiei por um *Gauloise* reconfortante.

– Então, faça-me a vontade e satisfaça o único vício que me resta – disse, quando ela se sentou ao meu lado. – Abra-me a janela para o passado. O Eric voltou a falar consigo? E o que pensa que ele teve a ver com o desaparecimento do Conrad?



Liceu Masculino King Henry, 24 de maio de 1989

Tenho andado a empatar, claro. Como Xerazade, tenho conseguido fazer uma trégua temporária durar quase o tempo suficiente para sobreviver ao meu adversário. Não que ele pense em mim dessa maneira. Aos seus olhos, ainda é o Cavaleiro Branco a conduzir a Alice para lugar seguro. Inimaginável, que uma mulher, especialmente uma mulher que lhe parece tão fundamentalmente destroçada, pudesse dar-lhe a volta. Mas alcancei o meu objetivo. O Straitley quer ouvir a minha história agora – não, *necessita* de a ouvir. O *stress* de toda esta incerteza não está a fazer bem nenhum aos seus padrões de sono, e, ainda por cima, tenho a certeza de que a saúde dele está a ressentir-se.

De qualquer modo, terminará em breve. Na segunda-feira, tenho uma reunião com o gabinete de planeamento da cidade, o arquiteto e o chefe do Comité dos Residentes, durante o qual tenho esperança de quebrar o bloqueio que impede há tanto tempo a conclusão do Edifício Gunderson.

Seria bom vê-lo terminado antes de deixar o meu cargo. Nunca tencionei permanecer aqui por muito tempo. Só o suficiente para atar as pontas dos meus assuntos. Depois disso, a escola pode seguir em frente, segura na sequência do meu legado. Não que tencione que um pavilhão com uma piscina seja o meu legado na escola, embora vá parecer muito bem nas brochuras de publicidade do próximo ano. Não, o meu legado duradouro será ter trazido raparigas para a escola; não como um mero exercício financeiro, como era intenção do Johnny Harrington, mas como uma medida genuína para melhorar a maneira como as raparigas são formadas e ensinadas a ver o mundo à sua volta. Não como intrusas, facilitadoras, mães, irmãs, filhas, apoiantes, consoladoras, animadoras, mas como especialistas e pioneiras. Substituir a porta estreita por algo que se abre para todas as pessoas.

Disse tanto como isso hoje na assembleia, mas admito que os meus pensamentos se encontravam em grande medida noutro lugar. Suponho que é natural. Contar a minha história ao Straitley abriu um portão para o passado.

Tenho esperança de que seja catártico; que feche esse portão para sempre. Contudo, tenho consciência, até esse momento, de uma certa constrição nos meus movimentos; de uma sensação de algum desconforto. Não que me sinta minimamente ameaçada, mas ficarei mais descansada depois de isso ser feito. Talvez ele também fique mais descansado – não que o mereça.

*

As semanas seguintes no King Henry passaram com poucos incidentes. Não voltei a ver o rapaz louro com o crachá de prefeito. Entrei de novo na capela por duas vezes, na esperança de que o vitral em memória do meu irmão pudesse ter mais a oferecer-me, mas as memórias libertadas naquele dia mantiveram-se inacabadas, incompletas; peças de um *puzzle* do qual a imagem original se perdeu.

O resto do departamento mantinha-se em termos genericamente cordiais. O Higgs mantinha a distância; o Sinclair era cortês; o Lenormand mostrava-se quase simpático. O Scoones fazia os possíveis por me evitar, exceto para o relatório semanal do meu desempenho, que me entregava às sextas-feiras numa só folha de papel. Não mencionava o Conrad nem aludia à nossa conversa, e sentia-me inclinada a crer que mantivera os pormenores dela para si. Ocasionalmente, entrava na minha aula, sentando-se sempre na fila de trás, para verificar se eu estava a seguir os planos de aula definidos no livro. Contudo, depois daquele dia no teatro, as suas visitas tornaram-se menos frequentes, e nunca ficava mais do que uns cinco minutos, o que significava que eu podia introduzir atividades mais animadas aos rapazes, reservando as fichas de trabalho da máquina Banda para as visitas ocasionais do Scoones. O comportamento dos meus alunos estava a melhorar. Até o Persimmon e o Spode dirigiam a sua exuberância para o estudo do manual de Francês de Whitmarsh.

Em casa, o amigo invisível da minha filha continuava a fazer sentir a sua presença. Aquilo não me surpreendia especialmente. A Emily estava numa idade em que tudo o que ouvia era armazenado, processado e integrado na sua imagem em expansão do mundo. E os filhos únicos acham com frequência a presença de um amigo invisível conveniente a vários títulos. *O Conrad quer mais gelado. O Conrad disse uma palavra feia. Não fui eu que o parti, foi o Conrad.* Porque escolhera o nome do meu irmão? A história do Conrad era como fiapos; de algum modo colava-se a tudo. O Dom, no

entanto, continuava a acreditar que o reaparecimento de Mr. Smallface era um pedido de ajuda; um sinal de algo mais sinistro.

– Ela só está a ser imaginativa – dizia eu quando ele exprimia a sua preocupação. – Não tinhas amigos invisíveis quando eras da idade dela?

– Eu tinha amigos *reais* – respondia o Dominic. – A Emily também devia tê-los.

O Dominic andava sempre a falar dos amigos que tivera na escola. Eu sentia que, para ele, a escola fora um período quase sempre feliz, sem preocupações: ainda se mantinha em contacto com amigos que fizera na escola primária, e as suas recordações desses anos estavam repletas de partidas e aventuras e problemas partilhados, e o calor humano de uma camaradagem fácil. A minha experiência fora muito diferente. Além da Emily Jackson, não tive mais amigos – nem na escola, nem em lugar nenhum. E depois de o Conrad desaparecer, mesmo a Emily se afastou, como se eu, e não ele, me tivesse ido deste mundo. Ninguém me tratava mal, ninguém me perseguia, mas não deixava de haver uma espécie de marca em mim que afugentava as outras crianças.

Ao entrar para a escola secundária, esforcei-me ao máximo por me integrar. Inscrevi-me em clubes e associações. Frequentava as aulas de Teatro e Música. Jogava hóquei e ia a viagens de estudo. Era bonita, atlética e boa menina. Não era propriamente *impopular*; mas mesmo assim, não tinha amigos íntimos. Era como se o buraco deixado quando o meu irmão desapareceu tivesse formado um espaço à minha volta; um espaço que ninguém podia ocupar.

Encolhi os ombros.

– Tu eras diferente. A Emily sempre foi muito mais calada e autossuficiente.

– Como tu – disse o Dominic. Não pareceu um elogio.

– Sim, como eu – concordei.

– Bem, talvez seja esse o problema – disse ele. – Sabes, Becks, por vezes é possível ser *demasiado* autossuficiente. Não tem mal pedir auxílio, sabes? Não *tens* de lidar com tudo sozinha.

– Eu sei, Dominic.

Encolheu os ombros.

– Não parece, às vezes. E continuas a falar durante o sono. Passa-se algo de errado, e tu sabe-lo.

Afastei com um gesto as suas objeções. Era verdade que andava com o sono agitado, mas não houvera repetição do incidente de sonambulismo nem da paralisia do sono ou do sonho perturbador da voz do Conrad e da porta verde. É certo que sentia dificuldade em adormecer à noite e acordava com frequência de madrugada a dar comigo incapaz de voltar a dormir, mas estávamos quase no verão, e já em criança eu era sensível à luz.

E *sentia-me* bem; com mais energia, mais autoconfiança do que há anos. Conquistara o King Henry. Enfrentara o dragão e vencera. Adquirira imunidade à doença da minha infância. Os obstáculos no caminho tinham desaparecido e só ficara a luz do sol.



29 de maio de 1989

É claro, essa sensação não durou. E, é claro, era muito ingênuo da minha parte pensar que poderia fazer a diferença. Mas eu estava como uma criança num barco na superfície de um lago: debaixo da água, poderia haver qualquer série de perigos – fundões; correntes; ervas que a agarrem; seres cegos com goelas abertas –, mas a criança só consegue ver o sol a brilhar na água; os mosquitos dourados no ar; as ondinhas na superfície.

O fim de semana de 29 de maio prolongava-se com o feriado da primavera na segunda-feira. O Dominic tinha reservado um fim de semana à beira-mar para nós os três. Uma pensão em Scarborough, apenas isso; mas distrair-meia do trabalho, disse ele, e dar-nos-ia uma oportunidade de passarmos algum tempo juntos antes do frenesim que antecedia o período de exames.

– A Emily vai adorar – disse ele. – É onde costumávamos ir sempre quando éramos pequenos.

Lembro-me desse fim de semana; soalheiro, e cheio de famílias a aproveitarem o sol ao máximo. Lembro-me de não me ter sentido surpreendida por o Dominic ter adorado aquele lugar; os salões de jogos; as barracas de gelados; ele e as suas irmãs na praia, a fazerem castelos na areia e a inventarem jogos. A Emily também adorou: ela e eu nunca tínhamos estado em férias juntas. Mas eu só tinha ido de férias uma vez, com os meus pais; um tempo que só recordava através dos meus pais e de uma única fotografia. Eu, com três anos, e o Conrad; numa praia sem nome em França, a rirmos para a objetiva. Era uma das fotografias que os meus pais mantinham na prateleira por cima do fogão de sala. Falavam com frequência dessas férias. Mas eu não tinha recordações próprias. Às que pudesse ter tido sobrepunham-se histórias do Conrad; histórias que ouvira tantas vezes que se tinham tornado a minha realidade. Aquela ocasião em que o Conrad me dera o gelado dele quando deixei cair o meu. A ocasião em que o Conrad me salvou quando uma onda grande me derrubou. E o castelo na areia da

fotografia, que ele tinha passado todo o dia a construir para mim. Foram as minhas primeiras e as minhas últimas férias. Depois de o Conrad desaparecer, ficávamos sempre em casa, mesmo durante as longas férias de verão. Sem os Jacksons e a Emily, teria ficado completamente sozinha; sozinha com o fantasma do Conrad.

Talvez fosse por tudo isso que a ideia de umas férias à beira-mar não me encantou tanto quanto esperara. A praia estava demasiado cheia de pessoas, a água demasiado fria; em maio, o sol é enganadoramente quente, mas o mar ainda se recorda do inverno. Mas, sim, fui convincente. As fotografias do Dominic provavam-no – centenas, tiradas no passeio à beira-mar, na praia, no minúsculo jardim ao longo da pensão de fachada caiada. Fotografias de mim com a Emily, a lançar um papagaio de papel junto à praia; a construir um castelo de areia, na rua, ou a molhar os pés no mar frio. Parecem tão reais, essas recordações; e, no entanto, eram um teatro. Também a Emily sabia como representar; a posar para a fotografia; a comportar-se daquela maneira fofinha, pré-sexual, que as meninas pequenas por vezes adotam quando um homem que adoram está a olhar para elas. Não me deixei enganar. Era tudo fingido, tal como as suas cenas com o «Conrad» eram uma espécie de representação destinada a desviar a atenção do medo do monstro.

Ao longo desse fim de semana, não houve menção do amigo invisível da Emily. Ao que parece, o «Conrad» tinha ficado em casa e não nos seguira até Scarborough. O Dominic sentia-se justificado: à luz de uma vela enfiada numa garrafa de vinho, quando a Emily já tinha ido para a cama, expôs a sua teoria.

– Prova que ela precisava de atenção, só isso. Fez-nos bem como tudo estar aqui, juntos, como uma família. – *Uma família.*

Não respondi. Era dessa forma que ele pensava em nós? Ocorreu-me a ideia de que também ele andava a representar um papel. O pai generoso; o que traz alegria. Gostava de si mesmo nesse papel, pensei. Gostava da sensação de ter as rédeas na mão, de consertar o que estava destruído.

Destruído. Aquela sensação de dúvida regressou. A sensação de que o Dom já sabia quem eu era *antes* de se envolver comigo. Não teria sido difícil descobrir algo sobre a minha história. Eu não tinha mudado de nome e ele, aos catorze anos, já teria idade para seguir os pormenores do caso do Conrad.

O que *vira* o Dominic em mim? Poderiam ter sido os danos em mim, não a minha resiliência, que o tinham atraído inicialmente?

– Ei. – A sua voz era acariciadora. – Não estás a desligar de mim, pois não?

Olhei para cima. O seu rosto familiar era tão bondoso; tão sincero; tão caloroso à luz da vela. No entanto, parte de mim debatia-se por escapar, ao mesmo tempo que ansiava por aceitação.

– Dominic. Já sabias quem eu era antes de começarmos a namorar?

Franziu a testa.

– Porque é que perguntas?

– Pergunto-me o que vês em mim.

Riu-se ao ouvir aquilo, um bom riso cheio que devia ter afugentado as minhas dúvidas.

– O que vejo em *ti*? Estás a brincar? Tu és linda de morrer, Becks. Muito acima do meu nível. Ainda não consigo acreditar que estou contigo.

– Não... destroçada? Algo a ser consertado?

Fez uma cara cómica.

– Oh, Becks. Se pelo menos te conseguisses ver a ti própria. És de longe a coisa mais maravilhosa que alguma vez me aconteceu. És resistente e forte e esperta e tudo o que alguma vez sonhei... – Pegou na minha mão e puxou-me delicadamente na sua direção. Cheirava a vinho e ao mar e a outra coisa qualquer, como ozono e suor. E aceitei o seu abraço e afastei aquela sensação de dúvida, nascida de uma vida inteira a sentir que não merecia ser feliz.

Fizemos amor nessa noite ao som do mar, e a seguir, eu devia ter adormecido, só que tudo estava errado: as sombras na parede pintada; o som da canalização antiga. *As pensões vitorianas têm canalizações vitorianas*, pensei, mas aquele som era demasiado familiar; demasiado sinistro para ser ignorado. Levantei-me à uma da manhã e fui ver como estava a Emily; tinha um quartinho para si, com casa de banho. Abri a porta do quarto e pus-me a escutar a sua respiração. Era leve e regular; via o cimo da sua cabeça a despontar do edredão. No momento em que comecei a fechar a porta, ouvi um som vindo da casa de banho.

Rrrrrrrrq...

Aqueles canos vitorianos, claro. Mas soava tão familiar. Parei. A porta da casa de banho estava fechada. Silenciosamente, entrei no quarto e acendi a luz da casa de banho. Por trás de mim, a Emily continuava a dormir; a luz vinda do corredor incidia-lhe no rosto e incendiava o seu cabelo tornando-o um fogo de outono. Abri a porta da casa de banho e olhei lá para dentro. Vi os produtos de higiene da Emily numa prateleira; o roupão, com o estampado de gatinhos, estava pendurado atrás da porta. E vi que o tampo da sanita estava fechado, mantido no seu lugar por uma série de objetos empilhados com uma urgência aleatória: uma Bíblia da gaveta da mesa de cabeceira; um maço de brochuras de viagens.

Quem a ensinara a fazer aquilo? Quem trouxera Mr. Smallface para a jovem vida da minha filha?

Dos canos, aquele som novamente, como um cão com um osso na garganta. *Rrrrrq. Rrq-Rebecc-aaaa...*

Fechei a porta da casa de banho e fugi dali.



Liceu Masculino King Henry, 14 de junho de 1989

Ao regressar à minha vida depois daquilo, dei comigo a sentir uma estranha espécie de paralisia. As coisas estavam novamente bem em casa; o Dominic andava contente e já não havia telefonemas furtivos para as irmãs. Também o trabalho corria bem. Esse último período no King Henry estava a ser como o verão em que o Conrad morreu; só luz do sol à superfície, e a presença gigante do que estava por vir não mais do que uma sombra aos meus pés. A Emily parecia contente na escola, embora ainda falasse do «Conrad», e punha livros em cima do tampo da sanita antes de ir para a cama. Eu queria descobrir as razões por detrás do seu comportamento, mas a opinião do Dominic era de que devíamos simplesmente ignorá-lo e tentar encorajá-la a ser mais extrovertida e a experimentar algumas atividades novas.

Deixei que me persuadissem, sem acreditar plenamente que a sua tática resultaria. À semelhança da criança que eu fui em tempos, a Emily sempre fora calada e introspetiva. A ideia de que reagiria a um programa de atividades ao ar livre, culinária, televisão e jogos de tabuleiro parecia quase inacreditável. No entanto, para minha surpresa, foi o que aconteceu. O presente de uma bicicleta nova, entregue estrategicamente no início das férias intercalares, serviu para a tentar a sair para o ar livre, depois do que o Dom anunciou o seu plano há muito adiado de decorar o quarto dela. Isso significava que, enquanto ele estava a trabalhar lá, a pintar de novo as paredes na cor favorita da Emily (cor-de-rosa) e a converter a sua cama numa tenda de fantasia, drapeada com um tecido fino, ela não teria outra opção a não ser sair do seu quarto e passar mais tempo a brincar no jardim.

Assim, sob a influência do Dominic, a Emily estava a passar menos tempo sozinha e mais tempo na cozinha com ele, a andar na sua nova bicicleta ou a ver televisão na sala de estar. Chegou até a convidar duas amiguinhas para irem dormir lá a casa num fim de semana, o que envolveu muitas risadinhas e lutas de almofadas e guloseimas.

Sabia que devia sentir-me contente por ela. A minha filha estava a adaptar-se. No entanto, não conseguia livrar-me da ideia de que, de algum modo, algo estava a escapar-me. Seria simplesmente ciúmes do afeto dela pelo Dominic? Ou seria aquele medo persistente de que ele estivesse a controlar-nos às duas?

No King Henry, os exames do Terceiro Ciclo ocupavam a maior parte do meu tempo. Os exames escritos realizavam-se no ginásio e os orais no teatro. O Scoones estava encarregado destes últimos, e retirava imenso prazer desse papel, atribuindo a cada membro docente um camarim no qual conduzir as entrevistas presenciais, enquanto o resto dos rapazes estudava em silêncio na parte principal do teatro. As entrevistas foram todas gravadas numa série de cassetes, em seguida levadas para casa e classificadas de acordo com as novas linhas orientadoras do GCSE¹¹. Era muito mais complexo e demorado do que corrigir exames escritos e ocupou-me a maior parte dos serões, para grande indignação do Dominic.

– Julguei que estávamos a tentar ter mais tempo juntos com a Emily – disse ele.

– Eu sei. Não vai ser por muito tempo – respondi. – Só preciso de dar nota a estes exames orais.

– Vinte minutos por cada aluno... com quantos alunos? Sessenta? Isso são vinte horas a dar notas, ainda antes de passares aos exames escritos.

Tinha razão, claro, o que tornava aquilo ainda mais irritante. A pretexto de estar encarregado da administração dos exames, o Scoones tinha atirado para cima de um elemento mais novo do pessoal a maior parte da sua correção. Era a política do departamento, vim a descobrir, e sentia-me dividida entre o desejo de me queixar e a noção de que, se o fizesse, seria vista como descontente, fraca ou alguém que deixava ficar mal a equipa. E, portanto, aceitei o trabalho extra e avancei pela pilha de cassetes, notando com uma satisfação subreptícia que o francês do Scoones era consideravelmente menos fluente do que o meu. A consequência era que o Scoones se mostrava complacente – até quase simpático como um tio mais velho. Também o Sinclair mostrava aprovação, e o Lenormand bastante compreensão. Só o Higgs continuava a manter-se distante. Finalmente, porém, eu começava a sentir que poderia ser aceite.

Cometi o erro de o dizer ao Dominic num domingo à noite. Terminara finalmente a atribuição de notas; a Emily tinha ido para a cama e nós estávamos a ver um programa tardio na televisão e a partilhar uma garrafa de vinho tinto.

– Que importa o que eles pensam? – disse ele. – Não vais propriamente ficar lá.

– Ainda não tomei essa decisão.

Olhou-me bruscamente.

– Becks – disse –, passaste o fim de semana fechada a ouvir essa merda dessas cassetes. Mal falas com a Emily. E estás exausta. Sei que estás. A que horas foste para a cama ontem à noite? À uma? Às duas?

– A parte mais difícil já está feita. Agora posso dar-me ao luxo de relaxar.

Fez uma careta.

– É disso que tenho medo. Não fiques demasiado confortável lá, Becks. De repente, vamos estar todos a jogar *bridge* com alguém que andou em Eton¹².

Tive de sorrir.

– Não é nada assim. Há algumas pessoas de quem ias gostar realmente. Pessoas boas, como a Carrie Macleod...

– A professora *hippie* de Teatro de quem andas sempre a falar? – Riu-se. Não foi uma risada inteiramente agradável, e senti uma ponta de irritação. Só lhe mencionara a Carrie um par de vezes, no início do período, e de maneira nenhuma com uma frequência que pudesse qualificar-se como «andar sempre a falar dela».

– Não me parece que lhe tenha chamado *hippie* – disse. – É uma ótima pessoa, e nada snobe. Talvez pudéssemos convidá-la para jantar ou beber uns copos num fim de semana. Vais adorá-la, é hilariante...

– Não. – O seu tom de voz era subitamente ríspido.

– O quê?

– Não vais convidá-la cá para casa – disse ele na mesma voz fria e furiosa.
– Penso que deixei claro que não estou interessado em conviver com ninguém daquele sítio. *Jamais*.

– Oh. – Senti-me de súbito como uma criança, impotente em face de um qualquer acesso de raiva incompreensível de um adulto. Era o mesmo tipo de sensação que tivera quando o Scoones me atacou no meu primeiro dia. Senti as minhas feições a assumirem aquele ar de delicadeza gélida; aquele estranho ar de arrependimento que as mulheres afivelam quando foram magoadas. Aos homens são permitidas as suas reações, mas as boas meninas nunca barafustam, mesmo quando têm todo o direito de o fazer.

O Dom viu a minha expressão e suavizou os seus modos.

– Olha, não tinha intenção de te perturbar – disse. – Só que estamos para convidar a minha família desde a Páscoa, mas tu dizes sempre que estás exausta, e eu estou a ficar sem desculpas...

– Uns copos com uma amiga do trabalho não é propriamente um jantar de festa para doze pessoas – disse eu. – E tens razão. Sinto-me mesmo exausta. Vou ver se durmo.

Não me impediu de sair da sala. Mas quando voltei a descer, daí a algum tempo, ainda perturbada e sem conseguir dormir, ouvi-o falar ao telefone; demasiado baixo para conseguir compreender as palavras.

¹¹ General Certificate of Secondary Education [Certificado Geral do Ensino Secundário]. Este certificado é obtido por alunos entre os 14 e os 16 anos, e não é o equivalente ao final do ensino secundário do sistema português. (*N. da T.*)

¹² Colégio particular de elite. (*N. da T.*)

QUARTA PARTE

Flegetonte
(Rio do Fogo)



Liceu Masculino King Henry, 7 de julho de 1989

Os últimos dias do terceiro período nunca são fáceis para os professores substitutos. Não há uma rotina reconfortante, não há planos; não há castigos; nem trabalhos para casa. Os alunos já conseguem ver as férias de verão a desenrolarem-se perante eles como um período de praia interminável, só luz do sol até ao horizonte. Os rapazes do Secundário já se foram há muito, depois de terminarem os exames, e o Terceiro e o Segundo Ciclos são mantidos tão calmos quanto possível com uma série de viagens, atividades desportivas e outras diversões.

Como não tinha uma direção de turma, estava dispensada de redigir relatórios e dos trabalhos administrativos de fim de período. Por esse motivo, foi-me atribuída a tarefa de ajudar no Dia dos Desportos da escola, a realizar-se na penúltima sexta-feira do período letivo. Sempre gostara bastante de desporto. Sentia que o meu contributo poderia ajudar-me na minha relação melhorada com os rapazes. Por conseguinte, aguardava com expectativa o Dia dos Desportos e a rara informalidade de um dia passado ao ar livre.

Porém, na noite de quinta-feira choveu. Caíram quinze centímetros de chuva em Malbry e os campos da escola ficaram alagados. Em vez de passar o dia ao ar livre, fui obrigada a supervisionar um grupo sortido de inadaptados e descontentes enquanto o pessoal de Educação Física organizava jogos no interior com a elite desportiva do liceu. O resultado não foi o que eu esperara. Quarenta alunos frustrados – incluindo a maior parte do décimo ano – enfiados numa sala de aulas durante toda a tarde já era suficientemente mau. Mas acrescentando a isso o final do período, a atividade cancelada; a chuva torrencial; o cheiro a meias molhadas e a maneira como a condensação escorria pelas paredes e embaciava as janelas estreitas e altas, os alunos que estavam a meu cargo começavam a ficar irrequietos. Não tinha nenhum trabalho para lhes dar – a não ser os planos de aulas do Scoones – e as minhas tentativas de os levar a ler em francês estavam condenadas à partida. Tinha de fazer alguma coisa rapidamente ou arriscar-me a uma

intervenção do Scoones, que estava sempre alerta para uma desculpa para exercer a sua autoridade.

E depois tive uma ideia.

– Ora bem. Já chega – disse. – Sigam-me até ao teatro, meninos. Penso que beneficiaríamos todos com uma mudança de ambiente.

Já não via o teatro desde o dia daquela primeira assembleia. O King Henry era um liceu tradicional e o convívio entre departamentos era decididamente malvisto. Mas o Scoones estava com o Sinclair nesse dia, e era improvável que reparasse na minha ausência, e a Carrie era a única pessoa no liceu com quem eu podia contar que cooperasse.

Estava lá com um trio de alunos do décimo primeiro ano, a organizar adereços ao lado do palco. Pu-la a par do meu problema relativo ao Dia dos Desportos e ela mostrou-se compreensiva.

– Pensei que talvez pudéssemos usar o teatro esta tarde em vez de ficarmos enfiados numa sala de aulas – disse eu. – Pensei que talvez umas dramatizações em língua estrangeira fosse mais divertido do que os planos de aulas do Sinclair.

Ergueu uma sobranceira cinicamente.

– Dramatizações? Minha querida, podemos fazer melhor do que isso.

E com a ajuda da Carrie, fizemos. Primeiro, distribuí os rapazes por grupos e pedi a cada um que escrevesse um texto curto em francês.

– Pode ser um poema, um diálogo, uma canção, um *sketch*. O que quiserem – disse. – Daqui a quarenta e cinco minutos, assistiremos à vossa representação. A assistência vai avaliar o trabalho e os vencedores receberão um prémio.

– Quer dizer, tipo uma *atuação*? – perguntou o Persimmon.

– Mais como um concerto – disse o Spode, com os olhos a brilharem por trás dos seus óculos presos com fita-cola.

Sorri.

– Desde que seja em francês.

– Excelente!

– Muito bem. Vão lá.

Os outros, um pouco na dúvida ao princípio, não tardaram a meter mãos ao trabalho. A Carrie e eu supervisionávamos os grupos; e a Carrie abriu a despesa dos adereços para os rapazes tirarem aquilo de que necessitassem. O Orange – um rapaz tímido, cujo gaguejar lhe tornaria difícil dizer quaisquer falas – foi nomeado *le costumier*, trazendo roupas do quarto das traseiras. O Birdman era *le directeur* e o Akindele *l'ingénieur*. O Fenelly passava em revista o francês à procura de erros e o Andrews adicionava invetivas onde necessário.

O Persimmon e o Spode já formavam uma parilha cómica, e, com a ajuda do resto do grupo, conseguiram criar uma espécie de pequena peça satírica com o Persimmon no papel de *Monsieur Oeufmann* e Spode como *Madame Asda-Prix*. (Estas personagens eram claramente versões de mim e do Scoones.) Havia também *L' Ours*, desempenhado pelo Sato com um fato de urso que ficara da produção de *A Tempestade*; *Le Mouton Anglo-Français* e (talvez inevitavelmente) *Le Pétomane*. Havia até *L' Orchestre*, constituída por dois rapazes chamados Winstone e Potts, empoleirados no varandim da orquestra a tocarem bateria e teclas. O resultado era absurdo, irreverente e surreal, mas, mesmo assim, estranhamente cativante, e dei comigo a sentir-me mais uma vez tocada pela energia e o humor daqueles rapazes e pela *seriedade* subjacente que traziam a toda aquela ridícula cena. Suponho, Straitley, que deve sentir algo muito semelhante pelos seus Brodie Boys.

Finalmente, descerrou-se a cortina para a peça completa, que foi tão absurda quanto seria de esperar. A reação da assistência foi animada, mas controlável: os rapazes mantiveram-se quase sempre nos seus lugares e aplaudiram cada *sketch* com entusiasmo. Era claramente a primeira vez que tinha sido permitido a qualquer um deles aplicar qualquer tipo de criatividade na disciplina, e acolheram a oportunidade com um entusiasmo óbvio, aproximando-se muito da linha entre a farsa e o desrespeito declarado (especialmente no retrato do Scoones), mas sem nunca a pisarem. O som de risadas juvenis soava pelo teatro, e tive uma sensação estranha, quase de *pertença*...

E depois aconteceu. Saiu uma figura de um alçapão à esquerda do palco: uma figura alta envolta num manto comprido e empoeirado. Perpassou um murmúrio no auditório, seguido por um silêncio expectante. A figura avançava lentamente, e vi que o seu rosto era grotescamente pequeno em

proporção com o volume do seu corpo. O rosto era o de um artista de mímica invertido – um círculo negro num fundo branco – e parecia flutuar em silêncio, como um balão, no ar sombriamente brilhante, no qual poeiras de luz colorida bailavam como cardumes de peixes tropicais...

Subitamente, toda a força e todo o riso se esvaíram do meu corpo. Estava de volta à casa de banho dos rapazes: estava de volta ao vestiário. Senti a minha expressão facial transformar-se numa espécie de ricto de terror. O seu manto preto comprido, o seu rosto pequeno e redondo, inexpressivo como um disco num gira-discos...

Como é que eles tinham sabido? Como poderiam ter sabido?

Sei que há dois tipos de pessoas. As que ficam paralisadas sob pressão e as que partem para o ataque. Nunca soubera ao certo que tipo de mulher era até esse momento. Mas ver o monstro em carne e osso – o monstro que assombrara os meus sonhos – com uma nova vida e tão perto do lugar onde se dera o acontecimento, foi o suficiente para forçar uma reação. Saltei do meu lugar na plateia e corri na direção da parte da frente do palco. Não sei o que teria feito se tivesse chegado junto do monstro a tempo, mas estava de saltos altos e um deles ficou preso na carpete, de modo que, durante os cerca de quinze segundos que me demorou a chegar à parte da frente do palco, a figura sinistra desapareceu, descendo pelo alçapão.

Virei-me para a Carrie.

– Para onde é que aquilo dá?

– Para o quarto do alçapão – respondeu a Carrie. – É uma espécie de despensa onde guardo as indumentárias e os adereços antigos...

Subi os degraus a correr até à lateral do palco, depois até aos bastidores do pequeno palco. Era ali que se encontravam os camarins, os locais onde se guardavam os adereços e finalmente, descendo um curto lanço de escadas, o espaço do alçapão: uma zona acanhada por baixo do palco, cheia de caixotes e malas. Uns degraus de madeira levavam à porta aberta do alçapão. Era assim que a figura envolta num manto entrara e escapara: ao fundo dos degraus encontrava-se um manto e uma espécie de máscara preta. Fora isso, não havia sinais de vida.

Acima de mim, os rapazes estavam a aplaudir, como se tudo isto tivesse sido parte do espetáculo. Virei-me, corri para a porta lateral e olhei lá para

fora, para o corredor. Não se encontrava ninguém ali a não ser o encarregado da escola, o Chris, que fazia pequenos trabalhos e a manutenção de rotina do liceu, e estava em cima de um escadote a endireitar um candeeiro no teto.

– Alguém saiu por aqui há pouco?

Olhou-me com ar de bastante curiosidade. Era um homem franzino de fato-macaco, cabelo louro escorrido que lhe caía sobre os olhos e uns oculinhos à John Lennon. Trinta e tal anos – o que o tornava demasiado jovem para ter trabalhado no King Henry quando o meu irmão andava no liceu – e, embora já o tivesse visto por ali uma ou duas vezes, prestara-lhe pouca atenção até àquele momento.

O Chris encolheu os ombros.

– Eu estava de costas para a porta. Passou um rapaz há pouco. Era ele?

– Que rapaz? Que aspeto tinha? Era louro? Usava óculos?

– Quem sabe? Parecem-me todos iguais.

Senti um arrepio na nuca.

– São uns malandros, todos eles. O que é que ele fez?

Com um esforço, sorri-lhe.

– Nada. Tudo bem. Tem a certeza de que não estava mais ninguém? Ninguém no corredor?

– Só Mr. Scoones agora mesmo.

– Mr. Scoones?

– Vi-o, sim.

– A sair do teatro? – perguntei. As minhas mãos estavam a começar a tremer.

– Eu disse-lhe. Estava de costas para a porta. A senhora está bem? Parece um bocado pálida.

– Não, estou ótima, obrigada.

O Chris encolheu de novo os ombros e regressou ao seu trabalho. Eu voltei para dentro do teatro. As luzes na sala estavam agora acesas; os rapazes tinham todos retomado os seus lugares. O Persimmon e o Spode ainda conservavam as suas indumentárias, a sorrir; visivelmente satisfeitos consigo

próprios. Esquadrinhei as filas de lugares, a perguntar-me quem poderia faltar ali. Ninguém. Tornei a verificar. Todos os meus alunos estavam presentes. Quem quer que fosse que aparecera com aquele traje devia ter vindo de outro lugar.

– A que veio tudo aquilo? – perguntou a Carrie.

– Não foi nada – respondi. – Foi uma partida qualquer. – Fiz um sorrisinho sem sentido. Poderia até ser verdade. Tão perto do fim do período, com tantas atividades não-planeadas a decorrerem, era muito fácil os rapazes andarem por ali fora das suas salas. Mas debaixo da pele sentia um milhão de volts a puxarem-me os músculos e os nervos; por trás da tela em branco, as maquinarias do pânico.

– Então, *miss*, quem é o vencedor? – perguntou o Spode.

– Desculpa?

– Quem é o vencedor, *miss*? Disse que o vencedor ganhava um prémio.

Forcei-me a desviar os olhos do palco.

– Foram todos fantásticos – disse. Lancei um olhar ao meu relógio. Faltavam vinte minutos para o fim do dia de aulas. – Ora bem – disse. – O prémio é... O prémio é... – hesitei.

A Carrie falou, toda despachada.

– O prémio é que vão todos para casa mais cedo – disse, e foi recebida por uma erupção de alegria da plateia. Olhando para mim, disse em voz baixa:

– Estás bem, Becky?

Ergui um pouco a voz e disse:

– Sem fazer barulho, cavalheiros, ao saírem. Deixem os fatos no palco. Não quero balbúrdia ao saírem.

Para minha surpresa, obedeceram, com as vozes num murmúrio baixo. Não houve correrias pelas coxias ou qualquer mau comportamento. Ao sair, o Orange virou-se e olhou-me com um sorriso rasgado.

– Foi a melhor aula de Francês de sempre, *miss* – disse, sem vestígio de gaguez.

A Carrie sorriu.

– Tens um novo fã. Talvez mais do que um, de facto – disse, quando o Persimmon e o Spode passaram por nós, com os rostos corados do sucesso.

– Foram todos muito bons – disse eu. – Apreciei especialmente a homenagem pessoal ao professor Scoones.

O Persimmon sorriu, travesso.

– Obrigado, *miss*.

– Oh, já agora – prossegui. – Quem era aquele que saiu da porta do alçapão?

Os dois rapazes olharam um para o outro e encolheram os ombros.

– Não era um dos nossos – disse o Spode. – Devia ser de outra turma.

Mais uma vez, senti o medo crescente a zunir dentro de mim. *A minha pele está cheia de abelhas*, pensei, *e em breve a minha cabeça vai rachar-se como a do leão no enigma de Sansão*. Voltei para o palco vazio; olhei pela porta aberta do alçapão. Muitos alçapões nos teatros têm elevadores e portas de correr mecânicas; presumivelmente, o orçamento do liceu não permitira tais coisas. Um simples par de dobradiças; uma porta que podia abrir tanto para fora como para dentro; uns simples degraus de madeira a levarem até debaixo do palco.

Cuidadosamente, descii os degraus e tornei a entrar no espaço do alçapão. Apanhei do chão o manto e a máscara pretos. A máscara, especialmente, era estranha; uma coisa perfeitamente redonda, de veludo, tão sem traços distintivos quanto um disco de vinil.

– Uma máscara sem rosto, uma *moretta* – disse a Carrie, entrando pela porta lateral. – É uma espécie de máscara veneziana que usavam no século XVII. Usei-as uma vez numa produção de *Otelo* que fizemos há anos.

Ergui a máscara. Era perfeitamente redonda, sem espaço para a boca nem fios para a manter no seu lugar num rosto. Em vez disso, havia uma espécie de botão liso na parte de dentro.

– Supostamente, mantinha-se no lugar mordendo o botão – disse ela. – Isso significava que uma mulher que a usasse não tinha voz nem rosto. Achei que era um visual interessante para as personagens femininas: fi-las usar uma sempre que não tinham nenhuma fala.

– Quando foi isso? Em que ano? – perguntei. Toda a minha força estava a impedir-me de me ir abaixo.

– Em 1971 – disse ela. – No ano em que o teatro abriu. Fizemos tudo com trajes da época. Eu desempenhei o papel de Desdémona, de facto. Nesses tempos, ainda tinha idade para isso.

Mas já não estava a ouvi-la. Encontrara outra coisa no chão por baixo do manto ali abandonado. Algo do tamanho de uma bolsa grande; brilhante e de verniz vermelho. Reconhecê-la-ia em qualquer parte. Era a pequena pasta vermelha que o Conrad me comprara pelos meus anos; a que eu tinha misteriosamente perdido no dia em que o meu irmão desapareceu.



Liceu Masculino King Henry, 7 de julho de 1989

Fiquei a sós no teatro, muito depois de a Carrie e os rapazes terem ido embora. Sem eles, o espaço era menos reconfortante; as sombras nos cantos pareciam repletas de uma ameaça silenciosa. Olhei para o meu relógio: eram quatro horas. O Dominic estaria a perguntar-se onde me encontrava: as aulas terminavam às três e meia.

Olhei mais uma vez para a pequena pasta vermelha na minha mão. O tempo não lhe desbotara a cor, mas a superfície de verniz estava estalada e estriada, com a consistência brilhante e pegajosa de uma maçã vermelha coberta de açúcar caramelizado. Como a tinha adorado, pensei. Como a procurei freneticamente assim que reparei que tinha desaparecido!

Enfiei-a dentro da minha pasta de executivo. Para além de simplesmente a deixar ali no Pequeno Teatro, não havia grande coisa que pudesse fazer com ela. Como chegara ali? Combinado com o súbito aparecimento de uma figura de máscara – uma máscara que por acaso fora usada na peça do liceu do meu irmão –, não podia ser accidental. Era real, tal como a figura era real. Alguém que sabia o que se passara tinha planeado aquilo. Poderia ser o Scoones? Ele sabia quem eu era. Conhecia bem o teatro. E o Chris tinha-me dito que o vira ali por perto. Mas porque o faria? E como encontrara a pasta da escola que eu tinha perdido em criança?

Estendi a mão para o meu casaco, que deixara em cima de um dos assentos estofados em veludo, e ouvi um som vindo das traseiras da divisão – o som de um autoclismo.

Um som tão corriqueiro, pensar-se-ia. Nada para causar alarme. Mas o acesso às casas de banho só se fazia pelo teatro. Para entrar, alguém teria de o ter feito pela porta principal. Eu teria visto e ouvido a pessoa. No entanto, a única explicação alternativa era que *essa pessoa estivera lá dentro o tempo todo...*

Peguei no casaco e na pasta e avancei lentamente para as traseiras do auditório. O meu coração batia com uma força doentia, e sentia um sabor no fundo da garganta como se tivesse mordido um papel metálico.

O Scoones?

Havia duas portas idênticas, uma com um símbolo de um homem e a outra com o símbolo de um homem numa cadeira de rodas. A Carrie tinha razão; neste liceu, ser mulher ou deficiente equivalia mais ou menos à mesma coisa. Abri a porta com o símbolo do homem. Não estava ninguém lá dentro. Uma fila de lavatórios; dois urinóis; dois cubículos com as portas entreabertas. Estava mais limpa do que a casa de banho dos rapazes no corredor do Secundário; os espelhos eram de vidro, não de aço polido, e havia um ténue aroma medicinal a pinho. Nenhuma das torneiras estava aberta. Não vinha nenhum zunido dos canos. Virei-me e dirigi-me à outra porta. Tentei abri-la. Estava fechada à chave.

Encostei a orelha à porta e ouvi o som de água a correr. O sabor metálico na minha boca tornara-se quase avassalador. Tentei dizer: *Está aí alguém?*, mas descobri que sentia a garganta demasiado seca para conseguir falar. Sacudi o puxador.

– Está aí alguém? – Ainda tinha a garganta seca, e a minha voz soou muito baixa. Poderia ser outra vez uma criança, encolhida no chão daquela casa de banho. Algo na minha memória pareceu subitamente *soltar-se*, como um cano da água há muito entupido que finalmente larga o seu sedimento. Lembrei-me da porta verde do meu sonho, e com ela um cheiro a serrim e a tinta, e uma luz que vinha de cima em peças coloridas de um *puzzle*. Lembrei-me de ter olhado por um buraco e de ter visto as sombras que se mexiam ali e ouvido uma voz atrás de mim a dizer: *É aqui que vive Mr. Smallface. É para aqui que leva as suas presas. Queres que ele te leve também?*

A porta verde. O buraco misterioso. As imagens eram nítidas, embora o tempo e o contexto não o fossem. Eu estivera, de facto, no teatro naquele dia? A presença da minha pasta da escola parecia certamente sugeri-lo. E aquela recordação de luz colorida refletida nas traves de um soalho – poderia ser da cúpula do teatro, com o seu padrão abstrato de vidro colorido?

Mais uma vez, sacudi a maçaneta da porta da casa de banho.

– Ei! – Desta vez, a minha voz soou mais alta. – Ei, está alguém aí dentro? Mr. Scoones?

O som de água a correr parou. Ouviu-se um som por trás da porta. O zumbido de abelhas na minha cabeça aumentou. Fechei as mãos em punho à volta da minha pasta – não sei bem o que esperava, mas aquele traço combativo em mim ainda persistia e a minha inquietação não o fizera diminuir. Foi assim que, quando a porta se abriu e um estranho saiu do cubículo, ficou alarmado com boa razão ao ver-se diante de uma jovem com uma pasta vermelha erguida acima da cabeça como um taco, o seu rosto rígido de tensão, os seus olhos desvairados com luzes a bailar.

Era um homem com ar agradável, de trinta e poucos anos; alto, atlético, com cabelo castanho-claro e um crachá de prefeito do King Henry na lapela do seu *blazer*. Pareceu surpreendido por me ver – como seria de esperar – e depois fez-me um sorriso bastante cauteloso.

– Foi alguma coisa que eu disse?

Inspirei fundo, procurando acalmar-me.

– Com um raio, desculpe... assustou-me – disse, baixando a pasta. – Pensei que era um intruso.

– Não me diga – disse o estranho. – Julguei que me ia bater na cabeça. – Fez-me um sorriso caloroso e encantador. – Sou o Jerome. E você é...?

O seu sorriso era contagiante.

– A Rebecca Price. Línguas Modernas.

– Então, talvez sejamos colegas no próximo período. Acabei de falar com o Dr. Sinclair sobre a nova vaga para professor de Francês.

Demorei um momento a processar aquilo.

– Mas... *não há* nenhuma vaga para professor de Francês.

– Ao que parece, há – disse o Jerome. – Perderam um elemento do pessoal docente no princípio deste período e conseguiram arranjar uma substituição à última hora, da Sunnybank Park, logo dessa escola... Chegou a falar-se de manter essa pessoa, mas fiquei com a impressão de que o Dr. Sinclair... – Parou de falar abruptamente e olhou para mim. – Oh, merda. *Você é a substituta.*

– Como é que ouviu falar da vaga?

– Desculpe. – Parecia pouco à vontade. – Sinceramente, não teria dito nada se...

– *Como é que ouviu falar da vaga?*

– Andei em Oxford com o Daniel Higgs. Encontrei-me com ele no *pub* para beber um copo e ele disse que talvez houvesse um lugar aqui para mim.

– Estendeu a mão e pousou-a no meu braço. – Juro que não sabia – disse. – O Danny levou-me a crer que não era provável que você ficasse.

– Ai sim? – Pensei no Daniel Higgs e na maneira como me olhara para o decote naquele primeiro dia nas escadas. Desde essa altura, evitara-me na maior parte das vezes, alarmado, talvez, com a minha tirada. Ocorreu-me a ideia de que, provavelmente, andava a espalhar boatos sobre mim desde então, entre os seus amigos e colegas.

– O que é que o Sinclair disse sobre mim?

– Realmente, pouca coisa – disse o Jerome. – Só que era muito jovem e não estava inteiramente...

– À altura dos padrões? – disse eu. A minha inquietação anterior fora rapidamente substituída por uma espécie de raiva estonteante que estava a ter dificuldade em controlar.

– Ia dizer: não inteiramente acostumada à maneira como as coisas são feitas no King Henry.

Forcei-me a manter-me calma. Tornara-me muito boa a esconder coisas. A morte do Conrad e o que se seguiu a ela ensinaram-me isso, pelo menos.

– Bem, lamento que tenha vindo perder o seu tempo – disse eu. – Não há vaga nenhuma. Vou ficar até ao fim do meu contrato. Depois disso, tenciono concorrer a um lugar permanente aqui.

Dei comigo quase surpreendida com a violência da minha reação. Apercebi-me de como queria *muito* ficar, apesar de tudo aquilo com que me defrontara. Mesmo apesar das objeções cada vez mais amuadas do Dominic. Queria provar o meu valor àqueles homens que já me tinham descartado, que me tinham mirado e tentado intimidar e me faziam sentir sem valor. Queria provar-lhes o que era capaz de fazer, *que era capaz de matar o monstro...*

Aquela recordação apanhou-me desprevenida. Veio como antes, em fragmentos de luz; pedaços de um arquivo corrompido. Lembrei-me da porta verde e da luz mosqueada, de uma floresta, que vinha de cima, e do som de algo a bater no chão, e do sabor a papel metálico e a chocolate...

O Jerome estava a parecer desconfortável.

– Compreendo perfeitamente – disse. – Não devia ter abordado o Sinclair. Mas estava entre colocações, e esta pareceu-me tão adequada. Fui aluno cá em tempos, sabe? Os tempos mais felizes da minha vida.

– A sério? – disse eu. – Quão diferentes somos. Como são diferentes as nossas experiências.

– Eu sei. São, não são? – Sorriu-me. – Eu *gostava* da escola. Gostava mesmo. Sei que sou um cliché ambulante, mas agrada-me pensar que isso faz de mim um professor melhor. – Bateu no crachá de prefeito que trazia na lapela. – É por isso que uso este crachá, suponho. Para recordar os amigos. Os mestres. Os jogos. A sensação de pertencer a uma longa e orgulhosa tradição.

Voltei a olhar para ele. Trinta e quatro, trinta e cinco anos, talvez. *Com idade para ter conhecido o meu irmão*, pensei.

– Tem sorte. Algumas crianças passam um mau bocado na escola. – Fiz uma pausa. – Lembra-se daquele rapaz que desapareceu?

Olhou para mim com uma expressão bastante vácuca.

– Conhece essa história? – perguntou. – Devia ser muito nova quando aconteceu.

Encolhi os ombros.

– É famosa, de certa maneira.

– Sim, suponho que deve ser – disse ele. – Isso tudo parece ter sido há muito tempo.

– Conhecia-o? – perguntei. O sabor metálico estava de volta à minha boca, e perguntei-me se ele veria no meu rosto o quanto necessitava de saber a verdade. Sacudiu a cabeça devagar.

– Posso tê-lo visto uma ou duas vezes – disse. – Não o conhecia. – Olhou para mim com bastante atenção, e disse: – Price, era o apelido dele. Colin

Price.

Forcei-me a não o corrigir.

– Price – repetiu lentamente. – É o *seu* apelido, não é?

Encolhi os ombros.

– É um apelido bastante comum por estas bandas.

– Bem, eu não o conhecia. Penso que talvez andasse num ano diferente. Ou talvez pertencesse a uma Casa¹³ diferente. De qualquer modo, não me lembro de muita coisa desse caso.

Bem, Roy, eu sabia que aquilo era mentira. O desaparecimento do Conrad foi o maior acontecimento da história do King Henry. Escreveram-se livros sobre o caso. Houve até um documentário na televisão. É claro que ele se lembraria, pensei. Acrescente-se a isso a expressão no seu rosto quando lhe perguntei se tinha conhecido o Conrad...

O que é que ele sabia? Porque estaria a mentir? Poderia ser algo importante?

Mais uma vez, controlei a minha expressão. Lancei um olhar ao meu relógio.

– Bem, as horas que são! Tenho de ir para casa. Mas talvez pudéssemos encontrar-nos algures? – Sorri-lhe. – Tenho de admitir que me ia ser útil conversar com alguém que conhece o King Henry. Pessoas como o seu amigo da faculdade, o Higgs, não me têm tornado isto nada fácil.

Eu sei. Ter uma cara bonita também pode ter as suas vantagens. Significa que sou levada menos a sério. Contudo, quando se trata de dirigir os homens para o que quero, raramente falha. Ergui as mãos para soltar o cabelo do coque e sacudi-o sobre os ombros.

– Dá uma sensação *muito* melhor – disse. Era um truque barato, mas atraiu-o. Sentia os seus olhos como dedos quentes nas maçãs do meu rosto.

– Podíamos encontrar-nos amanhã – disse ele. – Há um *pub* em Malbry de que gosto. Chama-se The Thirsty Scholar.

Acenei com a cabeça. Sabia onde era. Ao fundo da rua do St. Oswald.

– Encontramo-nos lá às quatro. Podemos ter uma conversa.

Sorri.

– Está combinado.

¹³ Nas *Grammar Schools* (liceus) e *Public Schools* (colégios particulares) britânicas, os alunos repartem-se por *Houses* (Casas), grupos para fins de competições desportivas, por exemplo. (*N. da T.*)



7 de julho de 1989

Já era tarde quando voltei para a April Street. A Emily, de pijama, com as suas pantufas em forma de patas de tigre, estava a ver desenhos animados sentada no sofá. Havia um aroma forte a cozinhados – alho, malaguetas, tomate, arroz. Supus que o Dominic já devia ter feito o jantar.

Entrei e pousei a minha pasta. O relógio na cozinha indicava que eram 18h45. Por um momento, senti uma pontada de inquietação. Estivera realmente com o Jerome durante mais de duas horas? E se não, para onde tinha ido o tempo?

O Dominic estava a lavar a louça, de costas para mim quando entrei. Não se virou, mas falou-me num tom enganadoramente neutro.

– Guardei-te um pouco de *jambalaya* – disse. – Não sabia quando ias chegar a casa.

– Desculpa. Surgiu uma coisa – disse eu. – Obrigada por teres dado o jantar à Emily.

– A miúda tem de comer – disse o Dominic.

– Desculpa – repeti, pondo os braços à volta do seu corpo. Parecia tão hirto como uma prancha de madeira. – Eu compenso-te depois.

O Dominic encolheu os ombros.

– Tanto faz. Está bem.

Não disse mais nada, mas fui investigar os pratos tapados em cima do fogão. Ele viria às boas, pensei. Aprenderia a sentir orgulho em mim.

Deitei umas colheradas de *jambalaya* para uma tigela. Tinha bom aspeto, embora já não estivesse quente. Sentei-me para comer em silêncio. Havia frango, salsicha e arroz, cozinhados com malaguetas e alho. O Dominic era um excelente cozinheiro. Muito, muito melhor do que eu.

Servi-me de um copo de vinho, a aperceber-me de como estava cheia de fome. O Sinclair, o Scoones e os outros iam sempre ao refeitório à hora do almoço, mas, entre a correção de trabalhos, a organização das aulas, a ida de uma sala para outra e a supervisão dos rapazes, nem uma vez me juntara a eles.

– Não te dês ao trabalho – dissera-me a Carrie. – Não estás a perder nada. Acho que não fui ao refeitório mais do que duas vezes em trinta anos. Além de que aquele sítio está cheio de homens, prontos a comentarem o que estás a comer. *Batatas fritas, Carrie? Vai ficar gorda!* E todo o tempo a enfardarem empadas de carne de vaca e rins, os javardos, e tarte de frutos e leite-creme.

Tive de me rir. Sabia o que ela queria dizer. Ser mulher, aprendi, é ser a ouvinte constante de conselhos não solicitados de homens. *Anima-te, querida, pode nunca vir a acontecer! Não devias comer isso! Precisas de comer mais! As senhoras não usam calças!* Mais uma vez, pensei naquele fato de calças e casaco. Pensei que *ganhara* o direito de o usar. Mas o Sinclair estivera o tempo inteiro à procura de quem me substituísse. *Eu mostro àquele cabrão*, disse para comigo. *Eu mostro-lhe quem está à altura dos seus padrões.*

Acabei o *jambalaya* e lavei a louça. Nessa altura, eram já horas de a Emily ir dormir, e, embora me dispusesse a ir deitá-la, ela pediu que fosse o Dominic. Era típico da Emily; dava o seu afeto livremente aos homens, enquanto eu tentava em vão ganhá-lo. O Dominic estava nas nossas vidas há menos de um ano, e a minha filha já o amava. Perguntei-me se *eu* o amaria. Perguntei-me se era sequer capaz de o amar.

Veio para baixo daí a algum tempo. Nessa altura, eu já tinha bebido mais dois copos de vinho e estava a sentir-me estonteada e um pouco atrevida. O Dom olhou para mim por um momento e depois pareceu ficar descontraído.

– Pareces cansada.

– Bem, tem sido uma semana cansativa.

– Só mais uma, e depois ficas livre. – Serviu-se de um copo de vinho. – Pensei que podíamos ir para fora uns dias, depois de eu terminar as aulas na escola. Para a baía de Robin Hood ou algo do género. Aposto que a Milly ia gostar. Não tem sido fácil para ela este período, contigo tão atarefada o tempo todo.

Bebi o vinho em silêncio. Sabia que poderia ser difícil ele aceitar a minha decisão de ficar. Mas o Dominic nunca acreditara que eu seria bem-sucedida no King Henry. Nunca *quisera* que eu fosse bem-sucedida. Não pela primeira vez, apercebi-me de como a desaprovação do Dom vinha sempre à tona quando eu estava a fazer progressos. E a sua reação ao «amigo imaginário» da Emily não fora limitar o tempo que ela passava sozinha, torná-la mais dependente *dele*? Talvez seja isso o que ele receia, pensei. A independência de uma mulher.

– Estás muito calada – disse o Dominic.

– Já te disse, só estou cansada – respondi. – Mas se conseguir manter-me a par agora, o próximo período vai ser muito mais fácil.

– O que queres dizer com «o próximo período»? – disse ele. – Pensava que tinhas decidido não ficar.

Abanei a cabeça.

– Nunca disse isso. E porque me viria embora nesta fase? Já fiz a parte que custava mais.

Via que ele não aprovava. Mas talvez por causa do vinho que tinha bebido, da cena no teatro ou da redescoberta da minha pequena pasta vermelha, eu estava a ter uma sensação estranha e pouco usual de euforia. Pela primeira vez desde a minha chegada ao King Henry, sentia que estava perto de algo. E, depois de tudo o que tinha visto, não podia de maneira nenhuma desistir naquele momento.

– Sinto-me preocupado com a Emily.

– Não sintas. A Emily está perfeitamente bem.

– Sabes que ela tem andado a mostrar sinais de *stress* – disse o Dom. – O amigo invisível com o nome do teu irmão. Aquele desenho inquietante que ela fez na escola...

– Isso foi há séculos – disse eu.

– Não é o único, Becks. – Ainda estava preocupado, mas pressenti uma espécie de triunfo discreto na sua voz. – Eu avisei-te. Ela é muito sensível. Sabe quando as coisas não estão bem.

– Então porque é que não me disseste? – perguntei. – Porque é que *ela* não me disse?

– Não queria preocupar-te. E talvez ela me faça mais confidências a mim. – Abriu a gaveta de um armário e tirou uma pasta verde-escura. – Vá lá. Olha para isto – disse. – São os que encontrei até agora.

– Que encontraste?

Havia talvez uns vinte. Alguns a lápis de cor, outros a caneta, alguns rabiscados em fitas compridas do que parecia ser um rolo de bilhetes de autocarro rejeitado. Todos tão familiares, no seu vermelho e preto berrante, e com aquele nome, que ainda me assombrava...

– Andava a escondê-los debaixo da cama. Guardei-os – disse o Dominic.

Fitei o papel que tinha na mão. Um pedaço de papel grosso, do tipo que distribuem nas escolas primárias, com as palavras escritas laboriosamente por baixo.

– Mas como é que ela *conhece* Mr. Smallface? – disse eu. – Eu nunca o mencionei sequer.

O Dominic encolheu os ombros.

– As crianças falam umas com as outras – disse. – Talvez fosse alguém na escola. Ou talvez os teus pais tenham dito alguma coisa.

De repente, o vinho tinha um sabor horrendo; azedo e metálico. Pousei o copo.

– Não disseram nada – respondi. – Ela já não vai a casa dos meus pais há... – Interrompi a frase abruptamente. Ela já não ia à casa dos meus pais desde que viéramos viver com o Dominic. Não porque eu receasse o que ela poderia ouvir, mas pelo que ela poderia contar-lhes sobre as nossas novas circunstâncias. Os meus pais não eram o tipo de pessoa que acolheria de bom grado um homem como o Dominic. Sabia que o achariam demasiado velho para mim; demasiado de esquerda; demasiado diferente do Conrad. Acima de tudo, a sua identidade racial teria provocado comentários, eu sabia que sim. Recordei o dia em que o Conrad chegou a casa com um amigo afro-caribenho. As perguntas. Os comentários. Os silêncios.

– Os meus pais são... complicados – afirmei.

O Dom ergueu uma sobrancelha.

– Bem podes dizê-lo, *baby*.

Só tinha estado com os pais do Dominic uma vez. A sua mãe era uma senhora exuberante da República de Trindade e Tobago; o pai, um homem de falas mansas do Yorkshire. O Dom falava das suas três irmãs com afeto, mas pareciam estar sempre a discutir; havia também várias tias do lado da mãe; uma mancheia generosa de primos e uma avó com noventa e tal anos que vivia na vizinha Pog Hill. As irmãs do Dominic fascinavam-me. A intimidade entre eles; as questiúnculas constantes; a maneira como as suas feições refletiam todas as gerações da sua família grande e caótica. Toda a família que eu alguma vez conhecera estava toda ainda naquela casa na Jackson Street; os meus pais, e o fantasma daquele rapaz que tem estado ao meu lado ao longo da maior parte da minha vida.

– Mas a Emily não é a única que tem andado a comportar-se de maneira estranha. *Tu* estás diferente desde que começaste as aulas no King Henry. Os pesadelos, a insónia, o facto de nunca estares completamente presente. Tenho-me sentido preocupado contigo, Becks. – Pegou na minha mão delicadamente entre as suas, fazendo com que me apetecesse arrancá-la. Aquele impulso só durou um momento; a seguir, senti-me culpada por o ter sentido. O Dom estava a fazer o melhor que podia, eu sabia-o bem, o que me tornava perversamente ressentida.

– Por favor. Escuta – prosseguiu ele. – Sei porque é que aceitaste o lugar no King Henry. Querias saber mais coisas sobre o Conrad. Pensaste que talvez pudesses descobrir para onde ele foi, há aqueles anos todos. Que talvez, se conseguisses descobrir a verdade, os teus pais...

Pus-me de pé abruptamente, derrubando o meu copo, e o vinho tinto entornou-se sobre a toalha de mesa.

– Deixa-te de fazer de psicólogo amador, Dom. Não sou um dos teus alunos.

Pareceu ficar magoado com aquelas palavras, e senti uma punhalada odiosa de vergonha.

– Desculpa. Eu preocupo-me contigo – disse ele.

– Então tenta acreditar em mim, para variar, em vez de partires do princípio de que não sou capaz de lidar com as coisas. – Estava perto das lágrimas, e detestava isso, e detestava-o a ele também, por as ver. – Admito que foi duro, ao princípio. Mas as coisas estão muito melhores agora. – Olhei para ele. – Tinha esperança de que tu, mais do que qualquer outra pessoa, ficasses contente por mim.

Levantou-se e pôs os braços à minha volta.

– Desculpa – disse. – Acredito em ti. E se tu estás contente, *eu* estou contente.

Forcei-me a tentar descontrair-me. Sentia o seu bafo contra o meu cabelo. Sabia que estava a tentar ser caloroso e sincero, mas nunca me sentira tão distante como naquele momento. Sempre tive esse problema, Roy, desde a infância. Parece que não sinto as coisas como as outras pessoas. Coisas de que as mulheres alegadamente gostam – jantares à luz de velas, o Dia dos Namorados, demonstrações exuberantes de afeto – encham-me de embaraço. Parece tudo tão falso. Tão vazio, de algum modo. Tão total e deprimentemente sem sentido.

– Prometo que vou fazer melhor – disse ele. – Vamos sentar-nos e começar de novo. Conta-me tudo sobre o teu dia. Prometo que te vou apoiar.

Era tudo o que eu queria ouvir, e, no entanto, quando chegou o momento de lhe fazer confidências, quando chegou o momento de *confiar* nele, não fui capaz de lhe falar sobre o Jerome ou do que acontecera no teatro. Da mesma maneira que não poderia contar-lhe o que se passara na casa de banho dos rapazes e o que tinha acontecido à minha camisa de seda. Acima de tudo, não poderia falar-lhe da pequena pasta vermelha, como ela voltara para a minha vida e como a trouxera para casa comigo na minha pasta de executivo nova.

Em vez disso, peguei-lhe na mão e levei-o para o quarto, no andar de cima. Descobri que os homens nunca recusam sexo – e o sexo, ao contrário do seu irmão, o romance, nunca é piegas ou dissimulado. Talvez seja por isso que o prefiro a declarações românticas. O seu suor; o seu ritmo e as suas batidas; a sua sinceridade feia e ofegante. Tive dois orgasmos, e ele também: e dormi como uma criança até de manhã.



Liceu Masculino King Henry, 8 de julho de 1989

O dia seguinte era um sábado, o dia do meu encontro com o Jerome. Era fácil escapulir-me; aos sábados, costumava ir ver os meus pais a Malbry. Nunca por mais de uma hora de cada vez, e a maior parte do tempo num silêncio que era interrompido de forma intermitente pelo som dos canos gorgolejantes e do rádio do meu pai, com o volume muito baixo, mas perpetuamente sintonizado numa das suas estações de emissões numéricas. O tiquetaque de um relógio na prateleira por cima do fogão de sala; um cheiro a roupa lavada e não arejada; a chaleira a apitar no fogão. O chá, que tinha sempre demasiado leite. Aquelas bolachas *Bourbon*, com recheio de chocolate, que eu detestava. Os retratos do Conrad por toda a parte; nas paredes, na prateleira por cima do fogão de sala. A minha mãe de roupão, o meu pai de pantufas. E o guião, repetido tantas vezes que o sabia de cor:

Devias comer mais. Estás demasiado magra. Não estás a fazer dieta, pois não, Becky?

O Conrad come sempre como um cavalo. Deve ser por andar sempre em correrias.

Vá lá, come uma bolacha. Sabes que são as tuas favoritas.

Podia ir embora mais cedo, disse para comigo, ir encontrar-me com o Jerome no *pub* Thirsty Scholar, e depois dizer ao Dominic que precisara de tratar de uma pequena emergência doméstica na casa dos meus pais – o lava-louça entupido, uma fechadura avariada, um pombo no depósito de água – para justificar o tempo extra. O Dominic não questionaria a mentira. Era sempre absurdamente crédulo. Desta vez, porém, mal cheguei a casa dos meus pais, ao abrir a porta com a minha chave, pressenti um ambiente fora do comum. Algo tinha mudado desde a semana anterior, algo que conferia uma carga como quartzo ao ar. Sentia o seu cheiro: um aroma a limão como o de lençóis secos ao sol. Ouvia-o como um zumbido. E, acima de tudo, os meus pais pareciam estranhamente, assustadoramente cheios de energia: a minha

mãe com um vestido azul, o meu pai com um fato de verão que não o via usar há anos. Ambos se encontravam na cozinha; na mesa estavam espalhados utensílios. Havia um frasco com farinha aberto; uma taça com massa de bolo de chocolate encontrava-se pronta a ser vertida para um par de formas forradas com papel. A janela por cima do lava-louça estava aberta e o sol brilhava nos azulejos, trazendo consigo uma recordação inofensiva de ser muito pequena e de brincar debaixo da mesa na luz esfumada e dourada.

A minha mãe virou-se quando entrei.

– Becky! – disse. Tinha os olhos brilhantes. Parecia ser dez anos mais nova do que da última vez que a vira. – Becky, fico tão contente que estejas aqui. Estou a fazer o bolo de aniversário do Conrad. Achas que ponha uma cobertura amarela ou azul? O azul é a cor da equipa de futebol, claro, mas o amarelo é a cor preferida dele.

Suspirei interiormente. Tinha visto a minha mãe assim talvez umas três ou quatro vezes ao longo dos últimos vinte anos. De cada vez, nos dias antes do aniversário do Conrad; e em todas essas ocasiões, ao período de atividade, breve mas frenético, seguira-se um declínio rápido das suas capacidades cognitivas. Não sei bem o que magoava mais: a breve ilusão de vida ou as semanas subsequentes de silêncio na cama, as mudanças de medicação, antes do regresso apagado à rotina. O meu pai também estava afetado, claro, e a esperança nos seus olhos magoava ainda mais do que a recaída inevitável da minha mãe. Hoje, porém, também ele transbordava energia; com um ar normal de partir o coração.

– Ela parece tão bem hoje – disse ele, chamando-me à parte sob o pretexto de fazer o chá. – Até falou de irmos à igreja. Graças a Deus que aconteceu, Becky. Graças a Deus. Ando há tanto tempo à espera disto.

Tentei sorrir.

– Relaxa, papá.

– Queres *Bourbon*? Comprei umas especiais. Bolachas, não uísque. – Riu-se. Era uma piada da infância muito, muito antiga, que me fez doer o coração como uma pancada física.

– Não, obrigada.

– Estás com bom ar, Rebecca. Dar aulas faz-te bem. Que tal está a correr? E como está a pequena Emily? Há algum tempo que não a trazes para nos ver.

Isso era uma novidade, pensei: não me lembrava de o meu pai ou a minha mãe alguma vez terem expressado interesse pelo meu trabalho, e, quanto à minha filha, surpreendia-me que um ou o outro se lembrassem do seu nome. O certo é que nunca o usavam – ela sempre fora «*a criança*». Peguei na chávena que o meu pai me estendia. Como sempre, o chá tinha demasiado leite. No entanto, aquela expressão consciente nos seus olhos acelerou-me a pulsação. Poderia ser... *poderia* desta vez ser diferente?

– Não te importas que a cobertura seja amarela, pois não, meu amor? – Era a minha mãe, com uma chávena cheia de açúcar fino. Deitou um pouco de água na chávena e depois uma gota de corante alimentar. – Também te podia fazer uma cor-de-rosa, mas amarela dá para meninos *e* meninas.

– Amarela está bem, obrigada, mamã – disse eu. – Mas talvez não venha cá amanhã.

É claro que me tinha esquecido dos nossos aniversários. Usualmente, tentava evitá-lo. E como, de qualquer maneira, os festejos eram sempre para o Conrad, nunca os partilhava com eles a não ser que por acaso coincidisse com a minha visita semanal.

– Oh, mas vais ter de estar presente – disse ela. – Agora que o Conrad vem para casa.

Nunca é a queda que nos mata, disse eu uma vez à minha psicóloga. *É sempre o raio da aterragem*. Os meus pais estavam em queda livre há anos: há anos que eu receava o momento em que tomassem finalmente consciência de que o Conrad estava morto. No entanto, sem isso, eu estava condenada a esperar eternamente.

– Oh, mamã. – Aquele sabor na minha boca era como moedas molhadas em *brandy*. – Já passámos por isto tantas vezes. O Conrad nunca mais vai voltar para casa. Seja o que for que tenha acontecido, está tudo acabado. Precisas de tentar...

– Oh, mas vai! – Estava a rir-se, o seu rosto iluminado com júbilo. – Ele *escreveu-nos*, Rebecca. Recebemos a carta ontem. Esteve fora tanto tempo,

mas agora, *finalmente*...

– Não – disse eu. – Por favor, mamã. Isto outra vez não.

Bem, é claro, aquilo já tinha acontecido antes. Várias vezes durante a minha adolescência, tivemos cartas de pessoas a dizerem conhecer – ou até mesmo *ser* – o Conrad. Talvez umas duas dúzias ao todo, cada uma delas uma viagem de esperança e decepção de partir o coração. A esperança é aquilo que te mata, mamã. A esperança é o que se parte quando aterras.

O meu pai parecia preocupado.

– Oh, não. Isto é diferente. Não é como aqueles outros oportunistas. Este é o nosso rapaz, não há dúvida disso – disse ele, pousando uma mão quente no meu braço. – Até perguntou por ti, meu amor. Perguntou como estava a pequena Becks. Olha. Eu mostro-te.

– Por favor, papá, não.

Mas o meu pai já ia a meio caminho da prateleira por cima do fogão de sala. Havia um envelope junto ao relógio, debaixo do retrato do Conrad. Numa questão de segundos, o meu pai estava a estender-mo: um envelope duro de papel grosso, com palavras escritas numa letra forte e redonda.

– Anda lá. Pega na carta. Lê-a, meu amor.

Por um momento, apeteceu-me desatar a correr. Fugir e nunca mais voltar. Mas esse nunca foi o meu estilo, Roy. Se havia um inimigo, precisava de o confrontar. É claro que nunca me passou pela cabeça que a carta pudesse ser genuína. Já pensara em todas as hipóteses, e só uma se adequava aos factos. O meu irmão estava morto: muito provavelmente raptado pela pessoa que a minha memória traumatizada ainda se recusava a identificar, exceto como uma espécie de monstro. As crianças veem o mundo de um modo diferente. Filtram as suas realidades através de contos de fadas e metáforas. A pessoa a que eu chamava *Mr. Smallface* fora a encarnação do meu medo, mas *alguém* humano desencadeara esse medo: alguém real e vivo.

Peguei no envelope e virei-o. O carimbo do correio era ténue, ilegível. Não havia remetente: só a nossa morada, correta até ao pormenor do código postal.

Isso era interessante, pensei. A maior parte das cartas que tínhamos recebido eram pouco convincentes logo à partida – sem código postal, com os

nomes mal escritos. Algumas tinham claramente sido enviadas de alguma espécie de instituição. Eu acabara por reconhecer o estilo; o papel fino, barato, as palavras escritas a lápis, sublinhadas. Algumas pediam logo dinheiro. Outras enviavam mensagens «do além», afirmando que o espírito do Conrad as contactara de além-túmulo. Uma tinha-se aproveitado da obsessão do meu pai com as estações de emissões numéricas; afirmando que eram sinais de extraterrestres que raptavam rapazes para os usar em experiências secretas. E os meus pais tinham recebido todas essas cartas com o mesmo tipo de esperança febril e palpitante, mesmo as que até eu via imediatamente que eram falsas.

Esta era bastante diferente. Escrita numa só folha de papel branco, dentro de um envelope a condizer, a letra regular, escrita com uma caneta de tinta permanente; o tom ao mesmo tempo calmo e íntimo. Li as palavras:

Querida mamã e querido papá,

Estou há muito tempo à espera do momento certo para vos enviar esta carta. Há todo o tipo de razões para não o ter feito antes. Algumas são culpa minha, e peço perdão. Sei o quanto o ter-me ido embora vos deve ter feito sofrer, e à pequena Becks. Suponho que já deve estar crescida. Aposto que é uma verdadeira beldade. Senti tantas saudades de todos, sabem? Preciso realmente que saibam isso. Mas a vida é frequentemente muito estranha e leva-nos para lugares estranhos. Não quero contar-vos muito sobre isso antes de os ver cara a cara, mas saibam que nunca deixei de vos amar ou de pensar em vocês. Nunca.

Não vão acreditar em todas as coisas que fiz desde que saí de casa. Viajei pelo mundo, Sempre disse que o faria, embora talvez não dessa maneira. E encontrei-me, por fim - é um cliché, eu sei, mas nunca soube realmente quem era até ter de aprender por mim mesmo, da maneira mais dura. Papá, penso que te sentirias orgulhoso ao ver-me endireitar e encarreirar. E tinhas razão: nunca cheguei a fazer carreira no futebol. Joguei muito - ainda jogo, de facto -, mas não é aquilo a que se chamaria um trabalho estável. Vais rir-te quando te contar o que faço, mas juro que é decente, e legal.

Sei que tudo isto deve ser um choque para todos, e não estou a contar ser recebido como o filho pródigo. Mas adoraria a oportunidade de me explicar e de vos ver a todos de novo. Já perdi tanta coisa. A cerimónia de fim de curso da pequena Becky. Mamã e papá, as vossas bodas de prata. Agora que posso voltar a ver-vos, tentarei compensar-vos. E espero que, quando nos encontrarmos, compreendam por fim que às vezes as coisas acabam por se resolver pelo melhor e que do que é forte sai o que é doce.

Todo o meu amor até lá,

Conrad

Olhei para o papel durante muito tempo, a ler e reler as palavras. Poderia ser o Conrad aos trinta e cinco anos, o seu fraseado mais adulto; a sua letra mais segura de si. E claro que não era. Não podia ser – mas o facto de ser tão plausível enchia-me de dor pelos meus pais. A referência a uma das frases favoritas do meu pai. Era esperto, embora a frase fosse muito comum. O aniversário das bodas de prata, também, era um toque esperto, plausível. O pior de tudo era o uso daquela frase – a da lata de melaço *Golden Syrup*. *Do que é forte saiu o que é doce*. É claro que se tratava de uma coincidência. As pessoas compram latas de *Golden Syrup* todos os dias. E qualquer pessoa poderia ter conhecimento do vitral em memória do meu irmão. Mas o facto de o Conrad me ter contado a história de Sansão e do leão fez-me sentir enregelada por dentro, como se estivesse a espreitar para dentro de um cano comprido e escuro e visse um rosto a olhar para mim...

Reparei que tinha deixado cair a carta. O meu pai baixou-se para pegar nela.

– Agora compreendes – disse. – O Conrad voltou. Voltou realmente. Vamos vê-lo de novo, por fim.

Abanei a cabeça, a sentir-me de repente enjoada.

– Não posso voltar a fazer isto. Por favor. – Virei-me para ir embora, não querendo que eles vissem como estava perto das lágrimas. – Não posso. Lamento muito, papá.

– Mas, Becky, ainda não acabaste de tomar o chá.

Abanei a cabeça, mas não me virei. Ouvi a voz da minha mãe a dizer:

– Deixa-a, Stan, ela ainda está perturbada. Dá-lhe algum tempo para se habituar. – O meu pai disse algo que não ouvi, mas ouvi os seus passos atrás de mim. Dirigi-me rapidamente à porta da rua, esperando evitá-lo, mas senti uma mão no ombro e virei-me instintivamente para o encarar.

– Becky, por favor – disse-me ele. – Dá uma oportunidade desta vez, está bem? Sei que não tem sido fácil para ti, com a tua mãe e tudo, mas isto é diferente. Sinto-o.

Queria recordar-lhe como se «sentira» das outras vezes também; incluindo a que viria a revelar-se ser de uma mulher de cinquenta e tal anos que se dizia médium e a quem ele dera oitocentas libras em troca de uma «mensagem» do Conrad.

Em vez disso, inspirei fundo.

– Papá, tenho de ir embora. Prometi ao Dominic que não demorava muito.

– Aquele rapaz de cor com quem ela anda – disse a minha mãe atrás de mim. Não lhe via o rosto, mas sabia que os seus olhos estavam duros como ágatas. – Nunca mais foi a mesma, Stan, não desde aquele emprego na Sunnybank.

– Já não é aí que estou – disse eu.

– Pois não, meu amor, estás no liceu do Conrad. Ele vai querer ouvir tudo sobre isso.

– Oh, papá. – Olhei para ele. – Por favor, não acalentes esperanças outra vez.

– Desta vez é diferente – disse ele. – Leste a carta. É a voz do Conrad. Todos estes anos mantivemos a fé. Finalmente, Deus enviou-nos um sinal.

Abanei a cabeça.

– Não posso fazer isto. Não posso fazer isto outra vez, papá.

– Vais fazer – disse ele. – Tu voltas sempre. – A sua voz era afetuosa e confiante. – Eu conheço-te, Becky. És teimosa – disse. – Mas vais voltar amanhã. Não ias querer decepcionar-me a mim e à tua mãe. Não ias querer faltar à tua festa de anos. – Pousou a mão no meu braço e fez-me um sorriso radiante, de partir o coração. – Tenta não te preocupares, Becky, meu amor.

Vai correr tudo bem – disse. – Vai ficar tudo bem outra vez. Agora que o Conrad vai voltar para casa.



~~Lieu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 18 de setembro de 2006

É interessante o quão rapidamente uma pessoa pode sentir-se absorvida por uma instituição. É claro, o St. Oswald é uma bolha na qual um homem perfeitamente comum consegue tornar-se senador meramente por conseguir sobreviver alguns anos mais do que os seus amigos. Mas sinto-me ligeiramente alarmado perante o ritmo com que, em apenas alguns dias, o meu mundo se reduziu do tamanho de um império ao canto de um qualquer campo estrangeiro que será para sempre St. Oswald.

Continuo a sentir-me ligeiramente adoentado. As palpitações aumentaram e a minha respiração mantém-se perturbadoramente laboriosa. O médico atribui-o à recente alteração na medicação e espera ver melhoras em breve. Entretanto, os meus dias caíram numa rotina reconfortante. Acordo por volta das cinco e meia e ligo para a Radio 4 a tempo de ouvir o início da transmissão diária. Fico deitado na cama uma ou duas horas antes de me levantar para fazer o pequeno-almoço. Uma chávena de chá e duas torradas. Ouço *Woman's Hour*; *Desert Island Discs*. À hora do almoço, a Emma vem trazer-me as compras. Meia dúzia de ovos; pão; alguns pãezinhos doces com corintos. Nada de *Gauloises*, embora os tenha pedido; a rapariga obedece a outras ordens.

A Kitty Teague veio visitar-me uma vez, para trazer um ramo de crisântemos e um postal do resto do departamento. O doutor Devine voltou a passar por cá, ostensivamente para me trazer alguns livros, mas na realidade, suspeito, para ver se há mais sinais da minha decadência. O meu dia é pontuado pelas minhas visitas e a telefonia. Essas são as minhas aulas; os meus períodos livres; os meus intervalos. Ajudam-me a marcar a passagem do tempo. Suponho que, quando finalmente me aposentar, é assim que avançarei; a deslizar, apático, de um programa de rádio para outro, a parar para um chá às dez e meia em ponto, talvez a dar um passeio no parque se o

tempo parecer permiti-lo. E depois, tão regular como as notícias, La Buckfast aparece às seis e meia.

Agrada-me que seja pontual. Um reitor deve ser pontual. Também a sua dedicação ao dever me agrada – embora não consiga imaginar que venha visitar-me por algo mais do que um sentido de responsabilidade para com um velho já muito longe das suas primícias. E admito que a narrativa que tem vindo a desenrolar se tornou o momento alto do meu dia.

Nunca segui telenovelas. Talvez seja porque o próprio St. Oswald é uma espécie de série a passar há muito tempo. A nossa comunidade, pequena mas intensa; as nossas idas e vindas; os nossos conflitos; as nossas mortes. Conheci mestres que se recusavam a falar com outros – por vezes durante anos – por algo tão relativamente pequeno como ter tirado o apagador de um colega da sua sala sem permissão. Pela história de La Buckfast, adivinhei quantos inimigos deve ter feito durante aquelas poucas semanas no terceiro período de 1989 no King Henry. Claramente, não estava consciente da extensão do efeito que deve ter tido, tanto nos rapazes como no pessoal docente. Jovem como era, e com mais a ocupar-lhe a mente do que a química volátil do Departamento de Línguas, deve ter tido tão pouca noção do efeito que causava como uma criança a pisar um formigueiro. No entanto, eu via pela sua história que devia ter provocado um impacto substancial – na Macleod, no Sinclair, no Higgs, até mesmo no meu amigo Eric Scoones, embora ele se tivesse esforçado por mo ocultar.

Porém, com tempo livre para recordar exatamente o que ele me dissera, apercebo-me agora de que o Eric a mencionou de facto várias vezes, de cada uma delas com uma espécie de indignação enregelada. Via-a até de facto uma vez, quando estava com o Eric no *pub*. Quase me esquecera até agora, mas as memórias juntam-se como fiapos, e agora recordo-o claramente.

O Thirsty Scholar sempre foi um *pub* tradicional do Norte. Não se viam lá muitas pessoas jovens – exceto, aos dias de semana, os nossos alunos do último ano e alguns dos mestres juniores. Sempre houve uma regra implícita de que os mestres e os alunos nunca deveriam dar a entender que se conheciam, com os alunos a tirarem o *blazer* e a gravata para manterem uma fachada de anonimato. Aos fins de semana, o *pub* estava cheio na sua maior parte com homens de meia-idade e mais velhos, e ver uma jovem – especialmente uma jovem tão atraente como a Becky Price – era, por si só,

pouco usual. Apesar do meu estado prolongado e confortável de solteiro, não sou imune à beleza feminina, e, mesmo que fosse, a reação do Eric ao vê-la com certeza ter-me-ia alertado.

Estávamos sentados a uma mesa num canto, a alguma distância do balcão. Já tínhamos bebido um par de canecas, e eu ia sugerir que mandássemos vir uma sanduíche de queijo com pickles ou coisa do género. Nesse momento, a porta abriu-se e o Eric ficou hirto como um cão de caça.

– Que raio, Straits! O que é que *ela* está a fazer aqui?

– Quem? – segredei.

– A Asda Price.

Olhei para a mulher que tinha entrado. Jovem, de calças de ganga e *top* sem mangas, o cabelo ruivo incendiado pela luz do sol. Admito que fiquei um pouco surpreendido. Pelo uso daquela alcunha por parte do Eric, esperava alguém mais velha – talvez um pouco desenxabida. Em vez disso, vi uma mulher do tipo que só antes vira em certas pinturas vitorianas, embora sem a serenidade discreta que parece ser seu apanágio. Parecia antes nervosa e pouco à vontade, a perscrutar o balcão à procura de alguém. Recordo a maneira como a luz incidia no seu cabelo pela porta aberta; a curva graciosa da sua clavícula revelada pelo decote simples.

O Eric tapou o rosto com a mão.

– Já não há nenhum lugar sagrado?

– Oh, está bem. Acaba de beber e vamos a outro sítio – disse eu, com alguma irritação. O Eric conseguia ser excessivamente teatral por vezes, e eu duvidava se ele acreditava em algumas das coisas que afirmava pensar. Uma dessas afirmações era de que as mulheres faziam por minar os nossos espaços tradicionais, tornando impossível aos homens desfrutarem da companhia uns dos outros. O facto de Miss Price ser jovem também deve ter contribuído para a sua irritação, porque me lembro de ele dizer então:

– É pouco mais velha do que um dos nossos rapazes.

– Dá-lhe uma oportunidade, Eric – disse eu. – Até tu já foste jovem em tempos.

Encolheu os ombros. Do alto dos seus quarenta e oito anos, ela deve ter-lhe parecido ridiculamente jovem. Agora, olhando para trás, somos nós que

parecemos ridículos. Aos quarenta e oito anos, o mundo ainda é novo e rico e cheio de promessas. Aos quarenta e oito anos, a perspectiva da velhice – doença, demência, morte – não é mais do que a sombra de uma nuvem de verão contra o sol.

Não recordo muito mais daquele dia. O Eric acabou a sua bebida e saímos, altura em que Miss Price já se tinha instalado a uma mesa junto à porta. Havia um homem sentado com ela, mas não poderia dizer nada sobre ele, a não ser que, por um momento, senti uma pontada passageira de inveja. Por vezes, uma mulher tem esse efeito sobre nós, uma mulher que nunca mais veremos.

Só que *voltei* a vê-la, daí a uns quinze anos. Mudou, claro, mas consigo ver a rapariga que foi. Talvez seja escutar a sua história que faz com que volte à vida de novo. Ou talvez seja eu quem está a voltar à vida, ao fim de um longo e desolador sonho.

Quem me dera sentir-me melhor. Esforço-me por descansar; tomo os medicamentos; tenho evitado gorduras; até me tenho forçado a beber a tisana de La Buckfast (três vezes por dia, a seguir às refeições). Apesar de tudo isso, a recuperação prometida não parece estar para breve. Ela comentou esse facto hoje, quando fez a sua visita do costume.

– Espero que esteja a levar as coisas com calma – disse. – Não me agrada vê-lo tão pálido. Quer que lhe faça uma tisana?

– Preferia beber um *brandy* – disse eu.

– Chá – disse La Buckfast com firmeza. – E talvez alguma coisa ligeira para comer?

Deixei que me preparasse ovos mexidos. Fá-los melhor do que eu, com ervas aromáticas e um pouco de mostarda com grão. Perguntei-me por um momento como seria tê-la a cozinhar para mim todos os dias, sentar-me com ela de manhã a conversar, e ouvir a telefonia. Foi um pensamento estranho e perturbador, e nada típico de mim. Tenho poucos arrependimentos na vida, e ter evitado o casamento nunca foi um deles. Porém, sentado no meu cadeirão, a ver a luz do candeeiro incidir no seu cabelo e a maneira segura e calma como manuseava os utensílios – a colher de pau que fiz em rapaz na aula de trabalhos manuais no St. Oswald; a pequena frigideira de alumínio que em tempos pertenceu à minha mãe –, senti uma pequena pontada no coração por

uma vida que poderia ter tido. Uma vida de companheirismo; de momentos partilhados na cozinha. Durou um ou dois minutos, não mais, e quando ela se virou com a comida num prato, ladeada por duas generosas fatias de pão torrado, eu já me sentia completamente recuperado.

– Obrigada, reitora. É muita bondade da sua parte.

– E o senhor é um homem muito teimoso. – Sorriu. – Mr. Straitley, quantas vezes tenho de lhe pedir que me chame Rebecca?

Dei uma dentada numa torrada. Até *isso* ela faz melhor do que eu.

– Pelo menos uma vez mais, reitora – disse eu. – Hoje, como sempre, pelo menos uma vez mais.



Liceu Masculino King Henry, 28 de abril de 1989

Mais uma vez, seja, Mr. Straitley. Tenho de admitir que gosto da nossa rotina. A incerteza encantadora que caracterizou as nossas primeiras interações instalou-se em algo mais calmo e mais afetuoso. Ele não vai trair a minha confiança agora. Quer o resto da história. E, portanto, posso permitir-me confidenciar-lhe um pouco mais – não *tudo*, mas, mesmo assim, mais do que tencionava. Não que tencionasse cozinhar – nunca me agradou a domesticidade – mas há algo nele que traz cá para fora algo inesperado em mim. Poderia ser isto o que o Dominic sentiu? O impulso de cuidar de alguém que está a sofrer?

Depois da cena na casa dos meus pais, desejei não ter combinado encontrar-me com o Jerome no *pub* Thirsty Scholar. O meu impulso imediato foi correr de volta à April Street e contar tudo ao Dominic; sentir de novo os seus braços envolverem-me e ouvi-lo dizer-me que estava em segurança.

Mas isso teria sido demasiado perigoso. O Dominic teria interpretado essa atitude como um sinal de que eu necessitava de proteção. Ter-lhe-ia também agradado imenso proteger-me dos meus pais, do meu passado, do meu trabalho de professora, até de mim mesma – mas isso teria implicado falar-lhe sobre o Jerome e o Scoones e o Sinclair, e sobre o rapaz louro com o crachá de prefeito, e, embora ele me tivesse protegido, também teria exercido uma pressão insuportável sobre mim para que deixasse o King Henry, procurasse apoio psicológico, voltasse à medicação...

E portanto, em vez de ir para casa, fui encontrar-me com o Jerome ao *pub* Thirsty Scholar. Que estranho descobrir que o Roy também lá estava – embora, é claro, eu não o conhecesse nessa altura. Contudo, suponho que se encontrava no seu elemento: o Scholar está cheio de prateleiras com livros. Até *cheira* como o St. Oswald, de algum modo: um cheiro que associo a livros velhos, giz e séculos de pó. Um cheiro *velho*. Ainda mais velho do que o cheiro do King Henry. Reparei no Scoones, sentado a um canto com outro

homem – *você*, Roy – a parecer irritado e desconfortável. Ainda não havia sinal do Jerome.

Encontrei um lugar onde me sentar perto do balcão, tão longe quanto possível do Scoones, e esperei, tentando não dar a impressão de que queria companhia. Três homens – todos de uma certa idade – ofereceram-me uma bebida, apesar de eu já ter um copo cheio de *Coca-cola* à frente; mas daí a cinco minutos o Jerome entrou; e os meus potenciais admiradores afastaram-se.

Viu-me sentada junto ao balcão e cumprimentou-me com um sorriso animado. Trazia o mesmo *blazer* do dia anterior, desta vez com calças de ganga pré-lavadas e uma *t-shirt* branca simples.

– Posso ir buscar-lhe uma bebida? – disse.

– Obrigada, estou bem. – Abanei a cabeça.

– Porque dá a ideia de que talvez precise de algo mais forte do que *Coca-cola*.

Olhei para ele. Sabia qual era o seu tipo; já conhecera muitos como ele. Bem-parecido; atlético; franco; com aquela boa-disposição embaraçada e postiça que tantas vezes vem de, em grande medida, não terem sido habituados à companhia de mulheres durante os anos formativos. É uma forma de compensação comportamental excessiva que reflete uma adolescência passada a estudar as mulheres de longe, como se elas fossem uma espécie de ave rara, a colecionar e registar num bloco de apontamentos em vez de interagir com elas. O pessoal do King Henry estava cheio de homens desse tipo: homens como o Higgs, que me miravam lascivamente à distância, e homens como o Scoones, que me fitavam furiosos abertamente como se não pudessem acreditar na impertinência de eu me ter atrevido a entrar no seu espaço. O Jerome estava a tentar parecer descontraído, mas eu via como se esforçava por dar a ideia de que não estava a olhar para aqueles *outros* homens a olharem para ele com a rapariga bonita. Contudo, conhecia aquela expressão no seu rosto e sabia que daí a um minuto pediria vodka para a minha *Coca-cola*, como se eu fosse uma criança cujos desejos pudessem ser ignorados.

Não sou nada vaidosa. A sério, não sou. Mesmo então, quando virava cabeças, achava a minha beleza um impedimento que ultrapassava de longe a

pequena vantagem que me proporcionava. Nunca usei maquilhagem. Tentava não usar roupas que chamassem a atenção para as minhas formas. Nada disso fazia alguma diferença para os assobios, as propostas, os piropos. Nada disso me fazia sentir segura ou me dava o conforto de que necessitava. No entanto, os homens – e até mesmo algumas mulheres também – pareciam pensar que devia sentir-me grata. Afinal, a beleza não é o que todas as mulheres realmente querem? A oportunidade de ser vista, de ser desejada pelos homens, independentemente de se *ela* os deseja *a eles*? Descobri que, desde que entrei nos quarenta, me tornei menos visível. Depois da mastectomia, recusei-me a pôr implantes, o que significa que os homens me olham agora na cara em vez de uns centímetros abaixo. Não sinto de todo a falta dos meus seios. Agrada-me a sensação de liberdade. Agrada-me poder usar fatos. Tornei-me o tipo de mulher a quem era costume as pessoas referirem-se como «bem-parecida». Pensando em quem eu era, gostaria de poder ter-lhe dito: *Isto vai passar. Os olhares trocistas. Os homens que julgam que sabem mais. Daqui a menos de dez anos, estarás livre. Dele. Deles. De todos.*

– Pode pôr vodca aí dentro, querida? – Era o Jerome, como previsto, a entregar o meu copo à rapariga do balcão.

Ela pegou nele sem nenhum comentário e deitou uma medida de *Smirnoff* no copo. Uma rapariga um pouco mais nova do que eu, com um sorriso de empregada de bar, todo dentes e sem lhe chegar aos olhos. Perguntei-me se ela antipatizaria tanto com ele quanto eu começava a antipatizar ou se era de *mim* que não gostava. Talvez nos detestasse aos dois.

Peguei no copo de vodca com *Coca-cola*.

– Obrigada. – Precisava de o manter do meu lado, pelo menos até me ter contado o que eu precisava de saber. Talvez tivesse conhecido o Conrad ou os amigos dele; talvez tivesse até visto alguma coisa sem se aperceber da sua importância. – Aprecio realmente esta oportunidade de conversarmos – disse eu. – Não achei nada fácil integrar-me no King Henry.

Fez-me um sorriso que com certeza tencionava que fosse de compreensão.

– Oh, posso imaginar – disse. – Não é nada o tipo de lugar onde eu esperaria encontrar alguém como a Rebecca.

Não era propriamente algo lisonjeiro de se dizer, embora, para ser justa, o homem tivesse razão. Sorri e bebi um pouco mais da minha vodca com *Coca-*

cola. Tinha um sabor vagamente metálico, como se a empregada do balcão lhe tivesse adicionado um punhado de moedas.

– Porque é que foi para o King Henry? – perguntou ele. – O que esperava encontrar lá? – A sua voz era bastante amistosa, mas pensei que estava a rir-se de mim. – Ouvi dizer que fez uma entrada em grande – disse ele. – Conseguiu perturbar o Sinclair e o Scoones logo no primeiro dia.

A ideia deste encontro tinha sido um erro, pensei. Já via que o Jerome não iria contar-me nada sobre o Conrad. Em vez disso, estava a tentar fazer-me sentir pouco à vontade e insegura. Talvez fosse até a sua maneira de tentar ser encantador, pensei. Alguns homens gostam de amesquinhar as mulheres: pensam que esse tipo de agressão os torna mais atraentes.

O Jerome pôs a mão no meu braço nu e inclinou-se para mais perto de mim para falar.

– Fiz uma pequena investigação – disse. Falava em voz baixa e num tom de confiança. – Achei que havia algo de estranho na maneira como falou naquele rapaz assassinado. No Conrad Price. Você é a Becky.

Senti algo apertar-se à volta do coração, que reconheci como fúria.

– Foi o Scoones quem lhe disse isso?

O Jerome pareceu ficar surpreendido.

– O Scoones? Não. Procurei-a na biblioteca – disse. – Naquele livro, *The Lost Boy of Malbry*¹⁴. Há um capítulo inteiro só sobre si.

– Oh – disse eu em voz baixa. – Claro. Já quase me tinha esquecido.

O Jerome parecia compreensivo.

– Imagino que quisesse fazê-lo – disse. – Mas era tão novinha. Deve ter sido um inferno. Foi por isso que veio para o King Henry? Por ter sido onde ele desapareceu?

Abanei a cabeça.

– Não sei. Queria recordar.

– E conseguiu? – Pareceu-me que a voz dele tremia um pouco.

Talvez me tivesse enganado a seu respeito, pensei. Aquela autoconfiança era uma fachada. O que eu dissera tocara-o. Estava a tentar ser bondoso.

– Pequenas coisas – disse-lhe. – Pequenas coisas que não fazem muito sentido. É claro que tinha esperança de conseguir mais. Mas estou destroçada. Estarei sempre destroçada.

Era uma coisa extraordinária para dizer a um estranho. Por outro lado, talvez fosse *porque* era um estranho que me atrevera a dizê-lo tão explicitamente. Nunca diria tal coisa ao Dominic. O Dominic ter-se-ia importado demasiado. O Dominic tê-la-ia usado no seu arsenal cada vez maior.

– Desculpe – disse eu. – Não devia estar a descarregar a minha vida privada em cima de si. Mas estou a ter um dia horrível e não posso contar ao meu companheiro e tudo parece estar a desmoronar-se e agora, hoje, os meus pais...

E falei-lhe da minha visita aos meus pais e da carta do «Conrad» que tinham recebido; o derradeiro golpe na minha autoestima numa série de ataques.

– Pensei que aquilo tudo já tinha acabado – disse, e bebi um gole da minha segunda bebida (ele pusera-a discretamente ao meu lado, e era muito mais forte do que a primeira). – Pensei que, depois destes anos todos, pelo menos as pessoas poderiam deixar-nos em paz.

O Jerome pegou-me na mão. Havia uma ruga entre os seus olhos que fazia com que parecesse estar perto das lágrimas.

– Não devia dizer isso, Rebecca. Consigo ver que é incrivelmente forte. O Danny Higgs disse... – Parou de falar, parecendo subitamente muito embaraçado. – Bem, não importa. O Danny Higgs é um idiota, e não sabe do que está a falar.

Olhei para ele.

– Pode contar-me – disse. – Vá lá. O que é que o Higgs me chamou?

O Jerome pigarreou e baixou ainda mais a voz.

– Disse que era *uma cabra fria como gelo*. Desculpe. Mas a Rebecca queria saber.

Tive de me rir. Era a primeira vez há vários dias que me ria *realmente*. Ri até ficar com lágrimas nos olhos e depois acabei a vodca com *Coca-cola* num só gole.

– É um elogio, vindo do homem do bigodaço a preço de saldo – disse, com mais uma gargalhada ligeiramente histérica.

O Jerome olhou à sua volta como se estivesse a ser perseguido. Várias pessoas estavam a fitar-nos. O Thirsty Scholar não era o tipo de lugar onde as mulheres se riam alto. Reparei que o Eric Scoones e o seu amigo tinham saído em algum momento durante a nossa conversa, e senti-me um pouco melhor. Disse-lhe:

– Desculpe. A sério. Não devia rir-me. Mas esforcei-me tanto por me integrar no King Henry, e este é *de longe* o melhor elogio que já ouvi de alguém naquele lugar... – Parei de falar, a rir descontroladamente.

O Jerome suspirou.

– Deve ser duro. O King Henry não é aquilo a que se chamaria um ambiente inclusivo. Mas não são realmente um grupo muito mau. O Sinclair é um velho parvalhão empertigado, mas lembro-me de ele ser um tipo decente quando eu era mais novo. E o Higgs... é só na brincadeira. Conversa entre homens. Talvez... – Fez uma pausa. – Ora, tive uma ideia. Talvez possa ajudá-la. Deve ser muito difícil concentrar-se em tentar recordar o passado ao mesmo tempo que faz um trabalho novo e tem de lidar com os elementos menos civilizados do departamento.

Ri-me de novo.

– Bem pode dizê-lo.

– Então... se fôssemos lá sozinhos, numa altura depois do fim do período... talvez pudéssemos visitar o liceu juntos. Só andar pelos corredores e entrar no átrio e na capela e no refeitório; ver se alguma coisa que veja ou ouça desencadeia uma recordação recalcada?

Começava a gostar daquele homem. E, sim, era boa ideia.

– Faria isso? – perguntei.

– Claro que sim. Se ajudar.

Acenei com a cabeça.

– Sim. Acho que poderia ajudar.

– Ótimo – disse ele. – Então está combinado. Dou uma palavrinha ao porteiro. Que me diz do próximo sábado? Às dez?

Por um momento, olhei-o nos olhos.

– Conhecia o Conrad, não conhecia?

Olhou para mim e assentiu.

– Porque é que não me disse que eram amigos?

Desviou os olhos.

– Desculpe. Eu sei. Já devia ter-lhe dito. Mas o Conrad... – Fez uma pausa, e pensei ver uma sombra perpassar-lhe no rosto. – O Conrad não era exatamente um *amigo*. Não tenho a certeza de que o Conrad *tivesse* amigos.

– O que quer dizer? – perguntei.

Encolheu os ombros.

– O Conrad era... difícil. Vingativo. Nunca se sabia no que estava a pensar. Conseguia esconder o rancor e desforrar-se mais tarde.

– Oh. A sério? – Estava surpreendida. Uma vida inteira de histórias sobre o Conrad, a sua bondade, a sua popularidade, significava que nunca pensara que ele pudesse ser algo de diferente. E a ideia de que o meu irmão poderia ter sido... o que tinha ele dito? *Difícil. Vingativo* enchia-me de uma espécie de culpa. Como podia acreditar em tal coisa? O Conrad era meu irmão. Afinal, estava a olhar por mim no dia em que desapareceu; poderia até dizer-se que, se não fosse por mim, talvez nem sequer tivesse desaparecido.

Quanto é que gostas de mim, Becks? Quanto?

Tanto como isto!

– Desculpe – disse o Jerome de novo. – Não devia ter dito aquilo. Não fique incomodada.

– Não estou incomodada. – Estava consciente de que tinha o rosto corado e o coração acelerado. – Não me lembro de grande coisa sobre o meu irmão, na verdade. Obrigada pela sua ajuda. De facto, gostaria de ouvir mais sobre ele. Poderia ajudar-me a recuperar as minhas recordações.

Acenou com a cabeça.

– Está bem. Vemo-nos no sábado?

Sorri.

– No sábado, combinado.

[14](#) *O Rapaz Perdido de Malbry. (N. da T.)*



9 de julho de 1989

Na manhã seguinte acordei de um sonho em que estava a cair, com os sons de atividade no andar de baixo. O Dominic já estava a pé – pouco usual a um domingo – e o aroma de café acabado de fazer infiltrava-se pela porta entreaberta. Sentei-me na cama e vi as horas. Ainda eram nove e meia.

Preparava-me para me levantar e ir ver o que estava a acontecer na cozinha quando a Emily entrou no quarto a dançar, logo seguida pelo Dominic, que trazia um tabuleiro com o pequeno-almoço.

– Feliz aniversário, mamã! – disse. – Eu e o Dom fizemos fatias douradas!

– Fatias douradas, sumo de laranja e café acabado de moer – disse o Dom.

– E, depois disso, uma surpresa para os teus anos, porque temos de recuperar o tempo perdido.

Pousou o tabuleiro junto à cama e beijou-me o cimo da cabeça.

– Feliz aniversário, Becks.

Sentia-me demasiado surpreendida para reagir. Ele sabia que eu não festejava o dia de anos. Custara-lhe compreender – a sua irmã Victoria tinha feito quarenta anos em janeiro e as comemorações prolongaram-se por toda a semana, incluindo um fim de semana em Paris e uma festa de família a que tive de faltar devido a um vírus gástrico. O Dominic pensou que a minha doença era psicológica. Ele adorava festas e sentia que, se pelo menos eu conseguisse pôr de lado a minha ansiedade, estaria a meio caminho de me curar de todo o meu trauma da infância.

– Obrigada, Dom – disse, por fim. – Não esperava nada disto.

– Ainda há mais – disse ele, a sorrir. – Fiz uma reserva para o almoço com o gangue no Shanker’s Arms. Vamos fazer-te uma festa!

O Shanker’s Arms era o *pub* da Sunnybank, de que o Dominic gostava porque era onde a sua secção do Partido Trabalhista fazia as reuniões. Eu tinha estado lá algumas vezes, embora a política não fosse realmente a minha

praia. Madeiras escuras; uma mesa de bilhar; alvos de dardos; um grande número de lanternas de mineiro penduradas do teto; alguns retratos de celebridades locais pintados por um artista chamado Frazer Pines, que se especializava em história regional. E uma pequena série de salas para festas no cimo do prédio, que o Dominic reservara para algo em que, com certeza, teria pensado como um «pequeno encontro».

– Uma festa? – repeti.

– Só uma pequena festa. Com a família. E alguns amigos e colegas da Sunnybank Park. Bar aberto, música de dança, balões... confia em mim, vais adorar.

Tentei forçar um sorriso. Era típico do Dominic. Tão bondoso, mas com tanta falta de empatia. A sua comemoração soava-me a uma lista de tudo o que eu temia. Ruído; multidão; cheiro a cerveja; música a sair atroadora de colunas. Balões, fitas, um bolo intragável, uma rodada ébria de «Parabéns a você».

Perguntei-me se estaria a ser snobe. Os meus pais achariam tudo aquilo pouco refinado. Mas o Dominic aderiu a tudo com um entusiasmo de criança. Sentia-se muito empolgado, muito satisfeito consigo mesmo e com a sua surpresa de aniversário para mim. Não podia dececioná-lo, pensei. Tinha de alinhar naquilo. Pensei na maneira como se dedicara à Emily ao longo das últimas semanas. Os jogos de tabuleiro, os cozinhados, o fim de semana fora. A nova bicicleta cara. *É assim que ele o faz*, pensei. *É assim que nos leva a mudar*.

– E a Emily? – perguntei.

– Não vai haver problema. É uma festa privada. Só não pode entrar na zona do bar. – Pousou as mãos nos meus ombros e sorriu. – Vais ver. Vai ser ótimo, Becks. O gangue está todo mortinho por estar contigo. Agora toma o pequeno-almoço e veste-te a preceito. Vamos proporcionar-te momentos fabulosos.



Liceu Masculino King Henry, 9 de julho de 1989

No dia em que o meu irmão desapareceu, estava previsto que eu tivesse uma festa. Uma festa só minha, a primeira que não partilharia com o Conrad. É claro que a festa foi cancelada quando o Conrad não regressou a casa comigo. A Emily veio com um presente, mas os meus pais mandaram-na embora. O bolo, com a sua cobertura de açúcar cor-de-rosa e branca, ficou na despensa durante mais de um mês, até o meu pai o deitar fora. Todos os nossos presentes e postais de aniversário – incluindo o da Emily – foram deixados em cima do guarda-fatos, para sempre por abrir, a encherem-se de pó. E só daí a três meses voltei a poder ver a Emily; estive doente, e os meus pais acharam melhor mantê-la afastada.

Olhando para trás, compreendo que os meus pais nunca tinham aprovado a minha amizade com a Emily: ela provinha de uma família da classe operária e a sua pronúncia era pouco refinada. E a irmã dela deixava-os desconfortáveis. Para eles, ter um filho imperfeito era a pior coisa que um pai e uma mãe poderiam ter de suportar. No entanto, os pais da Teresa pareciam gostar muito dela mesmo assim – uma criança que nunca os deixaria orgulhosos trazendo um troféu para casa, nunca lhes escreveria uma carta do acampamento de verão nem lhes acenaria do campo de futebol. Por vezes, penso que talvez fosse por esse motivo que eu era uma decepção tão grande para eles. Porque agora também era imperfeita. Porque tinha sido destroçada.

Demorei muito tempo a compreender que forma esses estragos tinham tomado. Parecia a mesma; *sentia-me* a mesma; e, no entanto, algo me tinha sido tirado. Não eram simplesmente as peças roubadas à minha memória; o que quer que fosse cavara mais fundo. À medida que ia crescendo, comecei a senti-lo como uma ausência no meu coração: um lugar dormiente onde deveria haver a capacidade de amar.

Quanto é que gostas de mim, Becks?

Tanto como isto!

No entanto, não me lembro da sensação que dava gostar dele. Lembro-me de dizer as palavras – os meus pais asseguraram-se *disso* – mas onde o sentimento deveria estar, há só aquele buraco no meu coração, um buraco que não só engoliu as minhas recordações, mas também aquela parte de mim que era capaz de amar. Não vale a pena fingir que não é assim: não sinto grande coisa pelas pessoas. Pelos meus pais, pela Emily, pelo Dominic ou por qualquer outra pessoa. Mr. Smallface levou isso no dia em que levou o meu irmão. Costumava pensar que poderia voltar; mas isso nunca aconteceu, embora tenha aprendido a fingi-lo suficientemente bem para persuadir os homens na minha vida.

Contudo, a Emily pressentia algo. Sabia que faltava alguma coisa. Talvez fosse por essa razão que adorava o Dominic. Talvez fosse por essa razão que escolhera o meu irmão como seu amigo invisível.

Quanto é que gostas de mim, Becks?

Conseguia esconder o rancor e desforrar-se mais tarde.

Lembrei-me das palavras do Jerome com uma espécie de culpa furtiva. A ideia de que o Conrad pudesse ter sido outra coisa que não adorável parecia quase sacrílega. Mais perturbador ainda era aquela sensação momentânea de *reconhecimento* que eu sentira ao ouvir as suas palavras; aquela sensação de escutar algo que não tinha autorização para ouvir.

Chiu. Não queremos ser apanhados.

Tens a certeza de que é seguro?

Chiu.

Vozes de um espaço assombrado. Vozes de...

Do esgoto.

Afastei de mim o tabuleiro do pequeno-almoço. A chávena de café tinha arrefecido. Embora estivéssemos em julho, ficara com a pele arrepiada. Sentia de novo o sabor metálico na boca, e um tinido nos ouvidos, como se tivesse batido com a cabeça. A recordação era pequena, mas nítida, como algo vislumbrado através de um cano comprido e escuro. E as vozes eram também mais claras; como se algo que as bloqueava tivesse sido deslocado.

Vá lá, meu. Ela é uma criança.

É só uma brincadeira. Relaxa, meu.

Levantei-me e peguei no primeiro vestido que me veio à mão no guarda-fatos que partilhava com o Dominic. Era verde, com alças finas, um dos favoritos do Dominic. Combinei-o com umas botas *Dr. Martens*; uma escolha que a mãe do Dominic sem dúvida deploraria, mas que me fazia sentir mais à vontade. Escovei o cabelo e preendi-o, deixando o rosto sem maquilhagem, e senti-me um pouco melhor, embora a boca ainda me soubesse a moedas.

Algumas recordações têm esse efeito, Roy. Ficam à espera abaixo da superfície. Não pensava nos amigos do Conrad desde que era pequena. Talvez fosse a perspectiva de uma festa de anos, mas de repente a recordação estava quase suficientemente perto para lhe tocar. Uma recordação, mas de quê?

Sentei-me na beira da cama por fazer e olhei para o tabuleiro que o Dom me trouxera. Café; sumo de laranja; fatias douradas. Uma rosa cor-de-rosa num frasco de compota. A fatia dourada tinha arrefecido. Provei um pedaço. Estava demasiado doce, demasiado gordurosa. O Dominic fazia sempre fatias douradas com demasiado melaço *Golden Syrup*.

Do andar de baixo, ouvi o som do Dominic a lavar a louça. Os canos soltaram um gemido metálico repentino e depois um coaxar que era quase uma palavra.

A pressão da água, é tudo o que é, disse para comigo automaticamente. *Não há monstros nos canos ou à espreita na sanita. Não há nenhum Mr. Smallface a vigiar-me.*

Fui ao lavatório lavar as mãos. Olhei para o ralo. Havia um tufo de cabelos compridos preso na grelha de crómio: da Emily, provavelmente, ou do Dom. Cuidadosamente, com as unhas, tentei puxar para fora os cabelos antes que entupissem o cano; saíram, mas eram muito mais compridos do que eu pensara, mais compridos e emaranhados com lixo e espuma, e por baixo do lodo preto que os revestia, apercebi-me de que eram cabelos meus.

E então, como se a recordação estivesse ligada ao tampão de cabelos, veio o som da voz do meu irmão, suficientemente perto para ser chocante: *É onde ele vive. No esgoto. É para onde leva as crianças.*

E a velha recordação enterrada há muito tempo saiu a jorrar como algo a entupir um cano, e dei comigo a mergulhar no escuro, como a Alice a cair na toca do coelho.



Liceu Masculino King Henry, 9 de julho de 1989

Como muitas cidades mineiras do Norte, Malbry já teve as suas tragédias. A nossa foi o Desastre da Smarthwaite Colliery em 1924, que ceifou as vidas de trinta e dois homens e rapazes, depois de um irrupção de água de umas minas mais antigas, que não constavam dos mapas, inundar os túneis e provocar a derrocada da boca principal da mina, prendendo os mineiros debaixo da terra.

O meu pai dizia que se recordava, embora devesse ser muito pequeno na altura; do estrondo atroador debaixo da terra, dos lamentos das mulheres nas ruas. E mais tarde, ao longo dos dias seguintes, de ouvir vozes vindas de baixo da terra, vozes que já soavam como fantasmas. Nem todos os homens morreram logo, dizia ele: um punhado sobreviveu durante dias numa bolsa de ar cada vez mais reduzida, mas todas as tentativas de chegar até eles fracassaram e mais tarde a mina foi abandonada.

Hoje em dia, não resta grande coisa, exceto algumas histórias locais de fantasmas, túneis bloqueados e a plataforma elevada da linha do comboio que em tempos levava à mina, a ligar a extremidade dos campos do St. Oswald ao bosque por trás do King Henry. Atravessa um fosso fundo, pelo qual passa um túnel com pouco menos de dois quilómetros de extensão, há muito atulhado e com a entrada tapada por maciços de espinheiro e epilóbio.

Para o Conrad e os seus amigos, aquele lugar era um recreio ainda mais atraente por ser estritamente proibido. Nessa época, ainda havia acesso ao túnel, assim como à saída de ar acima dele, que parecia um minúsculo castelo no topo. E com sorte e escavando à volta, conseguia-se por vezes desenterrar uma recordação – uma chapa da mina deixada ali, uma tacha de uma bota, uma lanterna partida, uma marmita de lata. Quando o tempo no verão estava seco, a erva que cobria aquele lugar abandonado ficava castanha e mirrada em certas partes, deixando ver a forma das escavações e o caminho dos túneis que tinham sofrido a derrocada. Mesmo tão longe como nos campos de jogos

do St. Oswald, havia sinais de aluimento, especialmente no canto do extremo do campo de rãguebi, onde havia um pequeno lago persistente que se tornava mais pequeno durante os meses de verão e alastrava durante o inverno.

Havia também um odor persistente; azedo e vagamente agourento. Com as entregas anuais de terra e saibro, aquele espaço foi-se tornando seguro, e o cheiro azedo desapareceu finalmente – pelo menos até o Johnny Harrington declarar aquele terreno a localização perfeita para o Edifício Gunderson, o que mostra quanto *realmente* sabia sobre a história do St. Oswald.

É óbvio que o meu irmão sabia tudo sobre os mineiros mortos. Quando o meu pai era novo, era comum ouvir as vozes fantasmagóricas debaixo da terra ou ver os fantasmas locais, entre eles o famoso Trapper-Lad, alegadamente um rapaz de dez anos colhido na derrocada do túnel. E, claro, a vila estava cheia de coisas que recordavam o desastre. Perdurava em nomes de ruas e de *pubs* e em monumentos. Mesmo a biblioteca do St. Oswald ostenta o nome do proprietário da mina Smarthwaite, e agora, com a recordação a voltar, lembrei-me do seu rosto e da maneira como olhou para mim lá do alto como algo saído de um pesadelo.

Devia ter uns quatro anos, talvez quatro e meio, na primeira vez que fui ao St. Oswald. A minha mãe estava empolgada. O Conrad pertencia à equipa de xadrez do liceu e tinha sido selecionado para jogar contra o campeão do Terceiro Ciclo do St. Oswald nos quartos de finais regionais. A minha mãe levou-nos aos dois de carro ao liceu e levou-me à biblioteca, onde as competições de xadrez iam realizar-se, dando-me ordens para me manter em silêncio e aguardar numa pequena cadeira junto à porta, por baixo de um grande retrato antigo de um homem com barba e vestido de preto.

Lembro-me do cheiro da biblioteca. Do cheiro a livros velhos e madeira encerada e pó e humidade e mofo. Lembro-me dos rapazes de uniforme, sentados frente a frente nas suas carteiras, com o Conrad sentado a um lado, num lugar em que a luz do sol incidia. Vários dos mestres do St. Oswald com as suas batinas supervisionavam a atividade, e havia uma zona na parte de trás da sala com comes e bebes para os pais. Um mestre de ar bondoso e rosto corado trouxe-me um jogo de xadrez para eu brincar com ele. Lembro-me dos cavaleiros e dos chapeuzinhos bicudos. Lembro-me de pôr as peças no chão e as fazer galopar na madeira. Estava tão embrenhada na brincadeira que não vi o olhar de irritação do Conrad nem o ouvi dizer *chiu!* ao som

quase inaudível das peças no soalho encerado. A minha mãe estava a tomar uma chávena de chá na zona dos pais e, quando olhei para cima, o Conrad estava ali. Já tinha acabado de jogar, e o seu rosto estava duro e contraído.

– Levanta-te. Vamos embora – ordenou. Apressei-me a recolher as pequenas peças de xadrez do chão. O Conrad pontapeou-as com força, fazendo-as deslizar pelas traves do soalho. – Despacha-te *lá!* – Mantinha a voz baixa, mas eu apercebi-me de que estava furioso. – Estragas sempre tudo – disse. – *Eu* devia ter ganhado aquele jogo. – E depois olhou para o retrato por cima de mim e acrescentou: – *Ele* está a vigiar-te. Sabe quando fizeste alguma asneira. E sabe onde te encontrar.

Ergui os olhos para o retrato daquele homem barbudo de preto. Estivera tão embrenhada no meu jogo que mal reparara nele. Mas agora via que estava a olhar para mim; os seus olhos como buracos na tela...

– Quem é ele? – perguntei.

E o Conrad sorriu e segredou:

– É Mr. Smallface.



Liceu Masculino King Henry, 9 de julho de 1989

É claro que não foi o que ele disse *realmente*. Mas a memória é uma coisa perigosa, prometendo muito, mas não entregando nada mais do que fragmentos e sonhos. O nome que ele segredou não significava nada para mim, e portanto na minha mente *Mr. Smarthwaite* tornou-se *Mr. Smallface*, que por sua vez se tornou o monstro que viria a assombrar os meus sonhos durante tanto tempo e ainda me pisca um olho periodicamente do ocasional ralo ou cano.

E o Conrad era persistente. Alimentava incessantemente o meu medo. A sua fúria por ter perdido aquele jogo de xadrez transformara-se em algo vingativo. Tudo o que me assustava passou a ser atribuído a *Mr. Smallface*. Sombras; o escuro; o vento nas árvores; mas acima de tudo os sons de sucção dos canos da água e dos esgotos gorgolejantes. Sempre que um autoclismo era puxado, um cano chocalhava ou um ralo sugava ruidosamente a água, eu sabia que *Mr. Smallface* estava lá: sempre atento, sempre esfomeado.

Voltei a fazer chichi na cama, quase um ano depois de ter parado. Tinha pesadelos em que *Mr. Smallface* me perseguia por uma série de canos cada vez mais pequenos. Empilhava livros em cima do tampo da sanita para o caso de ele subir pelos esgotos. Fora uma criança combativa: mas agora a ameaça do monstro garantia a minha cooperação.

Faz o que te mandam, Becks, ou Mr. Smallface vai ficar a saber.

Escova os dentes como uma boa menina. Mr. Smallface está a ver-te.

Eu sei. Se parece cruel, era mesmo. Mas naquela idade tais crueldades casuais são parte do dia a dia. E as crianças são como gatos domésticos: levam vidas duplas espantosas. Dentro de casa, são dóceis; por vezes até afetuosas. Lá fora, são seres estranhos, predatórios e implacáveis.

Ele é tão bom com a irmã, diziam os meus pais cheios de adoração. Não se pensaria que um rapaz adolescente lidaria tão bem com uma criança de quatro anos.

E o Conrad, com um sorrisinho trocista, olhava para mim e cobria a metade inferior do rosto com as mãos; um sinal em código que só eu compreendia.

Se contares a alguém, ele vai saber. Não vou poder salvar-te. Ele vai subir pelos esgotos e arrastar-te para baixo da terra pelos cabelos.

E depois, um dia, o Conrad e os amigos levaram-me para a margem da linha férrea, onde a terra tinha abatido e encolhido e descido e caído para dentro da vala. Do cimo, podia ainda ver-se a boca meio-fechada do túnel; e acima dele, no cume, a saída de ar a que chamavam o Pimenteiro. Lembrome de eles treparem pelos lados construídos em tijolo e olharem lá para baixo para o escuro, onde a terra parecia estar a escorrer como água por um ralo. E lembrei-me da voz do Conrad a dizer:

É onde ele vive. No esgoto. É para onde leva as crianças.

E durante dezoito anos essa recordação, e o que se seguiu, ficaram escondidas na minha mente. Durante dezoito anos, a porta para o passado mantivera-se fechada, fechando a verdade lá dentro. E depois, no dia do meu aniversário, dezoito anos exatos depois do desaparecimento do Conrad, aquela porta abriu-se como um esgoto no chão: libertando o passado como um enxame de abelhas. Tudo a partir de uma fatia dourada ensopada em melaço *Golden Syrup*: *Do que come saiu o que se come, e do que é forte saiu o que é doce.*

Porquê aquele momento, pergunto-me. Nunca compreendi realmente. Talvez fosse a minha conversa com o Jerome, a cena perturbadora em casa dos meus pais ou o *stress* de ter de esconder aquilo tudo do Dominic; mas, de qualquer modo, estava a vir à tona uma recordação, trazendo consigo o cheiro empoeirado da biblioteca do St. Oswald e o cheiro acre e escuro do esgoto e o som dos canos em casa dos meus pais e o retrato de Mr. Smarthwaite. A recordação e, com ela, uma revelação surpreendente. Sempre acreditara que, aos cinco anos, venerava o meu irmão mais velho. Os meus pais sempre mo tinham dito, e sempre acreditara neles. O seu retrato na prateleira por cima do fogão de sala olhava-me lá do alto como o rosto de Deus, dominando a minha infância. Ele estava nas nossas orações todas as noites; os meus pais não falavam de mais nada a não ser dele. E, ao longo dos anos, o meu irmão acabara por encarnar todas as qualidades que me faltavam. Era crescendo; esperto; bom nos desportos; extrovertido; popular; bem-parecido. Acima de

tudo, era rapaz. Os rapazes conseguiam grandes feitos. As raparigas não. Se fossem bonitas (e boas, claro), faziam um bom casamento. Mas eu não era uma boa menina. Tinha envergonhado a família, primeiro ao engravidar e depois *ao andar com aquele rapaz de cor*.

Mas aqui estava por fim, a verdade; talvez demasiado tarde para me ser útil agora, mas forte e inegável. Uma verdade que nem mesmo a minha psicóloga em momento algum tinha conseguido alcançar; uma verdade deixada intocada durante anos, como uma boca de mina inundada, até um dia se abrir uma brecha na parede e ela jorrar para fora; mortífera; escura; imparável. O Conrad, o meu irmão, o meu herói; o meu amigo: o anjo à nossa mesa; o mártir; o que era demasiado bom para este mundo...

Eu odiara-o.

QUINTA PARTE

Estige
(Rio do Ódio)



9 de julho de 1989

A memória é como uma criança pequena: é imensamente sugestionável. É colorida por sentimentos; sonhos; pelas convicções de outras pessoas. E, tal como o seu amigo, o subconsciente, adora manifestar-se em metáforas, de tal modo que a memória muitas vezes sai de casa vestida com uma indumentária discreta e regressa com um tutu e asas de fada e o rosto pintado como um tigre.

Ao longo da infância e da adolescência, acreditei que as minhas recordações do Conrad eram reais: mas naquele momento começava a aperceber-me de que à verdade se tinham sobreposto anos e anos de culpa, sugestão, mitologia. O irmão que eu tinha conhecido não era o rapaz cujo rosto estava na prateleira por cima do fogão de sala, flanqueado por um par de castiçais e um frasquinho de água benta de Lourdes. Não era o rapaz que a imprensa descrevera – bonito, popular, adorado por toda a gente. Ao longo de toda a minha infância, mantivera-se, monolítico, a pairar sobre mim. Agora, via-o como fera: cruel; mesquinho; intimidador.

Agora que o dique rebentara por fim, recordei todo o tipo de incidentes, truques e crueldades infantis. As vezes em que me fechou na casa de banho e me ameaçou com Mr. Smallface: as vezes em que mentira aos meus pais e me levava com ele para estar com os amigos junto aos campos de jogos do St. Oswald ou ao longo da velha linha férrea ou a fumar junto às Minas de Caulino, dizendo-lhes que me ia levar ao parque infantil, ao parque ou à biblioteca.

Ocorreu-me a ideia que o rapaz que vi no meu primeiro dia – o rapaz louro com o crachá de prefeito – poderia ter sido o meu subconsciente a tentar fazer-me ver a verdade. O facto de não ter reconhecido o Conrad era totalmente compreensível: através da lente da minha memória, ele era irreconhecível. Como professora, no entanto, vira-o por fim sem óculos de

lentes cor-de-rosa – como um parvalhão com um sorrisinho trocista, em nada diferente de qualquer outro aluno perturbador.

Se ao menos o Roy estivesse presente nessa altura. Poderia ter-me ajudado a deslindar a questão. Mas naquela época eu só tinha o Scoones, o Sinclair e a Carrie Macleod – e agora, o Jerome. E, embora a verdade sobre o Conrad tivesse sido uma revelação privada, continuava a não ter mais nenhuma memória do que lhe acontecera, de quais tinham sido as últimas palavras que me dissera ou do que tinha visto – se é que alguma coisa – no dia em que ele desapareceu. Mas talvez o Jerome pudesse ajudar-me, pensei. A sua sugestão fazia sentido. Se o muro do meu passado oculto começava a ceder, então qualquer coisa – um cheiro, uma palavra – poderia desencadear outra irrupção de recordações.

– Becks? Estás quase pronta? – Era o Dominic, do andar de baixo.

Olhei para o tabuleiro do meu pequeno-almoço, intocado. A ideia de comer alguma coisa fez-me sentir subitamente nauseada.

– Só um minuto! – gritei em tom animado, e pus-me à procura de uma maneira de deitar fora o pequeno-almoço do dia dos meus anos. Por sorte, o quarto tinha a sua própria casa de banho ao lado. Verti o sumo de laranja no lavatório, seguido pelo café. O cano soltou um pequeno soluço, mas pareceu aceitar a oferenda. A fatia dourada era um problema maior; por fim, parti-a em pequenos pedaços e deitei-os na sanita. Tive de puxar o autoclismo três vezes e usar meia garrafa de lixívia para me livrar de tudo, mas finalmente a prova desapareceu.

– Becks? Estás bem?

– Claro que sim. – Abri a porta da casa de banho. – Só queria estar no meu melhor quando me encontrar com a tua família.

O Dominic sorriu.

– Eu sei. Eles conseguem ser um bocado excessivos – disse ele. – Mas vão todos adorar-te. Só precisam de uma oportunidade de ter ver num ambiente... *relaxado*.

Um ambiente relaxado. De súbito, senti vontade de rir. Estivera com os pais do Dominic uma vez, num jantar num restaurante local, assim como com duas das suas irmãs e os seus respetivos maridos, mas *não* foi um ambiente

relaxado, e passei a maior parte do tempo num estado de ansiedade aguda. A família do Dom era muito chegada, mas a sua maneira de exprimir afeto parecia consistir principalmente em provocar, berrar, peguilhar e recriminarem-se violentamente por uma série de incidentes na infância.

Era tão diferente do que eu conhecia que me mantive quase em silêncio durante todo o jantar, o que provocou o comentário da mãe do Dominic:

– Não é lá muito faladora, pois não, Dom?

Não foi um começo promissor; e faltar à festa de anos da Victoria não ajudou a reparar os danos. Receava que a família do Dominic me tivesse achado muito desinteressante, ou pior, que tivesse pensado que me considerava demasiado boa para eles. É claro que o Dom o negara, mas não acreditei nele.

– Expliquei-lhes que eras tímida – disse ele. – E... espero que não te importes... mas também falei à minha mãe da psicoterapia e daquele assunto do teu irmão. Ninguém vai trazer isso à baila, juro – apressou-se a acrescentar. – Só queria que todos soubessem que já passaste por muito e que não é culpa tua e que consegues ser muito simpática e maravilhosa quando baixas as defesas.

É claro, ele nunca se deu conta de quão pouco alguma vez tinha visto do que estava por trás das minhas defesas. Mentira-lhe desde o início; o nosso tempo juntos estava entretecido com fios brilhantes de traição. Mas o Dominic era um homem simples e supunha que todas as pessoas o eram também.

Viu o tabuleiro vazio do pequeno-almoço e sorriu.

– Estava bom?

– Delicioso – respondi.

Beijou-me. Sentia o cheiro da sua água-de-colónia e um resquício da ganza que tinha fumado na noite passada antes de ir para a cama. E *queria* agradecer-lhe: queria ser a rapariga confiante que ele pensava que eu era; gulosa, a comer a minha fatia dourada, entusiasmada com a perspectiva de uma festa de aniversário só para mim.

– Mal posso esperar que abras os presentes – disse ele. – A Emily fez-te um postal especial. Uma palavra de aviso: a minha mãe tricota sempre umas

camisolas horríveis para os dias de anos. Tentei convencê-la a não o fazer desta vez, mas ela perguntou-me três vezes de que cores gostas, portanto acho que não tiveste sorte. A Estelle é capaz de te fazer um bolo. A Victoria gosta de máquinas, por isso conta com alguma coisa esquisita, uma faca de trincar elétrica, um aparelho de massagem a pilhas para as costas ou coisa do género. E a Myra... ainda não a conhecestes. Tem a tua idade. Está deserta por te conhecer. – Fez uma pausa. – Desculpa, é que estou muito entusiasmado. Vais finalmente conhecer o gangue todo.

O gangue, pensei. Evocava imagens da infância e da escola, e do Conrad e dos seus três amigos. Eu nunca pertencera a um gangue. Nunca compreendera aqueles livros em que grupos de crianças sadias partiam em aventuras empolgantes. A minha infância tinha sido bem diferente; um armário de vidro, abafado, no qual fora exibida durante anos, a fitar o mundo lá fora numa incredulidade silenciosa e amuada; impecavelmente semelhante a uma pessoa, mas recusando-me teimosamente a desempenhar o meu papel, como um autómato inteligente a que faltasse a chave para o fazer funcionar.

Automaticamente, disse:

– Mal posso esperar.

– É claro que sim. A Emily também. Disse-lhe que vestisse alguma coisa bonita.

Sorri mais uma vez. O sorriso de uma mulher, como descobri, tem muitas vantagens. Faz-nos parecer pouco ameaçadoras, aprovadoras, felizes e sinceras. Os homens preferem as mulheres que sorriem. Até já me aconteceu ser interpelada na rua por homens para me dizerem que devia sorrir mais. O meu corpo nunca foi realmente meu: limito-me a adorná-lo e a cuidar dele para a atenção passageira dos homens. Ou, pelo menos, isso era verdade há vinte anos; agora, o meu corpo é novamente meu, como um brinquedo arrancado a uma criança por um irmão mais velho, para ser devolvido numa data posterior; partido; já sem interesse. Aos seis anos, a minha filha estava a aprender essa lição cedo. *Veste alguma coisa bonita.*

– E *aqui* está ela!

Trazia um vestido cor-de-rosa que o Dominic lhe tinha comprado. Supostamente, era uma indumentária de fantasia de um qualquer filme da

Disney, ligeiramente esfiapado na fímbria e um pouco apertado nos ombros. Nos pés tinha as suas galochas do Pooh e na cabeça um gorro de lã.

Sorri. Talvez a lição não tivesse sido aprendida tão exaustivamente como eu pensara.

– Não tens calor com esse gorro? – perguntei.

A Emily abanou silenciosamente a cabeça, com um ar tão culpado que soube imediatamente que se passava algo de errado.

– Deixa-me ver – disse com meiguice.

Em silêncio, a Emily abanou a cabeça.

O Dom fez-lhe um sorriso afetuoso.

– Vá lá, Milly – disse. – O que se passa? Pareces mesmo uma princesa. As princesas não usam gorros de lã velhos no seu lindo cabelo brilhante.

A Emily parecia abalada, e vi que começava a ficar com lágrimas nos olhos. O Dom estendeu-lhe os braços.

– O que se passa, querida?

Ela tirou o gorro. Por baixo, o cabelo estava cortado curto e de modo irregular; tão curto em certas partes que lhe via o couro cabeludo de um cor-de-rosa de bebé.

– Minha querida, o teu *cabelo*! – Vi que o Dom estava genuinamente perturbado. – Porque é que o cortaste? O que usaste? Podias ter-te realmente magoado!

A Emily começou a soluçar.

– Tive de o fazer – disse. – Ele vive nos esgotos. É capaz de estender a mão e de nos puxar para dentro.

Uma súbita sensação de som *abafado*, como a que se sente nos ouvidos quando um comboio entra num túnel. A realidade do momento pareceu desvanecer-se, eclipsada por outra recordação: eu na casa de banho dos meus pais, com livros a manterem fechada a tampa da sanita; caracóis ruivos a tombarem no chão. As vozes dos meus pais, a virem de um lugar profundo debaixo de água:

Porque é que ela faz estas coisas, papá? Que diabo se passa de errado com ela?

Não te preocupes, meu amor. É só cabelo.

Perguntei, numa voz que soava muito baixa e distante:

– Quem te disse isso, Emily?

E então veio a sua voz, de mais longe ainda; muito baixa, mas de algum modo *carregada*, como relâmpagos presos numa garrafa, e duplicada, como o eco da voz de uma criança num túnel.

Foi o Conrad. O Conrad mandou... o Conrad. O Conrad mandou-me.



~~Liccu Masculino~~ Academia de St. Oswald

Primeiro período, 21 de setembro de 2006

Acordei esta manhã com uma dor de cabeça latejante e um súbito e violento anseio pela minha caneca favorita do St. Oswald. Agora que somos uma academia, este *souvenir* do St. Oswald – como aquelas antigas agendas-plano – tornou-se uma espécie de raridade. Comecei a levantar-me, mas, mal o fiz, o mundo inclinou-se e quase caí, batendo com o joelho no chão. A dor irrompeu, com uma intensidade alarmante. Surpreendente – eu já devia saber. Mas quão pouco esperamos as mudanças inevitáveis do Tempo. Suponho que todos nos sentimos imunes a elas de algum modo, como se a idade fosse passar-nos ao lado. Mesmo agora, dou comigo a conseguir olhar para o espelho e não ver um homem de sessenta e seis anos, mas um rapazinho da escola com um rosto travesso e uma espantosa juba de cabelo grisalho. A minha mãe, nos seus anos de demência, deve ter passado por algo semelhante. Encontrava-a muitas vezes sentada à janela a olhar sem expressão para o vidro.

– Aquela velha está ali outra vez – dizia. – Sempre a tentar entrar.

Demorei algum tempo a compreender que estava a falar do seu reflexo. Pergunto-me que imagem de si mesma via no espelho.

Quando cheguei à cozinha, descobri que a caneca tinha desaparecido. Passando em revista os acontecimentos recentes, lembrei-me de que a tinha deixado na minha secretária. Com um raio. Há algo numa caneca favorita que faz com que até mesmo uma tisana tenha um sabor mais aceitável. Depois de uma dose insatisfatória da mistela de espinheiro e alcaçuz de La Buckfast, servida numa das chávenas pequenas da minha mãe, peguei finalmente no telefone e liguei para o número direto da Kitty Teague.

– Departamento de Alemão. – A voz do outro lado da linha decididamente *não* era a de Miss Teague.

– Straitley!

– Ora, doutor Devine. A ocupar os Franceses de novo? – Existe entre nós há muitos anos uma rivalidade de longa data relativa ao espaço de gabinete. De facto, há um par de anos ele conseguiu até anexar temporariamente o gabinete de Latim, embora a vitória tenha sido de curta duração. Nem mesmo o Johnny Harrington foi capaz de dar novo uso ao meu gabinete, e quando chegar a minha hora, tenciono assombrá-lo, com cheiros estranhos de humidade, sons fantasmagóricos e citações de Cícero.

O doutor Devine soltou o tipo de fungadela que faz quando confrontado com um aluno a usar incorretamente o perfeito do conjuntivo.

– Soa um bocado em baixo, Straitley – disse. – Talvez devesse estar deitado.

– *Qui se ultro morti offerant...* – disse, consciente de que esquecera o resto da citação. Que se dane esta doença; faz com que a cabeça me dê a sensação de estar tão mole como uma maçã podre. Dei um tom especialmente seco à minha voz. – Bem, enquanto está ao telefone, talvez pudesse pedir à rapariga do décimo segundo ano, a Emma Wicks, que me trouxesse umas coisas que deixei na minha secretária? O meu exemplar das *Condolências* de Catulo; o meu dossiê verde dos trabalhos do décimo segundo e... – Fiz uma pausa premeditada, para garantir que ele não adivinharia a verdadeira razão por trás do meu telefonema. – Oh, já agora, a minha caneca do St. Oswald. Deve estar na segunda gaveta.

O doutor Devine fez novamente aquele som.

– Mais alguma coisa, Straitley? Caramelos de alcaçuz, ou talvez uma massagem pessoal da reitora?

– Por agora não, obrigado – disse eu. – E, visto que ela é a reitora, talvez o colega pudesse refrear as alusões grosseiras?

Houve uma pequena pausa fungada.

– Bem – disse o Devine –, sabia que estava doente, mas isto é preocupante. Desde quando é que o senhor e a diretora são assim tão chegados?

Ignorei o remoque.

– Diga só à Emma Wicks que não se esqueça. Provavelmente, estou de volta na próxima semana. Preciso de me preparar para as aulas.

Sentei-me pesadamente na cadeira na cozinha. Apesar dos supostos benefícios relaxantes da tisana, sentia o coração a bater perturbadoramente acelerado, e com aquela pequena palpitação – como o adejar das asas de uma traça minúscula – que nunca parece dissipar-se. Devia ter sido por não ter tomado o pequeno-almoço, mas sentia a cabeça mole e estonteada.

Ouvi a voz metálica do Devine do outro lado da linha.

– Straitley? Ainda aí está?

Tentei responder, mas caí de novo – desta vez mais pesadamente. E foi no chão que ela me veio encontrar, daí a vinte minutos; consciente, mas incapaz de me levantar, e ainda com o meu velho pijama às riscas e o roupão cheio de borboto.

É claro que o velho Uva Amarga a tinha chamado. Tentei persuadi-la de que a minha queda resultara meramente de um esforço exagerado, mas ela ignorou os meus protestos e chamou imediatamente uma ambulância. Acompanhou-me até ao hospital e quando olhei para cima, da maca onde tinham insistido que me deitasse, vi o sol no seu cabelo fulvo e senti o seu perfume – como jacintos – e pensei em Merlin, o mestre, apanhado e atraído ao espinheiro por Nimuë, a feiticeira.

Foi um pensamento bastante peculiar. No entanto, persistiu de modo estranho. O velho mágico, apanhado na armadilha pela sua complacência e o seu fraquinho por um rosto bonito. Com certeza eu não era assim, pensei – e, no entanto, ela enfeitiçou-me *mesmo*. Enfeitiçou-me com a sua história; as suas palavras. Fez-me esquecer as minhas lealdades. Parece de algum modo apropriado que o chá que insiste que eu beba contenha a árvore que apanhou Merlin.

Fechei os olhos.

– É isso mesmo – disse ela. – Agora descanse, Mr. Straitley.

– O que aconteceu? – perguntei, numa voz que parecia vir de muito longe, como um balão de festa de aniversário solto, a flutuar à distância.

– Não se preocupe. Eu explico-lhe mais tarde – disse ela.

E ao deslizar para o sono, tive uma sensação de vaga surpresa por os meus sonhos não serem sobre o St. Oswald e o rapaz enterrado debaixo do Edifício Gunderson, mas sobre a festa de aniversário no Shanker's Arms e a jovem de

cabelo ruivo com o vestido verde, e pensei mais uma vez em Nimuë, antes de me afundar na inconsciência.



Liceu Masculino King Henry, 28 de abril de 1989

Ora, claro que sim. O chá de espinheiro levou o seu tempo, mas finalmente obrou a sua magia. O espinheiro e o alcaçuz são ambos estimulantes, não devem ser tomados por quem sofra de alguma espécie de arritmia, como o Straitley teria reparado se se tivesse dado ao trabalho de ler a parte de trás da caixa. Mas sim, as letras *são* muito pequenas. E não, eu não tinha a mínima intenção de *lhe causar a morte* de facto, embora admita que esse não seria um resultado totalmente indesejável. Mas precisava de o afastar do meu caminho durante algum tempo, pelo menos até à fase seguinte, e conduzir alguém na direção errada contando-lhe uma história só é possível até um certo ponto.

Sinceramente, não lhe desejo nenhum mal. Mas prefiro-o no hospital. Em casa, tem demasiadas visitas. Mais cedo ou mais tarde, teria ficado a saber que a construção do Edifício Gunderson está mais uma vez em marcha. Ajuda que o filho do nosso responsável pelo planeamento local tenha sido nomeado capitão da equipa de natação, com vista a inscrevê-lo nos campeonatos de equipas do condado no próximo ano – isto é, se a nossa piscina estiver pronta a tempo. Em consequência, o pedido de licenciamento há muito apresentado foi finalmente deferido, graças a um plano de canalizações reformulado, e, até ao final da semana, espero que vejamos o trabalho de base completado e o revestimento de cerâmica colocado por fim. Depois disso, tenho a certeza de que o Gunderson Sénior – que por acaso é o diretor de uma firma que se especializa em piscinas – vai assegurar-se de que o trabalho de construção se seguirá tão expeditamente quanto possível. Quando o Straitley regressar ao trabalho – se de facto vier a regressar –, o local estará irreconhecível e a prova – o que resta dela – encontrar-se-á enterrada sob o monumento mais sumptuoso à mediocridade de um rapaz adolescente desde o túmulo de Tutancamon.

Sim, fiz mais do que contar histórias ao longo do último par de semanas. De facto, agrada-me dizer a mim mesma que avancei decisivamente. O

Straitley não tem maneira de provar o que *pensa* que viu lá no sítio; nem os rapazes que o informaram da sua pequena descoberta. Quando isto terminar, tudo isso não será mais do que o sonho de uma noite de outono. O Straitley não falará do assunto, porque poderia incriminar um amigo: e eles seguirão o seu exemplo, porque são alunos, treinados para obedecer.

Posso confessar que aguardo esse momento com expectativa. Contar a minha história ao Straitley foi surpreendentemente cansativo, assim como catártico. Quanto mais depressa chegar ao fim, suponho, mais depressa poderemos todos seguir em frente.

*

Tentaram dar um jeito ao meu cabelo, claro. Tal como nós tentámos dar um jeito ao da Emily. Ainda me lembro da maneira como o meu pai tentou transformar aquilo num jogo, falou sobre Anne de Green Gables e disse que me fazia parecer um duende. Ouvi o Dom com um divertimento irónico dizer as mesmas coisas à Emily. *Agora pareces um duende, bebé. Torna os teus olhos mais lindos.* De facto, a minha filha era bastante desengraçada. Gorducha, com os olhos do pai. Não queria dizer que a amasse menos, mas agora que tinha o cabelo cortado tão curto, via o rolo de gordura que se aninhava na base do seu crânio como um dos rolos da minha mãe para tapar as frinchas da porta da sala de estar. Os seus caracóis castanhos macios tinham-lhe dado uma certa graça de criança: agora que já não os tinha, podia ver-se a falta de encantos que sempre existira.

– Não te preocupes, Emily, vai voltar a crescer. – Não tinha a certeza se as minhas palavras se destinavam a reconfortá-la a ela ou ao Dominic. Os olhos escuros dele estavam cheios de lágrimas: sempre foi sugestionável. Senti uma pequena pontada de desprezo. – Afinal, é só cabelo.

«Mas porque é que fizeste isso?» A voz da minha mãe há muitos anos continua tão ríspida como sempre.

«Foi o Conrad que me mandou», disse eu. «Disse-me que era perigoso.»

Essa foi a primeira e única vez que vi o meu pai realmente perder as estribeiras com o Conrad. Há algo no cabelo de uma menina pequena – assim como com a sua virgindade – que parece unicamente precioso. E o meu era bastante lindo, e nunca tinha sido cortado, o que poderia explicar a fúria dele. Seja como for, o Conrad ficou de castigo durante três semanas a seguir ao

incidente. Proibido de sair com os amigos: sem semanada; sem poder ver televisão. Fingiu aceitar o castigo, e eu era ainda demasiado nova para ver a promessa de maldade nos seus olhos. Mas, como me diria o Jerome daí a uns dezoito anos: *o Conrad conseguia esconder o rancor e desforrar-se mais tarde.*

Esperou até terminarem as três semanas para abrir o jogo outra vez. Aproximava-se o fim de junho, e as férias de verão estendiam-se ao virar da esquina, verdes, brancas e intermináveis. Num sábado, ofereceu-se para tomar conta de mim enquanto os meus pais iam ao horto; e depois, mal eles saíram, o Milky, o Fatty e o Mod apareceram lá em casa e prometeram *mostrar-me uma coisa fixe.*

Fazia tudo parte do plano, claro. Mas eu não estava a contar com nada daquilo. O Conrad estava a ser tão *simpático* naquele dia; a partilhar as suas doçarias, até a levar-me às cavalitas quando eu fiquei demasiado cansada. Atravessámos o bosque perto do King Henry, pela linha férrea abandonada que em tempos levava à mina. Agradava-me aquele caminho. Era macio e verde, e ladeado por sabugueiros em flor. A única parte de que não gostava era da entrada que dava para o velho túnel do comboio. O túnel de Malbry tinha pouco menos de mil metros de extensão e estava desativado há muitos anos. A entrada do túnel estava vedada e a outra ponta tinha sido atulhada. Por vezes, o Conrad e os amigos iam até à entrada do túnel e berravam para o escuro para fazer eco, mas mesmo esse jogo me assustava, e nunca tentávamos entrar.

Seguimos a via-férrea desativada até à entrada do túnel e depois trepámos para o cimo da entrada e seguimos o monte relvado, onde se podia ver o topo de uma das antigas grelhas de ventilação, que parecia um pequeno castelo redondo plantado no caminho. Era famoso, à sua maneira. Os habitantes locais chamavam-lhe o Pimenteiro, e nesses tempos os entusiastas dos caminhos de ferro iam lá muitas vezes tirar fotografias.

Desta vez, porém, o Conrad e os amigos não treparam para o monte onde o Pimenteiro se encontrava de sentinela. Em vez disso, dirigiram-se ao túnel, que estava ali como a boca entreaberta e desdentada de um velho a dormir. O Conrad levava-me às cavalitas e estugou o passo quando nos aproximávamos, embora visse que eu estava a debater-me para descer.

– Vamos entrar – disse-me naquela sua voz enganadoramente animada. – Vou mostrar-te uma coisa fixe.

Era muito novinha, mas soube imediatamente que ele estava a mentir. *Uma coisa fixe*, para o Conrad, era sempre uma expressão em código de outra coisa. E o Conrad, apesar dos seus modos exteriormente encantadores, era maliciosamente, teimosamente vingativo. Mesmo no caso de uma criança quase dez anos mais nova do que ele, sabia como guardar rancor, e agora eu sabia o motivo.

A perda do meu cabelo, e a razão por trás dela, era ainda uma fonte de tensão entre o Conrad e o meu pai. A minha mãe deixara passar o incidente – ele sempre fora o filho favorito – mas, de cada vez que o meu pai via a minha pobre cabecinha com os caracóis cortados, a sua fúria contra o Conrad vinha à tona. Estranho, como me tinha esquecido disso. Sempre acreditara que o meu pai era tão devotado ao Conrad quanto a minha mãe sempre fora. Mas agora, na sequência das novas recordações, comecei a lembrar-me da fúria que pairara no ar entre eles durante todo aquele verão; uma fúria pronta a irromper à mínima provocação.

Não era simplesmente a perda do meu cabelo. Parecia estar em *tudo*. O meu pai e o meu irmão rondavam-se como cães selvagens prontos para uma luta. E o Conrad sabia como irritar as pessoas sem parecer que o fazia. A maneira arrastada de falar que adotava sempre quando se dirigia ao meu pai. Aqueles discos que tocava uma e outra vez, com o volume no máximo, no quarto; especialmente aquele dos Doors que encomendara especialmente e por que esperara durante semanas: o que tinha aquela pequena melodia tilintante, mas de algum modo sinistra.

O Conrad começou a trauteá-la quando nos aproximámos da entrada do túnel. «Riders on the Storm», era como se chamava, e mesmo agora não suporto ouvi-la na rádio.

– Quero descer – disse eu. – Não quero entrar no túnel.

O Conrad não disse nada. Limitou-se a continuar a trautear aquela melodia. A boca do túnel escancarava-se como um esgoto, e eu só pude ficar a ver os rapazes correrem, às gargalhadas e aos berros, ao entrarem na boca do monstro.

O Milky foi o primeiro a chegar à barreira. Era um rapaz pequeno e enxuto, muito bom a trepar. O seu *blazer* era diferente do do Conrad; com um debrum azul em vez de castanho, e os seus óculos estavam presos com fita-cola num canto. Ocorreu-me subitamente, nesse momento, quando estava a desenredar a fita comprida e retorcida do passado, que o Milky devia ser um rapaz do St. Oswald. Isso faria sentido. Nunca o tinha visto ir a pé para a escola com o Conrad. O Mod sim, mas também nunca o vira de *blazer*. Usava sempre aquela velha *parka* verde por cima do uniforme da escola. Durante muito tempo, supus que esse o motivo da sua alcunha, mas, no dia da festa, ficaria a saber a verdade por trás disso. Quanto ao Fatty, seguia sempre logo atrás dos outros; a ver onde punha os pés nos carris partidos; cauteloso em relação às silvas.

– Vá lá, *Fattyman*, não fiques para trás – disse o Conrad num tom de voz trocista, e lembro-me de ter pensado uma ou duas vezes que o Fatty nem sequer era gordo; era só a maneira de o Conrad o amesquinhar, como fazia com toda a gente.

Mas agora estava demasiado ocupada a processar a recordação que regressara enquanto tirava os meus cabelos do ralo do lavatório. Tal como os cabelos, a recordação era feia, e, no entanto, irresistível. Poderia tê-la travado, tal como podia deixar aquele tampão de cabelo no seu lugar – embora me enojasse e me enchesse de um horror infantil.

O Conrad mandou-me cortar o cabelo, dissera eu – mas essa foi a última vez que contei a alguém. Depois disso, fizesse ele o que fizesse – fechar-me na casa de banho, ameaçar-me com o monstro – manteve-se um segredo nosso para sempre. Algo dentro de mim foi silenciado naquele dia, algo que encontrou a sua alma gémea no dia em que o Conrad desapareceu; algo que só agora regressara para mostrar a cara à luz do sol.

Havia margaridas no caminho que levava à boca do túnel. Isso recordava perfeitamente. E ali, para lá das margaridas, encontrava-se a entrada do túnel do comboio construída em tijolos. Era demasiado escura para se ver lá para dentro, mas com o Conrad a erguer-me eu conseguia ver a escuridão. Não que quisesse fazê-lo – mas o Conrad estava a içar-me, de qualquer maneira, e começou a levar-me nessa direção.

– Não quero entrar ali – disse eu.

– Queres ver uma coisa fixe, não queres? – A voz do meu irmão estava sombria. – É aqui que vive Mr. Smallface. Vou levar-te a vê-lo.

Comecei a debater-me mais violentamente, mas o Conrad era inescapável. Levou-me nos braços até à barreira, onde os outros estavam à espera. Olhando para ela, mais de perto, vi que não era uma barreira muito forte. Um dos lados da vedação de madeira tinha sido afastado dos tijolos e era fácil entrar. O Conrad pousou-me no chão e empurrou-me pela abertura. Os outros seguiram-me. Ouvia o som dos pés deles a ecoar contra as paredes.

Comecei a chorar.

– Faz isso, faz – segredou ele. – Só o vai trazer aqui mais depressa.

Tapei imediatamente a boca com as mãos. O Milky tirou a lanterna do bolso e apontou o feixe de luz para cima, a iluminar o rosto, de modo que as suas feições ficaram subitamente as de um monstro sorridente de óculos.

– A Casa dos Horrores do Doutor Terror apresenta... *The Milkman!* – disse numa voz ribombante.

O Fatty disse:

– Milky, seu palerma – e riu-se.

Estremeci e olhei com anseio na direção da boca do túnel. O calor do dia soalheiro de verão já me parecia a um mundo de distância; o ar ali dentro estava húmido e frio. Havia um resíduo esbranquiçado a riscar as paredes enegrecidas de fuligem: no feixe de luz da lanterna, parecia gelado derretido. Da escuridão mais à frente vinha o som de água a gotejar.

– Nós não vamos entrar mesmo, pois não? – perguntei.

– Eu fico aqui a tomar conta dela – disse o Mod.

– Não há necessidade disso – disse o Conrad. – Ela não vai dar problemas. Pois não, Becks? – Segurando-me firmemente pelo braço, conduziu-me para dentro do túnel. Ao princípio, não estava completamente às escuras; podia ver o clarão refletido da luz do dia contra as paredes sujas de fuligem. De onde a onde, havia um arco no lado do túnel; era onde os trabalhadores do caminho de ferro tinham de ficar se um comboio passasse enquanto estavam a trabalhar. À medida que avançávamos, o ar ia ficando mais frio; a boca do túnel ia-se afastando, e a água que pingava do teto tornou-se um jorro consistente. O estreito feixe de luz da lanterna do Milky lançava um círculo

pálido contra os tijolos e transformava a água que caía em cordas torcidas de prata.

– Está a chover – disse eu em voz baixa. As sombras tiravam-me a voz, transformando-a num murmúrio de bibliotecária.

O Conrad riu-se.

– Pois está. Mas essa não é a parte fixe, Becks. Continua a andar. Não fica longe.

A mim parecia-me muito longe. Começava a ficar com os pés cansados, mas não me atrevia a dizê-lo ao Conrad. O cheiro do túnel era a pó e bolor e carvão e podridão e teias de aranha. O som dos passos dos rapazes ecoava e chocalhava contra as paredes. Nenhum deles parecia ter medo, embora eu me sentisse aterrorizada. Tagarelavam enquanto avançávamos. O Milky estava sempre a fazer incidir a lanterna na cara e o Mod tinha o capuz da *parka* levantado, o seu rosto perdido no escuro.

– É como se fosses o Homem Invisível – disse o Fatty num tom de voz teatral. – *Meti-me em coisas de que os homens não devem aproximar-se.*

O Mod disse:

– Tenta ser eu durante uma semana, vais ver como sou invisível.

Todos se riram, com as vozes a acentuarem as sombras. Seguia-os automaticamente para o escuro, a começar a tremer de frio.

– Não há dúvida de que te salientaste para Miss Macleod. – Era a voz do Fatty outra vez, uma voz que achava estranhamente untuosa, de algum modo, colorida por uma insinuação que era demasiado novinha para compreender. – Quer dizer, ficaste com o papel principal na peça. A seguir, vais ao *Junior Showtime* na televisão.

A voz do Conrad, inesperadamente ríspida:

– Para o diabo com ela e com a peça dela.

O Fatty: – Isso era o que tu querias.

– Não é o que queremos todos?

E depois, no feixe de luz da lanterna, vi algo à nossa frente. Dava a impressão de que o túnel estava bloqueado, mas, quando nos aproximámos, vi a coisa que se erguia mais à frente. Parecia uma pilha louca e aleatória de

tralha, recolhida ao acaso e chegando até ao teto. Sacos de lixo, colchões velhos, roupas, talheres, fruta há muito apodrecida; um cavalo de baloiço de plástico antigo como o que eu tinha em casa, mas desbotado e imundo, incrustado com aquele resíduo esbranquiçado fantasmagórico que parecia estar em tudo. A enorme pilha de detritos torcia-se e erguia-se como uma torre acima de nós, e, avançando, vi que chegava muito além do teto. Havia uma espécie de chaminé lá em cima, um tubo comprido e escuro meio atulhado com lixo, rematado com uma minúscula pupila de luz do dia, como se estivéssemos nuns esgotos gigantes cheios dos detritos do gigante. E havia uma espécie de grelha lá em cima – umas barras de metal ferrugento dispostas de uma maneira que parecia a grelha de um ralo.

É claro, era o Pimenteiro. Ao longo dos anos, as pessoas tinham atirado o seu lixo para dentro da saída de ar. Ao longo dos anos, fora crescendo até se formar este amontoado disforme de tralha. Sei-o agora. Faz tudo sentido. Mas ainda recordo o horror daquilo. O frio; a escuridão; a chaminé com o seu terrível fardo de coisas não amadas, rejeitadas...

– É aqui que ele vive – disse-me o Conrad baixinho ao ouvido. – Aqui em baixo, no esgoto. É para aqui que traz as crianças.

Comecei a chorar. Sentia vontade de gritar, mas só conseguia gemer. O Conrad ergueu-me então, na direção da boca distante da saída de ar. Lembro-me até de como cheirava; a mofo e humidade e bolor. Mas isso não foi o pior. O pior foi a voz que parecia vir de toda a parte, uma voz que segredava da escuridão:

Becksssss. Becksssss...

Tentei forçar-me a gritar. Lembro-me de que pensei que se conseguisse gritar, talvez o monstro se fosse embora. Mas só se ouviu um assobio, como o ar a sair de um balão numa festa. O mundo inclinou-se à minha volta e começou a desvanecer-se de modo alarmante.

Lembro-me de ouvir o Mod dizer em tom nervoso:

– Vá lá, meu. Ela é uma criança.

A voz do Fatty:

– É só uma brincadeira. Não leves a porra da coisa tão a sério, meu.

– Ele vem aí – disse o Conrad. – Adeus, Becks.

E depois pousou-me no chão e começou a descer o túnel.

Por um momento, não fui capaz de me mexer, hipnotizada pelo buraco distante. As barras da grelha tão longe pareciam a grelha de um ralo. E vi-o – juro que o vi – a descer pelo escuro para me vir buscar; as suas feições pálidas e horrendas, a sua barba, como tentáculos estendidos para me apanhar, as suas mãos compridas e parecidas com raízes, e depois não houve mais nada a não ser escuridão, sufocante, fria e macia, e tudo se esvaiu como água por um cano...

Ao recuperar os sentidos, dei comigo deitada lá fora na relva, a olhar para cima, para o céu de um azul-vivo. Sentia o chão musgoso contra a pele do meu couro cabeludo e ouvia os insetos minúsculos a moverem-se entre as ervas. Tinha as calças molhadas na entreperna. *Não fui a tempo, mamã.* Ouvi a voz do Conrad, e a do Mod, do outro lado de uma imensidão de céu.

– E se ela tem alguma coisa realmente grave? – Era o Mod, que sempre fora o mais delicado dos quatro.

– Não sejas otário. Ela está bem. – A voz do Conrad era cortante como uma faca. – Anda sempre a fazer merdas como esta.

– Mas... e se for contar aos teus pais?

– Não vai.

– Mas e se *for*?

– Não vai. Vai manter a boca fechada. – Virou-se e fez-me um sorriso terrível. – Ela adora-me. Não é verdade, Becks?

*

Não contei mais histórias depois daquilo. Ninguém – exceto a Emily, a quem confidenciei tudo – sabia a verdade sobre o Conrad. As provocações, as histórias assustadoras, as ameaças – só as contei à Emily, e só quando estávamos completamente a sós. No que dizia respeito aos nossos pais, eu tinha o irmão mais velho ideal. Para mim, ele era um monstro que tinha de ser aplacado: um monstro que conseguia convocar o terror dos esgotos. E, portanto, fiz o que podia para sobreviver. Até acabei por me culpar a mim mesma. Agora, chamar-se-ia a isso Síndrome de Estocolmo, mas eu era muito novinha e estava completamente aterrorizada. E se à noite, debaixo dos lençóis, quando dizia as minhas orações, rezava para que o Conrad

desaparecesse, para que Mr. Smallface o levasse a *ele*, não a mim, assegurava-me de que usava a voz mais baixa possível, aquela que só Deus era capaz de ouvir.



9 de julho de 1989

Demorámos algum tempo a reconfortar a Emily e a pô-la pronta a sair. O Dominic encarregou-se da maior parte, e eu deixei que o fizesse, porque nunca fui lá muito boa a expressar compreensão. Suponho que é porque nunca ninguém me mostrou muita compreensão quando eu era pequena; esperava-se só que continuasse a fazer o que era normal no dia a dia enquanto os meus pais construíam um muro de dor e luto entre eles e o resto do mundo.

Queria fazer mais perguntas à Emily sobre *quem* a mandara cortar o cabelo, mas o Dom recusou-se a permiti-lo, dizendo que ela já estava bastante perturbada sem se entrar em mais pormenores. Parecia agora pensar que *Conrad* devia ser o nome de um rapaz na escola, e já estava a fazer planos para falar com a professora da Emily.

– Mas hoje o centro das atenções és *tu*, Becks – disse. – Vamos fazer-te uma festa!

E foi assim que demos connosco no Shanker's Arms à uma da tarde e fomos conduzidos à sala do andar de cima que o Dom usava para os seus encontros do Partido Trabalhista. Só lá tinha entrado uma vez, e por um breve período de tempo. Recordava uma sala escura e despida, com alguns cartazes e quadros nas paredes. Agora, estava iluminada com fiadas de luzes e velas grandes em recipientes de vidro altos. Uma nuvem de balões ocupava um canto da sala comprida: duas mesas cheias de comes e bebes bissectavam uma das pontas. Um DJ com a sua aparelhagem ocupava o fundo da sala e havia uma pequena área, ao que parecia reservada para dançar, delimitada por luzes coloridas e encimada por uma bola de espelhos gigante. E por toda a parte estavam os convidados do Dominic, enchendo metade da grande sala – oitenta pessoas, talvez mais. Reconheci alguns membros do pessoal da Sunnybank Park; pessoas que conhecera quando dei aulas lá, mas não suficientemente bem para querer manter-me em contacto com elas. E, claro, havia também a família do Dominic. Reconheci a Estelle e a Victoria, com os

respetivos maridos. A mais nova, com tranças compridas e um bebê ao colo, suspeitava que era a Myra. Os pais dele, a Blossom e o Cecil, também lá estavam, juntamente com uma senhora muito idosa que mais tarde soube que era a «vovó Oh», a avó do Dominic. Havia também pelo menos duas dúzias de tias, tios, primos, e uma quantidade generosa de crianças de todas as idades. A maioria era afro-caribenha, mas havia também alguns do lado do Cecil, na sua maior parte pessoas mais idosas. Era um pouco assoberbante vê-los todos ali, especialmente quando o Dominic entrou na sala a dizer: – *Aqui está ela!* – e todas as pessoas se viraram para olhar para mim, algumas a dar vivas e a gritar o meu nome. Depois, fez-se um silêncio expectante, de certo modo pior do que os vivas e os gritos. Apercebi-me de que se esperava que fizesse alguma coisa: que sorrisse, acenasse ou talvez abraçasse alguém.

A seguir, a mulher jovem de tranças aproximou-se com um sorriso radiante e eu consegui retribuir-lhe o sorriso.

– Estou tão contente por te conhecer finalmente! – disse ela, numa voz que era estranhamente como a do Dominic. – Eu sou...

– A Myra – consegui dizer, e sorri. – É um prazer conhecer-te.

A Myra era bastante mais baixa do que eu, com olhos escuros, grandes e expressivos. O bebê que trazia nos braços parecia ter uns três meses e estava envolto numa manta de retalhos. – A minha mãe estava deserta por que nos conhecêssemos – disse ela. – Queres pegar no Tootie? – E ao dizer aquilo enfiou-me o bebê nos braços. Viu-se o *flash* de uma máquina fotográfica. O Dom riu-se. Devo ter parecido sobressaltada.

– Dá-lhe um minuto, Bobs – disse ele a um homem branco idoso com uma máquina fotográfica. – Becks, este é o tio Bobs, o irmão do meu pai. Já conheceste a Myra. Esta é a titi Fedora e a filha dela, a Katie. E aqui está a vovó Oh. Tem noventa e quatro anos. E, olha, está ali a Victoria. Vem dizer olá ao gangue!

O gangue. Oh, Dominic, pensei.

Consegui continuar a sorrir enquanto avançava por entre o grupo da família. O Dominic dizia-me os nomes, mas eu esquecia-os quase imediatamente. Os genes da Blossom pareciam ser os mais fortes na família, embora a Victoria, a irmã do Dominic, tivesse a pele mais clara do que os irmãos. Também se vestia de maneira diferente, e alisava o cabelo. Olhou-me

de alto a baixo e fez-me um sorriso ligeiramente trocista. Supus que estava a pensar em como eu faltara à sua festa de aniversário.

– Rebecca – disse. – Espero que estejas bem.

Tentei sorrir.

– Sim, obrigada – disse. De facto, estava a sentir-me um pouco nauseada. O bebé nos meus braços era surpreendentemente pesado, e começara a retorcer-se de um modo alarmante. Procurei a Myra com o olhar, mas ela tinha-se afastado. O tio Bobs tirou mais uma série rápida de fotografias de mim com o bebé nos braços.

– Vais ter um teu não tarda nada – disse ele, revelando dentes manchados de castanho. – Não vais tardar a superar aquele teu problema quando tiveres um pequerrucho teu.

Tenho a sensação de recordar a festa através de uma espécie de lente que a distorce. Digo a mim mesma que não pode ter havido tanto ruído quanto recordo ou tantas luzes intermitentes. Digo a mim mesma que devo ter-me comportado de um modo aceitável: o que é certo é que o Dominic não viu o quanto eu estava a ter dificuldade em lidar com a situação. Havia uma montanha de presentes, sei que sim. Conjuntos de sabonetes e pó de talco; cestos de fruta; uma camisola tricotada à mão, da Blossom, que insistiu para que eu a vestisse. Por cima do vestido, parecia absurda, chegando-me quase aos joelhos. Nunca vira tantos presentes na minha vida, tantos embrulhos com papéis alegres.

– Eu ajudo-te a abri-los – disse a Emily, e deixei que o fizesse, quase agoniada de alívio. A minha filha sempre adorara festas. Adorou a chusma de titis a darem-lhe mimos. Adorou a comida de festa: sanduíches e rolinhos de salsicha e montanhas de asas de frango e, reinando sobre aquilo tudo, o bolo – uma pilha gigante de flores cor-de-rosa e amarelas em cima de um disco duplo de pão de ló às camadas com cobertura de açúcar colorida. As flores também eram feitas de açúcar; a ideia de as meter à boca era como dar uma dentada em papel metálico.

– Que menina encantadora – disse a Blossom por cima da cabeça da Emily.
– Devias ser *muito* nova quando a tiveste.

Acenei com a cabeça.

– Sim, era.

– Não se desfruta, nessa idade. É tudo uma surpresa. Da próxima vez, vais *realmente* poder desfrutar de ser mãe.

Nessa altura, já conseguira devolver o Tootie à Myra. Ela passou imediatamente o bebé para os braços do Dom. *Podes aproveitar para praticar.* Dava a impressão de que toda a sala estava cheia de expectativas; o ar estava carregado com elas como se fossem fumo de charuto. Dei comigo a conversar com uma senhora branca de cinquenta e tal anos, que, penso, era sobrinha do Cecil.

– É uma rapariga tão bonita – fartou-se de dizer. – Aquilo a que chamo uma verdadeira rosa inglesa.

Dada a maioria dos rostos escuros na sala, achei aquele comentário de bastante mau gosto. Pedi desculpa e, deixando a Emily com a sobrinha do Cecil, fui à procura da casa de banho. A casa de banho das senhoras no Shanker's Arms era antiquada, com azulejos castanhos e uma fila de janelas altas em vidro martelado, e três cubículos, num dos quais havia uma tabuleta a dizer AVARIADO.

Deixei-me ficar um minuto em frente ao espelho, a ouvir o som abafado de vozes vindas da sala da festa. Achei que parecia pálida e não muito bem; encontrei um batom na malinha de mão e pintei os lábios.

Atrás de mim, algo bateu na porta do cubículo. Uns picos de eletricidade percorreram-me a pele como aranhas.

Virei-me de repente e vi a Myra sair do cubículo a alisar o seu vestido comprido estampado. Pareceu divertida ao ver a minha surpresa.

– Desculpa, assustei-te?

– Só me sinto um pouco nervosa hoje.

Pousou a mão no meu braço e sorriu.

– Eu sei. Suponho que conseguimos ser um bocado excessivos. Mas o Dom queria *tanto* fazer-te uma festa. Disse que nunca tinhas tido nenhuma.

Acenei com a cabeça.

– Por causa do teu irmão?

Assenti de novo.

– Deve ter sido *horrível* para ti – disse ela, como eu sabia que diria. É o que toda a gente diz. A culpa não é das pessoas: a intenção é boa, os adjetivos é que já foram todos usados. Embora soubesse que ela estava a tentar mostrar-se solidária, a sua afabilidade dava a sensação de ser distante, como uma lareira acolhedora vista da janela numa rua escura. – E ter de voltar lá para dar aulas... Não consigo imaginar como te deves ter sentido.

Encolhi os ombros.

– Foi há muito tempo – disse. – E o Dominic tem ajudado muito. – Disse aquilo porque pensei que era o que ela queria ouvir. As pessoas com empatia exprimem preocupação porque *elas* querem sentir-se melhor. Estar perante alguém em sofrimento fá-las sentirem-se desconfortáveis.

– Oh, eu sei. – Sorriu de novo. – O Dom é o irmão mais velho de todo o mundo. E compreende como deve ser para ti. Ele também detestava aquele liceu, sabes? Nunca se integrou.

Fiquei perplexa.

– O King Henry?

– Não te contou? É típico dele. Foi aluno lá durante um ano. Mas não resultou. Eram demasiado snobes. Demasiado brancos. Voltou para a Sunnybank Park. Foi onde andámos todos. Foram tempos fantásticos. – Pegou na minha mão e apertou-ma. – Mas estou a falar demasiado. Volta para a festa comigo. São quase horas de cortar o bolo.

A sentir-me ligeiramente estonteada, segui a Myra até à sala apinhada da festa. Estava a sentir-me ainda mais desligada e claustrofóbica do que antes. *O Dominic? No King Henry?* Por que diabo não me tinha dito nada? Se fora aluno lá, com certeza tinha conhecido o Conrad?

O DJ tinha posto a música mais alta e alguns dos convidados tinham desocupado um espaço para dançar no outro extremo da sala. O Dom estava junto à mesa, a servir champanhe em copos de plástico.

– *Aqui está ela!* – gritou. – *Vem cá!* – Disse alguma coisa ao DJ e a música parou de repente. O Dom pegou no microfone. Bateu nele duas vezes; soou um zunido de retorno. – Quero que todos ouçam – disse ele. – Sabem todos porque estamos aqui hoje. – A sala ficou em silêncio, excetuando os sons de pés a arrastarem-se, alguns assobios e uns murmúrios excitados.

– O Dom vai fazer um discurso – disse a Myra, apertando-me de novo a mão. Toda a família do Dom parecia ser muito dada a tocar nas pessoas. Eu não sou; senti a minha mão fria e flácida na dela e perguntei-me o que fazer com ela. Parecia rude tirá-la, e portanto deixei-a ficar, como uma avezinha em choque, até por fim ela me soltar. O Dominic estava a falar.

– Quando conheci a Rebecca – disse –, ela nunca tinha tido uma festa. Nunca tinha bebido uma taça de champanhe ou dançado como se ninguém estivesse a olhar para ela. E portanto trouxe-a até vocês, porque sabia que iam adorá-la. – Fez uma pausa, olhou para mim e sorriu. – Talvez não *tanto* quanto eu – disse. – Mas deem-lhe tempo. Vão gostar cada vez mais dela.

Tomei consciência de que estava a mover-me: a Myra conduzia-me delicadamente para a frente na direção do microfone e do bolo. Ocorreu-me a ideia de que ela devia ter recebido ordens para garantir a minha cooperação. Talvez por estar mais perto da minha idade e se esperar que eu gostasse mais dela.

O Dominic prosseguiu:

– Desde então, a Rebecca e a Emily tornaram-se parte da minha vida. Partilhámos tanta coisa juntos. Não se passou muito tempo, mas já sei que não posso viver sem ti. E é por isso que quero perguntar-te agora... – Sorriu e estendeu-me a mão. – Rebecca, casas-te comigo? Queres tornar-te *Mrs. Buckfast*?



Liceu Masculino King Henry, 9 de julho de 1989

Pergunto-me muitas vezes o que lhe teria dito se estivéssemos sós. Da mesma forma, pergunto-me por vezes o que a Cinderela, a Galateia ou a Pedinte do Rei Cophetua realmente sentiam pelos homens que as salvaram. Tombaram chorosas nos seus braços? Ou reconheceram uma dívida a pagar? Quando se viveu como nós, Roy, de dia para dia numa dieta de massa instantânea barata e os vegetais em promoção no mercado; quando se hesitou entre um novo casaco para a filha numa loja em segunda mão e o dinheiro para o gás, é possível recusar uma oferta de refeições regulares, uma cama macia e a oportunidade de um futuro confortável? O consentimento é um privilégio para as pessoas da nossa laia. E o Dominic, sendo como era um homem bom, não fazia ideia do que significava para mim sorrir e aceitar a sua mão e posar enquanto o tio Bobs nos tirava fotografias com a Myra, e as outras irmãs, e a Blossom, e o Cecil, e a titi Fee, e o Tootie, e a Norma, e a vovó Oh, e *o gangue todo*, como o Dominic estava sempre a dizer.

Suponho que desempenhei razoavelmente o meu papel. Sou boa nisso: porém, durante tudo aquilo – as celebrações, o bolo (que a Estelle tinha feito), os brindes, os muitos abraços, a longa e lenta dança com o Dominic, o beijo que partilhámos com a máquina fotográfica do tio Bobs e o que dava a sensação de serem mil pessoas – senti-me como uma cabaça seca, vazia, a sacolejar o mesmo punhado de sementes uma e outra e outra vez.

O Dom tinha andado no King Henry.

Porque nunca mo dissera?

Poderia ter conhecido o Conrad?

Poderiam até ter sido *amigos*?

Consegui de algum modo sobreviver sem desafivelar a máscara. Se visse as fotografias, diria que estou a passar momentos maravilhosos. Era fotogénica nessa época; não há praticamente nenhuma fotografia de mim que não me favoreça. Aqui estou eu com o Dominic, a rir-me loucamente nos seus

braços; com a Myra e as irmãs, quase perdida de riso. Aqui estou com o Tootie, delicada como uma Nossa Senhora; e aqui, com um copo de champanhe na mão, a camisola da Blossom vestida e a parecer uma miúda de catorze anos vestida com as roupas da avó. Aqui estou eu com a vovó Oh, o seu rosto um punhado de rugas. E mais uma vez com o Dominic; uma noiva, iluminada de felicidade.

O tio Bobs fez um álbum com todas as fotografias desse dia. Ainda o tenho, algures, embora raramente pegue nele. Depois de o Dominic morrer e de eu me mudar da April Street, o gangue pareceu libertar-me por iniciativa própria. Foi quase como se o Dominic tivesse sido a única peça que funcionava naquele mecanismo de apoio: sem ele, a família recolheu-se ao seu círculo de luto. A culpa foi minha, claro; não estivera à altura das expectativas deles. Suponho que pensaram que eu estava a ser fria. Mas o que quer que tenha sentido em relação à morte do Dominic mantive-o para mim, por exprimir e por explorar. Agrada-me pensar que compreenderia, Roy. Talvez até me demonstrasse empatia.

– *À futura Mrs. Buckfast!* – O brinde soou alto e repetidamente. Com a audácia do champanhe, atrevi-me a sugerir que talvez ficasse com o meu nome. A expressão no rosto dele, Roy. A expressão no rosto dele... até a Victoria desatar a rir, me dar um soco no braço e dizer:

– Seu tontinho. Não vês que ela está a brincar?

E então alinhei naquilo, tal como tinha alinhado na festa. Não se tratava de eu ser especialmente sentimental em relação ao meu nome. Mudá-lo poderia até ajudar. Deixaria de ser *Asda Price* – embora o apelido Buckfast apresentasse os seus próprios problemas¹⁵. E o Conrad estaria a mais um passo de distância. Mas era o meu nome. A minha identidade. Sem ele, o que me restaria?

Chegámos finalmente a casa por volta das dez da noite. Poderíamos ter chegado ainda mais tarde, mas a Emily tinha aulas no dia seguinte, o que me deu uma desculpa legítima. Voltámos para casa carregados de presentes, muitos dos quais ainda embrulhados, e, enquanto o Dominic deitava a Emily, tomei um duche e fiz um chá de camomila. Bebi-o junto ao fogão de sala, vestida com um pijama velho, e estava a começar a descontrair-me quando o Dominic voltou para o andar de baixo, triunfante e cheio de energia. Tinha

bebido bastante champanhe, mas estava ainda inebriado principalmente devido ao ambiente da festa.

– Que festa fantástica! – exclamou. – Eu bem te disse que ias divertir-te imenso. Procurou na gaveta por baixo do móvel da televisão, onde guardava o seu saco de erva. – Queres um charro? Vou fumar um.

Sorri e abanei a cabeça a recusar.

O Dom começou a enrolar um charro, ainda a falar daquela maneira rápida e meio a rir que eu achava um pouco inquietante.

– Toda a gente te adorou, Becks. A minha mãe, as minhas irmãs, toda a gente. Foi tão bom ver-vos juntas. Disse-lhes que, se te dessem uma hipótese, lhes mostrarias como realmente és. E elas *adoraram-te*. Foi tão maravilhoso de se ver. Até a Victoria disse que tu eras uma doçura, e ela é uma rapariga a quem é difícil agradar. E a minha mãe disse que tinhas um jeito natural quando estavas com o bebé nos braços...

– Eu já tive um bebé nos braços, Dom – recordei-lhe delicadamente.

– Sim, mas isso foi diferente – disse ele, acendendo o charro e dando uma passa. Perguntei-me de que maneira ele achava que a Emily poderia ser diferente, mas já o vira assim e sabia que não estava realmente a ouvir-me. – E agora vamos casar-nos... – Parou e cheirou o bule na mesa ao meu lado. – O que é isso?

– Chá de camomila – respondi.

Riu-se. – Oh, és tão *fofinha*, Becks. Pijama de flanela e chá de camomila. É como se já fôssemos um casal velho! – Voltou a rir. Nessa noite, parecia que *tudo* o que eu fazia era fofinho. Sabia que ele estava bêbedo e um pouco ganzado, mas, depois do que a Myra me tinha dito, o seu riso dava-me vontade de gritar. Bebi um gole de chá e fechei os olhos, a tentar encontrar-me de novo. Entretanto, o Dominic continuava a tagarelar: era dez anos mais velho do que eu, mas por vezes, especialmente quando estava ganzado, soava como uma adolescente. Apercebi-me de como se sentira inseguro quanto ao sucesso da sua festa; quanto à minha aceitação por parte do seu gangue; mesmo quanto ao seu pedido de casamento. Deveria ser tocante, pensei – e, no entanto, o facto de ele não me ter contado que tinha sido aluno no King Henry lançara uma sombra sobre tudo; um pedaço inesperado de gelo no meio de um bolo de aniversário.

– A Myra disse que tiveram uma conversinha – estava a dizer-me o Dominic. – De que é que vocês, raparigas, falaram?

– De nada de especial, realmente. Coisas de raparigas.

– A Myra é fantástica. Sabia que se iam dar bem. O que é que ela disse sobre mim?

Acenei com a cabeça. Aquele era o momento, pensei; no entanto, não conseguia encontrar uma maneira de começar.

– Falou sobre a Sunnybank Park – respondi, por fim. – Disse que vocês tinham sido muito felizes lá.

O Dominic pareceu ficar surpreendido.

– Sim? Bem, é um ambiente fantástico – disse. – Inclusivo, heterogéneo, um ótimo Departamento de Artes, obviamente. – Sorriu. – Vais ficar aliviada quando voltares para lá, depois de acabares no King Henry.

– Foi assim que *tu* te sentiste, ao voltares?

Pareceu ficar confuso.

– O que queres dizer? Eu nunca daria aulas naquele sítio.

– Refiro-me a quando eras aluno – disse eu.

Vi-o contrair-se.

– Quem disse isso?

– A Myra – respondi-lhe. – Disse que tinhas tentado durante um ano, mas depois decidiste que detestavas aquilo. Porque é que nunca me contaste?

Deu mais uma passa no seu charro, queimando-o até aos dedos.

– *Porra!* – Deixou cair a ponta e pisou-a contra a tijoleira. A boa-disposição eufórica desapareceu; agora, parecia retraído e paranoico. Fumar demasiados charros tinha por vezes esse efeito, embora ele normalmente fosse moderado. – *Não estive* lá durante um ano – disse. – Só aguentei dois períodos. A Myra não se lembra disso porque era muito pequena.

– O que aconteceu? – perguntei.

Encolheu os ombros.

– Nada de mais. Meteu-se na cabeça da minha mãe que eu era dotado, demasiado inteligente para a Sunnybank Park. Inscreveu-me no exame de

acesso. O exame do nono ano. Inglês e Matemática. Era suposto que também soubesse Latim. Não sabia uma porra de uma única palavra. Mas fiquei em primeiro lugar em Matemática e em quarto em Inglês, e por isso entrei com uma bolsa de estudos júnior, desde que me pusesse a par de dois anos de Latim logo que possível. – Começou a enrolar outro charro. Perguntei-me quantos teria fumado nesse dia. – Não foi o melhor ano da minha vida. É por isso que nunca o mencionei.

– Mas se andaste no ano do Conrad...

– Não o conhecia – disse o Dominic. – Pensas que se o tivesse conhecido, não te tinha dito logo? O Conrad não pertencia à minha Casa nem assistia a nenhuma das minhas aulas. E, além disso, quando desapareceu eu já estava na Sunnybank, onde pertencia.

– Como é que foi?

– O que achas? As pessoas gozavam com tudo. Com a minha pronúncia. Os meus sapatos. A minha pasta da escola. Fui colocado no grupo dos mais fracos, até mesmo na porra do Inglês e da Matemática. Os outros dois rapazes negros lá eram filhos de um diplomata nigeriano. E depois ali estava eu. O rapaz da bolsa de estudos, com o seu uniforme em segunda mão. A ideia de que eu pudesse ser, de facto, *esperto* nem sequer lhes ocorreu. Os cabrões dos Henriettas. – Semicerrou os olhos; a evitar o fumo ou talvez a recordação. – Que maneira de dares cabo do ambiente, Becks. Obrigadinho.

– Desculpa – disse eu. – Precisava de saber.

– Bem, agora já sabes. Agora sabes que sensação me dá ver-te ir para aquele sítio todos os dias. Ouvir-te falar sobre *os teus rapazes*. – Deu à palavra uma inflexão desagradável, e senti que me retraía ainda mais. Senti que ia começar de novo a pedir desculpa e detive-me a tempo. Mas o Dominic sempre tivera o poder de me fazer sentir como uma criança, em falta sem saber bem porquê. Apercebi-me naquele momento de que o Conrad me fizera sentir da mesma maneira.

Acabei de beber o chá e pus-me de pé.

– Aonde é que vais?

– Estou cansada – respondi.

– Ainda não abriste os presentes – disse o Dom, com mais uma daquelas mudanças bruscas de humor. – Não podes ir para a cama sem abrires os teus presentes de aniversário, Becks.

Deve ter visto a minha expressão, porque se pôs de pé e deu-me um abraço.

– Desculpa – disse. – Estava a ser um parvalhão. Volta para aqui e abre os teus presentes.

O Dominic era assim, Roy. Os seus acessos de mau humor nunca duravam muito tempo. Passavam como nuvens sobre o sol num dia de verão. Os meus são muito diferentes: os meus nervos estavam a tocar com alarme, e sabia que não conseguiria dormir durante horas depois daquele pequeno episódio. Algures nas paredes, ouvi o som de um cano da água a gorgolejar. Supus que a Emily devia ter-se levantado para beber água. No entanto, apesar disso, senti um arrepio, de algo a mover-se no sono: algo que não devia ser perturbado.

– Vá lá, Becks – disse o Dominic. – Não deixes que isto estrague o teu dia especial.

E, claro, fiquei, como uma boa menina pequena, a forçar um sorriso, embora o meu coração estivesse envolto em arame farpado. Não me lembro das prendas, embora me lembre dos embrulhos: papel artesanal da Victoria; ratos dançarinos da Estelle; arco-íris e estrelas da Myra. E do Dominic, uma caixa minúscula, embrulhada com uma fita prateada – um anel barroco de ouro avermelhado, encimado por um minúsculo diamante com a forma de um olho ameaçador semicerrado.

– Pertencia à minha bisavó – disse ele. – Agrada-te?

Que opção tinha eu? Mais uma vez, o meu consentimento era tomado como garantido. De facto, achei-o antiquado e demasiado barroco; o diamante, como tantas pedras preciosas velhas, parecia baço e estranhamente inacabado. – É lindo – disse.

– Põe-no no dedo.

Os meus dedos eram finos, mas não tão delgados quanto os da antepassada há muito falecida. Por conseguinte, o anel ficava-me um pouco apertado, mas consegui fazê-lo passar para lá do nó do dedo.

O Dominic beijou-me.

– Perfeito – disse. Começou a recolher os papéis de embrulho que tinham caído ao chão. – Oh, espera – disse. – Esquecemo-nos de um. – E da pilha de papéis tirou um pequeno embrulho, bastante mal feito, num papel com um padrão bem antiquado de gatinhos contra um fundo cor-de-rosa.

Senti uma pequena mão fria apertar-me a garganta. Conhecia aquele papel de embrulho. Vira-o muitas vezes de longe, juntamente com o pequeno envelope, agora ligeiramente amarelecido pelo tempo, que estivera em cima do guarda-fatos no quarto dos meus pais durante tanto tempo.

– Da Emily? – disse o Dominic num tom intrigado, lendo a etiqueta escrita à mão.

– De uma velha amiga – respondi, ainda com o postal na mão.

– Estava na festa?

Abanei a cabeça.

– Outra pessoa deve tê-lo levado.

– Bem, vá lá, abre-o – disse o Dom. – Anda lá, Becks. Deixa-me ajudar-te.
– E, antes que eu pudesse protestar, rasgou o papel de embrulho. Dentro estava um pequeno livro cor-de-rosa de capas duras, com as palavras *My Album*¹⁶ gravadas a dourado. O postal que o acompanhava – gatinhos e cordel – estava assinado na mesma letra laboriosa de criança da etiqueta do presente:

Para a BecCa,
Com beijinhos da Emily

Abri o álbum na primeira página. O papel era grosso, quase como cartão, com molduras impressas destinadas a fotografias e *souvenirs*. Algumas tinham legendas na mesma letra cursiva dourada da capa. *As Minhas Férias; O Meu Animal de Estimação; A Minha Escola; Melhores Amigos*. Por baixo dessa última legenda, havia uma fotografia de mim aos cinco anos e um desenho desajeitado de duas meninas pequenas, uma de cabelo ruivo, outra loura.

– Eras tão fofinha – disse o Dominic, olhando por cima do meu ombro. – Olha-me só para aqueles caracóis!

Fechei rapidamente o álbum. Como fora parar lá? Alguém devia tê-lo entregado em segredo na festa. Mas quem? Os meus pais? Não conseguia imaginar nem um nem outro a irem até ao Shanker's Arms. A minha mãe raramente saía de casa, e o meu pai só ia até à loja da esquina. Porém, sem qualquer dúvida, o presente era o que a minha amiga de infância me dera quando fiz cinco anos, e que tinha sido guardado durante dezoito anos em cima do guarda-fatos dos meus pais, a aguardar o regresso do meu irmão. O que significava aquilo? E porquê hoje?

Mais uma vez, pensei na carta «do Conrad» que o meu pai me mostrara. Impossível que pudesse ser genuína, e no entanto os meus pais tinham parecido muito seguros de que o meu irmão os visitaria no dia dos seus anos. Pensei em telefonar aos meus pais para descobrir se alguém *tinha* aparecido, mas estava a fazer-se tarde e eles deviam ter ido para a cama. E, portanto, pus o álbum de lado e tentei pensar no futuro. Mas o passado é uma corrente mais forte, e, embora tenha desempenhado o meu papel com o Dom, dormi muito pouco nessa noite, e sonhei que estava no velho túnel do comboio, com o dedo preso debaixo de um dos carris, e com o Conrad, crescido como um gigante, a vir do escuro na minha direção como um comboio expresso a toda a velocidade.

Quando acordei, senti que o dedo me doía. Devia ter inchado durante a noite: e agora era impossível tirar o anel de noivado do Dominic, que só me ficava um pouco apertado na noite anterior. Tentei com sabão, sem resultado; e o Dominic foi dar comigo quase em lágrimas daí a meia hora, com a mão num balde de gelo na esperança de reduzir o inchaço. Ignorando os meus protestos, levou-me imediatamente às Urgências, onde uma enfermeira toda bem-disposta cortou o anel com um instrumento especial. O Dominic tentou esconder a sua consternação, repetindo que a culpa não era minha e que não devia sentir-me responsável.

– Podemos facilmente mandá-lo consertar – estava sempre a dizer, como se a convencer-se a si mesmo. – Mas se tivesses dado cabo do dedo, nunca me ia perdoar.

– Tem aí um bom homem – disse a enfermeira bem-disposta quando me acompanhou para fora do cubículo. – Não o deixe escapar, querida. É *decididamente* de ficar com ele.

¹⁵ *Buck* pode ter diversos significados: macho do veado ou do antílope, o salto de um cavalo, um termo ofensivo para homem negro. *Fast* significa rápido. (N. da T.)

¹⁶ O Meu Álbum. (N. da T.)



~~Liccu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 24 de setembro de 2006

Quão depressa e quão devagar passa o tempo aqui. Os minutos são muito lentos e, no entanto, os dias parecem escorrer como gelado a derreter. O médico alterou-me de novo a medicação e quer manter-me cá durante pelo menos mais uma semana até descobrir o que causou o meu desmaio. Sei que hoje é domingo, porque há muitas visitas. Famílias, algumas trazendo balões. Crianças de rostos solenes, com um olho posto no mundo soalheiro lá fora.

Estou numa enfermaria pequena, com seis camas, cada uma delas com uma cortina para resguardar a modéstia. Se a enfermeira correr a cortina, dá-me um pouco de privacidade. Por outro lado, também me torna um íman para os curiosos.

Quem estará ali dentro?, segredam vozes. Será que vai morrer?

Pelo menos, estou junto à janela, que a enfermeira deixa entreaberta ao longo do dia. Vem uma brisa quente lá de fora, onde as folhas continuam a mudar de cor e a cair, alheias ao que se passa, no ar ameno. Um pequeno tumulto no exterior da enfermaria; vozes de jovens e a voz irlandesa da enfermeira, erguidas juntas numa discussão:

Não podem entrar aqui. Vão-se lá embora.

Mas nós queremos vê-lo!

As visitas são só para a família.

Ele não tem família! Se pudéssemos entrar só por um minuto. Prometo que não fazemos barulho...

A filha dele visita-o todos os dias. Agora vão-se lá embora todos. Tenho o meu trabalho para fazer.

A reitora virá visitar-me ao fim do dia, quando a família já tiverem ido embora. Uma tarde pode ser sacrificada, mas os fins de tarde de domingo são

sacrossantos. No entanto, a sua devoção ao dever – para *comigo* – nunca vacilou. Não tem família? Sei que tem uma filha. Não haverá mais ninguém? Aquela mulher, ainda jovem, ainda atraente – com certeza tem *alguém*. Contudo, nunca menciona ninguém. Pergunto-me como terá morrido o seu marido. Admira-me também que se tenha casado com ele – tudo o que me conta sugere que não eram de maneira nenhuma compatíveis.

Mas a Rebecca Buckfast é indubitavelmente pragmática. Conseguiu de algum modo trepar até ao topo do poste patriarcal, deixando para trás os homens perplexos que encontrou no caminho. O Dominic Buckfast, o Johnny Harrington, o Philip Sinclair, o Eric Scoones. O que espera de *mim*? Como estou a servir os seus objetivos? Não sou suficientemente vaidoso para crer que me visita por eu ser quem sou. No entanto, tenho claramente vaidade suficiente para crer que dá valor à minha companhia.

Soou uma pancada na janela. Uma pancadinha furtiva, e um sibilo, quase inaudível por entre os zunidos da enfermaria, com os seus muitos visitantes.

– *Sir!*

Ergui a cabeça e vi um rosto familiar a espreitar por cima do parapeito da janela. Atrás dele, vislumbrava várias outras figuras, acoradas daquela maneira furtiva que os adolescentes julgam conferir-lhes invisibilidade. Os meus Brodie Boys – incluindo a Ben Wild – pareciam ter aparecido *en masse*. Senti um súbito humedecimento sentimental das pálpebras e adotei o tom mais ríspido que consegui numa tentativa de autocontrolo.

– Mr. Allen-Jones – disse. – Pelo menos, é quem suponho que seja, a espreitar por baixo do parapeito da janela.

O Allen-Jones voltou a esticar a cabeça. Falando pela fresta estreita entre o parapeito e a janela de guilhotina, disse:

– Sir. A enfermeira não nos deixou entrar.

– As regras, essas coisas irritantes – disse eu. – *Auctoritas non veritas facit legem*.

Endireitei o meu antiquíssimo roupão e aproximei-me um pouco mais da janela.

– A que devo este prazer? – disse mantendo um tom de voz cuidadosamente baixo. – Parece ter trazido metade da Secundária consigo.

Um par de olhos espreitou por cima do parapeito, encimado por uma cunha de cabelo ruivo. Era o Sutcliff, ao que parecia também convencido de que estava a ser absolutamente discreto.

– Queríamos ver como estava – disse. – Ninguém nos conta nada. O Ben tentou falar com Ms. Buckfast, mas ela disse-lhe que não havia novidades.

O Ben. De novo aqueles artigos e pronomes irritantes. E, no entanto, o Ben acha-os importantes. *Ele está a dizer-nos quem é, sir. Quando as pessoas nos dizem quem são...*

O Ben entrou na conversa.

– Tentámos perguntar por... *sabe ao que me refiro*. A reitora diz que já foi tudo tratado.

– Mas não apareceu nada nos jornais – disse o McNair. – E agora estão a começar a construir outra vez. E ninguém nos diz nada.

– A construir?

– Junto ao Edifício Gunderson. Há uma data de máquinas lá, e também trouxeram alguns novos materiais.

– A sério? – Era novidade para mim. Perguntei-me por que razão a reitora não o mencionara. Ia dizer algo quando o Allen-Jones voltou a baixar a cabeça – presumivelmente, a enfermeira andava a fazer a ronda.

Veio um murmúrio de baixo do parapeito:

– Temos de ir embora. Desculpe, *sir*. – O murmúrio foi seguido por uma mão estendida pela abertura da janela, a agarrar algo de plástico.

– Oh, e trouxemos-lhe um presente, *sir*. – Passou-mo pela abertura. Ouvi o estrépito súbito de passos a afastarem-se e olhei para o objeto na minha mão.

Era um pacote de caramelos de alcaçuz *Liquorice Allsorts*.



24 de setembro de 2006

Fui dar com o Straitley sentado na cama a comer caramelos de alcaçuz. Parece bastante melhor do que ontem, embora tivesse um olhar avaliador que me deixou um pouco desconfiada. Quem lhe deu aquelas doçarias? A enfermeira diz-me que não teve visitas. No entanto, não consigo livrar-me da sensação de que a minha plateia de um só espectador não está tão cativada – ou passiva – quanto estava há uma semana.

– Já teve notícias das autoridades? – perguntou, ainda antes de me sentar.

Abanei a cabeça.

– Estas coisas levam tempo. Tanto quanto sabemos, pode haver outros fatores que não tomámos em consideração.

Pegou num caramelo amarelo de coco e passou-me o pacote para as mãos.

– Um amigo meu costumava dizer que podia ajuizar-se o carácter de uma pessoa pelo tipo de seleção que fazia. É das que gosta de um simples pau de alcaçuz? De um tipo sanduíche? De uma goma? De um caramelo monocromático? Ou de cores vibrantes? Duro ou com o centro mole?

Sorri. – Penso que não me sentiria à vontade a revelar-me assim tão abertamente.

Os seus olhos brilharam. – Muito ajuizado – disse. – E, contudo, já me contou tanto, embora de forma bastante seletiva. Porque vem cá, reitora? Não pode ser pela minha companhia. Com certeza tem alguém em casa... uma pessoa amiga, uma companhia. A sua filha, talvez?

Abanei a cabeça.

– Tal como o Roy, dou valor ao meu espaço. E aprecio de facto a sua companhia. Recorda-me quão longe o St. Oswald chegou, e o que herdei.

O Straitley fez uma careta.

– Não estou nada certo de que isso tenha sido um elogio. E, embora Augusto tenha encontrado uma Roma que era uma cidade de tijolos e a tenha deixado uma cidade de mármore, gosto bastante dos nossos velhos tijolos e não vejo nenhuma razão real para reconstruir seja o que for.

– Palavras combativas. – Sorri de novo. – Mas por outro lado, Roy, nunca teve muito problema em falar a verdade ao poder.

Sorriu.

– Tem a certeza de que não quer um caramelo?

Considereei a ideia de um rolo de coco, cor-de-rosa e doce por fora, a ocultar um centro preto e amargo.

– Não, obrigada. Pensei que talvez quisesse que eu acabasse a minha história.

Acenou com a cabeça.

– Mas há tantas pontas soltas. Acha que há tempo?

– A vida nunca ata *todas* as pontas soltas. Mas talvez pudéssemos falar sobre o Eric Scoones. Suponho que sinta a falta dele.

Pegou noutro caramelo, dessa vez um cor-de-rosa e castanho em forma de sanduíche.

– Ao longo de sessenta anos ou mais, tinha-me mais ou menos habituado a ele – disse. – Consigo ver porque talvez lhe desse a impressão de ser uma pessoa de quem não é fácil gostar.

Oh, Straitley. Se soubesse. Sempre planeara contar-lhe esta parte; embora talvez um pouco mais tarde. De facto, e, apesar do que posso tê-lo levado a crer – a minha história não está, de modo nenhum, perto do fim. Talvez não lha conte toda. Provavelmente não devia. Mas, de certo modo, ao contar a minha história desta maneira – e pela primeira vez, Roy – espero que o veja como um sinal de respeito. Nem sequer a minha psicóloga está a par da verdade. Não se pode simplesmente confessar um homicídio. Mesmo um psicólogo é obrigado a agir na sequência de uma informação como essa. Mas *você*, Roy, com o tipo certo de trabalho de sapa, sempre pensei que poderíamos estar do mesmo lado. Ambos queremos o melhor para o St. Oswald; embora talvez nem sempre vejamos as coisas da mesma maneira. O

Scoones nunca foi assim. O Scoones não queria saber de mais ninguém a não ser de si próprio e das suas pequenas e previsíveis ambições.

Mas tocou-me num nervo, Roy, quando mencionou a Emily. Pergunto-me se foi intencional. E sim, dou mesmo valor ao meu espaço, mas essa não é a história toda. Duvido que alguma vez venha a contar-lhe isso, mas tenho notícias dela uma ou duas vezes por ano, normalmente quando precisa de dinheiro. Por vezes, pergunto-me o que fiz de errado; se acidentalmente revelei demasiado de mim mesma à minha filha. E por vezes pergunto-me ainda o que poderia ter acabado por ser diferente se eu tivesse sido capaz de ser a esposa de Dominic Buckfast. As raparigas leem a história do Barba Azul como uma advertência. *Não faças perguntas, menina, ou ainda acordas o monstro.* Mas, pela minha experiência, cabeças cortadas são a coisa menos provável que uma mulher poderá encontrar no quarto secreto do seu marido. Longe de revelarem o monstro interior, esses quartos muitas vezes não contêm nada mais do que uma coleção patética de fraquezas e enganos. Era assim o Dom; tão inseguro que nem conseguia tolerar a ideia de eu manter o apelido de solteira. Porém, continuei a tentar apaziguá-lo; a tentar manter intacto o seu mistério. Não tenho desculpa; era muito jovem. E, claro, precisava do dinheiro.



10 de julho de 1989

O incidente com o anel de noivado significou que me atrasei. Cheguei a meio do intervalo para o almoço, recebida pela reprovação do Scoones, que estava a corrigir trabalhos junto à janela aberta e saudou a minha chegada com maldisfarçado desprezo.

Tentei explicar o que tinha acontecido, mas o Scoones comportou-se da sua maneira brusca usual.

– Há quem tenha mais que fazer do que ficar na conversa – disse, e voltou à correção dos trabalhos.

– Não lhe dê ouvidos – disse a Carrie, que estava a fumar, apesar do aviso escrito à mão afixado diretamente por cima da cadeira em que se encontrava sentada. – O que aconteceu? Estás bem?

Tinham-me ligado o dedo depois do incidente do anel de noivado, mas parecia pior do que realmente estava. Conte-lhe o que acontecera.

– Estás noiva? Parabéns! – disse ela.

– O Dominic é um bom homem.

A Carrie ergueu uma sobrancelha.

– Isso não soa lá muito encantado. Não estás grávida, pois não, querida?

Ri-me.

– Nada do género. Penso que só preciso de tempo para me habituar à ideia.
– E falei sobre a festa, o inesperado pedido de casamento do Dom e todas as insinuações pouco subtis da família sobre termos um bebé. Dei comigo a rir-me com o meu relato dos eventos da noite anterior, embora não me tivessem parecido cómicos na altura. Era a influência da Carrie; tornava-se difícil alguém sentir-se deprimido em face do seu humor cínico.

– Sou realmente muito ingrata – disse eu. – Tenho uma festa só para mim, um grande pedido romântico de casamento, um anel antigo, e o que

acontece? O meu corpo rejeita tudo durante o sono. – Acenei com o dedo ligado. – Talvez seja o meu subconsciente a dizer que vai tudo acabar em lágrimas. – Tencionava falar num tom leve, mas pareceu-me que, de certo modo, a minha voz soava um pouco desanimada. – Estou hesitante – disse. Até àquele momento, não sabia que estava.

Ergueu uma sobrancelha.

– Ele sabe?

Sacudi a cabeça.

– A culpa é minha. Se pelo menos tivesse tido tempo de *pensar*...

A Carrie fitou-me com um olhar severo.

– Mas é assim que eles o fazem – disse-me. – Estes homens. O seu romantismo. Fazem dele uma arte performativa. Não nos dão oportunidade de responder como responderíamos em privado. Esse pedido de casamento muito público, em frente de toda a família e os amigos. Oh, deixa-me adivinhar quantas vezes as irmãs dele lhe chamaram *romântico*.

Tive de me rir.

– Algumas vezes – disse.

– O romantismo é sempre a desculpa deles – disse a Carrie, sentando-se ao meu lado. – Ouvimo-lo desde o berço. Os homens controladores, violentos, abusadores são frequentemente retratados como românticos. Pensa no Heathcliff. Ou no Rochester. E, supostamente, nós devemos deixar-nos convencer por essa merda. E deixamos. Uma e outra vez, deixamos. – Sorriu. – Diz-me, minha querida, achas que se ele te tivesse pedido, cara a cara, só tu e ele, que te casasses com ele, sem nenhum teatro e mais ninguém lá, terias aceitado?

Encolhi os ombros.

– Não sei.

– Porquê?

– Porque não o conheço realmente – respondi. – Durante todo este tempo, pensei que sim. Pensei que era muito transparente. Sem nenhum mistério. E agora descubro que foi aluno aqui e que me ocultou desde o início. Porque

faria tal coisa? Porque fingiria que não conhecia este sítio ou as pessoas com quem eu estava a trabalhar?

– Como é que ele se chamava, recorda-me?

– Dominic. Chama-se Dominic Buckfast.

Por um momento, a sua expressão alterou-se. Franziu a testa e fitou-me durante tanto tempo que dei comigo a começar a duvidar se ela se recordava dele. O Dominic frequentara o liceu durante menos de um ano, afinal. Era possível que os seus caminhos nunca se tivessem cruzado. Contudo, se ele parecera tão estranho ali como me levara a crer, então a Carrie poderia lembrar-se dele.

Por fim, acenou com a cabeça.

– Só cá esteve um ano. Foi-se embora no fim do terceiro período, no ano em que o Conrad Price desapareceu.

– Esteve cá o ano todo? Não foi embora antes?

Lançou-me um olhar estranho.

– Sim, esteve cá o ano inteiro, até ao fim do período. Era um bom miúdo. Sensível. Supus que o caso do Conrad devia tê-lo perturbado demasiado.

– O Conrad e o Dominic eram amigos? – A minha boca encheu-se com agulhas.

– Sim, eram inseparáveis. Sempre a preparar alguma. Ele costumava usar uma *parka* verde. Estava sempre a meter-se em trabalhos por causa disso. – Sorriu. – O Conrad tinha um nome para ele. Uma alcunha. O que é que lhe chamava? – A Carrie fechou os olhos por um momento, alheada em concentração. – O Conrad tinha alcunhas para toda a gente. Mas o que era?

– Mod – disse eu em voz baixa.

A Carrie abriu os olhos.

– É isso mesmo. *Ele* sabe que tu és irmã do Conrad?

Acenei que sim com a cabeça.

– Há quanto tempo é que *tu* sabes?

Encolheu os ombros.

– Sempre suspeitei. Além disso... – Deitou o cigarro na chávena de chá meio acabada. – Minha querida, nunca ninguém te disse que és *a cara chapada* dele?



10 de julho de 1989

Fomos para o teatro depois disso, e contei-lhe o resto da história. O Dominic, o Conrad, os meus pais. O Scoones. O rapaz louro com o crachá de prefeito. Até Mr. Smallface, e a voz por baixo do Pimenteiro. Escutou-me em silêncio, acenando ocasionalmente com a cabeça ou franzindo a testa com empatia. Quando lhe falei sobre Mr. Smallface, pôs o braço à volta dos meus ombros.

– Pobre anjo – disse, por fim. – Passaste por um inferno.

Tive de sorrir.

– Bem podes dizê-lo.

– Mas, depois daquilo, porque é que não te afastaste o mais possível? Para Londres, com todo o movimento? Porquê ficar aqui em Malbry? E porquê vir dar aulas para *aqui*, logo para aqui?

Era uma pergunta razoável, sem resposta simples. Só um novelo emaranhado de cordel à volta de um punhado de lâminas. *Poderia* ter dito que era porque os meus pais precisavam de mim; ou por ter as minhas raízes aqui. Mas *nunca* me senti enraizada. Os meus pais *não* precisavam de mim. Não havia ninguém de quem tivesse sentido saudades, se simplesmente me mudasse para longe. Sou como a planta aérea, *Tillandsia* – ou aquela outra epífita, a orquídea – capaz de retirar a sua energia do que a rodeia. Um ramo de uma árvore; uma trepadeira; o próprio ar. Forcem-me a florir; não o farei. Ponham-me na terra, morro.

Encolhi os ombros.

– Realmente não sei – disse. – Talvez pensasse que podia dar-lhe o descanso final.

Fez um meio sorriso cómico.

– Descobrindo como morreu? Muito Nancy Drew¹⁷ da tua parte.

Estremeci.

– Soa tão estúpido quando o dizes em voz alta.

Pegou-me na mão.

– Tu não és estúpida – disse. – Mas precisas de parar de viver na sombra. Na sombra da morte do teu irmão; na sombra do luto dos teus pais. E talvez questionares-te porque te sentiste atraída pelo Dominic. Poderia ser porque, de algum modo, já sabias quem ele era?

Era uma ideia surpreendente que me fez cair em mim.

– *Penso* que não – respondi. – Quer dizer, eu tinha cinco anos. A única coisa de que me lembro é que ele foi o único que me defendeu, naquela vez junto à linha férrea. Não me lembro realmente da cara dele. Só daquela *parka* que ele costumava usar. É tudo o que recordo sobre ele.

A Carrie levantou-se.

– Vem comigo. Isto pode ajudar-te a recordar.

Segui-a até ao corredor junto ao teatro. O tempo estava bom, os rapazes encontravam-se no exterior e o corredor estava deserto. Só o Chris, o encarregado da manutenção, estava ali, ao que parecia a trabalhar em qualquer coisa dentro de um painel no teto. Reconheceu-me e ergueu uma mão. Sorri-lhe em resposta.

– Chegou a apanhar aquele rapaz? – perguntou.

Abanei a cabeça.

– Os diabretes.

As paredes do corredor junto ao teatro estavam forradas com dúzias de fotografias do liceu. Tal como o St. Oswald, o King Henry mandava tirar uma de três em três anos a um estúdio fotográfico local; Jacob Barrowman & Son. Tinham tirado o retrato ao meu irmão na semana antes de ele desaparecer, e essa fotografia aparecera em todos os jornais locais. Conhecia-a bem: os meus pais compraram uma cópia no maior formato possível e têm-na mantido por cima do fogão de sala ao longo dos últimos dezoito anos. Mas não compraram uma cópia da fotografia do liceu; essas eram bastante caras e, além disso, o rosto do Conrad não seria muito mais do que um borrão entre os outros. Talvez tivessem comprado uma fotografia quando o Conrad chegasse ao décimo segundo ano, mas ele não chegou até aí.

Tirar a fotografia do liceu – como tenho a certeza que sabe, Roy – sempre foi um evento laborioso, a razão porque só se realizava de três em três anos, durante o último período. Começava com a construção de uma espécie de plataforma de três andares no relvado em frente à entrada principal, na qual os rapazes deviam ficar de pé (ou sentar-se, dependendo da sua altura) de acordo com o seu ano e turma. Os do sétimo ano sentavam-se à chinês na relva no chão. Os dos oitavo sentavam-se em cadeiras no primeiro andar; os do nono ficavam de pé por trás deles. No andar seguinte, os alunos do décimo e do décimo primeiro faziam o mesmo. Depois, no terceiro andar, os alunos do décimo segundo, de pé, alguns com os seus *blazers* identificadores, o resto de fato escuro elegante, com o pessoal docente no centro daquilo tudo com as suas vestes académicas.

– Procura a fotografia de 1971 – disse a Carrie, a examinar as paredes. – Sei que tirámos uma nesse ano; é sempre uma operação complexa.

Era-o de facto: deve sabê-lo, Roy. Demora muito tempo até os rapazes se sentarem: ainda mais tempo a ficarem sossegados. O fotógrafo usa um tripé e uma capa com a sua máquina fotográfica com uma lente de longo alcance. Faz vários testes – o processo é dispendioso, e não quer desperdiçar uma sessão. Depois os rapazes são avisados de que devem permanecer imóveis por um minuto ou mais, enquanto a máquina fotográfica se move de um lado ao outro do grupo para a fotografia panorâmica. Ou, pelo menos, era assim naqueles tempos; agora, as fotografias são digitais e o processo muito menos laborioso.

Os alunos comportam-se da mesma maneira, no entanto; entusiasmados com a quebra na rotina; à procura de uma oportunidade de atrapalhar as coisas ou se portarem mal. Lembro-me da minha mãe ao pequeno-almoço no dia da fotografia do Conrad, toda preocupada com o seu uniforme; a assegurar-se de que o crachá de prefeito estava pregado direito na lapela. Daí a oito dias, ele tinha desaparecido: mesmo a tempo de o seu retrato ser entregue à polícia. Toda a gente conhece aquele retrato: e, no entanto, a fotografia do liceu completa nunca foi publicada. Perguntei-me porquê. Encontrei a fotografia de julho de 1971 a meio do corredor. A preto-e-branco, naqueles tempos, claro: as filas de rostos pungentemente frescos. O Conrad estava na ponta da sua fila, com um ar vivo e a roupa bem engomada; toquei

no seu pequeno rosto com a ponta do indicador. Ao seu lado, o Dominic «Mod» Buckfast sorria para a objetiva.

Agora, conseguia ver o rapaz que tinha conhecido. A semelhança era inegável. Mas a memória é uma paisagem que altera as perspectivas à medida que vamos crescendo; e o Mod era um rapaz *grande* para mim nessa altura; quase um adulto. Na fotografia, só tinha catorze anos; e, embora fosse mais alto do que os seus amigos, parecia quase tocantemente novinho.

– Aqui estão eles, na ponta da fila – disse a Carrie do outro extremo da moldura.

– Não, já os encontrei – disse eu.

Deu um passo rápido em frente e verificou o rosto na ponta do meu dedo. Por um momento, ficou ali de testa franzida, depois virou-se de novo para mim.

– Os cabrõezinhos – disse. – Como é que conseguiram não ser apanhados?

– Não ser apanhados por causa de quê? – perguntei.

Sem dizer uma palavra, a Carrie fez-me sinal para que me aproximasse do outro extremo da fotografia. Olhei; toquei no vidro brilhante. E ali, na ponta oposta da fila, vi de novo o Dominic e, ao seu lado, de sorriso angelical, o rosto esfumado do meu irmão.

Em todas as escolas existe sempre uma tradição anedótica, durante a fotografia da escola, de os alunos tentarem correr na parte de trás do grupo e reposicionarem-se antes do fim da sessão fotográfica, aparecendo assim duas vezes na fotografia (em teoria, pelo menos). Os rapazes no King Henry eram sempre terminantemente proibidos de tentar tal coisa, mas há sempre alguém disposto a arriscar, mesmo correndo o risco de estragar a fotografia dispendiosa. O Conrad ocupara o seu lugar mesmo a tempo; havia uma sugestão de movimento à volta do seu cabelo e do lado do rosto, como se a objetiva o tivesse apanhado num espirro inesperado. Mas ali estava ele, com o Mod ao lado, ambos a sorrirem descaradamente. E agora que olhava com mais atenção, reconheci o Milky ao lado deles...

– Mas o Milky não era aluno do King Henry – disse. – Julguei que andava no St. Oswald.

Ao vê-lo assim ao lado do meu irmão, reparei em como eram parecidos. Ambos louros, com óculos; embora os do Milky tivessem armações baratas do Serviço Nacional de Saúde, ao passo que as do Conrad eram de metal dourado; caros. O cabelo do Milky também estava mais comprido; tombando-lhe sem vida sobre os olhos; e naquele momento algo veio à tona na minha memória; um aroma acre e pungente, como o de papel metálico a arder...

A Carrie olhou mais atentamente para o rosto dele e disse:

– Meu Deus, penso que tens razão. O Conrad deve tê-lo ajudado a entrar à socapa; surriprou um *blazer* da escola, nos Perdidos e Achados. É mesmo o tipo de partida que teria achado hilariante. – Encolheu os ombros. – Em circunstâncias normais, suponho que o reitor teria tomado medidas, mas o Conrad desapareceu muito pouco tempo depois, e teria sido de bastante mau gosto retratá-lo como o perturbador da ordem que era.

– Mas foi sempre tão popular – disse eu. – Até era prefeito...

A Carrie riu-se.

– Não, não era. Surriprou o crachá da sala dos adereços. Disse às pessoas que eu o tinha nomeado prefeito porque andava a ajudar na peça. E quanto à sua popularidade... digamos só que era um comediante, nunca mais feliz do que quando estava a fazer rir à custa de outra pessoa. Oh, conseguia ser mesmo encantador, quando queria. Mas há uma razão para os seus amigos serem todos uns inadaptados e marginais. Não se dava bem com o grupo dos rapazes populares. Gostava que a sua gente fosse... vulnerável.

O meu irmão não fora prefeito. Aquele pensamento era de algum modo voluptuoso.

– Ele fazia muitas coisas desse género? Mentir, portar-se mal nas aulas?

Olhou para mim e fez uma careta.

– Oh, querida. O teu irmão era um sacaninha, estragado com mimos pelos pais. Preguiçoso nas aulas, nada de especial nos desportos, e no entanto parecia de algum modo pensar que estava destinado a grandes coisas.

Fitei-a.

– Ena. Não fazia ideia. Os meus pais sempre me deixaram acreditar que ele era um aluno exemplar.

A Carrie riu-se.

– É claro que sim. nenhuns pais alguma vez querem acreditar que o seu filho é medíocre ou rufia ou desonesto. E quando um filho morre, ou desaparece, só queremos ouvir dizer como era popular e brilhante. Nunca ninguém se sai com: *a única coisa que o distinguia é como nos sentimos todos contentes por o ver desaparecer.*

Levei algum tempo a pensar naquilo. A ideia de que o meu irmão não tinha sido o rapaz popular e bem-sucedido que os meus pais recordavam estava já a alimentar o meu coração faminto. A Carrie não gostara dele, nem a maior parte dos outros rapazes. Uma curiosidade súbita e violenta apoderou-se de mim. Queria saber. Queria saber todos os pormenores.

– O que é que ele fazia?

A Carrie encolheu os ombros.

– Dependia. O Conrad sabia como provocar as pessoas. E sabia identificar pontos fracos. Em algumas aulas, era bem-comportado, noutras perturbador. Eu e ele demo-nos bem ao princípio. Ele queria entrar na peça do liceu. Todos os alunos do nono ano queriam. Dava-lhes boas desculpas para não fazerem os trabalhos de casa durante o período de ensaios. Nesse ano, íamos levar à cena *Otelo*. Era a primeira vez no pequeno teatro. O Dominic ficou com o papel principal. Isso não agradou nada ao Conrad.

Tentei imaginar o Dominic no palco, perante uma assistência de rostos brancos.

A Carrie viu a minha expressão.

– Eu sei. O único rapaz negro no ano, e fui logo destacá-lo dessa maneira. Mas estávamos em 1971. Nesses tempos, era uma escolha radical. E, se não o tivesse escolhido, teríamos tido o Conrad com o rosto pintado de preto.

Pensei na voz do Conrad então.

Para o diabo com ela e com a peça dela.

Isso era o que tu querias.

Não é o que queremos todos?

– O que aconteceu?

A Carrie pareceu surpreendida.

– Pu-lo a ajudar na iluminação. O Conrad era demasiado cheio de si para se contentar com um papel menor, e, de qualquer maneira, eu queria dar ao Dominic uma oportunidade de brilhar. Era um aluno novo nesse ano, o que tornava mais difícil fazer novos amigos. Talvez fosse por isso que se tornou tão próximo de um rapaz como o Conrad. E, claro, havia outros problemas.

Lembrei-me da maneira como o Dom falara do liceu. Sim, devia ter sido difícil para ele estar numa minoria como aquela. Ser um rapaz negro da classe operária num lugar tão visivelmente de privilégio branco – não admira que tivesse detestado andar ali. Pela primeira vez desde a festa, perguntei-me se seria capaz de deitar tudo para trás das costas; limitar-me a traçar um risco na questão do Conrad e seguir com o Dom para o futuro...

Mas o Dominic tinha-me mentido. Fingira que não conhecera o Conrad. Dissera-me que tinha andado dois períodos no King Henry, não o ano inteiro. Deixara que lhe contasse a minha história sem uma vez sequer corrigir a minha crença de que *eu* é que era a pessoa destroçada. Saberá alguma coisa sobre a morte do Conrad? *Preferir-me-ia* destroçada? E, nesse caso, poderia ser porque *sabia o que me acontecera realmente?*

Suponho que o Roy não me considera uma pessoa destroçada. É porque me esforcei muito por me manter inteira. Nunca acreditei no ditado «O que não mata engorda», mas acredito que o que *não* me mata me dá oportunidade de lutar. E tenho andado a lutar, Roy, cada dia da minha vida; a lutar contra o passado, contra o cancro, contra o Conrad, o Dominic, o Harrington, o King Henry e, ultimamente, o St. Oswald. Lutei contra todos vós, e ninguém vai roubar-me a minha vitória. Na segunda-feira, recomeçaram as obras na piscina Gunderson; quando o Roy regressar, seja o que for que pense que viu estará enterrado por baixo de cem toneladas de cimento reforçado protetor.

Surpreendê-lo-ia ao que os trabalhadores farão vista grossa para continuarem a trabalhar na obra. Neste caso, foi fácil dispersar os restos e voltar a sepultar os pedaços onde ninguém os veria. Por vezes, enterrar é o melhor a fazer. Porque se quereria escavar o passado? Especialmente quando o mistério é muito melhor do que a verdade. Afinal, quem beneficiaria, agora que todos os envolvidos estão mortos. E quanto perderia o St. Oswald se a história fosse contada na íntegra?

Saí quando a enfermeira anunciou o fim da hora da visita. Estivera ali quase toda a tarde, e o Roy parecia cansado. Amanhã, voltarei para lhe trazer mais uma fatia da minha história, e o Roy vai aguardá-la faminto, tal como tem acontecido desde o princípio. Caro Straitley. Gosto tanto de si. E conheço-o muito bem. Suponho, por exemplo, que o Allen-Jones e os outros conseguiram vê-lo hoje. Aqueles caramelos de alcaçuz traíram-nos. Conheço a propensão deles – e a sua – para esquemas rocambolescos, incluindo o que acabaria por derrubar o meu antecessor. Mas gravações clandestinas não vão ajudá-lo agora. O Roy tornou-se parte disto no momento em que comecei a contar a minha história. Quanto mais escuta, mais o destino do St. Oswald – a sua reputação, o seu pessoal, os seus alunos – se encontra nas suas mãos. E, no entanto, não há o menor perigo. Isto é tudo apenas prestidigitação. A assistência, a ver de respiração sustida o mágico no palco cortar a rapariga, nunca por um momento acredita que ela não sairá daquilo incólume. Porquê então, este *suspense* restante? Porque continuam sequer a olhar?

¹⁷ Personagem de livros juvenis que deslinda mistérios. (N. da T.)



~~Liccu Masculino~~ Academia de St. Oswald

Primeiro período, 24 de setembro de 2006

Bem, sim. Olhando para trás, vejo agora que nunca deveria ter-lhe dado aquela primeira oportunidade fatal. O isco brilhante estava cheio de anzóis, e fui arrastado atrás dela. Agora, é demasiado tarde para dar meia-volta; demasiado tarde para chamar as autoridades. Consigo imaginar perfeitamente como receberiam a notícia de que eu e um pequeno grupo de alunos tínhamos descoberto um cadáver junto às obras do Edifício Gunderson; e que, durante três semanas, eu não o comuniquei às autoridades.

Consigo imaginá-lo claramente; o agente junto à minha cama na segunda-feira de manhã cedo – um jovem, talvez um novo recruta, talvez mesmo um ex-aluno – enviado para satisfazer o capricho de um velho. Consigo vê-lo a escrever os pormenores no seu bloco de apontamentos, a desejar estar noutro lugar qualquer; a fazer uma ou duas perguntas por dever. *E diria que estes rapazes pregam partidas habitualmente, Mr. Straitley? Então, este «corpo» que viu parecia tal qual uma trouxa de farrapos? E diz que a reitora está metida nisto? Então, onde pensa que esse «corpo» se encontra agora? E quanto doente tem estado, na realidade?*

Quanto à história de La Buckfast, nada nela pode ser verificado. Mesmo o facto de ela ma ter contado parece improvável, na melhor das hipóteses. E não me contou tudo – ainda. O papel do meu velho amigo Eric Scoones continua a ser um mistério. Foi assim que ela conseguiu envolver-me, hipnotizar-me como o fez? Será assim que vai acabar a sua história, revelando que ele era um assassino?

Tenho de lhe reconhecer o mérito, no entanto. Sei como pode ser implacável, e mesmo assim conseguiu envolver-me. Será que tudo isto pode ter sido um estratagema para me fazer sair do St. Oswald? Ainda me verá como uma ameaça? Pensei que gostava de mim, mas isso nunca a deteve. Não creio que a Rebecca Price alguma vez tenha sido do tipo de deixar a

nostalgia atravessar-se no seu caminho. Se está a contar-me a verdade, deve ser por uma razão. E se não – bem, o tipo certo de mentira pode revelar quase tanto quanto a verdade. E aqui deitado numa cama de hospital, apercebo-me de que é a *verdade* que mais me importa agora. A verdade vai matar ou curar, porque o meu coração está no St. Oswald, e se um dos nossos é responsável pela morte do Conrad Price, então o meu coração não terá outra opção a não ser despedir-se. Temos as nossas próprias leis no St. Oswald, independentes da lei no mundo exterior. Até lá, contudo, a história prossegue. *Quod incepimus conficiemus*: O que começámos, terminaremos.



26 de setembro de 2006

Cheguei às sete horas ontem à noite e fui dar com ele vestido e à espera.

– O meu médico deu-me finalmente autorização para ter alta – disse-me. – Chamei um táxi para as oito, o que nos dá tempo para tomar um chá e ter uma conversa. – Viu a minha expressão cautelosa e sorriu. – Não terminou a sua história. Como pode imaginar, estou interessado em ouvir o próximo episódio.

Sentei-me ao seu lado numa das cadeiras azuis do hospital. Já tinha mandado vir um chá – em duas canecas do hospital – a prever a minha visita. Nem uma palavra sobre a polícia ou as obras no Edifício Gunderson. Já não tenho de puxar por ele; agora, segue-me por iniciativa própria. Também não precisei de mil e uma noites; tinha-o cativo praticamente desde o início. Mas o Straitley não é nenhum tolo, e continua a ter de ser mantido com rédea curta, pelo menos até as obras estarem perto do fim. A minha versão delicadamente censurada das coisas vai conduzi-lo a um muro. O que fará quando chegar lá? Dará simplesmente meia-volta? Ou optará por se virar e dar luta?

*

Recordo aquela última semana do período através de um véu de irrealidade. Pareciam ter passado semanas, não dias, desde a minha conversa com o Jerome; desde o dia dos meus anos; desde a carta do *Conrad*. O tempo tinha a consistência de melaço; avançava com o ritmo insuportável de um pesadelo intrusivo. Dormia mal: sonhava com a porta verde e o esgoto. Mais do que uma vez ouvi o Dominic a falar ao telefone num tom urgente, e a desligar mal eu entrava na sala. Uma vez, ouvi-o dizer: – Não me importa o que seja preciso. – Quando lhe perguntei do que se tratava, disse que era algo relacionado com o casamento, mas já não acreditava nele. Tudo à minha volta estava colorido com a minha descoberta de que o Dominic era o Mod: que não só me mentira, mas me fizera duvidar de mim própria. Mesmo naquele

momento, achava-me incapaz de o confrontar; como se, mantendo-me imóvel, conseguisse evitar a catástrofe. Tanta coisa agora dependia dele; o nosso futuro; a nossa segurança. A Emily adorava-o, e já se atirara de cabeça para os planos do casamento. Sabia que, se provocasse uma briga – ou, pior ainda, uma separação – ela nunca me perdoaria. Ele fizera o seu trabalho demasiado bem – a bicicleta, a atenção, as férias à beira-mar – encantando-a nas minhas barbas enquanto eu andava obcecada com o Conrad. E assim, contra todos os meus instintos, não o confrontei e remeti as minhas suspeitas e os meus receios para o crepúsculo do esgoto.

No trabalho, tentei agarrar-me à rotina esfarrapada da última semana do período: concursos, grupos extracurriculares, algumas tentativas pouco empenhadas de colegas (principalmente o Scoones e o Sinclair) de manter os planos de aulas do departamento, enquanto os mais novos (o Higgs e o Lenormand) autorizavam a leitura em silêncio e, ocasionalmente, uma partida de xadrez. Surpreendentemente, encontrei alívio na rotina do King Henry; em chávenas de chá na sala dos professores e cigarros com a Carrie. Os rapazes andavam animadamente ruidosos, mas não havia casos de mau comportamento. Cheguei tarde a casa todas as noites nessa semana, não por ter trabalho a fazer, mas para me conceder mais tempo nesse mundo onde – ironicamente – as coisas eram muito mais simples.

Embora esperasse, impaciente, pelo meu encontro com o Jerome, a vários títulos isso agradava-me. Dava-me tempo para planear; tempo para pensar bem nas coisas. Tinha surgido um grande número de perguntas sem resposta nos últimos dias, perguntas que, até àquele momento, não me atrevera a encarar. Quem me enviara o presente de aniversário da minha amiga de infância, a Emily? Quem era a pessoa a quem a minha filha chamava Conrad – a que a assustara ao ponto de ela cortar o cabelo e lhe falara sobre Mr. Smallface? Quem era a pessoa que escrevera a carta aos meus pais, alegando ser o meu irmão? E porque é que alguém faria tais coisas? Que razão poderia ter para o fazer?

Quem quer que fosse, conhecia pormenores da minha história que nunca tinham sido contados em nenhum dos artigos publicados sobre a morte do Conrad. Nem sequer Catherine Potts, a autora de *CONRAD: The Lost Boy of Malbry*, estava a par do incidente do corte de cabelo ou do presente de anos da Emily. Quem quer que estivesse por trás destas coisas era alguém que me

tinha *conhecido*. Alguém que tinha acesso aos meus pais e às minhas recordações. O drama daquele último período – o rapaz com o crachá de prefeito, o ar de hostilidade no departamento, o vitral em memória do Conrad – tudo isso criara uma espécie de paralisia em mim. Já não me sentia capaz de confiar nas provas que os meus sentidos me davam. Nesse momento, por fim, apercebi-me de que tinha andado a perder o controlo – a ter alucinações, a ouvir vozes dos canos – de tal modo que duvidara de tudo, até das minhas próprias faculdades de avaliação.

Mas agora encontrara de novo o meu centro. Fossem quais fossem as origens questionáveis do sangue no lavatório ou do rapaz com o crachá de prefeito, aquela figura no teatro era *real*. Todas as pessoas o tinham visto. Alguém *real* escrevera aquela carta aos meus pais. Alguém *real* levava a Emily a cortar o cabelo. Havia uma origem humana em tudo aquilo, que eu permitira que se mantivesse inquestionada por demasiado tempo. Um pouco tarde demais, apercebi-me de que devia ter começado pela Emily. Apesar da sua aparente preocupação, o Dominic dissuadira-me de lhe fazer perguntas sobre o seu amigo imaginário, mas, à luz da nova informação, comecei a questionar os motivos dele. Não duvidava do seu afeto por ela e de que o seu choque ao vê-la de cabeça tosquiada fora real. Mas ter-lhe-ia falado sobre mim? Eu sabia que se tornara muito próximo dela. Poderia ter-lhe contado essa história? E se não o Dominic, então quem falara à Emily de Mr. Smallface? Era demasiado tarde para lhe perguntar agora. O Dominic reclamara-a para si. Não me surpreendia. Como poderia eu competir? Só podia aguardar e ter esperança de que me surgisse uma oportunidade para investigar.

Surgiu-me na última tarde do período. As aulas terminaram cedo nesse dia, o que me deu a tarde inteira antes de o Dom e a Emily virem para casa. Regressei ao meio-dia a uma casa vazia; e, sem parar sequer para mudar de roupa, dirigi-me ao quarto da Emily.

Nunca senti relutância em revistar o quarto da minha filha. Ela esteve sempre a par das regras: se precisasse que algo se mantivesse privado, teria de ser melhor a escondê-lo do que eu era a descobri-lo. A Emily aos seis anos não era, de modo nenhum, melhor a esconder. Encontrei os desenhos dela debaixo da cama, na mesma pasta verde-escura que o Dominic me mostrara. Dessa vez, havia mais: todos horivelmente familiares. Eu desenhara a minha

própria versão, afinal, nos meses a seguir ao desaparecimento do Conrad; figuras trapalhonas, ameaçadoras, em tons lamacentos de cinza e castanho, algumas a mostrarem o monstro a sair de uma caverna ou um esgoto, todos encimados por aquela cabeça pequena e escura de certo modo aterradora.

Mas não era o que procurava. Já tinha visto os desenhos da minha filha. Procurava outra coisa – uma pista que me ajudasse a compreender como um monstro há muito tempo morto conseguira de algum modo apoderar-se da minha filha. Nunca duvidei de que havia *algo* que ela estava a esconder-me. Mesmo antes de nos mudarmos para a casa da April Street, a Emily sempre fora uma menina calada e dada a guardar segredos. Não tinha muitos amigos. As meninas que o Dominic convidara para irem dormir lá a casa afastaram-se rapidamente. Só um nome continuava a vir à tona. Um amigo cujo nome era *Conrad*.

Já tinha feito perguntas na escola. Não havia nenhum Conrad no ano dela. Revistei-lhe o guarda-fatos; as gavetas da mesa de cabeceira, a caixa dos brinquedos, na esperança de encontrar uma pista. Tudo estava no seu lugar, ordenado, arrumado e inofensivo. E depois revistei a estante, onde todos os seus livros ilustrados estavam ordenados por cores, tamanhos e formatos, e, entre *A Bela Adormecida* e *Carros e Camiões* e *Coisas que Andam*, descobri um bloco de notas fino, de capas duras pretas, com a etiqueta a identificá-lo como sendo a agenda preparatória do Liceu King Henry.

Abri-a, sabendo já que nome encontraria. Na folha de guarda, numa letra exuberante, aparecia:

Conrad Price; Primeiro período, 1971

A agenda escolar do meu irmão. Que estranho, pensei. Todos os pertences do Conrad tinham sido cuidadosamente guardados pelos meus pais. Como poderia aquela agenda ter acabado assim entre as coisas da minha filha? Uma agenda para um período escolar que o meu irmão nunca chegara a conhecer, muito bem etiquetada, pronta para um ano que ele nunca veria.

Virei a página. Ali estava o horário dele, cuidadosamente escrito a tinta, e a lista do seus mestres para esse ano.

DIRETOR DE TURMA: Dr. Sinclair

Inglês: Miss Macleod

Matemática: Dr. Jones

Física: Mr. Fry

Arte: Mr. Moody

Química: Dr. Hillman

Cada nome encontrava-se flanqueado por uma caricatura grosseira mas animada do docente em questão. Não me surpreendeu ver que o meu irmão gostara de fazer desenhos nas margens, de alcunhas. Assim, Miss Macleod aparecia como o seu alter ego meio-despido, *Carrie on Camping*. O Dr. Sinclair era *Shagger Sinclair*. O Dr. Jones era *Mr. Redface* e Mr. Fry era *Mr. Smallfry*¹⁸, o que me fez parar por um momento, embora nenhuma das caricaturas se parecesse minimamente com o monstro da minha infância. Mais uma vez, virei a página. Havia a lista da sua turma; vinte e dois nomes, na letra desajeitada do meu irmão. A mim, aos cinco anos, mal sabendo ainda escrever o meu nome, a letra do Conrad parecera impossivelmente sofisticada; agora via-a como o que era; os rabiscos disformes de um adolescente, pouco dignos de nota a todos os níveis. De certo modo, era tocante: quase uma decepção. Como se eu tivesse puxado para o lado uma máscara para revelar algo pequeno e patético. Percorri com os olhos a lista da turma e vi o nome do Dominic. Então, o Dominic tencionara ficar – pelo menos na altura em que a lista foi elaborada. Virei a página. Estava intitulada: *Primeiro período: primeira semana*.

Suponho que contara que estivesse em branco: um símbolo do buraco em forma de rapaz no centro da minha família. Li duas linhas escritas. Numa, desta vez cuidadosamente escrita, mas com o mesmo tipo de letra disforme da lista dos alunos da turma e das anotações sobre os professores, li:

Olá, sou o Conrad. Quem és tu?

E na outra, numa letra pouco segura, aparecia:

Olá, Conrad. Sou a Emily.

¹⁸ *Carrie on Camping* explora a semelhança entre o nome da personagem, Carrie, e o título de uma série de filmes de humor um pouco obsceno, um dos quais é *Carry on Camping*. *Shagger* significa alguém que faz sexo casual. *Redface* significa «Cara vermelha». *Smallfry* joga com o sentido do

apelido do professor, *Fry*, que significa «frito», mas, combinado com *small*, significa «peixe miúdo», «pessoa insignificante». (*N. da T.*)

SEXTA PARTE

Mnemosine (Rio da Memória)



Liceu Masculino King Henry, 15 de julho de 1989

Li o resto da agenda a toda a velocidade, mal me atrevendo a respirar. As entradas contavam a sua própria história: a de uma menina pequena com uma imaginação fértil e do seu amigo secreto, fantasmagórico. E que criança poderia não se deixar levar? Pelas entradas, deduzi que aquela troca de mensagens tivera o seu início algumas semanas antes, por volta da altura em que comecei a dar aulas no King Henry.

A minha filha ainda não tinha sete anos. A sua capacidade de leitura era razoável, mas não ainda à altura de poder ler a letra de um adulto. O seu amigo misterioso vira-se obrigado a escrever todas as entradas em letra de imprensa, com todas as letras separadas, de modo a que uma criança fosse capaz de as ler.

Vamos ser amigos.

E a resposta dela, num gatafunho de partir o coração:

Sim por favor.

O resto das entradas contava a história deles. Breves inicialmente, depois com mais pormenores sinistros à medida que iam prosseguindo. Encontrei a primeira menção a Mr. Smallface na quarta página, depois de algumas entradas breves e inócuas, mas carregadas de sentidos.

O que fazem a tua mamã e o teu papá?

A Mamã e o Dom Eles são professores.

Gostas da tua escola?

Sim gosto de desenhar e jogos

E da tua nova casa?

É boa mas a minha mamã prometeu que me dá um gatinho e não deu

Tive de sorrir ao ler aquilo. A Emily sempre sonhara com ter um animal de estimação. É frequente nos filhos únicos, como eu quando tinha a idade dela. É claro que nessa altura eu *era* filha única, excetuando a ausência do Conrad, que parecia por si só uma presença, como um cão frio e ameaçador que me seguia para onde quer que eu fosse. Antes da casa na April Street, um animal de estimação teria sido impossível. Vivíamos em quartos arrendados, comprávamos a roupa em lojas de segunda mão. Uma lata de comida para gatos custava o mesmo que duas embalagens de massa chinesa instantânea. E depois haveria as contas do veterinário; o remédio para as pulgas; a despesa com vacinas.

A Emily tinha compreendido. Comprei-lhe um gato de peluche numa das lojas de artigos em segunda mão e ela ficou satisfeita durante algum tempo. O gato de peluche chamava-se *Marmalade*, e por vezes ouvia-a falar com ele quando julgava que eu estava a dormir. Pouco depois de irmos viver com o Dominic, a Emily começou a dizer que podíamos adotar um gatinho, mas com o novo emprego e as minhas outras preocupações, nunca se deu seguimento ao assunto, embora, mais recentemente, o Dominic tivesse dado a entender que depois do casamento talvez fosse possível. Agora, claro, quando a Emily segredava sozinha à noite, já não era a um inofensivo gato de peluche, mas a algo muito mais perigoso. Algo que podia responder-lhe, na linguagem secreta da infância.

É uma casa boa, dizia a entrada na agenda, **mas cuidado com Mr. Smallface.**

Quem é esse?

Vive nos canos. Na sanita. Podes ouvi-lo bater à noite.

E começava então; a história que o Conrad me contara, narrada na sua agenda com quase exatamente as mesmas palavras. Ao princípio, a Emily parecera pensar que era uma piada, mas pouco depois as entradas sugeriam que estava a sentir-se ansiosa. Ao longo das semanas seguintes, os pormenores começaram surgir – o som da canalização, os lavatórios, os esgotos – e depois as crianças roubadas. As respostas da Emily tornaram-se gradualmente mais ansiosas. As entradas do «Conrad» gradualmente mais pormenorizadas. E começaram a aparecer as instruções:

Mr. Smallface quer que o desenhes.

Mr. Smallface diz para não contares à tua mamã.

Mr. Smallface quer puxar-te pelo ralo abaixo. Quer puxar-te pelo cabelo.

Senti um súbito acesso de raiva e fechei a agenda com força. Quem poderia estar por trás disto? Só o Dominic e eu tínhamos acesso ao quarto da Emily. Só o Dominic sabia o suficiente sobre a minha história para a usar desta maneira. E ele *tinha-me mentido*. Mas porquê? Porque queria assustar a Emily? E, se não o Dominic, então *quem*?

Apercebi-me de que estava a tremer. Embora fizesse um tempo de verão lá fora, os meus dedos tinham ficado hirtos com frio. Olhei para o meu relógio de pulso. Três e meia. O Dominic chegaria daí a pouco tempo. A Emily gostava de vir a pé da escola – ficava apenas a oitocentos metros de casa, e nesses tempos as crianças iam para a escola e vinham para casa a pé; ninguém achava que fosse perigoso. Nesse dia, porém, *tudo* parecia perigoso. Sentia como se uma camada do mundo tivesse sido arrancada como papel de parede. Neste novo mundo, qualquer coisa – sim, *qualquer coisa* – poderia acontecer. O Dominic podia ser um mentiroso. A minha filha poderia ser-me tirada. Agora imaginei-a, a vir a pé para casa, com o seu uniforme vermelho e cinzento, a assegurar-se de que não pisava as fendas nos passeios – e outra pessoa a caminhar atrás dela.

Voltei a pôr a agenda na estante, exatamente como a tinha encontrado. Precisava de pensar sobre o que significava antes de tentar conversar com ela. Doíam-me os pés – tirei os sapatos e fui descalça até à cozinha. Ali, fiz chá, à maneira do Dominic, com leite e muito açúcar, e sentei-me junto à janela a bebê-lo, sentindo o calor voltar às minhas mãos. Estava quase pronta a enfrentar o que se seguisse quando tocou o telefone.

Era o meu pai.

– Becky, meu amor?

O meu pai nunca telefonava. Nem ele nem a minha mãe, desde que eu tinha ido viver com o Dominic. E havia uma nota pouco familiar na sua voz; algo que eu não conseguia identificar.

– O que se passa? Estão bem? É a mamã?

Ouvi-o rir, e apercebi-me de que a nota que detetara na sua voz era de excitação.

– Oh, não, estamos ótimos. Não pude esperar. Queria contar-te imediatamente. Becky, vem mal possas. Aconteceu uma coisa espantosa.

Senti o coração cair-me aos pés.

– Oh, não, papá. Outra carta?

Riu-se novamente.

– Oh, não, meu amor. Ele veio cá. O Conrad *veio* cá. Vimo-lo, *falámos* com ele, nós os dois. É ele. A tua mãe está delirante de alegria, e... só queríamos que ficasses a saber.

Senti as mãos de novo geladas. O calor passageiro do chá desvanecera-se. *Oh, meu Deus. Isto não. Agora não*, pensei. Já vira tudo isto antes, compreende? A esperança era pior do que o coração destruído. Sentia vontade de bater com o telefone, de chorar, de me esconder debaixo dos lençóis. Mas era a única filha que lhes restava; aquilo era minha responsabilidade. Não havia como me esconder; já não. Não daquilo. E, portanto, mantive a voz muito calma ao dizer:

– Esperem um pouco, papá. Eu já vou.



Liceu Masculino King Henry, 15 de julho de 1989

É claro que ele já se tinha ido quando cheguei à casa na Jackson Street. De facto, quem quer que lá tivesse estado fora-se embora muito antes da minha chegada. Mas os meus pais mantiveram-se irredutíveis; fora o Conrad. Não havia margem para dúvidas.

– Um pai sabe sempre – disse o meu pai, como se esta triste cena não tivesse já acontecido uma dúzia de vezes. – Era o Conrad. Não há dúvida disso. Até estava com aquele crachá dele, o crachá de prefeito de que se orgulhava tanto.

A minha mãe ergueu os olhos em sinal de concordância, o seu rosto tornado rosado e juvenil pelas lágrimas. Eu tinha crescido a pensar que ela era velha, mas nesse momento parecia quase da minha idade.

– Tornou-se tão alto – disse ela –, mas a *cara* dele! A cara dele é tal qual a de um rapazinho da escola. Disse-nos que seria mais fácil se nos visse só a nós ao princípio, porque há tanto para te contar, tanto para apreender. Não queria que ficasses assoberbada. Queria que estivesse pronta. Mas *sei* que vai querer-te aqui na próxima vez. Sente tantas saudades tuas, Becky.

Fora encontrar os dois no jardim – a primeira vez que os via no exterior há anos. A minha mãe estava sentada no degrau, com um olho posto nos cozinhados. O meu pai estava em mangas de camisa, ajoelhado junto a um canteiro. O jardim mal era tocado há anos, mas havia rosas junto ao muro e miosótis a crescer espontaneamente. Agora, o meu pai estava todo empenhado a tentar arrancar urtigas do canteiro, com um pano da louça à volta da mão, à falta de luvas de jardinagem. O melhor de tudo era que o rádio não estava sintonizado numa estação de emissões numéricas, mas numa estação local a passar Frank Sinatra.

– Oh, meu amor – disse ele. – Sinto-me tão contente que tenhas vindo. Ficas para o jantar? A tua mãe fez chili com carne.

Não queria ficar para o jantar. Sentia vontade de chorar de frustração, de lhes dizer como estavam completamente enganados. Mas a sua felicidade era tão tocante, tão nova, e ambos pareciam tão diferentes dos fantasmas de rosto macilento da minha infância que simplesmente não sabia por onde começar. Se desse voz às minhas suspeitas nesse momento, eles simplesmente não acreditariam em mim. E sabia que era melhor não questionar a sua fé neste «Conrad» – pelo menos antes de ter toda a informação de que necessitava.

Sorri.

– Isso soa delicioso. O... hum... o *Conrad* não quis ficar para o jantar?

O meu pai olhou-me com um ar divertido.

– Disse que tu não ias acreditar ao princípio. Sabe como podes ser teimosa. Disse que precisavas de algum tempo. – Deu-me um abraço forte e animado. – Vais acabar por acreditar, meu amor. Sei que sim. Eras tão pequena quando ele se foi embora. Faz sentido que sintas isto de modo diferente.

Decidi alinhar naquilo por mais algum tempo.

– Acho que tenho medo de acreditar – disse. – Já fomos dececionados tantas vezes.

– Sei que já foste, meu amor. – Sorriu de novo. – Ele disse que eras capaz de te sentir assim. Pequenos passos ao princípio, disse ele. Como o teu presente de aniversário. Pensou que talvez gostasses de o ver outra vez, depois deste tempo todo.

– O quê? – Pensei no pequeno álbum cor-de-rosa que estivera em cima do guarda-fatos tantos anos. – Ele é que o levou à minha festa? Esteve lá?

– É claro que esteve. Queria que não disséssemos nada sobre ele até ter tempo de conversar contigo. Ter-te-ia dito olá, mas não queria estragar-te a noite. Quando voltarem a encontrar-se, ele quer que seja num lugar agradável e calmo, onde possam ter uma conversa em condições. Disse-nos que ao início talvez te sintas furiosa, que talvez até nem queiras vê-lo. Diz que, nesse caso, compreende. Está disposto a dar-te todo o tempo de que precisas.

– Estou a ver. Mostra consideração. – Sentia a boca seca.

– Vem para dentro. Eu faço um chá e conto-te tudo.

Segui-o até à cozinha, onde a minha mãe estava a mexer uma panela ao lume. Não tinha fome – o Dom e eu costumávamos jantar muito mais tarde –, mas o chili com carne sempre fora um dos meus pratos favoritos na infância, e o facto de os meus pais terem pensado em mim tornava o convite difícil de recusar.

Sentei-me à mesa da cozinha, sobre a qual havia uma jarra com peónias, três pratos e alguns acompanhamentos da refeição que a minha mãe estava a preparar. Senti-me um pouco surpreendida ao ver malaguetas e coentros frescos ali – a minha mãe sempre fora uma cozinheira pouco dada a experiências, e o *chili* que usava era de pacote – mas aquilo cheirava fresco e realmente bem. Disse-o, e a minha mãe pareceu ficar contente.

– Devias ter trazido a tua menina – disse. – Deve estar a crescer depressa.

– Está – respondi, pensando na agenda do Conrad.

– O Conrad diz que parece tal qual tu na mesma idade.

Contraí-me um pouco.

– Ele viu-a?

– Mostrámos-lhe as fotografias – disse ela. – E, claro, já a viu ir a pé da escola.

Senti uma súbita pontada de raiva. Há quanto tempo é que aquele homem andaria a vigiar-nos? E poderia ser *ele* o responsável pelas entradas na agenda do Conrad? A ideia de um estranho qualquer na casa, a remexer nas coisas da minha filha, encheu-me de uma raiva atordoante. E, claro, se assim fosse, então o Dominic devia ser cúmplice. Sabia tanto sobre nós, pensei. E o Dom e o Conrad tinham sido amigos. Seria possível que aquele impostor e o Dominic estivessem de algum modo conluiados? E se sim, qual era o motivo?

Disse, num tom bastante mais ríspido do que tencionava:

– Se ele é realmente o Conrad, então onde esteve durante dezoito anos?

O meu pai pousou a mão no meu braço.

– Tudo a seu tempo, meu amor. É complicado.

– Bem, ele fugiu, papá, ou foi raptado? Disse-lhe *isso*, pelo menos?

– Disse-nos, meu amor. Não os pormenores. Mas não nos compete a nós contar-te. O teu irmão quer contar-te ele, depois de as coisas acalmarem um

pouco.

– Isso é muito conveniente – disse eu. – Bem, pelo menos digam-me onde ele vive. Que emprego tem. Porque decidiu voltar agora, depois deste tempo todo.

A minha mãe estava com um ar ansioso nessa altura. Via que me lançava uns olhares do seu lugar junto ao fogão. O seu rosto estava contraído, corado, já não de excitação.

– Não sejas assim, Becky – disse. – Sobretudo agora que somos uma família de novo.

Sentia um novelo quente de tensão no peito a formar-se debaixo do diafragma. Tinha uma forma muito familiar, dava uma sensação muito familiar. Um puxão, pensei, e o novelo desenrolar-se-ia num grunhido incandescente de raiva e eu não conseguiria manter a paciência nem conter a fúria.

O meu pai viu aquilo e interveio, dizendo à minha mãe:

– Dá-lhe tempo para se habituar, amor. Ela passou por muito. – Era a primeira vez que um deles reconhecia tal coisa. Senti-me ao mesmo tempo desarmada e estranhamente comovida, mas sabia que esse sentimento era perigoso. Este homem que dizia ser o Conrad não era de modo nenhum o meu irmão. Tinha de descobrir quem era, o que queria, especialmente já que, como ele próprio admitira, tinha andado a seguir-me, a mim e à minha filha.

Inspirei fundo, a acalmar-me.

– Desculpem. Têm razão – disse. – É muita coisa para assimilar de uma só vez. E tem havido tantos homens a dizerem que eram o Conrad. Porque é que este é diferente?

Os meus pais trocaram um olhar.

– *Parece* o Conrad – disse a minha mãe. – É alto, bem constituído, bem falante. E sabe tudo o que o Conrad saberia. Lembra-se de tudo. Até se lembrou de que eu gostava de peónias. – Apontou para a jarra em cima da mesa.

– Qualquer pessoa pode comprar flores – disse eu. – Quanto ao resto, é fácil ler sobre o caso em todos aqueles artigos e livros.

Sacudiu a cabeça.

– Desta vez é diferente. Sabe coisas que não contamos a ninguém. Pormenores sobre a escola dele, os seus amigos. Becky, até se lembra daquela pessoa que era tua amiga imaginária.

– Mr. Smallface? Mamã, *toda a gente* conhece essa história.

Acenou-me com uma colher de pau.

– Não, não é esse. Aquela menina pequena. Aquela a quem chamavas Emily Jackson.



15 de julho de 1989

– Mas a Emily era real – disse eu. – Eu sei. Andava na escola com ela. Mamã, até ia à casa dela. Tinha uma irmã deficiente...

A minha mãe abanou a cabeça e sorriu.

– Tiveste sempre tanta imaginação. Tinhas ideias tão esquisitas na cabeça. Aquele monstro que vivia nos canos era uma delas. Tudo o que corria mal era culpa dele. Aquela Emily, era outra. Até lhe deste o apelido da nossa morada.

– A Emily era real – disse eu. – Lembro-me perfeitamente dela.

Mas perguntei a mim mesma se me lembraria *realmente*. Aquelas recordações pareciam agora demasiado claras, demasiado luminosas entre o resto do nevoeiro da minha infância. Seria uma coincidência os Jackson terem o nome da nossa rua? E a família não se tinha mudado pouco depois de o Conrad desaparecer?

– É claro que ela era real – insisti. – E o meu presente de anos, aquele álbum cor-de-rosa que o Conrad levou? Havia uma fotografia de mim dentro, e um dos desenhos da Emily.

O meu pai olhou-me com um ar compreensivo.

– *Tu* é que fizeste esse desenho, Becky, meu amor. Colaste a fotografia. E foste tu quem assinou o postal. O Conrad sabia. Sentia-se preocupado. Queria que fizesses amigos reais.

Senti um aperto no peito.

– Isso não é verdade. A Emily era uma amiga real. Lembro-me da mãe dela, também, e da irmã, a Teresa, que tinha paralisia cerebral.

Disse a mim mesma que não havia nenhuma razão para questionar o que recordava. Eram os meus pais que tinham os problemas de memória, disse a mim mesma. Eram *eles* que tinham vivido num sonho e estavam ainda a sonhar. Eu atravessara o túnel, por fim. Era feliz, e tinha os pés assentes na terra, e estava inteira...

– Oh, Becky – disse o meu pai. – A Teresa era *tua* irmã. Morreu ainda antes de tu nasceres, quando o Conrad era pequeno. *Ela* tinha paralisia cerebral, e morreu aos três meses. Aquele era o álbum *dela*, o cor-de-rosa. Guardámo-lo numa gaveta durante anos. Nunca chegámos a preenchê-lo. Deves tê-lo encontrado e embrulhaste-o.

Sacudi a cabeça.

– Eu lembro-me da Teresa. Lembro-me de como ela era.

O meu pai falou num tom de voz delicado, mas firme.

– Deves ter-nos ouvido falar, Becks. Sempre tinhas querido uma irmã. Deves ter apanhado alguma coisa, de alguma maneira, e tornaste isso parte do teu faz de conta.

Mais uma vez sacudi a cabeça. Aquilo não era verdade. Sabia que tinha havido outra criança, que morrera na infância. Mas essa criança não era a Teresa. Tinha a certeza de que o seu nome nunca me fora dito. No entanto, tudo parecia familiar, como uma imagem que me tivesse sido mostrada há muito tempo. *Morreu ainda antes de tu nasceres. Sempre tinhas querido uma irmã.* Mostre-se a uma criança uma fotografia de algo que aconteceu antes de ela nascer; conte-se-lhe a mesma história com frequência, e ela pode acabar por acreditar que estava lá, que ela própria fez parte daquilo.

Paralisia cerebral. Eu poderia realmente saber essa expressão quando tinha cinco anos? Pensei nas minhas recordações da Emily e dos Jackson. Na sua relação doce e cuidadosa com a sua irmã mais velha; nos seus pais alegres e afetuosos. Todos gravados a ouro na minha mente, polidos até terem um brilho perigoso. Pensei em quantas vezes desejara poder viver com os Jackson – que a Emily pudesse ser minha irmã, que talvez *eu* pudesse ser a Emily. Seria *possível* que os tivesse inventado? Seriam só uma fantasia da minha família perfeita, projetada na minha vida real como uma imagem numa parede em branco? Pensei nas lacunas nas minhas recordações, nos esgotos que atulhavam a minha infância. Seria possível que tudo fosse realmente o resultado de uma imaginação hiperativa?

Pensei na minha irmã, Teresa; na criança doente que eu nunca conhecera. Já passei tempo suficiente em terapia para compreender o fenómeno da projeção. E agora parecia muito possível que a Emily Jackson tivesse sido simplesmente isso – uma projeção – a representar tudo o que faltava na

minha vida. Seria realmente plausível que não tivesse nenhuma fotografia da Emily? Nenhuma fotografia da escola, nenhuma tirada em casa dela? E onde *era* exatamente a casa dela? Eu devia ter estado lá muitas vezes. No entanto, embora parecesse recordar os seus pais e a sua irmã, não tinha nenhuma recordação de alguma vez ter ido à casa dela. Em vez disso, havia imagens como de um sonho de nós as duas juntas; num quarto muito semelhante ao meu, rodeadas por brinquedos familiares...

Doía-me horivelmente a cabeça. De súbito, senti vontade de estar em casa, com o Dominic e a Emily. Dei uma desculpa esfarrapada e saí a toda a pressa, apesar dos protestos dos meus pais. Mas a April Street não era o meu lar. A April Street era uma miragem; uma promessa de algo assente em mentiras, tão reconfortante e imaginário como a minha amizade com a Emily Jackson. Poderia aceitar uma relação com um homem que não só me mentira, mas que poderia estar conluiado com o homem que enganara os meus pais? Por outro lado, a Emily Jackson provava que eu *não* era fiável; que era capaz de recriar o meu mundo como uma fantasia para satisfazer as minhas necessidades. E se estivesse errada quanto ao Dom? E se estivesse errada quanto a tudo?

Esses eram os pensamentos que me enchiam a mente ao regressar de carro à April Street. Tudo o que tínhamos devíamos-lo à generosidade do Dominic. A Emily tinha o seu próprio quarto pela primeira vez na vida. Tínhamos dinheiro para gastar em roupas, em brinquedos, em mimos, em férias. Até o meu carro – comprado em segunda mão ao seu tio Bobs – fora um presente do Dominic. Porque estava disposta a arriscar tudo isso por um punhado de recordações perdidas?

Virei para a April Street, depois para o caminho de acesso à garagem. A janela do lado do condutor estava aberta e sentia o cheiro das flores na sebe. O carro do Dominic já ali estava, estacionado junto à berma do relvado, e no lado da casa vi que a janela da cozinha se encontrava aberta. Vindo de lá de dentro ouvia Cyndi Lauper a soluçar «I Drove All Night» e sentia o cheiro de algo a ser cozinhado; algo ligeiro e aromático.

Era tudo tão normal, tão reconfortante. Se pelo menos pudesse ficar assim...

Pode. Pode, se quiseres que fique, disse uma voz muito baixo na minha cabeça. Soava tão límpida e lúcida que quase conseguia acreditar que tinha

vindo de fora. E estava correta, apercebi-me. Nada tinha realmente de mudar. Bastava-me afastar da mente aquelas suspeitas. Afinal, nada estava provado. Podia deixar o assunto morrer. Em vez de questionar o Dominic, podia aceitar o que me estava a oferecer. Uma vida fácil. Um lar confortável. Os meios para criar a minha filha, não como uma mãe solteira a debater-se com dificuldades, mas como parte de uma família. Sei que soa um pouco frio. Mas nunca acreditei em romantismos. O silêncio era a opção prática, para meu bem e da Emily. Um casamento bem-sucedido implica concessões. Que casal não guarda segredos? Bastava-me deixar-me ir, e não voltar para o King Henry.

Tu viste alguma coisa. Sabes o que significa.

Talvez. Mas o que importava agora? Não precisava dessas recordações. O Conrad estava morto, e eu não o deixaria pôr em risco o meu futuro.

E, portanto, inspirei fundo, vi-me ao espelho. Parecia um pouco pálida, pensei. Belisquei as faces para lhes dar cor. A seguir, saí do carro e, a sorrir, entrei em casa.



~~Liccu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 26 de setembro de 2006

E quem a poderia censurar, realmente? Não há dúvida de que não estou em posição de criticar as opções das outras pessoas. Como ela diz, todos temos de fazer cedências. As últimas três semanas mostraram-me até que ponto estou disposto a fazer cedências a bem do St. Oswald, aquele velho navio podre inchado de cracas que de algum modo continua a navegar.

Ainda não terminou a sua história. Pergunto-me se alguma vez a terminará. A sua narrativa é como os rios do Inferno, a levarem em todas as direções ao mesmo tempo; a transbordarem com lágrimas humanas. Quero ouvir o seu fim; e, no entanto, não posso deixar-me ficar deitado na cama a ouvir a história a conta-gotas por um tubo. Tal como a jovem Becky Price com o seu Dominic, troquei a verdade incómoda por um momento passageiro de calma. Isto não pode continuar. Não posso continuar a ser Merlin, emboscado por Nimuë. Foi por isso que, antes de ela chegar aqui, reservei um táxi para me levar a casa, na esperança de que isso quebrasse o feitiço que ela parece ter-me lançado. O táxi chegou ao hospital pouco depois das oito. O meu médico mostrou-se severo, mas magnânimo:

– Se insiste, Mr. Straitley, então sim, dou-lhe alta. Mas de modo nenhum deve regressar ao trabalho durante pelo menos duas semanas; caso contrário, não me responsabilizo pelas consequências.

O médico é mais um antigo aluno do St. Oswald. Não há como lhes escapar em Malbry. São como pombos-correios; partem para a universidade, cheios de esperança e ambição, e em menos de nada estão de volta, com um ar ligeiramente furtivo, mas ainda a sentirem-se todos superiores ao resto das pessoas. Este, o doutor Massey, nunca foi efetivamente um dos *meus* rapazes – um facto que me proporciona algum alívio, dado que nunca consigo olhar para o meu médico de família sem o recordar como um rapazinho enfezado e

sorridente com o hábito infeliz de tirar os sapatos debaixo da carteira e os pontapear de um lado para o outro enquanto fazia os trabalhos de gramática.

Este, pelo menos, não me desperta recordações, exceto a de um nome num quadro de honra e uma cara de rapazinho à distância na multidão. Significa igualmente que ele não tem receio de exprimir a sua preocupação profissional: na sua opinião, estou a arriscar-me a uma recaída do meu problema ainda não explicado. Mas sou um homem crescido, diz ele, com uma expressão no rosto que sugere que pensa o oposto, e sou livre de me ir embora se é isso que quero. Numa cadeira de rodas, com efeito, embora seja bem capaz de abandonar as instalações pelos meus próprios meios motores, como lembrei quando chegámos à porta e, felizmente, à fronteira da autoridade daquele homem.

Disparou um olhar à La Buckfast, que penso que crê ser uma parente minha.

– Vai levar Mr. Straitley para casa? Se sim, talvez pudesse tentar assegurar-se de que ele descansa um pouco. Não necessita de mais excitação.

O táxi estava estacionado agradavelmente perto da entrada do hospital.

– Sou perfeitamente capaz de ir sozinho para casa – disse eu, a dirigir-me para o táxi, que estava com o motor ligado, em passadas tão ligeiras quanto conseguia. – Ms. Buckfast tem outros afazeres que não a supervisão de pessoal recalcitrante.

La Buckfast sorriu.

– É claro – disse. – Mas preferia acompanhá-lo. Só para o caso de o senhor ter a ideia de passar por algum lado a caminho de casa. Pelo Edifício Gunderson, por exemplo.

Sobressaltei-me. – O quê?

Esperou até eu estar instalado no assento de trás do táxi para se sentar ao meu lado. – Confesse lá, Roy. Isso passou-lhe pela cabeça.

E depois? Talvez me tivesse ocorrido. Retruquei: – E o que tem? Fica a oitocentos metros da minha casa.

– Oitocentos metros a pé, pelo parque, às oito e meia da noite. Acho que não, Roy. Hoje, não. Não há nada para ver lá, de qualquer maneira.

Inclinei-me para a frente, para falar com o condutor.

– Para o Liceu St. Oswald, entrada principal, por favor. Demoro uns dez minutos.

La Buckfast encolheu os ombros.

– Como queira. – Entregou uma nota ao condutor. – Só não se vá embora enquanto estivermos lá.

Estava escuro quando chegámos. Esquecera-me de como anoitece depressa na primeira metade do primeiro período. Os portões principais estavam fechados, mas o portão, que dá para a casa do porteiro não estava. Há um pré-fabricado junto ao portão, do qual o nosso porteiro, o Jimmy Watt, supervisiona as idas e vindas. Uma série de luzes de segurança acendeu-se quando passámos (o novo St. Oswald protege os seus investimentos) e a cabeça do Jimmy assomou a uma janela.

– Quem vem lá? – perguntou. – Oh, Mr. Straitley. Está tudo bem?

– Sim, obrigado, Jimmy – respondi. – Só vou dar uma vista de olhos às obras. Nada com que se preocupar.

– Ok, chefe. – A cabeça do Jimmy retirou-se e La Buckfast e eu percorremos as poucas centenas de metros até à parte vedada dos campos de jogos, que em tempos foi um lago sazonal e agora parecia destinada a ser o maior e mais espalhafatoso monumento a um rapaz desde que o liceu foi fundado.

A questão era: a *que* rapaz? Ao Rupert Gunderson ou ao Conrad Price?

O local estava cercado por vedações, cabinas móveis e maquinaria. Ali também havia luzes de segurança, colocadas numa série de andaimes. Acenderam-se quando nos aproximámos, iluminando o edifício. Porque *é* um edifício agora; maior do que o imaginava e com a forma da proa de uma espécie de navio, todo curvas e ângulos definidos. O vidro (haverá uma grande quantidade de vidro) ainda não está colocado, mas a estrutura do edifício, o esqueleto e muito do chão de cimento já se veem, e, com as fortes luzes de segurança vejo também a piscina; um retângulo de plástico azul vazio rodeado por cimento polido.

– Os vestiários e outras instalações de apoio são na parte de trás do edifício. Rapazes à esquerda, raparigas à direita, logo a seguir a este grande arco. E aqui mesmo, por baixo da parede de vidro, haverá uma zona para as

peessoas se sentarem, com palmeiras em vasos, máquinas de venda de bebidas e *snacks*, mais casas de banho e uma pequena cozinha.

Lancei-lhe um olhar.

– E o corpo? – perguntei.

Sorriu.

– Há sessenta toneladas de cimento naquele chão. Penso que desta vez podemos supor com segurança que não vai voltar à superfície.

– Mas porquê? – Continuava a não compreender porque é que ela, logo ela, esconderia a verdade. – Ele era seu irmão. Passou tanto tempo a tentar descobrir o que lhe aconteceu. Porque queria enterrar a verdade, quando finalmente poderia ser livre?

Mais uma vez, sorriu.

– Oh, Roy. Sabe porquê. O St. Oswald é o meu legado. A minha dádiva às raparigas do futuro. Pensa que desistiria disso pela oportunidade de lhe dar a *ele* mais atenção?

Fitei-a. Os seus olhos estavam límpidos; o seu rosto iluminado por mais do que as luzes.

– Tem de compreender – disse ela. – Vivi toda a minha vida com esta história. Nunca tive uma identidade. Para os meus pais, era a filha que *tinham*, não o que queriam. Para o Dominic, era a memória de uma dívida que ele tinha de pagar. Em todos aqueles livros e artigos, eu era a chave para abrir uma porta que levava ao assassino do Conrad. Ninguém se perguntou nunca se eu merecia uma porta própria. E agora tenho a minha porta, Roy...

– *Audere, agere, auferre* – murmurei, quase com reverência.

– O quê?

– Oh, acabou de me recordar alguém por instantes – disse eu.

Acenou com a cabeça como se compreendesse.

– Espero que consiga ver a minha perspetiva – disse. – Do meu ponto de vista, não havia outra opção. O St. Oswald tem sofrido tantos golpes ao longo dos últimos anos. Mais um poderia ter-nos posto fim. E sei que nem sempre temos a mesma opinião em questões de política da escola – lançou-me um olhar satírico –, mas ambos queremos que a escola sobreviva. Ambos

sabemos quais são as nossas prioridades. E ambos somos capazes de fazer um sacrifício pessoal. Pelo bem da escola, Roy. Pelo bem do St. Oswald.

O táxi ainda estava à espera quando voltámos para os portões, embora nos tivéssemos ausentado o dobro do tempo que eu indicara. Tinha começado a chover; o tipo de chuva miudinha que por vezes se instala no fim de um verão longo e seco, e cheirava a terra molhada e a folhas caídas e à alquimia de petricor. É um tipo enganador de chuva, que se instala suavemente no ar como pólen, mal parecendo tocar no chão. No entanto, é persistente, infiltrando-se em todas as fendas e fissuras; em todos os selos quebrados. Nada consegue resistir-lhe por muito tempo; pedra ou carvalho, lousa ou vidro. E, pouco a pouco, enche as lagoas e os lagos, os poços e os reservatórios.

Olhei para La Buckfast, quando ela entregou ao condutor mais uma nota. À luz do lampião, o seu cabelo era uma tocha de um brilho febril. Havia minúsculas gotas de chuva apanhadas na gola de pele do seu casaco. Virou-se para mim e sorriu.

– Bem?

– Quero o resto da história – disse eu. – Segui-a até aqui, afinal.

– Muito bem, Mr. Straitley – disse ela.

Partimos para minha casa em silêncio.



26 de setembro de 2006

A casa estava fria quando chegámos. Acendi a lareira na sala de estar e fiz um bule de chá *Darjeeling*. A tisana já serviu o seu objetivo; e talvez tenhamos pela frente uma longa noite. Encontrei uns pacotes de leite de conserva escondidos na despensa, juntamente com algumas saquetas de açúcar. Enchi a caneca do Straitley com ambos e instalei-me num cadeirão.

A memória é uma máquina orgânica, feita de muitas ligações. Retire-se uma, e a máquina tentará contornar a realidade em falta, fazendo as suas próprias ligações a procurar a luz. A Emily Jackson era uma delas; uma série de imagens esperanças, feitas para ocultar uma parte em falta; o vazio no cerne da minha infância. Tornou-se finalmente claro para mim, ao entrar em casa na April Street, que não só me faltava a recordação do desaparecimento do Conrad, mas também a de *tudo o mais* que julgava ter-me acontecido ao longo dos anos. Em nada daquilo podia agora confiar; nada daquilo tinha substância. Bolhas de sabão ao sol; coloridas e brilhantes como bolas de vidro, mas desaparecendo ao mais simples toque.

Platão acreditava que a memória era como uma peça de lacre em cuja superfície o ser humano podia gravar os factos irrevogavelmente. Mas Platão também acreditava que a palavra escrita era a inimiga da memória, roubando a deusa Mnemosine do seu tributo antigo:

Deixarão de exercitar a memória porque se apoiam no que está escrito, chamando coisas à lembrança já não de dentro de si, mas por meio de marcas externas.

Não, Mr. Straitley, não é o único com formação clássica. Em Mulberry House, aprendemos sobre a mãe de todas as musas. Alguns dos antigos veneravam-na como uma musa ela própria – talvez a maior de todas; pois de que servem a poesia, o teatro, a dança, a história ou o canto sem os meios de os recordar?

Talvez Platão tivesse razão, pensei ao saudar o meu noivo com um beijo, como se nada de estranho ou perturbador tivesse acontecido nesse dia. Talvez eu tivesse permitido que as palavras de outras pessoas me roubassem as minhas memórias. Os jornais, os estudos, os livros tinham escrito por cima da minha memória, de tal modo que eu bebera do rio errado – do Lete, e não do Mnemosine.

Viste alguma coisa. Sabes o que significa. Só precisas da chave...

*

– Como correu o teu último dia de aulas? – perguntou o Dom.

– Bem. Um bocado caótico – disse eu. – Não posso dizer que tenha pena de voltar para casa.

Fez-me o seu sorriso caloroso e brilhante.

– Não posso dizer que tenha pena de te estar a ver – disse ele. – Oh, e olha... – Meteu a mão ao bolso e estendeu-me algo na palma da mão. – É o teu anel. Mande-o consertar. Agora já te deve servir.

Era, de facto, o anel de noivado que me tinha sido removido alguns dias antes. Fora consertado com perícia, sem mais nada a não ser uma pequena onda a mostrar o sítio onde o ouro tinha sido cortado. E sim, servia-me perfeitamente, brilhando como um olho semicerrado. Sorri.

– És um anjo.

– Nem por isso. Poderias até dizer que tenho um interesse pessoal no assunto.

Está a ver como ele era para mim, Straitley. O anel; o calor do sorriso dele; as flores que me tinha comprado a caminho de casa – não peónias, mas goivos, com um perfume doce e forte, e de um castanho dourado; a chávena de chá que me passou para as mãos; o aroma de algo bom vindo do fogão. Era como se me tivesse sido apresentada uma opção – podia ter tudo isto, pensei, ou a chave de uma porta que na melhor das hipóteses não conduzia a lado nenhum e na pior conduzia a uma câmara de horrores.

Portanto, Roy, escolhi tudo aquilo. Escolhi tornar-me Mrs. Buckfast. Disse a mim mesma que poderia *pertencer ao gangue*; dar um pai à Emily. Bastava-me não dizer nada; desfrutar antes do que me era oferecido, esquecer o passado e nunca mais voltar para o King Henry. E nesse momento, por

aquela noite, com as férias de verão a estenderem-se como uma praia de areia aquecida pelo sol e a cena na casa dos meus pais ainda fresca na minha mente, pensei realmente que poderia fazer isso. Escrever ao King Henry a dizer-lhes que decidira ir para outro lugar; cancelar o meu encontro com o Jerome; deixar que os meus pais lidassem com o impostor como quisessem. Fui para a cama a sentir-me estranhamente aliviada e acordei num acesso de clareza às duas da madrugada com o soluçar dos canos da água, e soube que não havia escolha a fazer.

Recordara a forma da coisa que me perturbara na casa dos meus pais. A coisa que deveria saber, mas que se perdera.

A porta verde.

Onde era?

Ouviste alguma coisa, Becky. Sabes o que significa.

E agora, talvez, pensei que sabia. Por trás do soluçar dos canos, ouvi de novo a voz do meu pai, a dizer: *Era o Conrad. Não há dúvida disso. Até estava com aquele crachá dele, o crachá de prefeito de que se orgulhava tanto.*

E sabia a papel metálico e a queimado e a espuma azeda e a chocolate, e por muito que tentasse virar-me e voltar a dormir, as palavras não paravam de me vir à mente e com elas uma revelação. As minhas recordações eram uma porta fechada para um jardim deixado abandonado durante anos. Ao longo desses anos, o jardim tinha mudado; os canteiros invadidos por espinheiros e ervas daninhas; os arbustos transformados em árvores opressivas. Tornara-se um lugar assustador, cheio de reflexos e sombras, e eu acabara por acreditar que seria mais feliz se o deixasse trancado para sempre.

Mas tinha a chave para abrir a porta. Só eu podia usá-la. *Sempre* tivera a chave da porta, apesar da relutância da minha mente em olhar para a sua forma, ver se servia na fechadura, rodá-la uma e outra vez, sentir a sua ligação com o meu passado. E agora que sabia qual era a forma da chave, não havia como me afastar.

Estivera a dormir durante dezoito anos. Agora, por fim, estava acordada.



Liceu Masculino King Henry, 15 de julho de 1989

Fui ao meu encontro com o Jerome sem dar motivo para suspeitas. Tal significou fingir à Emily que não sabia o seu segredo; fingir ao Dom que não sabia o dele. Mas aprendemos as nossas lições em tenra idade. Uma mulher sabe como sorrir quando não lhe apetece sorrir. Sabe como refrear a sua fúria para que não a julguem histérica ou demasiado agressiva. Sabes quando parecer bonita conta mais do que parecer competente. Pergunta-se onde teria começado a minha frieza: começou quando era criança. *As meninas pequenas devem ser vistas e não ouvidas* é uma máxima que persiste até à idade adulta. Às mulheres é dado mais valor quando são bonitas e atentas. Eu era as duas coisas, e descobri que os homens – o Johnny, o Dom, até o Roy – presumiam muitas vezes que era porque não tinha nada de importante a dizer.

O apóstolo São Paulo escreveu: *Não permito à mulher que ensine, nem que exerça domínio sobre o homem, mas que se mantenha em silêncio*. Não é o que se chamaria uma recomendação para a reitora de um liceu. Mas descobri que dizer o que se pensa é muito menos recompensador do que escutar. Foi por isso que no decurso da minha carreira me tornei uma excelente ouvinte. Alguns homens contaram-me os seus segredos sem pensar duas vezes; revelando-se pedaço a pedaço, crendo que, de algum modo, eu não contava para nada. Não estou a queixar-me. Fiz uma boa carreira à custa de ser vista e raramente ouvida. Abri a porta estreita e, silenciosamente, tornei St. Oswald meu. Se pudesse dizer alguma coisa a quem eu era em mais nova, seria o seguinte: *Deixa de esperar pelas migalhas do bolo. Um dia, vais gerir a padaria*.

Cheguei ao King Henry nesse sábado um pouco antes da hora marcada. Já estava calor, o dia mais quente do verão até esse momento, e eu vinha de sandálias e calções, com o cabelo preso num rabo de cavalo. Trazia um saco de lona muito grande com, entre outras coisas, a pequena pasta vermelha que encontrara no teatro. Não sabia ainda por que motivo a queria, mas a pasta da

escola estivera comigo nesse dia em 1971, e se ia desaferrolhar a minha memória, sabia que precisava dela comigo.

Ao chegar à entrada, encontrei uma porta lateral aberta e entrei, dando com o encarregado, o Chris, agora de calças de ganga e *t-shirt*, com o cabelo preso atrás a mostrar o seu rosto angular e os óculos pendurados na gola da *t-shirt*. Estava uma caixa de ferramentas aberta no chão de madeira.

Pareceu surpreendido quando entrei.

– Posso ajudá-la, *miss*? – disse.

– Vim cá para atar umas pontas soltas. Pode ser? Não vou atrapalhá-lo.

Encolheu os ombros.

– Por mim tudo bem, *miss*. O doutor Sinclair está no Gabinete do Departamento com Mr. Scoones, se precisar dele. – Sorriu ao ver a minha expressão. – Deduzo que *não* vai ter com eles?

Sorri àquelas palavras.

– Como é que adivinhou? Julguei que o liceu ia estar vazio.

– Oh, e está, na maior parte do tempo. Por vezes, vêm cá professores arrumar alguma coisa ou preparar o currículo do próximo ano. Mr. Scoones diz que o liceu está no seu melhor quando não há alunos. – Deu uma entoação cómica às palavras que imitava perfeitamente os modos do Scoones.

Tive de me rir.

– Estou a ver que já se encontraram.

– Várias vezes – disse ele, e sorriu. – De facto, ele fez com que eu fosse expulso do liceu.

– Ah sim? Andou no King Henry? – perguntei, tentando não mostrar surpresa. Os alunos do King Henry, em regra, não acabam como pessoal auxiliar. Vão para Oxford ou Cambridge e regressam com louros e doutoramentos.

– De facto, andei no St. Oswald – disse o Chris, com um sorrisinho. – Mas tinha amigos no King Henry. Costumávamos encontrar-nos no clube de xadrez e depois darmos à sola e metermo-nos em todo o tipo de coisas. O Scoonesy apanhou-nos um dia e fez queixa de mim ao reitor. Eu tinha uma bolsa de estudos, por isso fui expulso.

– Lamento muito – disse eu, tentando imaginar a vergonha dos meus pais se tivesse acontecido a mesma coisa ao Conrad.

– Era um idiota. A maioria dos rapazes é assim. O filho do meu irmão é lá aluno agora. Esperemos que se saia melhor do que eu.

Aquele cheiro a papel metálico a arder estava de volta, duas vezes mais forte do que antes, e com ele uma espécie de recordação, incerta, mas persistente. Tentei imaginar como seria o Chris em rapaz, há dezoito anos. Cabelo louro, um pouco comprido de mais. Um par de óculos do serviço nacional de saúde.

– Milky. Chamavam-lhe Milky – disse eu.

Soltou uma risada involuntária.

– É isso mesmo! Parecia o miúdo do anúncio ao *Milky Bar*. Meu Deus, como detestava aqueles óculos. Mas eram de graça pelo serviço nacional de saúde, e de maneira nenhuma a minha mãe ia recusar alguma coisa que fosse de graça. – Fitou-me de olhos semicerrados. – Como é que sabe?

– Porque o Chris conhecia o meu irmão – respondi. – Porque era amigo do Conrad Price.

O Chris – o *Milky* – ficou imóvel.

– Oh, fogo. Era *a senhora*? Oh, fogo. – A sua consternação parecia genuína. – De quanto é que se lembra? – perguntou.

– Lembro-me do suficiente – respondi.

O Milky esfregou a cana do nariz. Era um gesto estranhamente infantil, e fê-lo parecer mais novo, mais vulnerável.

– Deve ter sido duro para si – disse. – Quer dizer, era uma miúda pequena.

Acenei com a cabeça.

– Bastante duro.

Suspirou.

– Não saber deve ser o pior. Perguntar-se se ele alguma vez voltará. Uma vez, tive um gato que desapareceu. Não saber se acabaria por voltar foi pior do que se o tivesse visto ser atropelado. – Voltou a esfregar a cana do nariz, e senti uma picada minúscula de algo que talvez fosse fúria. – Lembra-se de mim? – perguntou. Pensei que parecia desconfortável.

Acenei com a cabeça mais uma vez, a pensar no túnel do comboio, no esgoto. Na maneira como ele usara a sua lanterna para transformar o seu rosto no de um monstro. E foi também ele quem segredou o meu nome nas sombras? Pensava que sim.

– Lembro-me de estar por baixo do Pimenteiro – disse. – Lembro-me muito bem disso.

Olhou para mim, quase a implorar.

– Eu não devia ter alinhado naquilo – disse. – Já lhe disse que era um idiota. Também tinha um irmão mais novo, e costumava pregar-lhe partidas. E as do Conrad – esfregou o nariz –, as partidas do Conrad eram qualquer coisa. Quero dizer, eram lendárias.

– Como a de estragar a fotografia do liceu?

O Milky ficou com uma expressão de arrependimento.

– Entre outras coisas. Foi assim que o Scoonesy nos apanhou. *Me* apanhou. Alguém me denunciou. O Scoonesy era o meu diretor de turma e, não sei como, aquilo chegou-lhe aos ouvidos. O Conrad escapou, claro. Mas isso eram coisas de miúdos da escola. Nada de mau. Não como daquela vez na linha férrea. – Aquele gesto estranhamente infantil fazia com que parecesse ter de novo catorze anos. – Foi uma coisa má, o que fizemos nesse dia. Não tinha intenção de a assustar. Desculpe.

Fiquei surpreendida. Não é frequente uma mulher receber um pedido de desculpa de um homem, especialmente naquelas circunstâncias. Estou muito mais habituada a que me seja dito: *Precisas de aprender a aceitar uma piada*, ou: *Porque tens de ser tão sensível?* Às meninas pequenas é ensinada essa lição quase desde o berço. *Os rapazes são mesmo assim. O mundo é dos homens. É porque ele gosta de ti.* Ao trabalhar no King Henry, e mais tarde no St. Oswald, tive sempre de ser dura para comigo e delicada para com os homens. Os homens são tão frágeis, Roy; tão pouco acostumados a serem desafiados. Senti um súbito acesso de uma emoção que mal reconhecia, assim como uma minúscula pontada de dúvida. Ele estaria *realmente* a falar sobre aquele dia por baixo do Pimenteiro? Ou teria tencionado pedir desculpa em relação a outra coisa?

– Obrigada – disse-lhe, e senti-me alarmada ao descobrir que havia lágrimas nos meus olhos. – *Obrigada*.

De acordo com a lenda, Mnemosine é o contraponto de Lete, o domínio de uma deusa mais antiga do que Zeus, e o sexto rio secreto do Hades. Aos iniciados era dada a oportunidade de beber das suas águas e escapar ao esquecimento do Lete. Sempre as imaginei salgadas, Roy; aquelas águas. Salgadas, como a memória. E quando as minhas lágrimas começaram a correr, senti as águas da Memória a fazerem pressão contra a porta fechada do Tempo, trazendo com elas os detritos de anos, libertados de repente e com força.

Comecei a soluçar, não de tristeza, mas de algo mais profundo e mais verdadeiro; uma reação visceral às palavras do homem perante mim. Soluçava, e as lágrimas corriam a arder como napalm; lágrimas de sal, e dor, e fogo e, mais uma vez, de *recordar*.



Liceu Masculino King Henry, 15 de julho de 1989

Algumas recordações chegam completamente emplumadas; outras num esvoaçar de asas escuras. Esta chegou na cor verde e com um cheiro a algo a arder.

Há alguma coisa por trás da porta verde. Algo grande.

É claro que, para a Becky Price aos cinco anos, *grande* era uma questão de perspetiva. No entanto, julgo recordar-me a agarrar com força a minha pequena pasta vermelha, e algo enorme nas sombras; e depois uma pancada oca, como a porta de uma cripta vazia a bater na escuridão.

A porta verde. Mr. Smallface. O sabor a papel metálico mordido. O sabor das lágrimas, uma sensação como de uma queimadura do sol no meu rosto lavado em lágrimas. Aquela *porta*. Onde a vira antes? Nenhuma das portas do King Henry era verde. Na maior parte dos casos, as portas do King Henry eram de madeira escura e natural, com algumas das mais baratas – por exemplo, as das casas de banho – pintadas de preto.

Mas a porta da minha memória era *verde*, exatamente do mesmo verde da cor da lata do melaço *Golden Syrup*, e debruado com aquela luz doentia, pouco natural, como algo saído de um pesadelo. *Do que come saiu o que se come e do que é forte saiu...*

– *Miss?* – A voz estava cheia de preocupação. – *Miss*, sente-se bem?

Inspirei e abri os olhos. O Milky estava junto a mim, com um ar indeciso e perturbado. Os homens raramente sabem o que fazer, se alguma vez sabem, quando uma mulher aparenta qualquer sinal de aflição. Nos filmes, a resposta parece ser sempre alguma espécie de ataque – um beijo violento ou uma bofetada, ou talvez um copo de água atirado à cara dela. É claro que a maior parte dos filmes é feito por homens. Uma mulher saberia o que fazer.

– Estou bem – disse eu, forçando um sorriso. – É só... *o recordar*, sabe?

– Ok. – Continuava a parecer cauteloso. – Se tem a certeza...

– Certeza absoluta. As hormonas é o que dão... – O meu sorriso era mais convincente agora, e vi que se descontraiu um pouco. Quase lhe ouvia os pensamentos. *As hormonas. Graças a Deus. São só as hormonas. Nada a ver comigo.*

Vocês os homens. São tão previsíveis. É tão fácil desviar a vossa atenção – com lágrimas ou sexo ou hormonas. Lutam a abrir caminho para o mistério da intimidade como um cavaleiro de uma lenda, a desbravar o mato dos nossos sentimentos misteriosos. *Se pelo menos conseguissem ser como nós, dizem-nos com os vossos olhos esperançados. Se pelo menos não fossem tão emotivas, tão vulneráveis, tão inesperadas.*

Limpei o rosto com a fralda da camisa.

– Tenho de ir andando. Se Mr. Jerome vier à minha procura, diga-lhe que estou no corredor inferior, por perto do Pequeno Teatro e do vestiário do Terceiro Ciclo.

– Ok. Vou estar atento – disse ele. – Mr... Jerome, disse?

– Isso mesmo. Conhece-o?

Abanou a cabeça. Pensei que parecia ansioso por voltar para o trabalho, agora que a crise das minhas lágrimas fora evitada com sucesso.

– Bem, encaminhe-o na minha direção – disse eu –, se ele entrar por aqui. – Virei-me. – Oh, e já agora – disse –, por acaso sabe se há uma porta verde em alguma parte da escola? Lembra-se de uma porta assim?

– Não que me ocorra, *miss* – disse ele, a soar quase amuado. – Talvez tenha havido alguma em tempos, há anos, antes de eu vir para cá. – Baixou-se para tirar alguma coisa da caixa de ferramentas, um gesto ao mesmo tempo de despedida e para eu não poder ver-lhe os olhos. – Seja como for, é melhor eu voltar ao trabalho. De outra maneira, nunca mais acabo.



Liceu Masculino King Henry, 15 de julho de 1989

Deixei-o ajoelhado junto à caixa de ferramentas e dirigi-me para o vestiário do Terceiro Ciclo. Era no vestiário que esperava sempre pelo Conrad depois das aulas. Certamente, se *havia* uma porta verde era onde devia tê-la visto. Mas até àquele momento tivera poucas oportunidades de investigar o vestiário sem a distração de alunos ou pessoal, e, além disso, o meu primeiro encontro com o Scoones fizera com que sentisse alguma relutância em tentar.

Dobrei a esquina, passando pelo teatro e a parede com as velhas fotografias do liceu, tentando reparar em tudo como se fosse a primeira vez. O soalho encerado; as portas duplas; o cheiro a cera e a madeiras velhas. O som que os meus sapatos da escola faziam ao caminhar; o eco dos meus passos. No dia em que o Conrad desapareceu, eu trazia sapatos novos. Uns sapatos de verniz com uma tira no peito do pé; vermelhos e com um brilho fascinante. Tinha passado o dia inteiro a olhar para baixo para os admirar enquanto andava. Tentei imaginá-los naquele momento, em vez dos meus ténis de verão; o som das suas solas contra a madeira; o seu brilho de maçã caramelizada.

Estava a resultar. Apercebia-me disso. Como um trilho de migalhas numa floresta, segui a memória daqueles sapatos vermelhos na direção dos vestiários vazios.

Tinha descido a rua desde Chapel Lane ao ver que o Conrad não estava ao portão da minha escola. Cheguei ao King Henry daí a quinze minutos; o vestiário já estava meio vazio. O Conrad não estava lá, embora devesse acompanhar-me até casa; tinha uma peça de teatro para a qual se preparar, e eu mal podia esperar pela primeira festa de anos só minha. Lembro-me de que me sentei no banco em frente ao cacifo do Conrad e fiquei a ver os últimos alunos irem embora. Ninguém se deixou ficar por ali nesse dia. Nenhum dos amigos do Conrad estava lá. O silêncio instalou-se no liceu como uma camada de poeira. Esperei. E continuei à espera.

O Conrad já teria ido embora? Ter-se-ia esquecido de me ir buscar, com o entusiasmo da peça? *Quando* é que o meu irmão desapareceu? Essas perguntas já tinham sido feitas, muitas vezes, ao longo de dezoito anos. Mas agora que eu estava de novo aqui, a sua estranheza ocorreu-me mais uma vez. Onde estava o meu irmão nesse dia? E quem mais estava com ele?

O vestiário do Terceiro Ciclo ficava numa divisão na cave, ao dobrar da esquina da entrada do Terceiro Ciclo. Descia-se por um lanço de escadas de pedra gasta para o lugar onde, dezoito anos antes, eu tinha esperado que o Conrad voltasse. Uma das funcionárias da limpeza foi dar comigo. Já eram seis horas. Tinha-me escondido dentro de um dos cacifos vazios, com as pernas fletidas e os joelhos contra o queixo. A funcionária da limpeza – uma senhora chamada Pat – deu-me uma tablete de chocolate *Fry's Five Centres*, que aceitei em silêncio, de olhos esbugalhados e sem sorrir. Cinco segmentos de recheios com sabores diferentes, revestidos com chocolate negro – a guloseima dela para depois do trabalho. Não comi o segmento com sabor a café.

Aquela cena destaca-se muito clara na minha mente. Ainda consigo até sentir o sabor do chocolate. Mordi um pedaço da prata do chocolate, e o seu sabor foi como uma explosão de estática de uma estação de rádio contra os meus dentes. Quase o sentia agora, e no entanto dava a sensação de ser *demasiado* real, de algum modo; tão real como uma história contada tantas vezes que se começa a acreditar que aconteceu.

Tantas das minhas recordações são simplesmente fotografias recordadas ou notícias de jornal ou coisas que ouvi a outras pessoas. Em quem posso confiar? A minha memória está pejada de inconsistências. Mr. Smallface; a Emily Jackson; a recordação do vestiário, com a luz do sol do fim da tarde a brilhar pela janela, e o sabor do chocolate na boca – todas essas coisas me *parecem* agora recordações. Contudo, mal tento tocar-lhes, caem como bonecos de papel. Nada é certo; nada dá a sensação de ser seguro. Sou uma criança num conto de fadas, rodeada por estátuas que se movem.

Eram esses pensamentos que me passavam pela cabeça quando descí os degraus para o vestiário, a sentir o cheiro muito familiar a botas de futebol, desinfetante, pó, desodorizante *Lynx* e o peculiar fedor intenso a bolachas dos rapazes adolescentes por todo o mundo. Os rapazes têm um odor muito

particular; deve ser a testosterona. Mesmo naquele momento, depois do fim do período, quando todos os cantos da escola tinham sido limpos e desinfetados, aquele odor familiar persistia; parecia ter-se entranhado em todas as pedras e no estuque.

Uma escola é uma espécie de cápsula do tempo, Roy. Apesar de todos os seus novos teatros e piscinas e casas de banho para as raparigas, as escolas são teimosamente resistentes à mudança. Isso era certamente verdade quanto ao vestiário do Terceiro Ciclo do King Henry. Dezoito anos depois, parecia igual. O teto alto como o de uma capela; as paredes manchadas; as lajes de pedra lisas e gastas pelo tempo. Os grupos de cacifos cinzentos, marcados, riscados e amolgados. Uma barra dupla de cabides para casacos ao longo do comprimento da divisão, por cima de uma fila de bancos e de divisórias para botas enlameadas. A humidade penetrara as paredes, fazendo a tinta levantar como massa folhada. Toquei uma dessas bolhas com a ponta do dedo; era mole e caiu como um floco, revelando um pó esbranquiçado que parecia sorvete de limão.

Baixei os olhos para os meus sapatos e recordei-me de como fizera exatamente a mesma coisa dezoito anos antes, e de ter tido uma sensação de temor silencioso, de que até as paredes, que pareciam tão sólidas, não eram mais do que um pó prensado. Tinha metido o dedo à boca para ver a que sabia o sorvete da parede; era azedo e parecia algodão; o vestígio salobro de um monstro. Mais uma vez, toquei na parede e levei os dedos à boca; o sabor familiar invadiu-me, impelindo-me pelo caminho atrás daquelas migalhas espalhadas.

Havia umas lâmpadas a piscar acima dos degraus para a cave, mas a maior parte da luz no vestiário vinha de um postigo comprido e estreito ao nível do rés do chão, lá no alto, perto do teto, que ocupava todo o comprimento do vestiário e deixava entrar uma luz pálida e aguada. O postigo era de tijolos de vidro sólidos, e, olhando para cima, poderiam ver-se os pés de rapazes a correrem no pátio lá no alto e ouvir as suas vozes que ecoavam, como sons vindos de um aquário.

É claro, nesse momento o liceu estava deserto. Não soavam vozes vindas do pátio. Lentamente, percorri a divisão, ao longo dos bancos. Os cabides dos casacos estavam vazios, à exceção de um só *blazer*, com certeza esquecido por algum rapaz na pressa de voltar para casa. Os armários tinham sido todos

deixados abertos – qualquer rapaz que deixasse algum pertence dentro do seu cacifo depois do fim do período arriscava-se a apanhar uma multa – e uma porta abriu-se para trás quando eu ia a passar, revelando um interior de metal, como um forno antiquado. Havia ainda restos de fita-cola velhíssima na parte de dentro da porta, onde, ano após ano, gerações de rapazes tinham colado os seus horários, *posters* de bandas (e talvez um ou dois de mulheres nuas, escondidos lá para trás). O cacifo do Conrad estivera cheio de imagens recortadas de revistas; da *Sounds* e da *Melody Maker*. *A porta verde. Mr. Smallface. O som da porta de uma cripta a bater.*

A única entrada era pelos degraus do corredor inferior. Não havia nenhuma porta interior. Nem espaço para uma: havia cacifos em todas as paredes. Os cacifos posicionavam-se em blocos de seis, os mais baixos maiores do que os de cima, e numerados com pequenas chapas metálicas pregadas na porta. O do Conrad era o 73. Costumava sentar-me no banco em frente a ele, a olhar para a chapa metálica e escondida por baixo da fila de casacos pendurados nos cabides acima de mim.

Fui à procura do meu lugar habitual, em frente ao cacifo 73. O cacifo do Conrad era na fila de cima, e recordei que me sentava no banco a olhar para cima para a porta de metal. Nesses tempos, havia um autocolante nela, redondo e com umas palavras. Agora, não havia nenhum autocolante; nem sequer uma marca a mostrar onde ele tinha estado. A porta encontrava-se fechada.

Sentei-me no banco. Parecia-me surpreendentemente baixo: os joelhos tocavam-me praticamente no queixo. Lembrei-me de como costumava trepar para cima dele e balouçar as pernas. Não sei por que razão o facto de ter *crescido* é sempre uma grande surpresa. Fechei os olhos e tentei imaginar-me aos cinco anos, a balouçar os pés para cima e para baixo e a olhar para os meus sapatos brilhantes.

A porta verde. Foi para onde ele foi.

A recordação estava agora perto; tão perto que quase lhe sentia o sabor. Uma porta verde. Uma luz forte. Um cheiro a tinta, e a madeira, e a fumo. Nuvens escuras no céu de arco-íris. Um gemido dos canos da água. Uma forma grande e escura a descer. A minha pequena pasta vermelha. Um som

de uma porta a bater. E uma voz, a dizer: *Agora vais ser uma boa menina e esperar aqui. Esquece que alguma vez nos viste.*

De quem era essa voz? Uma voz de rapaz. A minha memória recusava-se a libertá-la. Mas recordava os seus *sapatos* – pretos, com atacadores esfiapados. Sapatos de fim de terceiro período; cheios de pó e gastos de um ano inteiro a jogar futebol no recreio, a trepar às árvores e a dar pontapés em pedras. Sapatos que não viam graxa desde o início do primeiro período; disformes, esfolados na ponta. Mas os sapatos do Conrad, como os meus, eram novos. A minha mãe nunca permitiria que usasse aqueles sapatos baratos e gastos para ir para o liceu.

Senti uma pontada de entusiasmo. Uma pista. Uma dádiva inesperada do passado. Esses sapatos poderiam ser do Milky, pensei, ou do Fatty, ou mesmo do Dominic? Aquele pensamento fez-me estremecer. Os amigos do Conrad afirmaram sempre que tinham ido para casa depois das aulas naquele dia; mas os seus pais ainda estavam no trabalho. Eles poderiam ter mentido. Um deles tinha mentido. E a ideia de que o Dominic poderia ter estado ali era subitamente, estranhamente crível. *Porque é* que o Dominic me tinha escolhido? Porque era tão protetor em relação a mim? Poderia ser por, de algum modo, sentir necessidade de uma espécie de expiação?

Ouvi um som acima da minha cabeça, como passos leves, a correrem no pátio. Abri os olhos e olhei para cima. Nada ali. Nada a não ser o zunido silencioso de um edifício deserto. De repente, o cheiro a suor requentado e botas de futebol e estuque húmido tornou-se nauseante. Não havia nenhuma porta verde; nunca houvera.

O que estou a fazer aqui, realmente?

Pus-me de pé. O cacifo 73 estava agora ao nível dos meus olhos. Toquei na superfície de metal e apercebi-me de que a porta estava fechada à chave. Algum rapaz devia ter-se esquecido de tirar as suas coisas no fim do período. Ou talvez, como o meu irmão, simplesmente não tivera oportunidade...

Mais uma vez, veio aquele som de cima; um súbito chocalhar rápido, como o de uns sapatos de rapaz na pedra. Um aluno, pensei; curioso por ver o liceu depois de terminarem as aulas. Só que de modo nenhum pensava que fosse isso – sabia *exatamente* quem era. Olhei para cima, para a faixa de tijolos de

vidro, e vi os contornos esfumados de alguém perto da parede; um par de sapatos; calças cinzentas; um rapaz do King Henry de uniforme.

E depois, enquanto eu olhava, o rapaz ajoelhou-se para espreitar pelo postigo para o vestiário. Encostou o rosto aos tijolos de vidro, e vi a sua imagem esfumada ali, grotescamente distorcida onde o seu rosto pressionava o vidro martelado...

Era o rapaz com o crachá de prefeito.



Liceu Masculino King Henry, 15 de julho de 1989

Desta vez, não fiquei paralisada. Desta vez, reagi instintivamente. Como não trazia os habituais saltos altos, levantei-me e subi a correr os degraus da cave na direção do corredor do Terceiro Ciclo. Ele deve ter visto o meu movimento, porque já estava a correr quando saí de rompante pela porta lateral para o ar livre. Quase chegara já à berma relvada junto ao parque de estacionamento praticamente vazio e dirigia-se para o portão principal, com a fralda da camisa a esvoaçar ao vento.

– Tu! Tu, rapaz! *Alto aí!*

Ignorou-me, desaparecendo entre as árvores que ladeavam a comprida entrada principal. Decidi cortar caminho pelo parque de estacionamento que ficava ao lado do edifício. Havia uma entrada lateral no muro que circundava os terrenos do liceu; talvez conseguisse alcançá-lo quando ele chegasse à estrada. Atravessei o parque de estacionamento a correr; saltei por cima de um pequeno canteiro de flores; cheguei à fila de cerejeiras nas traseiras do teatro – e esbarrei numa figura familiar, que olhou para mim e disse:

– O que aconteceu? Sente-se bem?

Era o Jerome, com um ar elegante no seu *blazer* desportivo às riscas e calças de ganga engomadas, e com o crachá de prefeito na lapela.

Acenei com a cabeça, a aperceber-me lentamente de que estava cheia de calor e ofegante e que o cabelo me escapara do coque e me caía à toa sobre o rosto.

– Desculpe ter chegado um pouco atrasado – disse ele. – Tem a certeza de que está bem? Parece um pouco...

Olhei por cima do ombro dele na direção da entrada principal do liceu. O rapaz já não estava visível; eu deixara escapar a minha oportunidade.

– Havia um rapaz. Perdi-o – disse eu. – Deve tê-lo visto. Estava ali mesmo.

– Lamento. Não vi ninguém.

– Ele estava ali – insisti. – Louro, com o uniforme do King Henry.

Olhou para mim.

– Como o seu irmão?

– Sim.

Lançou-me um olhar compreensivo, mas eu sabia que pensava que era uma loucura. Pousou a mão no meu braço e disse:

– Vamos voltar para dentro, Becky. Vamos arranjar-lhe uma chávena de chá. – Segui-o para dentro do edifício. Parecia muito à vontade ali. Conduziu-me sem hesitação até à sala dos professores ao fundo do corredor.

O Milky já não estava lá quando passámos pelo átrio, embora eu visse a porta do teatro aberta. Teria sido a voz do Milky que ouvira? Teriam sido os *seus* sapatos gastos?

Na sala dos professores, o Jerome fez chá. Sem me perguntar, pôs açúcar.

– Lamento ter chegado tarde – disse. – Vejo que teve um choque.

Bebi o chá devagar. Teria mesmo tido um choque? O excesso de adrenalina ainda a correr-me pelas veias fazia-me tremer um pouco a mão.

– Não tive medo – disse, por fim. – Só queria ver a cara dele.

Sorriu-me.

– Acabe só de tomar o chá. Diga-me do que se lembra.

Falei-lhe dos sapatos sujos e da porta verde e daquele som da porta de uma cripta a bater.

– Alguém sabe o que aconteceu naquele dia. Alguém me avisou que devia manter-me afastada. Depois do que recordei hoje, acho que pode ter sido o Milky. – E contei-lhe o que o Milky me tinha dito, e como tentara pedir desculpa, por aquele dia debaixo do Pimenteiro, mas talvez por outra coisa também. – Vi que ele estava a sentir-se desconfortável. Queria contar-me alguma coisa. Se pudesse conversar com ele outra vez, tenho a certeza de que seria capaz de descobrir o que era.

– Talvez – disse o Jerome. – Mas primeiro, penso que talvez devêssemos...

Não terminou a frase. A porta da sala dos professores abriu-se de repente e o Philip Sinclair e o Eric Scoones entraram a toda a pressa. O Scoones estava

da cor de um presunto; o Sinclair, branco como a cal. O Scoones estacou quando me viu, com uma expressão fixa no rosto. O Sinclair foi direto ao telefone e discou um número com três dígitos.

– Uma ambulância. Para o Liceu King Henry. A entrada do teatro – disse o Sinclair. A seguir, permitiu-se tombar sobre uma cadeira junto ao telefone, e acrescentou: – Despachem-se, por favor. Penso que houve um acidente terrível.

Provavelmente leu a notícia na altura, embora talvez não se recorde. Foi um daqueles lamentáveis acidentes que por vezes acontecem em edifícios velhos: uma combinação de azar, instalação elétrica híbrida, cabos elétricos descarnados e erro humano. Concordou-se no geral que o Christopher Milk, o encarregado da manutenção do liceu, foi o culpado, além de ser a única vítima. Cá entre nós, o pessoal do King Henry concordou que poderia ter sido pior. Poderia ter sido um aluno.

Não me lembro de grande coisa do resto desse dia, além do cheiro a queimado. Sei que a ambulância chegou quase imediatamente depois da chamada, e que o Jerome me impediu de entrar no teatro. Sei que o Scoones continuou a fitar-me, furioso, como se eu fosse a responsável pelo que acontecera, e que o Sinclair nos mandou sair do edifício mal eu pareci estar recuperada. Compreendi que aquilo era o fim do meu plano de recuperar as minhas recordações. A partir desse momento, o liceu ficaria inacessível a todas as pessoas exceto a polícia.

Mesmo assim, já sabia mais do que esperara descobrir. O Milky *estivera* no liceu naquele dia. A sua pequena desculpa gaguejada; a sua ansiedade por me ver pelas costas; tudo apontava para algo muito mais sério do que o mero embaraço social. Tentara dizer-mo. E foi por esse motivo que, por muito que pudesse ter *parecido* um acidente, eu sabia sem qualquer dúvida que o Christopher Milk tinha sido assassinado.



20 de julho de 1989

Depois daquilo, não houve mais nenhuma oportunidade de explorar o liceu à vontade. A polícia revistou o Pequeno Teatro à procura de pistas e encarregou um engenheiro eletrotécnico de confirmar a causa do acidente: mas foi só porque o seguro do liceu necessitava dos pormenores.

Morte por acidente, disseram. A vítima – que não era eletricista profissional – não verificara se um cabo estava exposto antes de inserir uma chave de parafusos de metal numa tomada. Bem, Roy, naquele tempo a Saúde e Segurança no Trabalho não eram como são agora. O pessoal do King Henry, embora chocado com a notícia, não ficou especialmente surpreendido. Afinal, o Christopher Milk nunca fora muito fiável.

É claro que não pude dizer ao Dominic que estava lá quando aquilo aconteceu. Tive de esperar que ele ficasse a saber do acidente através do *Malbry Examiner*. Nessa altura, já tinha passado quase uma semana (o *Examiner* saía à quintas-feira), e eu estive doente durante a maior parte desse tempo com o que o Dom julgou ser uma gripe de fim de período.

– Acontece muito – disse ele ao pequeno-almoço nessa manhã. – Gastam-se os últimos cartuchos até ao fim do período e depois, mal os miúdos se vão embora... *puf* ! Fica-se de rastos durante quinze dias. – Sorriu e passou-me uma caneca para as mãos. – Isto vai pôr-te boa. É uma receita da minha mãe. Limão, água quente, canela, cravinho... e uma dose curativa de rum. Vais sentir-te melhor num instante.

Peguei na caneca e deixei-me ficar a vê-lo barrar com manteiga uma fatia de pão torrado. A Emily estava a comer flocos de cereais, a separar as formas castanhas das douradas. Os flocos de cereal integral posto de lado pareciam um montinho cada vez maior de abelhas mortas.

– Eh pá. Eu conhecia esse tipo. – O Dominic tinha finalmente visto a segunda página do *Malbry Examiner*. O Milky não fora notícia de primeira página. Observei o Dom a ler o artigo, fingindo beber o meu remédio para a

gripe. Havia muito rum na caneca. Os vapores quentes faziam-me chegar lágrimas aos olhos.

– O que aconteceu? – perguntei.

O Dominic encolheu os ombros.

– Foi um acidente no King Henry. O encarregado da manutenção. Conhecia-lo?

– Vi-o por lá uma ou duas vezes, só isso. Pobre homem. Disseste que o conhecias?

– Andámos juntos na escola – disse ele. – Não éramos propriamente amigos, mas sim, lembro-me dele. Costumávamos chamar-lhe Milky, porque achávamos que se parecia com o anúncio do miúdo do *Milky Bar*.

Parecia tão casual, pensei. Não havia nada nos seus modos que sugerisse que ele e o Christopher Milk tinham sabido o que acontecera ao Conrad. Também não havia nada que sugerisse que ele e o Milky se tinham mantido em contacto, ou que ele podia ter ficado a saber algo sobre o incidente. No entanto, sentia-me desconfortável. O Dominic já me mentira uma vez sobre o King Henry. A ideia de que estava a mentir-me de novo não me saía completamente da cabeça.

– Conheceste-o no King Henry? – perguntei.

Lançou-me um olhar cortante.

– É claro que não. Ele andava na Sunnybank Park. O que te faz pensar que andou no King Henry?

Sacudi a cabeça. É claro, o jornal não dera essa informação. Limitava-se a dizer que Christopher Milk, um homem solteiro de trinta e quatro anos, morrera enquanto fazia reparações de rotina no Pequeno Teatro do Liceu King Henry. Uma fotografia mostrava a vítima numa espécie de reunião familiar; uma foto muito maior ao seu lado mostrava o dia da inauguração do Pequeno Teatro: com Margaret Thatcher de pé junto a uma Carolyn Macleod muito mais jovem.

– Deixa-me ver isso – disse eu.

O Dom passou-me o jornal. Da meia página de um jornal local dedicada à sua vida, Christopher Milk sorria-me entre uma versão mais velha dele – um irmão, supus – e um rapaz que parecia ter uns doze anos. A imagem era

granulosa, e o rapaz mais novo do que o vira na última vez; e, no entanto, reconheci-o imediatamente. Era o rapaz de uniforme que vira no dia em que o Milky morreu, a olhar para baixo pelo vidro martelado para o vestiário do Terceiro Ciclo.

SÉTIMA PARTE

Asfódelos
(Terra dos Mortos)



~~Liccu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

Primeiro período, 28 de setembro de 2006

Já não olho lá para fora há dois dias. A chuva tem sido incessante. Sem as visitas dela, penso que não me teria dado ao trabalho de sair da cama. A minha Xerazade – ou será a Nimuë? – tem exercido um espécie de paralisia sobre mim, de modo que me sinto como um animal encadeado pelas luzes de um comboio a aproximar-se, incapaz de me afastar ou desviar os olhos enquanto o monstro se prepara para me derrubar.

Digo a mim mesmo que tudo isto terminou há muito, muito tempo. Todos os protagonistas estão mortos – exceto La Buckfast, claro –, tudo isto se desenrolou há duas décadas. Esta história é como uma colisão de estrelas, a chegar à Terra um milhão de anos depois do drama terminado; agora, nada mais do que luz velha, e no entanto sinto-o com toda a dor de uma ferida recente. Mais uma vez, dou comigo a fazer o papel de detetive. O Scoones estava no King Henry naquele dia. Poderia de algum modo ter sido responsável pela morte do encarregado da manutenção? Não vejo porquê, mas dou comigo a imaginar repetidamente possíveis cenários.

Mr. Milk, uma palavrinha, por favor?

É a voz do Eric na perfeição. Bastante brusca, mas com o tipo de delicadeza que os encarregados da manutenção de uma escola não recebem com frequência do pessoal docente.

Chegou à minha atenção que uma das tomadas nos bastidores do Pequeno Teatro está avariada. Mostro-lhe onde é. Não, não o registei no Livro das Reparações. Não deve levar mais do que uns minutos a substituir. Vamos lá?

Os encarregados da manutenção das escolas são usualmente faz-tudo; raramente treinados em alguma coisa. Vejo-o agora mentalmente, a semicerrar os olhos com impaciência à tomada avariada através dos seus

oculinhos redondos. *O raio do Eric Scoones*, pensa ele. *De qualquer maneira, não vai levar muito tempo. É melhor despachar já isto.*

Verifica o quadro elétrico nos bastidores; desliga no quadro aquela parte da instalação elétrica. Volta para a tomada, remove o espelho e olha lá para dentro. O Milk não é eletricitista. Não tem um busca-polos. Pega numa chave de parafusos do seu cinto e insere-a na tomada para soltar o terminal. A sua outra mão está pousada na caixa de metal na qual a tomada foi instalada. Bastaria que naquele momento alguém no quadro elétrico puxasse a alavanca...

Parece horivelmente plausível. A equipa de investigação teria simplesmente deduzido que o Milk puxara a alavanca errada, sem se aperceber de que a tomada estava ligada. O resto seria fácil. Tudo o que o assassino teria de fazer em seguida seria «descobrir» o acidente e permitir que o drama se desenrolasse. E depois há o facto de o Eric nunca ter sido claro sobre a razão pela qual saiu do King Henry nesse ano, exceto a sua asserção brusca de que *aquele sítio estava a ir de mal a pior*. Poderia ter estado envolvido, de alguma maneira? O Chris Milk saberia alguma coisa sobre o desaparecimento do Conrad Price?

Quando acontece um crime deste tipo, leem-se sempre os mesmos relatos das testemunhas. *Era um homem tão simpático, tão sossegado. Nunca suspeitámos de nada*. E, claro, nenhum criminoso quer ser apanhado. Nenhum criminoso que passou tanto tempo sem ser apanhado *parece* um criminoso. No entanto, e apesar de tudo, não posso crer que o Eric Scoones fosse capaz de matar alguém. O Eric, que ficava sempre em segundo lugar em Francês. O Eric, que partilhava sempre comigo as suas doçarias nos intervalos, que andava sempre com a fralda da camisa de fora nas costas, que me chamou *Straits* durante cinquenta e cinco anos. O Eric, cuja ambição tinha azedado e se transformou em mau humor e ressentimento; o Eric, que secretamente gostava de traduzir poesia francesa para inglês: o Eric, que sonhava viajar e morreu a menos de cinco quilómetros da casa onde tinha nascido.

Eu sei. É piegas. Peço perdão. Não é nada meu ser piegas. Sinto saudades do St. Oswald, é o que é. Dos meus Brodie Boys; da minha sala de aulas; dos meus conflitos diários com o Devine. E do Eric. Ainda sinto falta do Eric – não pelo que *era*, talvez, mas pelo que representava para mim. Na outra noite,

nos campos de jogos, senti-me como um cavalo de guerra a ouvir o chamamento: mesmo a monstruosidade do Edifício Gunderson deu a sensação de voltar para casa, de algum modo. Pergunto-me agora como me sentirei quando passar por aquele edifício à luz do dia, sabendo que há um corpo enterrado debaixo do cimento. Por vezes, preocupa-me que possa sentir alívio ou, pior ainda, nada de nada. Costumava pensar que a verdade era o mais importante de tudo. Agora, depois de passar tanto tempo sozinho com os meus pensamentos, apercebo-me de que o St. Oswald sempre teve precedência sobre a verdade, sobre os seres humanos, mesmo sobre a virtude. O St. Oswald, a minha constante; a minha estrela do Norte durante todos os anos do meu século; o St. Oswald, o velho e destroçado navio de piratas ao qual dei o melhor de mim mesmo.

Amare et sapere vix deo conceditur. Mesmo um mestre do St. Oswald tem dificuldade em ser sensato e amar ao mesmo tempo. Penso que talvez nem sempre tenha sido sensato. Mas *sempre* fui leal. Os alunos e os mestres – mesmo os reitores – passarão, mas as pedras e o espírito perdurarão. A história de La Buckfast está em segurança comigo, acabe como acabar: não por ela nem pelo Eric, mas pelo St. Oswald.

A rapariga que me traz as compras veio à uma da tarde hoje. Como é que se chama? Emma qualquer coisa. Não me lembro. Uma rapariga bonita, com a boniteza que advém da juventude, do privilégio, dos genes e da inexperiência de tudo a não ser a sua pequena e abastada existência. Que seja agora aluna do St. Oswald ainda me eriça os pelos da nuca. Mas o St. Oswald seguiu para diante. Sob a capitania de La Buckfast, o velho navio foi remodelado e os novos recrutas são de uma classe diferente. Bem, é claro que seriam: já lá vão os tempos em que um rapaz de um meio humilde poderia aspirar a uma bolsa de estudos. Atualmente, os alunos são todos do tipo de família que pode dar-se ao luxo de pagar seis mil libras por período (mais os uniformes, as viagens e os materiais) por uma educação clássica baseada não na gramática e na literatura, mas no tipo de abordagem fácil introduzida pela Chamem-me Jo, na qual os alunos leem poesia em tradução e veem filmes sobre gladiadores como um meio de compreender a cultura que deu forma ao nosso império.

Desespero. Realmente desespero. Pelo menos tenho os meus Brodie Boys, mas eles são os últimos que restam da velha tripulação. Depois deles, suponho que serão os campos de asfódelos – ou seja, a aposentação – ou

carteiras de plástico e laboratórios de Informática e raparigas bonitas chamadas Emma.

Disse tanto quanto isso a La Buckfast quando ela me visitou à hora habitual depois das aulas.

– Ainda está com um ar adoentado, Roy – disse ela enquanto fazia um chá. Não uma tisana, graças a todos os deuses, mas saquetas de chá descafeinado da *Tetley's*, com um pouco de leite meio-gordo.

– Sim, mas traz consigo a luz do sol – respondi galante, e, sentado no cadeirão na cozinha, bebi o chá e preparei-me para mais uma das minhas mil e uma noites.



29 de julho de 1989

Recordo aquele verão como recordo alguns dos dias da minha infância. Nada parecia real, embora o fosse: tudo o que era real era imaginário. A minha mente era como uma caixa de peças abandonadas de um *puzzle*, fragmentos luminosos que chamavam a atenção, mas nunca se ligavam com nada. A gripe – se foi o que tive – melhorou, e no final de julho eu já estava de volta a algo que se assemelhava à normalidade.

Só que *não era* normal – a minha vida tornara-se uma série de cenas bem iluminadas de uma peça em palco. Assistia das laterais do palco ao Dominic e à Emily continuarem a planear o casamento; ocasionalmente, entrava no palco para sorrir e aprovar e parecer feliz. Exteriormente, parecia bem. O Dominic tirava fotografias. Aqui estou eu no jardim, com um vestido de alças amarelo e óculos de sol; aqui estou com a Emily, a brincar com a mangueira do jardim. Pareço tão convincente: feliz, de rosto fresco; a viva imagem da juventude e da beleza. Mas por baixo há um esgoto, não da memória, mas da dúvida: uma fenda a abrir-se no chão que fita como o olho de um monstro.

O Dominic tinha marcado a data do casamento para 28 de agosto. Dar-nos-ia uma oportunidade para comemorar e talvez até fazer uma pequena lua de mel antes do início do novo ano letivo. O Dom encarregava-se de tudo, e eu seguia-o como uma criança sonolenta na rotina da hora de deitar que não requer mais nada a não ser obediência.

– Então, só uma pequena cerimónia. Nada grande nem espalhafatoso – disse o Dom. – Só o gangue na conservatória e depois vamos ao *pub* para a festa. Pedimos à Estelle que faça o bolo. E a minha mãe está *mortinha* por te fazer o vestido.

– Oh. – Não pensara nisso. – Tinha pensado em comprar só um vestido normal. Algo que possa voltar a usar.

– O quê, nada de vestido de noiva? – disse o Dominic. – Oh não, não podes fazer isso. A minha mãe não fala de outra coisa desde que ficámos noivos. É

realmente boa nessas cenas da costura. Vai saber exatamente o que te fica bem.

E assim ficou decidido. Eu iria de branco-magnólia e a Emily seria a minha menina das alianças e as irmãs do Dominic as damas-de-honor, em tom de pêssego, tal qual como no casamento da Victoria. A mãe do Dominic convidou-nos para almoçar, com a prova do vestido a seguir.

– Ela é capaz de aumentar um número depois de comer isso tudo – disse o Dominic ao ver a mesa carregada com comida.

– Precisa de pôr um bocadinho de carne nesses ossos – disse a Blossom, empilhando frango e lagostim panado e arroz no meu prato já cheio.

A Blossom tinha uma sala da costura, que fora em tempos um quarto de dormir. Agora estava cheio de rolos de tecido, caixas com rendas, novelos de lã de várias cores, tudo bem arrumado. Havia duas máquinas de costura lado a lado em cima de uma mesa de trabalho; um manequim de costureira junto à porta.

– Oh, e algumas das velhas coisas do Dominic – disse ela. – Meti-as em caixotes para as levarem embora. – Apontou para três caixotes de cartão, empilhados junto à porta. – Tenho andado a pensar que devia destralar – disse –, mas pensei que talvez quisesses dar uma vista de olhos primeiro. Para ficares a saber como era o Dominic em pequeno. Consegues ver que sou sentimental, não consegues, minha querida? – Apontou para uma parede que estava coberta de fotografias da família emolduradas.

Fiz um som que esperei que ela interpretasse como de aprovação.

– E, claro, fiz esses vestidos todos – disse ela, apontando para um retrato. – Aqui está o vestido da minha Victoria, este aqui. E aqui está o da Myra, e o da Estelle. – Sorriu-me e pousou a mão no meu ombro nu. – Fiz as roupas de noiva para *todas* as minhas filhas – disse. – É um desaforo o que custam nas lojas de vestidos de noiva. E, além disso, se vão constituir família, precisam de poupar dinheiro, não de o gastar.

Aquilo fez-me sentir desconfortável. Não era a primeira vez que a Blossom presumia que eu ia constituir família. O que lhe dissera o Dominic? Tê-la-ia levado a crer que ia desistir de dar aulas?

Contudo, a Blossom já tinha passado para outro assunto.

– Despe só as calças de ganga e o *top*, querida. Deixa-me tirar-te as medidas, e depois vemos os tecidos.

Já tinha comprado o tecido para o meu vestido de noiva: era uma seda selvagem linda, quase branca. Drapeou-a à volta do meu corpo cuidadosamente, a murmurar e a acenar com a cabeça para consigo.

– Pensei em algo simples e clássico para ti. Sem mangas. Talvez midi.

Deixei que me virasse e envolvesse com o tecido. Sentia-me como uma traça num casulo. De vez em quando, sorria-lhe e dizia tudo aquilo que esperava de mim, mas não sentia absolutamente nada; nem alegria, nem sequer curiosidade. Não parava de pensar no Christopher Milk e na maneira como me pedira desculpa por um incidente passado há dezoito anos. Desejava ter tido coragem de continuar a conversa nessa altura.

– E os teus pais? – perguntou a Blossom. – Devem estar tão empolgados!

Sorri e acenei com a cabeça de modo convincente. De facto, não tivera notícias deles desde a minha visita duas semanas antes; no dia em que me disseram que a Emily tinha sido uma amiga imaginária. Fez-me sentir culpada pensar naquilo, mas a ideia de voltar lá a casa – talvez até de me encontrar com o homem que dizia ser meu irmão – era mais do que poderia suportar. Talvez acreditasse que comunicar-lhes o meu noivado o tornaria real; ou talvez estivesse a tentar mantê-los afastados de uma situação que já sabia que seria dolorosa.

– Estou ansiosa por os conhecer! – disse a Blossom. – Devem estar tão orgulhosos.

Sorri de novo. *Sorri. Vira-te. Endireita essas costas. Põe-te bonita.* Pensei se o Milky seria sepultado ou cremado. Perguntei-me que opção a sua família escolhera. A cremação, muito provavelmente. Os enterros são caros. Pensei no rapaz na fotografia, e se imaginara a semelhança com o rapaz que vira no liceu. E depois apercebi-me de algo tão óbvio que me falhara e inspirei fundo tão subitamente que a Blossom, que estava a pregar com alfinetes pregas de seda à minha volta, supôs que me tinha picado.

– Tem o *Examiner* desta semana? – perguntei.

– Está ao pé da televisão. No porta-revistas.

Ignorando os protestos da Blossom, corri para a sala de estar, a varrer o chão com metros de seda de um branco de ostra. Encontrei o jornal, virei para a página da Necrologia. Ali estava ele, o Christopher Milk, num pequeno quadrado debruado a preto. Senti o coração bater mais depressa. O cheiro a queimado encheu-me a cabeça. A Blossom berrou, do quarto de costura:

– Ei! Não sabes que dá azar o noivo ver o vestido de casamento?

Meti o jornal no porta-revistas, disse algo sobre querer ver como eram os anúncios de casamento, e voltei para o quarto de costura, onde a Emily estava a olhar impacientemente para rolos de rendas, e fitas, e botões e lantejoulas e véus. Senti uma dor súbita pela minha filha desengraçada e séria, tão pequena e já tão desesperada por corresponder às expectativas.

– Olha para mim, sou uma noiva! – disse ela, pondo um pedaço de véu à volta da cabeça.

A Blossom fez um sorriso indulgente.

– Espera mais uns anos – disse. – Vais encontrar o teu belo príncipe, vais ver.

A Emily fez uma pirueta em frente ao espelho de corpo inteiro.

– Não quero um belo príncipe. Vou casar-me com o Dom – disse.

– A tua mamã talvez tenha alguma coisa a dizer sobre isso. – A Blossom sorriu com indulgência. – Embora tenhas razão; o meu filho é um bom partido.

Mas eu mal as ouvia. Já tinha o que queria. Voltei a ocupar a minha posição ao lado da Blossom, com o coração a bater um pouco acelerado. Durante toda a prova, passei mentalmente em revista o lugar e a data do funeral do Christopher Milk, enquanto a minha futura sogra pregava com alfinetes seda e gaze à minha volta e a minha filha saltitava e dançava como uma traça à volta de uma chama: crematório de Pog Hill: 15 de agosto: 11 da manhã.



12 de agosto de 1989

Nessa altura, claro, já devia ter visitado os meus pais há muito tempo. Andara a adiar por algum tempo, em parte por ter estado doente com gripe, em parte por causa dos planos do casamento, mas principalmente por causa do Conrad.

O amigo imaginário da minha filha mantinha-se em silêncio desde o fim do período. De vez em quando, ouvia-a falar sozinha no seu quarto, mas não houvera mais mensagens na agenda nem menções a Mr. Smallface. Ela brincava com as amigas da escola, andava de bicicleta na rua, ouvia rádio (descobrira recentemente os New Kids On The Block, e estava alarmantemente embeijada por eles) ou ajudava o Dom na cozinha. Ele sempre adorara cozinhar, e tencionava passar as férias a ensinar a Emily a fazer alguns dos pratos favoritos da sua infância. E portanto cozinham *pholourie*, panada com farinha de ervilhas e pimentos; e bolo de coco; e *pelau* de Trindade e Tobago, e caril de grão-de-bico com pão ázimo. Aquele verão quente, seco, interminável estava cheio com os sons e os aromas dos cozinhados do Dominic, e com os êxitos mais recentes na rádio; e mais tarde, nunca mais consegui comer aqueles pratos sem ouvir mentalmente os New Kids On The Block e sentir o cheiro a relva cortada e a tamarindo e ao aroma semelhante a papel metálico de malaguetas queimadas.

Esse era também o aroma da casa da Blossom: o aroma saudável de uma casa de família com muito movimento. Penso que foi o que me deu a ideia de passar pela Jackson Street depois da prova do vestido e ir a pé para casa; deixando que o Dominic fosse de carro com a Emily e os caixotes. Era uma boa ideia, disse o Dominic: dar-lhe-ia tempo, a ele e à Emily, para começarem a fazer o jantar. Ao ouvir aquilo, soltei um gemido cómico e disse: – Oh, *não!* *Mais* comida não! – o que fez rir a Emily e a Blossom sorrir e o Cecil dizer: – Vai-te habituando, meu amor, agora és uma Buckfast –, e por um momento foi quase como se fôssemos uma verdadeira família, com uma história e um futuro de piadas partilhadas e tontas.

Em contraste, o cheiro da casa dos meus pais era um túnel de regresso ao passado. Cera com perfume de alfazema, fumo requentado e o tipo de cheiro que resulta de divisões cheias de coisas velhas e nunca usadas; as roupas do meu irmão, ali penduradas; os seus livros, intocados e para sempre não lidos; os seus discos, não tocados; as suas revistas de música, descoloridas pelo tempo. Quando cheguei, a sentir um temor surdo, a minha mãe estava de bata; o meu pai a lavar a louça com a janela da cozinha fechada, apesar do vapor da água quente e do sol de verão. Nem um nem o outro mostraram qualquer surpresa ao me ver, embora já tivesse passado um mês desde a minha última visita. Também não havia nenhum sinal da energia que tinham aparentado nesse dia: pareciam ter caído de novo no padrão usual sem objetivos. O pior era que a rádio estava de novo ligada: contra um pano de fundo de estática, uma voz feminina inumana entoava uma série de números.

Aceitei uma chávena de chá com muito leite e uma bolacha com recheio de chocolate, já um pouco mole, e depois perguntei se tinham tido algumas visitas. Recusava-me a dizer o nome do Conrad ou a alinhar na ilusão deles, mas precisava de saber se o homem que dizia ser meu irmão voltara lá a casa e, se sim, o que eles lhe tinham dado.

– Oh, o Conrad teve de se ausentar – disse o meu pai, com um olhar de lado à minha mãe. – Viaja muito em trabalho, Becks, e não podia esperar eternamente.

– Esperar por quê?

– Bem, por *ti*, claro – respondeu o meu pai. – Queria que estivesses pronta. Disse que queria dar-te tanto tempo quanto precisasses. Mas não podia ficar o verão todo. Tinha de voltar para a sua outra vida. Disse que se manteria em contacto e voltaria quando estivesses pronta a vê-lo.

– Quanto é que lhe deram? – perguntei.

O meu pai ficou com um ar desanimado.

– Oh, Becky – disse. – Este é o *Conrad*. Sei como te deves sentir, mas garanto-te que isto não é como das outras vezes.

– Se lhe deste dinheiro, papá, é *exatamente* como daquelas outras vezes. – Estava a tentar não chorar, mas sentia uma ardência nos olhos. Sentia também uma fúria, a crescer como algo a despontar da terra. Os meus pais tinham

algum dinheiro de lado, principalmente a conta-poupança do Conrad, na qual depositaram uma quantia que tinham obtido para subsidiar a operação de busca do meu irmão. A busca acabou por parar, claro; mas tinham restado cerca de quarenta mil libras, a acumular juros, embora os termos da conta não fossem especialmente favoráveis. É claro que os meus pais se tinham recusado a usar aquele dinheiro em seu benefício. Umas férias ter-lhes-iam feito bem, como lhes dissera muitas vezes, ou mudarem para uma casa mais moderna, mas tinham tratado a ideia com o mesmo horror que mostraram quando sugeri que alterassem o quarto do Conrad.

– Não sejas assim, Becky, meu amor. O dinheiro é dele. Sempre foi. – O meu pai evitava olhar-me nos olhos. Receei o pior, e tinha razão.

– Não lhe deram tudo. Papá, por favor, diz-me que não fizeram isso.

O meu pai encolheu os ombros.

– Tu não compreendes.

– Quantas vezes o viram desde então?

A minha mãe estava a começar a parecer agitada. As suas mãos no regaço da sua bata eram como um emaranhado de minhocas.

O meu pai lançou-me um olhar de aviso.

– Não digas nada. Vais incomodar a tua mãe, meu amor. Ele disse que ia estar ausente por algum tempo. Mas isso não quer dizer que não volte. Disse que tinha de tratar de uns assuntos.

É claro que tinha. Têm sempre, esses impostores. Este era convincente; mas não era preciso muito para convencer os meus pais. Um rosto sorridente, alguns episódios passados que qualquer pessoa poderia ter ficado a saber. O desaparecimento do meu irmão proporcionou um excelente negócio a autores de obras sobre crimes, a editores e jornalistas. Abundam as teorias de conspiração. O volume de material publicado ao longo dos anos tornou possível a qualquer pessoa com um pouco de imaginação criar uma história plausível. E, claro, os meus pais pagaram-lhe em dinheiro, levantando-o do banco e sem deixar provas em papel.

– Bem, de outro modo, ele teria de pagar o imposto – explicou o meu pai, que sentia um rancor de longa data contra as Finanças. – Porque é que havia de pagar impostos sobre as suas próprias poupanças?

Não havia nada que eu pudesse dizer. Sentia fúria, tristeza, repugnância – mas parecia tudo tão distante, tão sem sentido. O meu irmão continuava simplesmente a receber, mesmo quando era outra pessoa. E não, não era o dinheiro em si; era o facto de eu ter estado lá durante todo esse tempo, a cuidar deles – a *amá-los* – e, mesmo assim, à menção do Conrad, estavam dispostos a seguir o canto da sirene. Soube nesse momento que não poderia falar-lhes sobre o casamento. Já era demasiado – o gangue, o vestido, a festa – sem ter ainda de lidar com a reação dos meus pais. Tomaria medidas para que não aparecesse nada publicado; nenhuma notícia no jornal. Supunha que não importaria. Eles não teriam reparado, de qualquer modo. Quanto ao impostor, não tinha o menor desejo de falar dele ou de ouvir mais nada sobre ele. Sabia o que ele tinha feito. Era o suficiente. Qualquer coisa mais seria irrelevante.

Além disso, já sabia quem ele era. Só precisava agora de provas.

Fui para a April Street pelo caminho mais longo, atravessando o bosque nas traseiras do St. Oswald, e daí para a linha férrea desativada, o Pimenteiro e os três quilómetros do caminho de cinzas que me conduziam ao King Henry. Há muito, muito tempo que não percorria aquele caminho da minha infância, e, mais uma vez, os fantasmas do meu irmão e dos seus amigos caminhavam ao meu lado. Aquele percurso devia ter-se tornado menos concorrido, pensei. O caminho parecia mais estreito do que antes, as sebes mais altas e densas; e um manto de epilóbio, as suas flores há muito secas, cobria a mina como neve. *Campo de asfódelos*, pensei, *a atapetar o caminho para as Terras dos Mortos*.

Sempre pensei que os asfódelos eram uma espécie de lírio. De facto, Roy, como suponho que sabe, é uma das Terras dos Mortos cujo nome é o daquelas ervas daninhas pálidas e lúgubres que cresciam nos seus intermináveis terrenos baldios. O caminho ao longo do trilho do comboio era, sem dúvida, um desses, pensei; abandonado ao epilóbio seco e a tufo de urtigas a balouçar-se ao vento.

Era certo que agora estava abandonado. Desde que a entrada do túnel do comboio foi tapada na década de 1970, cada vez menos entusiastas dos caminhos de ferro vinham fotografar o local. O Pimenteiro estava coberto de coríola, o que o fazia parecer ainda mais um castelo de conto de fadas no

qual uma princesa poderia estar adormecida, à espera de que o seu príncipe chegasse.

Estúpida. Não há nenhuma princesa adormecida. Qualquer coisa que se encontre lá dentro está morta.

Mas a construção não *parecia* morta. Havia mais daquele epilóbio a crescer à sua volta, enviando nuvens de filamentos diáfanos para o ar sonolento do verão. E, quando parei para escutar, pareceu-me ouvir ainda aquele som através da conduta de ventilação, e perguntei-me o que poderia estar a dormir ali, lá em baixo no escuro, a aguardar o seu momento. Pensei no Trapper-Lad, com dez anos, e nos homens da mina Smarthwaite, que tinham descido ao subsolo em 1912 e nunca mais voltaram à superfície. O Conrad costumava contar-me que as pessoas ouviram as suas vozes, durante quase uma semana, a implorarem e a chamarem de baixo das ruas de Malbry, até finalmente tombarem em silêncio. Pensei no meu irmão, há muito tempo morto, e no entanto ainda tão presente nas nossas vidas; e em Mr. Smallface, que regressara para assombrar a minha filha de seis anos.

Não há nada. Não há fantasmas, pensei.

O Pimenteiro estava ali, parecendo sorrir na luz do sol inçada de poeira.

– Não há fantasmas – disse em voz alta. – O Conrad está morto. Não vai voltar.

Veio um súbito som surdo das profundezas do Pimenteiro.

Ratazanas, pensei. *Deve haver ratazanas*. Recordei o terrível tampão de lixo e coisas abandonadas, do bocal da saída de ar até ao túnel. Devia haver milhares de ratazanas ali; presas, sem poderem trepar para fora...

Mas então ouviu-se o som de um restolhar na erva alta junto à saída de ar. A seguir, um movimento súbito e brusco, um baque demasiado baixo para ser causado por uma ratazana. Senti um aperto no peito; a respiração cortada. Lentamente, comecei a recuar.

Houve mais um movimento brusco, soltando uma pluma de sementes de ervas. E depois algo começou a dirigir-se para mim, veloz; lançando as plumas de sementes de epilóbio numa atividade rápida e frenética. O ar caleidoscópico ficou subitamente cheio de sementes, como flocos num pisa-papéis. E com isso veio uma recordação; uma luz ofuscante do teto; o som de

algo pesado em movimento nas traves nuas do soalho. *Não há fantasmas*, disse a mim mesma e, no entanto, não acreditava. Afinal, que outra coisa poderia encontrar na estrada para Asfódelos?

Mais uma vez, comecei a recuar ao longo do caminho de cinzas. Mas aquele ser – fosse o que fosse – era veloz; e, no meu pânico crescente, tropecei e caí em cima de urtigas. Soltei um grito e fechei os olhos ao mesmo tempo que a criatura corria na minha direção...

E então ouvi o som de latidos. Abri os olhos e vi um *Jack Russell* castanho no caminho, a ladrar e a abanar o coto da sua cauda. Percorreu-me uma vaga de alívio. *Um cão. Era só um cão.*

Comecei a levantar-me e vi os vergões das picadas das urtigas a aparecerem rapidamente nos meus braços nus. Em seguida vi um homem no caminho, com um casaco castanho de *tweed* e uma trela na mão.

– Está bem? – disse uma voz, que me chegou através de uma nuvem de sementes a pairar no ar. – O cão só está excitado. Não morde.

Pus-me de pé rapidamente e sacudi as cinzas das palmas das mãos. A voz do homem era-me familiar, mas naquele momento não consegui pensar porquê. Aproximou-se um pouco e vi o seu rosto à luz do sol. Era um rosto muito familiar, com uma expressão preocupada pouco familiar. Não o tinha reconhecido antes, porque estava tão acostumada a vê-lo de fato e batina; mas agora era inconfundível.

Era o Scoones.



~~Liccu Masculino~~ Academia de St. Oswald

Primeiro período, 29 de setembro de 2006

É claro que me lembro: o velho Scoones tinha um cão. De facto, pertencia à sua mãe, mas quando ela ficou mais velha e menos capaz de tratar dele, era sempre o Eric quem o levava a passear. Lembro-me de que costumava sempre referir-se a ele como «O Cão», embora a sua mãe lhe chamasse *Biscuit*. Talvez o velho Scoones sentisse que seria pouco digno pôr-se a gritar «*Biscuit!*» sempre que o cão se soltasse da trela. É claro, o cão já morreu há anos, mas o relato de La Buckfast de o ver a passeá-lo ao longo da linha do comboio desativada (provavelmente depois de atravessar os campos de jogos do St. Oswald e do matagal para lá deles) era estranhamente, surpreendentemente tocante. Descobri que conseguia *ver* o Eric enquanto ela falava; com o seu velho casaco de *tweed*; talvez trazendo uma bengala; a sua rigidez habitual suavizada pela luz do sol e a solidão. E ele tinha, de facto, uma faceta mais branda, embora raramente a víssemos nesses tempos: um vislumbre do rapaz que fora libertado pelos aromas do verão.

Gostaria que ela tivesse visto essa faceta mais branda. Talvez assim tivesse compreendido. Consigo imaginá-los aos dois naquele dia no cimo do velho túnel do comboio, com o cão a ladrar desvairado e aquelas sementes de epilóbio, a rodopiar e a girar e a nublar o ar como as neves de outrora. Conheço-as bem, essas neves há muito desaparecidas. Sinto a sua frialdade nos ossos. Faz-me sentir melancólico e velho, e a necessitar de outro *Gauloise*. Não, ela não os encontrou a todos. Tenho uma pequena reserva de cigarros numa lata de bolachas por baixo da mesa de apoio aos sofás. Permito-me um por dia, e fumo-o lá fora, para não alertar La Buckfast para a minha transgressão. Mas sinto mesmo falta do Eric, apesar de todos os seus defeitos – sim, mesmo dos seus delitos. Sinto falta das nossas conversinhas enquanto tomávamos um chá e comíamos umas bolachas na sala dos professores; sinto falta da sua formalidade absurda quando se sentia ofendido.

Sinto falta da sua caneca idiota com a fotografia da princesa Diana. Sinto falta do seu fingimento ridículo de que não punha açúcar no chá. Sinto falta do som rabugento da sua voz do outro lado do vidro da porta da sala de aulas dele – *Ora bem, rapazes! Já chega, rapazes!* Sinto falta da maneira como me chamava *Straits*.

Este domingo vai ser o primeiro dia de outubro. Em breve chegará o tempo das folhas douradas e da Noite da Fogueira, e das manhãs límpidas e com geada. Sempre adorei esta época do ano; a sua nota de fumo e frutos caídos; o seu perfume de cemitério de terra molhada. Não diga a La Buckfast, mas fui dar um passeio hoje. Só ir ao parque e voltar; mas deu-me uma sensação de liberdade. Há um velho castanheiro-da-índia que recordo da infância: as suas folhas estão encarquilhadas por causa da seca do verão e foi perdendo ramos ao longo dos anos, mas mantém-se de pé, monumental: a árvore mais grandiosa no parque de Malbry.

Tinham caído algumas castanhas, e meti-as aos bolsos. Não sei porque faço isto. No entanto, nunca consegui resistir ao seu brilho cheio e acetinado de pura raça. Hoje o tempo estava estranhamente ventoso; sol, com alguma chuva. O ar cheirava vagamente a maresia, embora estejamos a cento e doze quilómetros da costa; e a luz tinha um tom dourado, como uma janela para o passado. Aventurei-me um pouco para dentro do parque, e vi um grupo de alunos ali, com o uniforme do St. Oswald. Não deveriam sair das instalações do liceu durante o intervalo para o almoço, mas há sempre alguns que o fazem, quanto mais não seja pelos castanheiros-da-índia. Fiquei a vê-los de longe, e pareceu-me reconhecer as suas vozes: mas os rapazes nunca mudam. O Scoonesy e o Straits ainda estão ali, a faltar à aula, a brincar com as castanhas.

Na segunda-feira voltarei para o liceu. Já faltei demasiado tempo às aulas. Na segunda-feira, quer ela termine a sua história quer não, confrontarei as minhas responsabilidades há muito adiadas. *Perfer et obdura*, Straits. Pode significar escolhas difíceis – mas desde quando é que eu lhes virei as costas no que diz respeito ao St. Oswald? Mais uma castanha, em lembrança dos velhos tempos. Lá vai para o bolso do meu casaco. Quem é o rapaz enterrado no cimento da piscina Gunderson? Amanhã, Scoones, vou descobrir a verdade. Até segunda-feira, quer ela esteja a planear dar-me a resposta quer não – *tenho* de ficar a sabê-la.



12 de agosto de 1989

– Mr. Scoones? – Quase não o reconheci sem o seu fato e a batina de mestre. Também ele parecia indeciso; como se estar fora do King Henry lhe tivesse roubado uma camada protetora. Fitou-me, depois lançou um olhar furioso ao cão, que estava a ladrar todo contente.

– *Biscuit! Biscuit! Já aqui!*

O cão ignorou-o e tentou lamber-me as mãos, a abanar a cauda com força. O Scoones parecia irritado.

– O cão não é meu. É da minha mãe. *Biscuit! Já aqui, sir!*

Não consegui conter o riso. Imaginei-o a soar exatamente assim em frente a uma turma mal-comportada. Fiz uma festa ao cão, que se deitou de barriga para cima.

– Não tem mal – disse ao Scoones. – Ele só está a ser simpático.

Lançou um olhar por cima do ombro e emitiu uma espécie de som seco gutural. Perguntei-me se seria a minha presença que o deixava pouco à vontade ou outra coisa. O Scoones precipitou-se para o cão e agarrou-o pela coleira. Prendeu a trela e puxou o cão, ainda a protestar, para o seu lado. Ergueu-se, de novo com um ar mais seguro de si.

– Bem, Miss Price. Vou indo. – E virou para de onde tinha vindo, com o cão a parecer relutante, como se estivesse a contar com um percurso diferente.

Daí a uns minutos passei por um trio de rapazes no caminho, com dez ou onze anos; o seu ar descontraidamente desleixado identificava-os como alunos da Sunnybank. Ocorreu-me a ideia, enquanto voltava para casa, que um homem com um cão emprestado é um íman para rapazes; a desculpa perfeita para parar e conversar, talvez mesmo para travar amizade...

Perguntei-me por que motivo o Scoones se apressara tanto a mudar de direção ao me ver.

Pensei nos *graffiti* que vira nas carteiras do King Henry.

Mr Scoones is the Eggman.

Mr Scoones is a nonce.

*

Estava ainda embrenhada nos meus pensamentos quando cheguei a casa, à April Street. O Dominic e a Emily encontravam-se na cozinha, a ouvir os New Kids On The Block. A Emily estava a rir; o Dom a dançar e a cantar a canção, com uma colher de pau a fazer de microfone. Estavam a fazer tanto barulho que não repararam que eu tinha chegado.

Encontravam-se três caixotes de cartão junto à porta, com etiquetas escritas na letra bem desenhada da Blossom: *Dominic – Coisas da Escola*. Vi o que estava na primeira. Continha uma pilha de cadernos velhos; alguns brinquedos de plástico; alguns blocos de desenho. Dentro desses, o jovem Dominic desenhara exuberantes cenas de batalhas; super-heróis; dinossauros. Os cadernos eram todos blocos de apontamentos baratos, com capas beges, da Sunnybank Park. Não havia nada do King Henry.

Abri o segundo caixote. Ali estavam mais blocos de desenho, mostrando o quanto o Dominic tinha melhorado ao longo dos anos: em vez dos super-heróis, vi retratos a lápis e a pastel. Muitos eram de raparigas de fantasia; as suas feições vagamente familiares. Alguns eram nus. Folheei-os, sentindo-me ligeiramente desconfortável. E ali, por fim, estavam os cadernos do King Henry. Inglês, Matemática e História. Reparei que a letra dele era muito mais cuidada nos cadernos de Inglês do que nos outros. E mesmo no fundo do caixote encontrei uma caixa mais pequena – talvez uma caixa de sapatos; contendo algumas fotografias a preto-e-branco, um isqueiro *Bic*, um par de frasquinhos de óleo de patchuli *Spiritual Sky* e o programa da peça *Otelo*. Abri-o. O seu nome saltou-me à vista. *Dominic Buckfast: Otelo*. E na página ao lado, a fotografia a cores do elenco, com máscaras na mão e envergando requintados trajes venezianos, num cenário que consistia apenas em algumas cortinas, uma cama e uma porta de alçapão aberta, de onde parecia brilhar uma luz verde através de um clarão de gelo seco...

Senti uma espécie de choque elétrico. *A luz! Não a porta em si, mas a luz!* E a recordação chegou com um cheiro acre e o som de algo a bater no palco;

algo pesado que caiu com um baque e deslizou, e alguém a dizer-me que fugisse...

– Ei, Becks!

Era o Dominic, com as mangas da camisa arregaçadas até aos cotovelos. Tinha as mãos brancas com farinha; empunhava ainda a colher de pau. A Emily estava atrás dele, com um avental gigante que a envolvia como um casulo.

– O que estás a fazer? – Falou num tom animado, mas detetei algum nervosismo nas suas palavras.

Não tinha outra opção a não ser mentir descaradamente.

– Estou a revistar os caixotes da Blossom – disse. – À procura das provas da tua vil depravação juvenil.

Riu-se. Soava convincente.

– Oh, há bastantes *provas* – disse. – Devias ver alguma da banda desenhada que fiz. Mas, para já, fecha os olhos. Temos uma coisa para te mostrar!

Fechei os olhos, e o Dominic levou-me para a cozinha. Ele e a Emily tinham feito bolinhos de coco com recheio de compota de manga.

– Tal qual como a vovó Oh costumava fazer – disse ele. – Espero que estejas com fome! – E entre os bolinhos e o orgulho da Emily e o jogo que ele fez da lavagem da louça; e o filme que vimos como recompensa (*Labirinto*, o favorito da Emily), demorei algum tempo a reparar que os caixotes que ele trouxera de casa da Blossom tinham desaparecido de junto à porta; e quando lhe perguntei onde estavam no dia seguinte, ele olhou-me com um sorriso embaraçado. – Pu-los lá fora junto aos caixotes do lixo. Desculpa lá. Sei que estavas curiosa – respondeu, ao ver a minha expressão. – Mas simplesmente não consegui suportar a ideia de veres aquelas bandas desenhadas todas que fiz. Tantas fantasias de adolescente. Tantas mamas. Perdoas-me?

É claro que eu não podia fazer uma cena. Não em frente à Emily. E, portanto, ri-me e disse piadas sobre as suas hormonas de adolescente e tentei não pensar no que poderia ter recordado mais se tivesse olhado em condições para aquele velho programa da peça de teatro.

A porta verde era uma *porta de alçapão*. Só a *luz* que brilhava lá de dentro era verde. O Conrad teria sido puxado pela porta do alçapão por alguém com a máscara de rosto vazio a que a Carrie chamara *moretta*?

– Não ficaste zangada comigo, pois não, Becks? – disse ele. – Sabes que era tudo só tretas, certo? O tipo de coisas que só as mães guardam. – Pegou-me na mão e beijou-a. – Quero que a nossa vida juntos seja um começo completamente novo para os dois. Também queres isso, não queres?

– Claro.

Sorriu e beijou-me outra vez.

– Além disso, se queres podres a sério, a minha mãe tem três dúzias de álbuns cheios com as fotografias de bebé mais embaraçosas de sempre, e vai por mim, se lhe deres o mínimo sinal de encorajamento, vai fazer-te um comentário *de cada uma delas*...

Sorri-lhe. – Mal posso esperar. Aposto que eras adorável.

– Ainda sou – disse o Dominic, e, sem aquele vislumbre da porta verde, quase poderia ter concordado com ele.



12 de agosto de 1989

O que fazer quando se suspeita da traição do próprio noivo? Da traição ou de algo pior? No meu caso, a resposta foi *nada de nada*; simplesmente continuei como antes. Sei que deve custar acreditar. Mas tinha caído numa espécie de letargia estranha, avassaladora. Atravessei os dias daquele verão como uma pedra por braças de água, passando por camadas de escuridão; vendo a luz afastar-se até já não restar nenhuma.

Entretanto, tudo o mais prosseguia; os planos do casamento; o bolo; o vestido; as reservas. O entusiasmo da Emily com tudo aquilo parecia suficiente para satisfazer o Dominic, que andava feliz e cheio de energia; a organizar as coisas; a dizer piadas; cheio de ideias para o nosso futuro. Não sabia nada sobre os meus sonhos, nem sobre as minhas dúvidas e suspeitas; nem que os meus pais tinham dado as suas poupanças a um estranho. E houve momentos em que ele foi uma doçura, e houve momentos em que estava tudo bem; e sentia-me como se aquilo pudesse quase ser real – ou, pelo menos, tão real quanto a Emily Jackson.

– Ouvi dizer que vai abrir uma vaga na Sunnybank no outono – disse ele um dia ao pequeno-almoço. – Ainda nem sequer a anunciaram. Podes concorrer antes que o façam. A Helen, de Religião e Moral, está grávida; vai ficar de licença seis meses a partir de outubro. – Viu o meu ar perplexo e sorriu. – Sei que não é a tua disciplina, Becks, mas convenhamos que *qualquer pessoa* pode dar aulas de Religião e Moral, além de que tens um historial fantástico na Sunnybank, e ia pôr-te numa boa posição quando aparecesse alguma coisa mais permanente. *E tirava-te da porra do Liceu King Henry*. Não, escuta... – disse, quando eu tentei responder. – Tens andado muito melhor desde que acabou o ano. Sem pesadelos, sem crises de sonambulismo, sem ficares ausente. E a Emily também tem andado melhor. Nada de Mr. Smallface. Nada de Conrad.

Bem, sim. Sei fingir bem. Sorri e disse:

– Talvez tenhas razão.

Pareceu ficar aliviado.

– *Ok* – disse. – Eu telefono ao delegado de Religião e Moral. O Stan Collier... lembraste dele? É um bom homem. Membro do partido.

Voltei a sorrir.

– Obrigada, Dominic.

– É um prazer ajudar. Ele vai dar-me ouvidos. Nessa altura, já seremos Mr. e Mrs. Buckfast. E ele gosta de ti, Becks. Gosta mesmo. Quer dizer, quem *não* gostaria?

Pensei naquilo por um momento. O Dominic gostava de mim? Ou gostava da *ideia* de mim, da aparência bem-disposta e de bom gosto? Ri-me.

– Não dirias isso se visses a maneira como o Eric Scoones olha para mim.

Encolheu os ombros.

– Fazes bem em te livrar dele. Estarás melhor numa escola em condições como a Sunnybank do que a tentar obter um lugar permanente num sítio como o King Henry.

– Talvez tenhas razão – voltei a dizer.

– Linda menina – disse o Dominic.

*

É tudo o que os homens querem, Roy, na maior parte do tempo. Que as mulheres sorriam e lhes digam que eles têm razão. É uma maneira tão fácil de os fazer pensar que detêm o controlo: entretanto, consegue-se o que se pode – o que se quer – sem eles repararem sequer. Funcionou com o Johnny Harrington; funcionou com o Dominic Buckfast. Pode até funcionar ainda consigo, Roy, apesar da sua pequena rebelião. Sim, sei que está a planear voltar para o St. Oswald na segunda-feira. Telefonou ao doutor Strange esta manhã, a avisá-lo de que devia cancelar a sua baixa. Nem todas as pessoas teriam pensado nisso; mas o Roy foi sempre muito correto. E ainda temos o fim de semana. Duas noites para terminar a minha história. O Eric Scoones tem sido o meu trilha de migalhas ao longo de todo este conto. Depois disto, desaparecerão. E o que acontecerá então, Roy? Agrada-me pensar que fará como eu fiz, a bem do *statu quo*. Afinal, de que serviria, tanto tempo depois

do fim daquilo tudo? E como justificaria um ato que significaria o fim do St. Oswald?

Mas estou a precipitar-me outra vez. Na segunda-feira, talvez pense de modo diferente. Por agora, ature-me um pouco mais de tempo. Temos de estar presentes num funeral.



15 de agosto de 1989

O crematório de Pog Hill fica a uns quilómetros de Malbry. Um edifício moderno de pouco interesse, com uma sala de espera, uma capela e um jardim memorial. Foi onde aguardei que começasse o serviço fúnebre do Milky, sentada num banco de jardim dedicado a *Gloria Green (desaparecida mas não esquecida)*.

O carro funerário chegou às 10h14, seguido por um *Ford Sierra* preto, do qual saiu uma senhora dos seus setenta e tal anos que deduzi ser a mãe do Milky; um homem dos seus trinta e tal com uma forte parecença com o Milky, que deduzi ser o seu irmão; a mulher dele; e um rapaz que reconheci, mesmo sem o uniforme da escola. Era o rapaz da fotografia: o rapaz do teatro. O Conrad.

Assisti a tudo do banco onde estava sentada. O carro funerário. A procissão. Os convidados – não mais do que vinte; todos com roupas bastante mais caras do que imaginaria numa família de um encarregado da manutenção de uma escola. Depois de estarem todos reunidos na pequena capela, fiquei a ouvir da sala de espera. A cerimónia foi simples. Um breve discurso do celebrante da cerimónia: *O Christopher era um homem que adorava a vida*. Uma leitura da Bíblia feita pelo irmão do Milky. Um hino religioso. Uma gravação ligeiramente distorcida de «Mr. Blue Sky», pelos ELO. E depois voltaram todos a sair, dirigindo-se para o Ring O' Bells, o *pub* bem situado do outro lado da estrada que apanha a maior parte do negócio dos funerais.

Havia uma esplanada nas traseiras. Supus que o rapaz se sentaria lá; o dia estava quente, embora nublado, e ele não tinha idade suficiente para permanecer no bar propriamente dito. Fiquei a ver o pessoal do bar trazer comida: o mesmo tipo de comida que o Shanker's Arms servira na minha festa de anos. Folhados de salsicha; sanduíches; salada de couve e cenoura com maionese; chá; bolos com coberturas fluorescentes. Aguardei até a

comida ter sido servida e os adultos estarem a conversar, e depois fui sentar-me a uma mesa mesmo por trás do rapaz. Estava sentado sozinho, com o prato cheio de comida. Disse-lhe: – Os meus pêames pelo teu tio.

O rapaz virou-se ao ouvir a minha voz, e vi a sua expressão de culpa e alarme.

– Não o conhecia bem – prossegui. – Mas talvez possas contar-me mais coisas sobre ele.

O rapaz olhou cautelosamente em volta, como se à procura de um meio de escapar. Via-o medir a distância entre nós; a tentar avaliar o que eu poderia fazer se ele simplesmente se levantasse e corresse para a porta. Disse-lhe: – Se fosse a ti, não o faria. Não aqui, diante destas pessoas. Imagina o que os teus pais diriam se soubessem o que tens andado a fazer. – Joguei uma carta. – Ou até mesmo o teu liceu. Imagino que esse tipo de comportamento não impressiona nada bem o St. Oswald.

O rapaz pareceu refletir naquilo. Agora que o via em condições, não se parecia realmente nada com o Conrad. O seu rosto era esperto e estreito, e, tal como o Milky, usava óculos, embora os seus parecessem mais caros do que as armações do serviço nacional de saúde do Milky. O seu cabelo claro estava bem cortado e a sua gravata era de seda. Emprestada pelo seu pai, com certeza. Eu tivera razão quanto à escola. Este rapaz não era de modo nenhum da Sunnybank.

A expressão de alarme já se desvanecera. O rapaz parecia calmo e controlado.

– O que quer? – perguntou, por fim.

– Talvez pudéssemos começar pelo teu nome.

– Darren Milk – disse o rapaz.

– Prazer em conhecer-te, Darren – disse eu. – Agora conta-me quem te mandou pregar-me aquela partida no King Henry e porquê.

Pareceu hesitar. Por trás dos óculos de lentes pequenas, os seus olhos eram frios e cautelosos.

– Não conto a ninguém – disse eu. – Só quero saber a verdade.

Mais uma vez, pareceu hesitar. A seguir, acenou com a cabeça.

– Tudo bem. *Ok*.

Fora um antigo colega da escola do seu tio, disse. Esse homem pagara ao Darren vinte libras para usar um uniforme antigo do King Henry e pregar uma partida a uma colega que estaria na escola depois do fim do período.

– Mas porquê?

Encolheu os ombros.

– Não perguntei. Pensei que era só uma partida. E além disso... – Lançou-me um olhar cínico. – Vinte libras são vinte libras.

Concordei que vinte libras não era uma quantia a que se torcesse o nariz.

– Então, quem *era* o antigo colega da escola do teu tio? Suponho que sabes o nome dele.

– Não lhe vai dizer que eu lhe contei?

– Não digo uma palavra.

– Chama-se Fentiman – disse o rapaz. – Mas por vezes ele chamava-lhe Fatty.



15 de agosto de 1989

– *Fentiman?* Tens a certeza? – Por um momento, senti-me perplexa. Sentira tanta certeza de que já sabia quem era o culpado que aquele nome apanhou-me de surpresa. *Fentiman?*

Fattyman.

Sim, pensei. Poderia ser isso. Que lenta fora a estabelecer a ligação. Mas isso fora porque me sentia *tão segura* de que...

– Qual é o nome próprio dele?

– Jerry – disse o Milk.

– Jerry, o diminutivo de Jerome? – perguntei. Supusera desde o nosso primeiro encontro que, tal como muitos dos meus colegas do sexo masculino, o Jerome dava pelo apelido.

O Darren acenou com a cabeça.

– Sim. Acho que sim.

– Obrigada. Estou a ver.

Algumas revelações são ofuscantes; outras acometem-nos como um AVC. Um aparecem numa série gradual de cotoveladas no escuro. Apercebi-me do que eram nesse momento. A sua presença no teatro. A sua grande vontade de ser meu amigo. O meu pai a dizer-me naquele dia: *Até estava com aquele crachá dele, o crachá de prefeito de que se orgulhava tanto.*

E o facto de ser o Fattyman, o quarto elemento do gangue do meu irmão, batia certo com o resto. O Fentiman era o *Conrad*. Como amigo do Conrad, estava a par de pormenores que tornariam credível a sua história. Como *meu* amigo, teria acesso a informações que poderia usar para sua vantagem. Pensei no que lhe contara naquele dia no Thirsty Scholar. As estações de emissões numéricas. O relicário do meu irmão. O júbilo dos meus pais ao receberem uma carta do seu filho há muito perdido. Agora via que tudo isso dera ao Fentiman as informações de que necessitava para tornar credível a sua

impostura, ao mesmo tempo que me mantinha distraída com teorias e fantasmas.

E o Milky? Devia ter feito parte do plano. O seu embaraço na minha presença; a sua tentativa de pedir desculpa. Naquele dia à porta do teatro, mentira, deixando-me acreditar que um rapaz do King Henry tinha sido a aparição mascarada. A verdade era agora chocantemente clara para mim. O homem mascarado devia ser o Jerome. Saberia da existência da porta do alçapão, da máscara *moretta* e do disfarce, assim como teria bastante tempo para voltar a entrar no teatro no escuro e se esconder na casa de banho para deficientes enquanto eu estava no alçapão. Só o Milky o teria visto entrar no teatro. Por conseguinte, o Milky devia saber de tudo. Saí discretamente da festa do funeral, pela cancela nas traseiras do jardim. A minha mente estava a estabelecer ligações tão rapidamente que mal conseguia acompanhá-las. Tudo o que descobrira até àquele momento – a cena no Pequeno Teatro, as manobras do Jerome, a mentira do Milky – indicava uma tentativa planeada de minar a minha autoconfiança – até, talvez, a minha sanidade mental. Afastar-me do King Henry e encaminhar-me para uma nova vida com o Dominic. O Dom, que se apressara a livrar-se do caixote do King Henry. O Dom, com os seus telefonemas furtivos. O Dom, cuja reprovação por eu ter aceitado o lugar no King Henry levava a discussões tão amargas. O Dom, cujo desempenho em *Otelo* fora iluminado por uma luz verde vinda da porta de um alçapão.

Já não me era possível tentar atribuir estas coisas a mera coincidência. Se o Fentiman era culpado, então o Dominic devia ser cúmplice. Mas porquê? O motivo do Fentiman era fácil de adivinhar: tinha-se apoderado de quarenta mil libras das poupanças dos meus pais. E o Milky? Recordei o Darren Milk a dizer: *Vinte libras são vinte libras*. Seria fácil subornar o encarregado da manutenção para que ignorasse uma partida. Mas o Dominic, o homem do sindicato? Fosse qual fosse o seu papel neste caso, não podia acreditar que tivesse sido por dinheiro. Ele amava-me. Adorava a Emily. Queria proteger-nos. Tudo o que fizera fora distanciar-me das minhas recordações; do que acontecera ao Conrad. E eu só conseguia ver uma razão para isso: porque ele era, de algum modo, culpado. A porta verde da minha memória era uma porta de alçapão iluminada por uma luz verde. O Dominic estivera lá, com o Conrad encarregado da iluminação. Será que *Otelo* continha a chave do

desaparecimento do Conrad? E se sim, porque é que o Dominic queria impedir-me de descobrir? Uma súbita recordação do Dom a dizer: *Era tudo só tretas. O tipo de coisas que só as mães guardam.* E, de repente, soube aonde precisava de ir; onde poderia encontrar algumas das respostas.

Já não ia à Jackson Street desde o dia da prova do vestido de casamento. Para ser franca, apavorava-me a ideia de voltar lá. Os meus pais tinham dado as suas poupanças ao homem que pensavam ser o meu irmão, e seria apenas uma questão de tempo até a verdade se abater sobre eles. No passado, esse processo demorara algo entre três e doze semanas, dependendo das quantias envolvidas. O meu pai reagira sempre com raiva; a minha mãe afundando-se ainda mais na demência. Quando cheguei à Jackson Street, os sinais já eram visíveis; as cortinas da sala de estar estavam fechadas e o pequeno relvado na frente da casa estava cheio de tasneira. Bati à porta e entrei sem esperar. A casa cheirava à minha infância; a revistas velhas e ao odor do desespero. O meu pai estava na cozinha; a minha mãe não se via em lado nenhum.

– Está com uma das suas dores de cabeça – disse-me ele, quando lhe perguntei. – Disse-lhe que se fosse deitar. Eu ia agora lavar a louça.

Um olhar ao lava-louça confirmou que a louça já não era lavada desde a minha última visita. Também isso encaixava no padrão: primeiro a limpeza, depois o desleixo. A minha mãe já se metera na cama; possivelmente por semanas ou meses. O meu pai demorava mais tempo a ir-se abaixo, mas o rádio da cozinha estava mais uma vez sintonizado numa das estações de emissões numéricas. Ouvia o som de uma voz feminina, sublinhado com sons ásperos da estática, a repetir uma e outra vez: *Nove. Zero. Dois. Nove. Zero. Nove. Zero. Dois. Nove. Zero.* Talvez ele tivesse um bloco de apontamentos no qual escrevia os números. Talvez estivesse simplesmente à espera de ouvir um número que reconhecesse – a data do nascimento do Conrad, talvez, *Sete. Nove. Um. Nove. Sete. Um* – que pudesse colocar alguma espécie de ponto final na situação.

– Não faças isso – disse o meu pai quando estendi a mão para desligar o rádio. – Eu gosto.

– Eu não – retorqui, num tom mais brusco do que tencionava.

Encolheu os ombros como um adolescente.

– Vai ser provado, um dia. Vais ver. Há pessoas a investigá-los.

Não perguntei quem eles eram. Estrangeiros, homens dos serviços secretos, gangues de satânicos destacados – o meu pai virava-se sempre para as suas teorias da conspiração quando as coisas pioravam. E tudo o que eu queria hoje era uma oportunidade de passar em revista as coisas do Conrad. Sabia que os meus pais as tinham guardado todas. Ele estivera envolvido na peça de teatro. E se tinha um programa...

– Ouve, papá, fazes-nos um chá? Só preciso de procurar uma coisa.

Não precisava de me ter dado ao trabalho de arranjar uma desculpa. O meu pai mal reagiu quando saí da cozinha para ir ao quarto do Conrad. Havia uma série de caixas de cartão ali, guardadas desde o desaparecimento dele; a polícia apreendera-as durante algum tempo, depois do que foram para Catherine Potts, a autora de *The Lost Boy of Malbry*, que as devolvera mais tarde ao seu lugar na parte de trás do guarda-fatos.

Encontrei o programa, prestavelmente guardado numa pasta de arquivo etiquetada *Teatro*. Ali estava, juntamente com um bloco de apontamentos etiquetado com *Otelo: Apontamentos da Iluminação*. Peguei naquilo tudo, não querendo ficar naquela casa nem mais um momento do que o necessário, e fui de carro até ao fundo da April Street antes de estacionar para inspecionar o conteúdo da pasta de arquivo.

Folheei o bloco de apontamentos escritos à mão. Estava cheio de referências a cenas, deixas e instruções, algumas na letra torta do meu irmão, outras numa letra cursiva de adulto: *Foco de cor: verde. Denota ciúme. Baixar a luz para Desdémona. Máquina de fumo!* Fechei-o e passei ao programa. Por um momento, examinei a fotografia do elenco: no seu centro, o Dominic, vestido à moda veneziana, ao lado de Desdémona. *Acabada de sair de Girton, e teatral como o diabo*. É claro; quem mais poderia ter desempenhado esse papel? E o Dominic estava com um ar – bem. Já lhe vi esse ar. Esse ar de adoração. É claro, não é incomum que um aluno tenha uma paixoneta por uma professora atraente, mas o Dominic em 1971 parecia muito mais adulto do que os seus amigos. Poderia ser um aluno do décimo segundo ano ou mesmo um estudante do primeiro ano da universidade. E a Carrie – que, na fotografia, se parecia *muito* com Diana Rigg – fora apanhada num momento de um à-parte, com a cabeça virada como se a fazer uma confidência, um sorrisinho terno nos lábios.

Verde.

O verde denota ciúme.

O verde denota ciúme.

Lembrei-me de o Conrad dizer: *Para o diabo com ela e com a peça dela.*

Isso era o que tu querias.

Não é o que queremos todos?

E então vi, na página ao lado, na pequena fotografia legendada com *Equipa técnica*, aquilo que procurava. Era uma fotografia minúscula, mas via claramente os dois rapazes. Por baixo, apareciam os seus nomes. *C. Price: Operador do foco*. O meu irmão estava com o arnês de segurança, a sorrir para a objetiva. E ao seu lado encontrava-se um rapaz entroncado que eu só conhecera pela alcunha. Mas ali estava ele: *J. Fentiman* – conhecido do meu irmão como *Fatty*, embora não fosse propriamente gordo, e de mim, mais recentemente, só como *Jerome*.



~~Liccu Masculino~~ Academia de St. Oswald

1 de outubro de 2006

Jerome Fentiman. É claro. *Sabia* que me lembrava desse nome de algures: mas na minha idade os nomes não me ocorrem facilmente. Consigo sempre lembrar-me dos nomes dos meus alunos; mas acho que, a mais longo prazo, esses nomes muitas vezes caem em desuso e são substituídos por nomes mais atuais. O mesmo se aplica a colegas; e o Fentiman, claro, não foi meu colega por muito tempo. Lembro-me da sua nomeação: nesses tempos, ainda tínhamos um império, e os Estudos Clássicos ainda eram o coração palpitante do nosso currículo de base.

Entrevistámos o Fentiman no início de julho – o antigo reitor, o chefe do Departamento e eu. Tivéramos de anunciar a vaga já tarde, e ele era o melhor dos candidatos. Talvez um pouco peso-leve, mas não havia sinal de que pudesse ser o tipo de homem que abandona a sua turma por uma coisinha tão trivial como uma partida – uma aranha debaixo do tampo de uma carteira, com efeito. Porém, no seu CV aparecia Balliol, da Universidade de Oxford, e fora aluno do King Henry – pelo menos até 1972. A nossa decisão foi unânime. Os outros candidatos eram demasiado jovens, e pelo menos um era do sexo feminino. A Becky Price terá concorrido ao lugar? Foi há demasiado tempo para me lembrar. Só recordo que o Fentiman trazia vestido o seu *blazer* de Balliol para a entrevista, foi simultaneamente persuasivo e simpático e parecia corresponder aos critérios, e assim o antigo reitor aprovou a sua nomeação.

É claro que tudo isto deve ter acontecido enquanto o homem estava a fazer-se amigo da Becky Price. E seis semanas depois da desastrosa perda da calma do Fentiman, o Eric Scoones regressou ao St. Oswald para preencher a vaga deixada pelo novo homem. Na altura, pareceu providencial. Agora, porém, não consigo deixar de me perguntar se a pressa de abandonar o seu lugar na sequência da morte de um aluno seria a mesma que tinha levado o meu velho

amigo a fugir do St. Oswald inicialmente. La Buckfast continua a levar o seu tempo. A sua história vai-se desenrolando como uma cebola; folha a folha, camada a camada, para em breve revelar no seu centro aquilo que fará chorar um homem velho. Forço-me a não a interromper, a não exigir mais do que me é devido. Para dizer a verdade, começo a recear a conclusão da sua história. Receio-o quase tanto quanto receio que nunca chegue a acabá-la.

Contudo, agora vejo o fim à vista, à medida que a sua narrativa e a minha avançam a par. O Darren Milk. O Eric Scoones. O Jerome Fentiman. A Rebecca e o Dominic Buckfast. O crachá de prefeito do local de construção do Edifício Gunderson ainda se encontra no bolso do meu casaco. Por ser repetidamente tocado, o fecho partido está quase liso. Se ao menos isso pudesse acontecer aos pedaços partidos das nossas vidas; amizades perdidas; verões passados. Se ao menos um toque delicado pudesse suavizar as nossas arestas ásperas. Contudo, à medida que o fim da história dela se vai aproximando, pressinto que não haverá nenhuma espécie de suavização. Só a conclusão cruel de algo que morreu há trinta anos: um rangido de maquinarias desgastadas pela passagem do tempo. E depois, quando terminar, terei de tomar uma decisão. Sepultá-los para sempre ou desenterrar os esqueletos do passado. Tanto uma opção como outra me custará muito. Mas não vejo alternativa. Séneca foi quem melhor o disse, penso eu: *Veritas nunquam perit*. Pode haver ascensões e quedas; mas a verdade mantém-se eterna.

OITAVA PARTE

Tártaro
(Terra das Trevas Eternas)



19 de agosto de 1989

Penso que conhece a sensação, Roy: de ficar a saber que um ente querido não é o que parecia. Aquela sensação de desligamento: aquela irreabilidade a insinuar-se. Senti-me como um minúsculo ser entre uma manada de vacas desenfreadas; incapaz de fugir para um lugar seguro; incapaz de defrontar o que estava a vir. A traição do Jerome; a falsidade do Dom; a Carrie, como Desdémona.

Ali estava ela de novo, vi, enquanto folheava o bloco da iluminação. Dessa vez, era um desenho: meia página arrancada a um bloco de argolas e enfiada entre as páginas. O estilo era juvenil, talvez, mas reconheci o trabalho do Dom. Folheando o bloco, encontrei mais desenhos, todos com o mesmo modelo. A Carrie de perfil; a Carrie de frente; a Carrie de peito nu, em pastel cor de laranja, com o cabelo espalhado sobre uma almofada. Há algo num desenho, penso, que revela mais do que uma fotografia. Uma fotografia revela o fotógrafo. Um desenho revela a relação entre um artista e o seu modelo. E de súbito ocorreu-me o pensamento de que o Dominic nunca me desenhara a *mim*. É fácil os adultos esquecerem as paixões fortes da infância. Muitos adultos partem do princípio de que as crianças, com a sua capacidade limitada de atenção e os seus estados de espírito mutáveis, sentem o mundo de uma maneira menor e com menor intensidade. De facto, verifica-se o oposto. As coisas que sentimos em criança são extraordinárias. Paixões fortes; mágoa terrível; uma raiva que arde como papel e se evapora como o fumo de uma arma. Os desenhos da Carrie feitos pelo Dom eram assim. Extravagantes e tímidos ao mesmo tempo; simultaneamente ternos e possessivos.

Lembrei-me de a Carrie me ter dito: *O Conrad sabia como provocar as pessoas. E sabia identificar pontos fracos*. E agora eu sabia que o meu irmão tinha descoberto o ponto fraco do Dominic – o seu segredo – e o dela também. Pensei naqueles dois pequenos frascos de perfume na caixa com as coisas do teatro: *incenso, patchuli e cabelo comprido solto*. Naqueles

desenhos, escondidos nas coisas do Conrad. E no Dom, que era talentoso e sensível e parecia muito mais velho do que os seus catorze anos – sentia-me como uma criança num labirinto de espelhos, todas as superfícies uma máscara partida. Não havia respostas a encontrar; simplesmente imagens distorcidas, só com a promessa de estilhaços de vidro no fim de tudo. Apressara-me a deduzir que o Dominic me traía. Que me mentira para melhor me manter sob o seu controlo. Mas aquilo indicava que também ele tinha sido vítima de abuso...

Nunca ninguém questiona o termo quando o perpetrador do abuso é um homem e a vítima uma rapariga adolescente. Mas quando os papéis dos géneros são invertidos, há muito frequentemente a tendência para não prestar atenção aos danos causados ou para os rejeitar completamente. E a Carrie era uma mulher desejável, encantadora, inteligente – *diferente*. Seria muito fácil retratar a sua vítima adolescente como um rapaz com sorte, não uma vítima de abuso. *Aquela professora hippie de Teatro*, dissera ele. Pensando naqueles frascos de óleo de patchuli, com tanta frequência usado nos anos setenta para esconder o odor pungente de erva, perguntei-me se teria sido a Carrie a introduzi-lo ao hábito de fumar marijuana. O que era certo era que ninguém da família dele parecia partilhar esse seu hábito. A Carrie poderia até tê-lo considerado uma espécie de educação.

Senti um acesso súbito de confusão e culpa. Tivera tanta certeza de que o Dominic estava a mentir-me em relação ao Conrad. Mas e se me tivesse mentido para ocultar a sua ligação com a Carrie? Explicaria a reação dele quando sugerira convidá-la. Poderia até explicar por que motivo saíra do King Henry. Seria *esse* o segredo do Dominic? E o comportamento controlador resultaria da sua experiência? Ainda atordoada com esta nova informação, fui para casa, e escondi o programa e o bloco de apontamentos debaixo da cama com a pasta da escola e a velha agenda escolar do Conrad. Não disse nada ao Dominic. A ideia de que ele fora uma vítima – e não, como pensara, um perpetrador – alterara radicalmente a minha perspetiva. Supusera que os seus motivos estavam alinhados com os do Jerome Fentiman, mas agora via outra série de razões para o seu comportamento. Fez-me sentir-me culpada; falsa. Olhando para o Dom com a Emily, estremeci ao ver como estivera perto de deitar fora o nosso futuro. Sempre tinha achado mais fácil confiar numa mulher do que num homem. Talvez

fosse por essa razão que acreditara tão rapidamente na Carrie em vez de no Dominic. Nesse momento, via como era bondoso, como compreendia as minhas necessidades. A minha desconfiança dele provinha da minha crença de que não merecia ser amada; que não era *capaz* de amar. Nesse momento, prometi a mim mesma que tentaria. *Faz de conta até que seja verdade.*

E assim, ao longo dos dias seguintes, envolvi a minha nova vida à minha volta como seda tecida à volta do casulo de uma traça. Os acontecimentos desenrolavam-se como fio colorido: os preparativos do casamento; o desfile sufocante de presentes. Essas coisas passavam todas em torno de mim como as voltas de um caleidoscópio, em padrões estonteantes de cores e sons.

Tentei abrir os braços à minha grande sorte. Sempre fui boa a mostrar aos outros o que querem ver. Contudo, nos intervalos, via a escuridão do poço em que estava a cair e assistia ao espetáculo da marioneta de mim a dançar à superfície. E o pior é que ninguém adivinhava: nem a Emily nem o Dominic. Fazia o que se esperava de mim, tal como fizera ao longo da maior parte da infância; e se havia sonhos, mantinham-se por baixo daquela superfície escura e sem fendas. Até uma manhã, pouco mais de uma semana antes do casamento, em que acordei de um sonho incómodo na sala de estar da casa da April Street, descalça, de pijama e com o diário do Conrad no joelho e uma esferográfica na mão.

Por um momento, senti-me confusa. Tinham passado semanas desde o meu último episódio de sonambulismo. Começava a amanhecer; a sala estava iluminada com uma luz esverdeada, submarina. O relógio na parede indicava que passava pouco das cinco horas, e a casa estava em silêncio total. O Dominic e a Emily costumavam dormir bem, e sabia que nem um nem o outro se levantaria até pelo menos as nove horas. Vesti uma *sweatshirt* do Dominic, que ele tinha deixado no sofá, e olhei para a agenda aberta. Havia uma nova entrada.

Não podes esconder-te de mim, li.

A letra era a mesma de antes. Juvenil, bastante disforme, com a mesma esferográfica azul que estava na minha mão quando acordei. Devia tê-la segurado com muita força; havia ainda uma indentação no meu dedo médio e um borrão de tinta na ponta. Virei a página. Uma nova entrada.

Ele vai levar todas as pessoas de quem gostas. Depois vem buscar-te a ti.

Turvada, sacudi a cabeça. Aquela letra não podia ser minha. Fui verificar a porta da rua. Estava fechada à chave. A porta das traseiras também. Lá em cima, a Emily e o Dom dormiam. Recordei-me do que a minha mãe dissera: *Tinhas ideias tão esquisitas na cabeça. Aquele monstro que vivia nos canos era uma delas. Tudo o que corria mal era culpa dele.*

Fui à cozinha e fiz um chá. Bebi-o lentamente a ver o céu passar de verde a um cor-de-rosa berrante. Teria sido *eu* a escrever aquelas frases? Por fim, o mistério fazia sentido. Ninguém entrara à socapa em casa para escrever na agenda do Conrad. Mais ninguém estivera ali. Aquelas eram as coisas que saíam do escuro: as vozes do esgoto. Mas porque queria eu assustar a Emily? Esforçara-me tanto por a proteger. Nunca sequer lhe tinha falado sobre o Conrad ou Mr. Smallface. Desde o dia em que nasceu, tentara dar-lhe uma infância tão feliz e livre de preocupações como a minha fora sombria. Porque é que então lha estragaria, quando tínhamos chegado a porto seguro?

Começara a fazer mais chá quando o telefone soltou um relincho súbito e alarmante. Corri para pegar no auscultador; cheguei ao terceiro toque. Ninguém espera um telefonema às seis da manhã; pelo menos, ninguém espera boas notícias. E eu sabia, Roy. Já sabia, com a certeza de um osso fraturado. Não os via há mais de uma semana, não lhes telefonara, nem sequer pensara neles. Só que, na escuridão, soubera, mesmo enquanto descia. Vira-o no rosto do meu pai; ouvira-o na litania da estação de emissões numéricas. E ao pegar no telefone, ouvi o som distante da estática, e os números: *Sete. Nove. Sete. Três. Um. Sete. Nove. Sete. Três. Um...*

– Papá? És tu? – A minha voz soou ríspida.

Mais uma vez, a estática. Os números.

– Papá?

Um som distante, como o de um esgoto. – *Becksssssss....*

– Papá? És tu?

A estática era espessa como lama aluvial. Os números flutuavam à sua superfície como peixes mortos num lago oleoso. De repente, senti muito frio; os pelos dos meus braços eriçaram-se como espinhos. Tentei discernir a voz do meu pai por entre os números e a estática, mas a única coisa que conseguia realmente identificar do outro lado da linha era uma espécie de

som lamacento e arrastado, como algo enterrado bem fundo num túnel cheio de murmúrios.

– Papá, estás bem? É a mamã?

– *Beckssss*.

– Fica aí. Eu vou já.

Pousei o auscultador com força e corri para o carro sem sequer parar para calçar os sapatos. Mas ao conduzir até casa dos meus pais, com as mãos fechadas em punho a agarrar o volante e a amaldiçoar todos os semáforos, já sabia que chegaria demasiado tarde. Sentia o sabor no ar, tal qual como um cheiro a queimado.



19 de agosto de 1989

Com certeza todos os filhos sonham com a morte dos pais. Nas histórias, é onde tudo começa. A aventura; a viagem; o príncipe belo; e termina com um casamento de conto de fadas. Sem dúvida sonhei com tudo isso muitas vezes enquanto crescia; sempre me pareceria inevitável que a remoção súbita – e de preferência indolor – das duas figuras assombradas da Jackson Street anunciaria o início da minha aventura pessoal.

Neste caso, funcionou de modo bastante diferente. A história, o casamento de conto de fadas, foram necessariamente suspensos para ceder o lugar a uma história diferente. Talvez se recorde dos pormenores, Roy; foi notícia nos jornais nacionais, apesar dos esforços do Dom de a suprimir. *Trágico Acidente Reclama as Vidas dos Pais do «Rapaz Perdido de Malbry»* não era propriamente o título mais apelativo, mas a história aparecia ao lado *daquela* fotografia do Conrad, e, felizmente, era pouco abundante em pormenores.

O inquérito determinou um veredicto de morte accidental. O fogão de sala a gás no quarto dos meus pais estava avariado há anos; tinha uma fuga, e eles nunca o usavam. Nessa noite, tinham-no ligado, e fechado a porta, e ido dormir de mãos dadas em cima da coberta da cama, com os trajes que usavam para irem à igreja e uma fotografia do Conrad entre os dois. Fui dar com eles na manhã seguinte; ainda quentes, mas, claro, o fogão de sala tinha estado ligado toda a noite e estávamos em meados de agosto. Porque não falei à polícia da impostura do falso Conrad? Não havia certamente nenhuma dúvida na minha mente de que essa era a causa do suicídio dos meus pais. Não tanto por causa do dinheiro, talvez, mas pela falsa esperança e a tolice de terem sido levados mais uma vez. Porém, não tinha nenhuma prova real que relacionasse o Jerome com aquelas cartas, e ele tivera o cuidado de não mencionar dinheiro nelas. Também não seria suficientemente descuidado para depositar o dinheiro na sua conta bancária. Teria sido a minha palavra contra a dele, e ele era muito plausível, enquanto eu era uma jovem com

antecedentes de instabilidade mental. Ninguém teria acreditado em mim. Nem sequer os meus pais tinham acreditado em mim em vez de nele.

Não me recordo dos seus rostos. Penso que nem sequer olhei para eles. Abri as janelas, desliguei o gás e tirei da cama a fotografia do Conrad. Voltei a pô-la na prateleira por cima do fogão de sala, juntamente com as outras. O telefone junto à cama estava com o auscultador fora do descanso, e voltei a colocá-lo. Também desliguei o rádio, ainda sintonizado na estação de emissões numéricas. Depois, fiquei parada na cozinha, onde toda a louça tinha sido lavada e arrumada no armário, e uma nova toalha posta na mesa, para o caso de os vizinhos aparecerem. Encontrei as cartas do «Conrad» junto ao relógio na prateleira por cima da lareira na sala de estar. Havia cerca de meia dúzia ao todo, escritas naquela letra cursiva em papel macio e caro. Encontrei também a caderneta bancária do Conrad, agora esvaziada das suas poupanças. Meti tudo ao bolso. Não queria que fosse encontrado. A seguir, fiz um chá com a quantidade certa de leite e bebi-o muito devagar antes de telefonar à polícia, a sentir a escuridão crescer, crescer, e a escutar o som dos canos.

A casa dos meus pais sempre tivera uma canalização muito ruidosa. Mesmo antes de Mr. Smallface, achava-a aterradora. Nesse momento, sozinha naquela casa, por fim, ouvi os gorgolejos e os sibilos dos canos da água, que sempre tinham soado como algo vivo a mover-se dentro das paredes de tijolos, e pensei em algo com uma máscara preta a descer pela chaminé.

De súbito, ouvi o som de algo a mover-se no lava-louça. Um som arranhado, ténue e arrepiante, como o de uma unha muito, muito comprida. *É onde ele vive*, disse a voz do Conrad vinda de muito longe. *No esgoto. Vai levar todas as pessoas de quem gostas. Depois vem buscar-te a ti.*

— Não há nada ali. São só os canos. — A minha voz soou inesperadamente alta.

Silêncio.

A seguir veio de novo aquele som de arranhar, como um dedo a sair do ralo. Pousei a minha chávena de chá vazia e dirigi-me para o lava-louça. Havia ali um rato, a tentar trepar pelos lados escorregadios da bacia. Estava preso: via os seus olhos como gotinhas de melaço preto. A sua boca estava

aberta: não emitia nenhum som, mas eu via que estava a sofrer. Peguei nele delicadamente, levei-o até à porta da rua e soltei-o no relvado recentemente cortado, esperando que não morresse de choque. Por vezes, isso acontece aos ratos. Morrem de choque mesmo quando o perigo já passou. Tencionava ver como estava mais tarde, depois de a polícia ter vindo e ter ido embora, mas não cheguei a fazê-lo. Espero que tenha sobrevivido. Mas não tenho maneira de saber.

Recordo o resto daquele dia horrível em fotografias pálidas, como instantâneos. Os dois agentes da polícia – uma mulher, um homem. A ambulância, estacionada junto ao passeio com o motor ligado. As janelas abertas a deixarem entrar o perfume da relva e dos jardins. *Não, senhor agente, não toquei em nada. Só no gás e nas janelas.* A agente fez-me um chá – com demasiado leite, e com açúcar. *Não, senhora agente, não havia nenhuma mensagem. Eu visitava-os sempre regularmente. O fogão de sala tinha uma fuga de gás. Ambos sabiam disso. O meu pai ia mandá-lo consertar. Sim, sou a única filha. Não, não sou casada. Ainda não.* Bebi o chá obedientemente, de mil braças abaixo da superfície. As minhas palavras fluíam até à tona do meu rosto afogado como fragmentos de *confetti*.

Por fim, o Dominic chegou. Deviam ter-lhe telefonado do carro. Tinha deixado a Emily com a Blossom e vindo direto de casa. Reparei que o carro ainda estava cheio de sacos de compras.

– Oh, minha querida. Nem sequer estás calçada. – Envolveu-me nos braços. *A descer. A descer para a escuridão.* – Senta-te, meu amor. Vou fazer-te um chá. – Mais chá, com demasiado leite, demasiado doce. Olhei para os meus pés encardidos.

E depois, de longe, ouvi o Dom dizer ao agente da polícia:

– Oh, meu Deus. Vamos casar-nos no dia vinte e oito. O que é que vou dizer a toda a gente?



27 de agosto de 1989

Então, ali estava. A minha história. O meu «felizes para sempre». O meu casamento de conto de fadas, o meu belo príncipe, tudo espalhado aos ventos como pedaços de papel rasgado. O Dominic e as suas irmãs encarregaram-se de esvaziar a maior parte da casa; as coisas dos meus pais e o quarto do Conrad, que tinham mantido intacto durante tanto tempo. Agrada-me pensar que o Dominic os procurou – o bloco da iluminação, o programa, os desenhos da Carrie Macleod, vislumbrada através das lentes de uma paixoneta – mas talvez tenha simplesmente reunido todos os papéis e cadernos que conseguiu encontrar e os tenha deitado ao lixo.

De qualquer modo, manteve-me afastada enquanto tratava de tudo. Há muito a tratar quando alguém morre; organizar o funeral; fechar contas bancárias; suspender a entrega de correio. Não havia família a informar; nem investimentos a liquidar. O Dominic ficou bastante surpreendido com as poucas poupanças que havia, e passou algum tempo a revistar a casa, talvez na esperança de encontrar dinheiro escondido. Mas eu tinha levado a caderneta bancária, e a conta do Conrad estava a zeros. Ninguém – pelo menos tanto quanto eu sabia – tinha conhecimento das quarenta mil libras que tinham sido levantadas algumas semanas antes. Ninguém exceto o Jerome Fentiman e, claro, eu própria.

– Tens a certeza de que não há nada da casa que queiras? Uma recordação? Uma fotografia?

Abanei a cabeça. Já lhe tinha dito que não queria nada da Jackson Street. Tudo o que podia ser vendido já tinha sido levado por uma empresa contratada para o efeito. Não que houvesse muita coisa: alguns móveis de qualidade razoável, mas antiquados; algumas peças de roupa para lojas em segunda mão. Apareceram alguns fãs de obras sobre crimes verdadeiros, a quererem recordações do Conrad: o Dominic mandou-os embora e tomou medidas para que os itens mais desejáveis fossem queimados. E, em vez de

pôr a casa à venda do modo mais convencional, optámos por a vender em leilão. Obteríamos menos dinheiro, claro, mas pelo menos a questão seria despachada mais rapidamente.

*

Supusera que, por causa do funeral, o casamento teria de ser adiado, mas a angústia da Emily perante essa hipótese persuadiu-me a mudar de ideias. Além disso, tinha de se pensar no gangue do Dominic. Nos dias que se seguiram à morte dos meus pais, não se passou uma manhã ou uma tarde sem que um membro ou outro da família não passasse lá por casa com *alguma coisa* – um bolo, um guisado, um vale para a perfumaria, um livro de ensaios animadores, uma cassete com música religiosa. A Blossom era especialmente persistente, chegando a aparecer duas vezes em certos dias. A compaixão dela era genuína, mas eu achava-a quase insuportável. A sua visão cor-de-rosa dos meus pais, reunidos com o Conrad e a olharem com aprovação lá do seu lugar no Céu; a sua coleção de aforismos animadores; o pior de tudo, a sua suposição de que os meus pais só queriam o melhor para mim, o que, de acordo com a Blossom, era que o casamento fosse por diante como planeado.

– É o que eles teriam querido – disse ela. – Que tu e a Milly seguissem com as vossas vidas. E, além disso... – Além disso, como eu já sabia, o casamento estava marcado e pago. – Não que ficássemos ressentidos contigo por causa *disso*, se sentisses que não podias avançar com o casamento. Mas penso que seria bom para os dois traçar uma linha e seguir em frente.

Traçar uma linha. Ouvi aquela expressão tantas vezes no decurso dessa semana. Como se a minha dor de luto fosse uma tarefa entediante – uma pilha de roupa para passar a ferro, talvez – a ser completada antes de as celebrações poderem começar.

– Vocês não eram propriamente muito chegados – disse o Dom. – E a Milly mal os conhecia. Talvez devesse ficar em casa no dia do funeral. Não queremos que fique perturbada.

E por isso fizemos o funeral no crematório de Malbry, às nove horas, no dia anterior ao dia marcado para o nosso casamento. Foi com pouca antecedência, mas o Dominic tinha um amigo lá que conseguiu arranjar-nos uma vaga de dez minutos. Choveu nesse dia, como choveu durante toda a semana e continuaria a chover até muito depois do fim do mês. Usei o meu

fato azul de calças e casaco. O Dominic escolheu a música. Eu não fazia ideia dos gostos dos meus pais. Fiquei sentada durante todo o serviço fúnebre sem verter uma lágrima.



28 de agosto de 1989

Recordo o meu casamento em fragmentos de tempo, entre grandes faixas de sombra. O cheiro da igreja, como o da Jackson Street; só humidade e cera com aroma de alfazema. Guarda-chuvas brancos na chuva. As centáureas-azuis no meu ramo de noiva, entre rosas de um rosa pálido. A Blossom com um vestido amarelo e o Cecil de colete e chapéu vistoso a condizer. A Emily, toda importante, com o seu pequeno cesto de doces, uma coroa de flores no cabelo cortado curto. Não me lembro da cerimónia, mas recordo que, ao chegarmos, a chuva parou por um momento, permitindo um brilho ténue de luz do sol.

A Blossom ficou desolada ao descobrir que não havia ninguém para me acompanhar ao altar e me entregar ao noivo. De facto, eu não tinha convidados; nem amigos do trabalho; nem família. Em circunstâncias diferentes, poderia ter convidado a Carrie, mas a recordação daqueles desenhos, enfiados entre as páginas do bloco da iluminação do Conrad, deixara-me profundamente incomodada. Não preciso de lhe explicar porquê, Roy. É muito fácil abusar da paixoneta de uma criança. A Carrie deveria ter sabido disso. A Carrie deveria ter-se afastado.

– *Alguém* tem de me entregar ao noivo?

– Mas, minha doçura, é a tradição.

Sempre detestei essas tradições. O passar da noiva de um homem para o outro. A mudança do seu apelido, do de um patriarca para o seguinte. Parece tão condescendente, como se não se pudesse confiar nas mulheres, nem mesmo para manter um apelido.

Por fim, foi o Cecil quem me acompanhou até ao altar, acumulando com o papel de padrinho do noivo.

– Acho que não quero entregá-la – disse ele. – Acho que vou ficar com ela.

O Dominic sorriu. Estava no seu elemento; a trocar piadas com os pais; a gozar as irmãs, a dar os cumprimentos à Blossom pelo meu vestido.

– Está um *cracker*¹⁹ – disse o Cecil.

Um *cracker*. Algo lindamente embrulhado, que mais tarde será puxado e desfeito por duas facções em competição. Isso parecia resumir bastante bem os meus sentimentos, e soltei uma risada alta involuntária.

A seguir foram as fotografias à porta da igreja, com a chuva fina a cair. Depois, a festa no Shanker's Arms, bastante mais contida do que da última vez. Não havia mais de vinte convidados, todos do gangue do Dominic, além do fotógrafo do casamento, que nos seguira da igreja. Lembro-me da música. De um bolo com rosas de açúcar. De um discurso, no qual o Cecil fez um brinde à noiva. *Bem-vinda à Equipa Buckfast!* Depois, do Dominic, a falar de como nos tínhamos conhecido na sala dos professores na Sunnybank Park e de como um olhar fora suficiente – eu começava a sentir-me estonteada. Tinham acontecido demasiadas coisas no decurso de um par de semanas. Sentia-me desligada, perdida; rodeada por cores a mais e sons a mais. Subitamente, senti vontade de ficar sozinha, num lugar escuro e silencioso; algures onde pudesse fechar os olhos e deixar que a realidade se esvaísse. Em vez disso, tinha de sorrir, de rir: ouvia-me com a sensação de estar muito longe, a soar forçada e mecânica. Fechei os olhos; ouvia a Emily do outro lado da sala, a soar estridente e demasiado entusiasmada.

– *Equipa Buckfast! Equipa Buckfast!*

Abri os olhos e dei-me conta de que o Dominic ainda estava a falar.

– Quando conheci a Becks – estava a dizer –, ela nunca tinha tido uma festa de anos. Nunca tinha ido de férias. Nunca tinha bebido uma taça de champanhe. E a Milly nunca tinha andado de bicicleta nem tinha tido uma amiguinha a dormir em casa dela. Mas agora vamos compensar tudo isso. Agora que ela é uma Buckfast. – O Dominic olhou para a Emily. – Milly, soa-te bem? Gostavas de ser Emily Buckfast?

– Siiim!

Ele sorriu.

– Penso que está decidido, então. – Serviu-me mais uma taça de champanhe e sentou-se ao meu lado. – *Ok?*

– *Ok* o quê? – perguntei eu.

– Quero adotar a Milly. Dar-lhe a família que nunca teve. E, além disso, agora que és Mrs. Buckfast, ia parecer estranho que ela continuasse a ser Emily Price.

Fazia todo o sentido quando ele o disse, mas senti uma pontada de inquietação. Aquela era outra versão daquele pedido de casamento muito público, dessa vez visando a Emily, e igualmente difícil de recusar. Eu *queria* recusar? A Emily parecia encantada. Então, porque é que me perturbava tanto? Seria só por o Dominic não me ter consultado? Ou seria simplesmente por causa da maneira discreta como ele assumira a posse da minha filha?

Pode sorrir, Roy, mas os nomes são muito importantes. Nomes próprios, apelidos, alcunhas. Cada um tem a sua energia própria e única. Os professores usam o apelido como instrumento de disciplina. Os alunos usam alcunhas como uma linguagem secreta, como um meio de desafiar a autoridade; ou, no caso do meu irmão, como um meio de a exercer. Desde o início, o Dominic chamava *Milly* à minha filha, embora ela sempre tivesse sido Emily para todas as outras pessoas. E chamava-me sempre *Becks*, o diminutivo que o Conrad usava.

Becks. *Beckssssss*. Como gás a sair de um cano.

– Becks? Estás bem?

Sorri. Os homens comentam sempre quando não sorrimos, como se a nossa expressão usual devesse ser de deleite pela sua presença.

– Claro que sim. Só pensei que devíamos falar sobre isso primeiro.

– Queria que fosse surpresa. – Vi a sua expressão começar a mudar, como nuvens a passar num céu de verão. – E olha para a Milly, como está feliz.

Olhei para a minha filha, a dançar com o Cecil, para aplauso da Blossom e da Victoria. A minha filha calada e solitária tornara-se de algum modo uma pessoa extrovertida. Talvez uma mudança de nome possa provocar uma mudança de personalidade, pensei, mais uma vez com aquela sensação de *sombra*, como se a minha realidade fosse uma bobina de imagens imóveis a passarem rapidamente, com escuridão à volta. Disse:

– Éramos felizes antes, Dom. Não precisávamos que nos salvasses.

Baixou a voz.

– Porra. Não vais fazer isso hoje, pois não? As nuvens pairavam agora sobre nós, o breve raio de luz do sol extinto. – Fazes sempre isto, Becks. Tento fazer alguma coisa para ajudar e tu só puxas para o outro lado.

– Desculpa. Estou habituada a fazer as coisas à minha maneira. – Detestava o som infantil das palavras; o meu instinto de o aplacar.

– E olha até onde *isso* te levou – disse ele, ainda a falar em voz mais baixa. – A ouvir vozes dos canos. A passar isso à Milly. A ficar obcecada com o King Henry em vez de olhares pela tua filha. Entre ti e os teus pais, é um milagre que ela tenha saído tão normal como saiu.

A minha fúria estava de volta, e apercebi-me de que nunca se tinha ido embora. Simplesmente a abafara, como lume debaixo de cinzas. Agora estava de volta; aquela convicção de que os *danos* eram o que o atraía – danos como os dele, talvez, mas não o tornava menos perigoso. Os seus gestos grandiosos, destinados a impressionar; a força da sua personalidade; a sua personalidade genuinamente calorosa; a sua possessividade; a sua família assoberbante. Essas coisas convenceram-me ao princípio, e, quando as minhas dúvidas sobre ele começaram a surgir, culpara-me pela minha frieza. Naquele momento via que a generosidade do Dominic era impulsionada por uma fome insaciável de aprovação e gratidão: a gratidão incondicional de uma criança dependente. Essa era uma das razões para se ter tornado tão chegado à Emily. Era por isso que eu nunca poderia ser a mulher que ele queria. E ali mesmo, no meu casamento, comecei a ver como ele terminaria; a inevitabilidade da nossa queda; e como o Dom lutaria por ficar com a Emily com todas as armas ao seu dispor.

Recordei o que a Carrie dissera quando estávamos a falar sobre o Conrad: *Oh, conseguia ser mesmo encantador, quando queria. Mas há uma razão para os seus amigos serem todos uns inadaptados e marginais. Gostava que a sua gente fosse... vulnerável.*

Como podia não o ter visto antes?

Quanto é que gostas de mim, Becks?

Refreei a minha fúria e sorri de novo.

– Eu sei. Tens razão. Lamento. – E lamentava, não por ser a pessoa que sou, mas pelo que teria de acontecer. E deixei-me ir no turbilhão daqueles

estranhos dias do final do verão como um pedaço de cinza ao vento, consumida por aquela escuridão crescente.

¹⁹ A palavra pode ser usada como um elogio («Está um espanto»), mas significa também um cilindro de papel que, quando puxado dos dois lados, emite um estouro e solta um pequeno brinde. É usado no Natal. (*N. da T.*)



~~Lieu Masculino~~ Academia de St. Oswald

2 de outubro de 2006, 7h30

Cheguei ao velho lugar pouco antes das sete e meia esta manhã. Ainda era de noite, e os lampiões estavam acesos, o que me fez dar conta de quanto tempo passara desde o dia em que deixei a minha secretária. Um mestre do St. Oswald nunca abandona o seu posto, e no entanto estive ausente muito tempo. Até a minha sala de aulas está com um cheiro diferente; menos a tabaco, menos a pó, menos a giz, e mais a uma espécie de aroma floral, como se tivessem mudado o pessoal da limpeza outra vez. Suponho que talvez seja o cheiro das raparigas.

Reparo que alguém arrumou a minha secretária. Não falta nada, exceto uma série de lenços de assoar usados, alguns cartuchos de tinta vazios e um caramelo de alcaçuz (azul), que guardava por nostalgia. Além disso, reparo que todos os meus livros, papéis e canetas foram muito bem ordenados. Deteto a mão do doutor Devine, cuja preferência por este tipo de minudências oculta uma mente igualmente trivial.

Sentei-me à minha secretária e fumei um *Gauloise* para tentar dissipar o aroma floral, e depois abri a janela para dissipar o fumo. Estava a esmagar o cigarro fumado no tinteiro quando a porta se abriu nas minhas costas. Era o homem ele mesmo, sem dúvida alertado pelo cheiro a tabaco. Não comentou abertamente, mas o nariz – que, no seu caso, sempre foi a parte mais reativa do homem – contraiu-se eloquentemente.

– Ah, Straitley – disse ele.

Acenei com a cabeça.

– Devine.

Assim têm fluído as nossas conversas ao longo dos últimos doze meses. Há um ano, uma tal troca amigável de palavras não seria imaginável.

– Voltou, então – disse ele.

– *Libens. Volens. Potens* – disse eu, a indicar que estava pronto.

O nariz contraiu-se novamente.

– Pensei que estaria ausente até às férias intercalares.

– O quê? Para que possa voltar a anexar o meu gabinete?

Fungou.

– Ainda não parece nada bem, Straitley. Muito pouco exercício, demasiado *disso*. – Apontou para o maço de *Gauloises* amassado que despontava do bolso das minhas calças. Devia ter vestido a batina, pensei. Uma batina esconde uma quantidade de pecadilhos. Procurei-a no seu lugar habitual no cabide na parte de trás da porta, e vi com alarme que não se encontrava ali.

– Onde está a minha batina? – perguntei. – Não está onde a deixei.

O Devine encolheu os ombros, como se a absolver-se de responsabilidade.

– Talvez Miss Malone a tenha arrumado – disse. – Está encarregada da sua turma há algum tempo.

– A *Sirene de Nevoeiro*? – Fiquei sem palavras. – Puseram a minha turma a cargo da *Sirene de Nevoeiro*?

– Miss Malone tem-se saído muito bem, dadas as circunstâncias – disse ele.
– E, ao fim e ao cabo, quanto esforço é necessário para controlar um oitavo ano?

Encontrei a minha batina no armário do material. Estava pendurada num cabide que certamente não se encontrava ali antes. Parecia e cheirava suspeitosamente limpa, e finalmente identifiquei a origem do aroma floral, uma lata de desodorizante de têxteis, mais um novo elemento adicionado à minha coleção de papéis e livros.

Pus a batina sobre os ombros com desagrado. Os mestres são territoriais, mas não chego ao ponto de marcar o meu território com o meu odor pessoal, como os cães.

– Ainda bem que voltei agora – disse eu. – Mais três semanas e teriam remodelado o sítio todo. – Lancei um olhar pela janela, onde a visão da capela, em tempos familiar, com a vista dos campos à distância, incluía agora a ponta eriçada do Edifício Gunderson. – Aquela monstruosidade – disse.

Seguiu o meu olhar.

– Penso que é bastante bonito. Moderno.

Resfoleguei.

– Como seria de esperar de si.

O Devine lançou-me um olhar satírico.

– *Non progredi est regredi*. Não é o que diz o ditado? – disse.

– *Não progredir é regredir*. Sinto-me impressionado com o latim, embora não com o sentimento. Muitas coisas sobrevivem bastante bem sem *nunca* progredirem.

Sorriu.

– Suponho que gostaria que ficássemos na Idade Média. – Mas não havia nenhum ferrão nas suas palavras hoje, simplesmente uma espécie de tolerância afetuosa que achei muito estranha. Será que o doutor Devine tinha amolecido? Era um pensamento ligeiramente alarmante. A reprovação do doutor Devine sempre foi um dos pilares da minha carreira. A ideia de que ele pudesse, de facto, *gostar* de mim agora, depois destes anos todos, é mais do que um pouco perturbante. Acendi um *Gauloise* em desafio, o que, para meu alívio, o fez estremecer, e depois, quando bateu em retirada para a segurança e higiene do gabinete do Departamento de Alemão, saí para a varanda – há muito tempo interdita aos rapazes por razões de saúde e segurança – e fumei-o, a contar as gárgulas no telhado e a ver o Sol erguer-se suavemente da neblina outonal.

St. Oswald é o único liceu onde dei aulas em que há efetivamente gárgulas. A maior parte está no telhado, mas algumas encontram-se no pessoal – uma velha piada que continuo a dizer regularmente para quebrar o gelo com os pais. Não estou completamente inconsciente do facto de eu próprio parecer uma gárgula, o que, presumivelmente, é o motivo porque alguns dos rapazes se referem a mim como Quasimodo. Isso, mais o meu poiso na Torre do Sino e o facto de as minhas feições, nunca clássicas, se assemelharem agora a um bolo de anos que tivesse sido deixado à chuva. Nada disso me incomoda minimamente. Pessoas como o Devine podem adotar coisas como exercício físico e loção para depois da barba: eu prefiro habitar um corpo construído para o conforto, não para a velocidade. No entanto, ali na varanda, a sentir a neblina de outubro e o cheiro das folhas de outubro vindo lá de baixo do pátio

do Terceiro Ciclo, sinto que algo está fora do sítio. Não, não *fora do sítio*, não exatamente – mas com certeza a gárgula mais perto da beira da minha varanda parece mais moderna do que as outras; sem estragos do fumo, ainda intocada pelo líquen do tempo.

Aproximo-me um pouco, evitando o parapeito partido que levou o Devine, na época em que era responsável pelas questões de saúde e segurança, a designar a minha varanda como pouco segura para os alunos.

Sim, como pensei: a escultura foi acrescentada recentemente. E é de barro cozido, não de pedra, como as criaturas que adornam o Museu de História Natural; modelada como uma criatura envergando algo como umas vestes académicas, com um rosto que é algo familiar e, na base, uma inscrição. Debruçando-me perigosamente para o espaço, consegui decifrar o texto:

Caesar adsum jam forte

Brutus aderat

Por um momento, senti-me perplexo. Um retrato da minha pessoa em barro, flanqueado por uma das mais antigas e mais tontas das minhas piadas em latim, cuidadosamente esculpido, cozido num forno e colado com cimento no seu lugar em cima de um parapeito ao lado dos anteriores residentes. Quem poderia ter feito tal coisa, e como?

Depois lembrei-me do Allen-Jones e dos outros, a falarem sobre uma partida que deixaria na sombra as partidas clássicas de gerações anteriores, e comecei a rir-me com tanta força que o dedo invisível finalmente interveio com um dos seus avisos admoestadores, presumivelmente para me abrandar antes que caísse da varanda. E foi assim que ela veio dar comigo, sentado à minha velha secretária, ainda a sorrir para comigo mesmo enquanto os atuais alunos do oitavo ano entravam em fila para a chamada.

– Mr. Straitley!

– Reitora.

Fez-me um sorriso de lábios bastante comprimidos.

– Não o esperávamos hoje.

– E, no entanto, eis-me perante os seus olhos, reitora – disse eu, indicando a minha pessoa.

– Bem, tem quem o substitua hoje – disse La Buckfast, ainda a sorrir. – Sei que contactou o doutor Strange, mas achei melhor manter a pessoa que o tem substituído.

– Bem, com certeza essa pessoa pode ser destacada para outra missão – disse eu. – Andava a ansiar por isto. Por voltar a subir para o cavalo depois de... quanto tempo? Três semanas? É mais tempo ausente da minha secretária do que em todo o resto da minha carreira.

Encolheu os ombros.

– Muito bem, Mr. Straitley. Espero que não se fatigue excessivamente. E talvez possamos terminar a nossa conversa depois das aulas, às quatro?

– Aqui estarei, reitora – disse eu.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Aqui?

Respondi:

– Aqui, no meu próprio tombadilho.

Vi-a considerar aquilo cuidadosamente. Em ocasiões anteriores, ela sempre estivera em posição de vantagem. Eu estava doente; no hospital; no gabinete dela; nas condições impostas por ela. Encontrarmo-nos na Sala 59 devolvia-me a autoridade. Inspirei fundo o ar daquele lugar; aquele aroma da madeira e pó de giz. Na minha ausência, as velhas carteiras não tinham sido retiradas; nem o meu quadro negro antigo, e o perfume passageiro do ambientador de Miss Malone já foi desalojado pelo dos meus *Gauloises* e do ar livre. Sorri para comigo mais uma vez ao pensar naquele elemento acrescentado à minha varanda; uma gárgula muito minha, modelada segundo as minhas feições. O dedo despeitado espetou-se debaixo das minhas costelas, e depois afastou-se de novo.

Por fim, ela encolheu os ombros.

– Eu trago o café, Roy – disse.



2 de outubro de 2006, 9h45

O teimoso do velho tonto. Ainda parecia doente, mas insistiu em ficar. E há um limite para o que uma diretora pode fazer em face de tal determinação. Portanto, transferi a pessoa que o tinha substituído para outro departamento e aguardei até à hora do nosso encontro final. Porque *será* o último, eu sei. Aqui, terminarei a minha história.

Porque demorei tanto tempo, perguntará? Porque queria o seu silêncio? Era o que pensava na altura, mas agora vejo que precisava tanto de contar a minha história quanto o Roy precisava de a ouvir. Não lhe contei tudo. Tenho a certeza de que já deve saber isso, Roy. Algumas coisas não podem ser ditas em voz alta ou mesmo inteiramente recordadas. É por isso que nunca contei ao Dominic nem lhe fiz perguntas sobre a Carrie. Também nunca senti necessidade de a procurar e a confrontar. Eram tempos diferentes, Roy. A dinâmica de poder era diferente. Isso não a desculpa de maneira nenhuma, mas sei como é tomar o poder. Sei como é os mestres e os rapazes olharem para uma mulher *daquela* maneira. Imagino que ela se tenha sentido lisonjeada ao princípio. Ser alvo daquela adoração. O Dominic era talentoso. Vejo pelas fotografias do elenco – tiradas durante o espetáculo, a preto-e-branco – como o seu rosto era expressivo, como os seus gestos eram decididos, espontâneos. Acrescentando a isso o seu talento artístico indubitável, consigo ver como a Carrie pode ter feito dele o seu projeto especial. Seria isso que o Conrad invejava? Deve ter sido difícil para o meu irmão ver o novo rapaz receber tanta atenção. O próprio Conrad, apesar da adoração dos nossos pais, nunca foi mais do que mediano: no desporto, no xadrez, em tudo. O Milky tê-lo-á batido ao xadrez naquele dia na Biblioteca Smarthwaite? Penso que talvez sim. Seria por isso que o convenceu a entrar à socapa na fotografia da escola? Poderia até ter sido ele quem denunciou o Milky a Mr. Scoones? Penso que talvez sim. O meu irmão tinha jeito para esconder o seu rancor até poder vingar-se. Que tipo de vingança teria

planeado para o Dominic, por causa da sua relação especial com Miss Macleod?

Para o diabo com ela e com a peça dela.

Isso era o que tu querias.

Não é o que queremos todos?

O Fentiman também teria estado metido naquilo? Sentia-me inclinada a crer que sim. O Milky estaria envolvido? Talvez não, especialmente depois de ter sido expulso do St. Oswald. Mas o *Fentiman* – recordava-o como um seguidor, não como um líder. Um rapaz sossegado, que na maior parte das vezes só falava para reforçar o que o meu irmão tivesse dito. Em mais velho, o Fentiman era igual; rápido a saber o que se esperava que dissesse; mudando de aliado para confidente, para velha gravata da escola, para um dos rapazes, para filho pródigo, e tudo com uma facilidade tal que sugeria que era *ele* quem deveria ter andado no teatro, não o Conrad. Que papel desempenhou, então? *Equipa técnica*. Isso poderia querer dizer tudo e mais alguma coisa. O Conrad tinha o papel principal; era quem usava o arnês de segurança para garantir que não caía do seu lugar na torre da iluminação. O Fatty tinha o papel secundário, como sempre. O apoio. O pau-mandado que dava jeito. O Fatty estaria a par do plano do Conrad? Teria até sido o seu autor? Conseguia imaginá-lo perfeitamente. O que seria? Algo público, sem dúvida. Algo concebido para humilhar. E algo para prejudicar a Carrie, também, por ter preferido o Dom ao Conrad. Lembro-me de a Carrie me ter contado que, em tempos, estivera noiva do Philip Sinclair. Poderia o Conrad ter estado por trás do rompimento do noivado? Não seria preciso muito. Uma palavra, uma insinuação – ou um daqueles desenhos do Dominic...

É claro que poderia ter perguntado ao Dominic. Ele teria acabado por me contar. Mas isso significaria fazer-lhe confidências, falar-lhe sobre o Fentiman. Mantendo o silêncio, podia pelo menos fingir que as coisas estavam normais. Podia pelo menos fingir ser a mulher que ele julgava que eu era. E *agradava-me* ser essa mulher. Agradava-me a sua vulnerabilidade, a sua inocência. Agradava-me a maneira como ela fazia revelar a faceta protetora do Dominic. Agradava-me a sua disposição para aceitar as coisas sobre as quais não tinha controlo. E talvez eu já soubesse, Roy, que se o

ouvisse dizer que tinha sido cúmplice, que estivera *lá*, não me restaria outra opção.

Teria de o matar.



~~Liccu Masculino~~ *Academia de St. Oswald*

2 de outubro de 2006, 12h30

Um velho cavalo de guerra nunca esquece o som da batalha. Apesar das minhas três semanas de ausência, foi quase surpreendente a rapidez com que retomei a rotina. Trinta segundos de embaraço – nunca me acostumarei a ver raparigas na sala de aulas – e a seguir ficou tudo bem. Um oitavo ano, depois um décimo primeiro, a seguir intervalo, que passei na minha sala com uma chávena de chá e uma bolacha, gentilmente trazidos pela Kitty Teague. Uma admirável jovem, Miss Teague, e uma chefe de departamento de mérito. Disse-lhe tanto quanto isso, e ela sorriu.

– Sinto-me muito contente que esteja de volta, Roy – disse. – Isto não é o mesmo sem si.

Dei uma dentada numa bolacha com recheio.

– Eu não sou o mesmo sem o St. Oswald – disse. – As cracas no velho navio só sobrevivem quando em movimento. Levem-nos para terra, e morremos. Impeçam-nos por demasiado tempo de nos movermos, e morremos.

A Kitty fitou-me com uma expressão ansiosa.

– Está a sentir-se melhor, não está? – perguntou. – Não queira esforçar-se demasiado.

Sorri.

– A minha vida até agora tem sido uma verdadeira orgia de excesso. Creio que é o que me convém.

Depois daquilo, ensinei a diferença entre Latim e Clássicos a uma turma de Mulberry; uma experiência algo tensa para as raparigas, que estavam a contar com a rotina normal de filmes de gladiadores e pintar uns desenhitos, mas penso que, no final da aula, já tínhamos chegado a um acordo. A seguir foi o

intervalo para o almoço, durante o qual consegui tomar uma chávena de chá e comer à pressa uma furtiva sanduíche de queijo e fiambre antes de me ir pôr na minha minúscula varanda a fumar um *Gauloise* à socapa.

Atirei a ponta do cigarro para o ar de outono e ao virar-me deparei-me com um quinteto de boas-vindas à porta: os meus Brodie Boys, com o Allen-Jones a parecer especialmente *boémio*, a olharem-me da porta da sala de aulas como se eu fosse um espécime raro num aquário. Suponho que, para eles, talvez o seja; um ser quase lendário, como o Kraken, o monstro do mito norueguês, a emergir das profundezas só para vir morrer, ofegante, à tona. Suponho que será por esse motivo que optaram por me representar como uma gárgula.

– *Quod agis, Magister?* – disse de repente o Allen-Jones.

Entrei na sala mais uma vez, afivelando uma expressão feroz.

– Entrem lá, seus réprobos. Suponho que não se juntaram aqui só para olhar para mim.

A Ben Wild lançou-me um olhar cauteloso.

– Viu-o, *sir*?

– Aquela excrescência? Aquela horrenda caricatura de mim no corpo da querida e velha Torre do Sino?

– Foi uma partida, Sir – disse o Allen-Jones.

– Uma *partida*? – repeti.

– Sim, *sir*.

Ao ver os seus rostos tão cheios de consternação, não consegui manter o fingimento por mais tempo. Desatei a rir, e tive de me sentar na cadeira durante algum tempo enquanto o dedo invisível fazia a sua dança nas minhas costelas. Os meus Brodie Boys descontraíram-se visivelmente, espalhando-se a ocupar as carteiras da frente, cada um a apressar-se a contar a sua parte da história. Entretanto, fui bebendo o chá, e esperei pelos pormenores.

– A ideia foi do Ben – disse o Sutcliff. – Fizemos o modelo de barro. O Ben conseguiu convencer o técnico a deixar-nos usar o forno de olaria do décimo segundo ano.

– Ela fez isso? – disse eu, sem pensar.

– Ele, *sir* – disse o Allen-Jones.

Olhei para o Ben e acenei com a cabeça. Os rapazes são rapazes, disse para comigo. E por vezes as crianças ensinam-nos mais do que poderíamos alguma vez crer.

– Mas como é que conseguiram pô-la aqui em cima? Por favor, digam-me que não *roubaram* um guindaste.

O Ben sorriu.

– Não exatamente, *sir*. Pedimos ao Jimmy para usar aquela plataforma elevatória. A que usa para mudar as lâmpadas nas luzes de segurança do exterior.

– Estou a ver. – Pousei a minha chávena vazia. – Bem, cavalheiros, o meu trabalho aqui está feito. Sob o meu comando, aprenderam todas as capacidades essenciais da vida. Subversão, persuasão, suborno, má-fé e todo o Latim que necessitam de saber. Se não acabarem por governar o mundo, ficarei extremamente surpreendido.

Os cinco sorriram uns aos outros.

– Pensei que ia gostar – disse o Allen-Jones. – Agora vai ficar cá para sempre.



~~Liceu Masculino~~ Academia de St. Oswald

2 de outubro de 2006, 15h45

Tinha os dois tempos seguintes livres, e pude ficar sentado algum tempo a desfrutar da relativa paz do dia. Lá fora, o céu estava nublado; umas cortinas leves de neblina tinham-se cerrado. Abri a janela e pus-me a ver o céu escurecer delicadamente. Às quatro horas, seria quase noite. Recordei um dos poemas franceses do Eric, não me lembro de que autor neste momento:

Ela vem com a noite de tão longe como a noite

Com pés de vento, calçado de lobo...

Descreve-a bastante bem, pensei. A vítima transformada em predador, subtil como o fumo, armada hoje com nada mais do que palavras. Não tenho palavras para o quanto a admiro; ela alcançou o impossível. Raparigas no liceu; um novo regime; uma derrota magistral de um homem que julgava estar à altura de todos os jogos. Mas o seu relato ainda não chegou ao fim. Continuo sem saber a verdade. Aqui sentado na Sala 59, com o aroma das madeiras velhas e do pó de giz e de ratos, pergunto-me porque quero tanto a verdade. E, no entanto, quero-a: sem ela, tudo isto não é nada mais do que pó e gravetos. Enfio as mãos nos bolsos do meu casaco de *tweed* na esperança de encontrar um caramelo de alcaçuz. Não há nenhum, mas no forro encontro um par de castanhas-da-índia. Um pouco mirradas agora, mas suficientemente maduras para um jogo.

Sorrio. Esta será a nossa noite final; o derradeiro capítulo da nossa história. Sinto-me contente por poder passá-la aqui, entre as coisas que significam mais para mim. Sinto-me contente por poder passá-la consigo. Sinto-me contente por ter a oportunidade de ouvir o fim da sua história, aqui de novo, onde tudo começou. Percorremos um longo caminho juntos. Partilhámos mais ao longo destas poucas semanas do que a maior parte das pessoas numa vida inteira. E, no entanto, temos de voltar a juntar-nos uma última vez, antes

de terminarmos. Mais uma vez, com a noite a cair e a neblina a rodopiar à volta das velhas pedras. Mais uma vez, a bem da minha consciência e a bem da nossa honra.

*

Ela vem com a noite de tão longe como a noite...

*

Mais uma vez, a bem do St. Oswald.



4 de setembro de 1989

Entretanto, não me esquecera do velho amigo do Conrad, o Jerome Fentiman. Já sabia, através do Darren Milk, que, não tendo obtido o lugar no King Henry, aceitara um no St. Oswald. Uma escolha interessante, não lhe parece? É quase como se tivesse escolhido um lugar onde pudesse seguir a sua carreira alternativa de ludíbrio e extorsão. Não havia falta de potencial ali. O Eric Scoones, o David Spikely, o Johnny Harrington, o Harry Clarke – o St. Oswald tinha pelo menos tantos esqueletos como o King Henry, e homens como o Fentiman parecem sempre encontrar a pessoa certa para servir as suas necessidades. Poderia considerar-se uma jogada arriscada, só que as suas vítimas mais recentes estavam mortas, e a filha delas não tinha mais nada a não ser teorias para o ligar à impostura. Além disso, pessoas como o Fentiman sempre se esconderam bem à vista. Homem de Oxford, antigo aluno, amigo do Daniel Higgs, vinha com o seu passaporte já carimbado. Não tinha necessidade da porta estreita. Os portões do St. Oswald estavam abertos de par em par para o receberem de bom grado.

Bastou tomar algumas providências. O período no St. Oswald inicia-se uma semana mais cedo do que nas escolas públicas em Malbry, portanto o Dom e a Emily estavam em casa. Contudo, na sequência da morte dos meus pais, eu tinha começado a ir passear ao longo da linha férrea desativada: por vezes, ficava fora de casa horas seguidas, e o Dominic estava habituado a isso. Assim, pude fazer os meus planos a coberto da dor do luto, enquanto esperava que o Fentiman aparecesse. O Darren Milk tinha sido fácil de subornar. Um recado posto discretamente na secretária do professor no primeiro dia do novo período foi o suficiente para levar o Fentiman a um lugar de encontro.

Querido Conrad,

Estou à espera no portão lateral.

A tua irmãzinha,

Becky

A aranha foi ideia do Darren – uma partida inofensiva, mas que acabaria por se revelar de valor inestimável.

O portão da casa do porteiro no St. Oswald costuma ser um lugar muito movimentado. É onde os autocarros escolares deixam os rapazes e os vão buscar ao fim do dia. É onde o porteiro tem a sua casa – agora um simples pré-fabricado – e onde os pais dos alunos da equipa de rãguebi vêm ver os filhos jogar. Contudo, durante o período de aulas, aquele sítio costuma estar deserto. Há sempre o risco de encontrar um mestre a vaguear por ali ou um rapaz que saiu da aula, ou talvez o porteiro a fazer a ronda, mas era muito menos arriscado do que encontrar-me com ele depois das aulas ou de manhã. É claro que não fazia ideia então de como terminaria o encontro com o Fentiman; mas talvez seja capaz de adivinhar, Roy.

Estava a chover um pouco quando cheguei ao St. Oswald. Chovia há quase uma semana, e o campo de rãguebi estava alagado. A poça na ponta do campo mais perto do portão transformara-se num lago de tamanho razoável, que já quase chegara ao caminho e aos dois bancos de madeira junto ao portão. Fora feita uma tentativa pouco empenhada de travar o avanço da água: uma barreira baixa de sacos com areia e pedras colocada ao longo do lado do caminho, embora fizesse pouco para deter a inundação. Cheguei imediatamente antes do segundo tempo, que era quando o Darren Milk tinha aula de Latim, e esperei junto à parte menos funda do lago, no qual uma série de pacotes de batatas fritas, uma *satsuma* e o que parecia ser o poste de um portão virado de lado já flutuavam melancolicamente. Não fizera um esforço especial para parecer discreta. Só um gorro de lã na cabeça e um impermeável para me proteger da chuva. Qualquer pessoa poderia ter-me visto, mas não estava ninguém por ali; não há atividades desportivas no primeiro dia do período, e, de qualquer maneira, estava a chover.

O Fentiman chegou uns vinte minutos depois do início da aula. Deve ter tido tempo de cumprimentar a turma, pô-los a trabalhar e abrir a secretária, onde o meu recado estava já à espera. Duvido que tenha visto a aranha; embora mais tarde a sua presença tenha servido como uma excelente justificação para a partida súbita do Fentiman. O que é certo é que ninguém

foi à procura dele para além da tentativa inicial pouco empenhada: o homem não estava claramente à altura de dar aulas no St. Oswald.

Não que eu tivesse planeado matá-lo naquele momento; é necessário ter uma atitude mental especial para admitir esse tipo de coisa. Simplesmente não me via como alguém capaz de matar. É claro que sei agora o quão absurdo isso é; todos somos capazes. Até o Roy. Até eu. Até o seu velho amigo Eric Scoones, cujo carro verde *estava* no King Henry naquele dia. Tinha levado o jovem Christopher Milk para falar com o reitor para que ele pedisse desculpa pelo seu papel no incidente da fotografia do liceu. O antigo reitor com certeza teria pedido a comparência do meu irmão nesse dia, também; mas não foi possível encontrar o meu irmão em lado nenhum quando as fotografias foram entregues.

O Fentiman vestia o seu *blazer* de Oxford por baixo de um impermeável de cor parda para se proteger da chuva. O seu crachá de prefeito estava na lapela, e perguntei-me se teria sido isso que persuadira os meus pais a confiar nele. Absurdo, claro: eles teriam confiado em qualquer pessoa que mencionasse o nome do meu irmão. Mas aquele crachá de prefeito chamara-lhes a atenção. Pusera-os à vontade. Embora fosse uma coisa barata, produzida em massa pela mesma empresa local que faz aquelas agendas escolares. O facto de ele estar a usá-lo naquele momento encheu-me de uma raiva surda, mas consegui fazer um sorriso a saudá-lo.

– Foi simpático da tua parte vires ter comigo.

– Como poderia resistir? – disse ele.

O Fentiman estava exteriormente calmo, mas eu via a sua agitação. O meu recado captara a sua atenção, pelo menos. Por trás disso, no entanto, havia outra expressão; uma expressão de discreta complacência. *Estou com o crachá e o blazer, dizia. Enquadro-me aqui. E tu? Pensas realmente que se entrares no St. Oswald agora, eles não vão cerrar fileiras para me proteger?* Não o disse em voz alta, mas eu sabia. Ele entrara pela porta larga da frente. A minha entrada era a estreita, e, se queria sequer entrar, teria de lutar para o conseguir.

– Sei quem és – disse-lhe. – Sei o que fizeste.

– Oh, a sério? – disse ele. – Nesse caso, surpreende-me que não tenhas ido à polícia.

– Podia fazê-lo. Tenho as tuas cartas. Sei que os meus pais te deram dinheiro.

Olhou-me com piedade.

– Lamento a perda dos teus pais, Rebecca. Mas deves saber como eram infelizes. E quanto às cartas, penso que descobrirás que qualquer pessoa poderia tê-las escrito. Até um especialista de caligrafia poderia ter dificuldades com aquele tipo de letra.

– Talvez tenhas razão. Mas suponho que o St. Oswald não apreciaria nada o escândalo.

Pareceu-me vê-lo semicerrar os olhos ao ouvir aquilo.

– Se isto tem a ver com o dinheiro...

– Não tem.

– Então o que *queres*, Rebecca?

Inspirei fundo. O ar estava azedo com chuva e água estagnada. Uma gaivota aterrou por um momento no topo do portão lateral e depois voou, a guinchar, para o céu branco.

– Quero saber o que aconteceu – respondi. – Quero saber o que aconteceu ao Conrad. Quer saber porque desapareceu. Quero um final para tudo isso.

– O quê, ainda? – Olhou para mim com o que parecia genuína preocupação. O homem era um ator consumado. – Vai por mim, é melhor não saberes – disse. – Tens o Dominic, que é um bom homem, e a Emily parece uma miúda simpática. Estás livre do passado. Desfruta do que tens. Não te ponhas a desenterrar cadáveres.

Senti aquele clarão de raiva de novo.

– Não sou nenhuma criança – disse-lhe. – Não preciso dos teus conselhos nem da tua proteção.

Ergueu as sobancelhas.

– Não foi o que ouvi dizer. De facto, tudo o que me contaste até agora sugere que farias melhor em simplesmente te afastares.

– Creio que é um pouco tarde para isso. – Tentei manter um tom de voz calmo. – Foste tu quem trouxe de volta o passado. Até envolveste a minha filha nas tuas manobras nojentas.

– Nunca me aproximei da tua filha – disse ele, e pensei que a sua surpresa parecia genuína. – Nunca estive sequer em tua casa. Para quê incomodar-me, se o Dominic já estava ali mesmo?

– O Dominic estava metido nisto? – De repente, fiquei com a boca muito seca.

– Tens a certeza de que queres saber?

Acenei com a cabeça.

– É claro que estava metido. – A sua voz era quase de pena. – Ele queria que deixasses o King Henry – disse. – Achava que era má ideia estares de volta ao lugar onde tudo aconteceu. Disse-nos a nós para fazermos o que fosse preciso para garantir que tu não ficavas lá.

– *A nós?* Referes-te a ti e ao Milky?

Encolheu os ombros.

– O Milky já estava a trabalhar lá. Tornava o acesso mais fácil. Além disso, eu conhecia o sítio. Não era preciso muito para saber o que fazer. Desculpa que te diga, mas não te adequavas maravilhosamente, para começar.

– E os meus pais? – perguntei. – As cartas do Conrad?

Abanou a cabeça.

– O Dominic não sabia disso. Já te disse, ele só queria saber de ti. Eu vi a minha oportunidade, e aproveitei-a, é tudo. O Dom não fez perguntas. Mas se estavas com ideias de me arranjar problemas aqui, garanto-te que eu podia arranjar-lhe muitos mais problemas a ele na Sunnybank Park do que tu a mim no St. Oswald.

Pensei naquilo por um momento. Sim, o Jerome talvez tivesse razão. Sítios como o St. Oswald estão concebidos para olharem pelos seus. Qualquer investigação de uma queixa contra um elemento do pessoal seria conduzida internamente – se chegasse a ser conduzida. No caso do Fentiman, era duvidoso que acontecesse: afinal, eu nem sequer era mãe de um aluno.

Meti a mão ao bolso e tirei um maço de tabaco. Tinha começado a fumar outra vez depois da morte dos meus pais, embora não em frente ao Dominic. Acendi um cigarro com dedos que começavam a ficar dormentes e vermelhos de frio, e inalei o fumo até aos pulmões com uma espécie de alívio arfante.

– Não vou apresentar queixa – disse. – Só quero saber o que aconteceu.

O Fentiman olhou para mim.

– Queres dizer que não sabes mesmo? – Tinha agora o cabelo colado à testa e o impermeável escurecido pela chuva. O seu ar inicial de pouco à-vontade desviara-se para algo quase paternalista. – Confia em mim, Rebecca. Não há nada de que precisas de te recordar sobre aquele dia. Não há ninguém a quem precisas de provar seja o que for. Acabou. Está esquecido. Tens de seguir em frente...

– Não me venhas com paternalismos, seu cabrão. – Falei em voz baixa e entupida com fumo. – Conta-me o que aconteceu naquele dia.

Por um momento, não disse nada. Em vez de falar, olhou para mim com um sorriso de complacência maldisfarçada. Era o sorriso de cada homem que me espreitava pela saia acima nas escadas. O sorriso de cada mestre que me tomava por secretária. O sorriso de cada homem que pensava que podia ser o meu protetor.

Quanto é que gostas de mim, Becks?

Quanto é que gostas de mim?

– Ainda não percebeste? – disse ele. – Não adivinhaste, ao fim deste tempo todo? Não posso acreditar que durante estes anos todos tenhas conseguido manter a verdade escondida até de ti própria.

– Não sei o que queres dizer – respondi. E, no entanto, não havia algo familiar no ritmo das suas palavras? Algo que me trazia à memória a casa dos meus pais e o som da estação de emissões numéricas? *Aquele monstro que vivia nos canos era uma delas. Tudo o que corria mal era culpa dele. Aquela Emily, era outra. Emily Jackson, foi o que lhe chamaste.*

– O que queres dizer? – repeti. – Diz-me. *Quem é que matou o Conrad?*



12 de setembro de 1989

É interessante como nos vemos a nós mesmos. Até cometermos um homicídio, não pensamos em nós como homicidas. Mesmo a seguir, tentamos enquadrar o ato como outra coisa qualquer. Um crime passional. Autodefesa. Um acidente. Um ato de Deus. Um acesso momentâneo de loucura.

Certamente, não pensava em mim mesma como qualquer tipo de homicida. Ele virou-me as costas e peguei na coisa que parecia um poste partido de um portão. Um pedaço de madeira de cerca de um metro e vinte, com um par de pregos retorcidos numa das pontas e algo que talvez fosse parte de uma dobradiça. Já estava na água há algum tempo; a madeira era como uma esponja encharcada. Ergui-o como um *stick* de hóquei e bati-lhe na parte de trás da cabeça – deve ter-me visto aproximar-me, porque começou a virar-se e, em vez de o atingir na nuca, acertei-lhe no maxilar, e ele girou de lado e caiu de chapa na água pouco funda.

Diz-se que é possível uma pessoa afogar-se numa poça de água. Posso confirmar que é verdade. Mal se debateu. Penso que a pancada deve ter-lhe deslocado o maxilar, porque mal emitiu um som. Fiquei ali com o pé em cima da sua nuca durante uns dez minutos, a pensar no que faria se alguém – um aluno, um mestre – passasse ali por acaso naquele momento. Não tinha nenhum plano. Tinha a cabeça cheia de imagens, todas libertadas por uma só ação, como Proust a mergulhar a sua *madeleine* no chá. Mesmo então, tinha consciência do absurdo da comparação. Mas mergulhar o Fentiman no lago teve um efeito similar: o passado começou a desfiar-se como se tirasse cabelos de um ralo, e tudo começou a ficar claro. E lembrei-me da porta verde e do som de algo a cair e do rosto do monstro, e saboreei e vi e ouvi e *senti*, não só a história que contara e tecera de modo a envolver-me como um casulo, mas também a memória dentro dela, como morder um caroço no centro de um fruto.

Durante algum tempo, senti-me avassalada. Quem passasse por ali ter-me-ia visto parada junto ao portão da casa do porteiro com ar de intensa concentração e um homem morto aos meus pés. A seguir, quando o meu mundo começou a mover-se e a reavaliar o seu eixo, arrastei-o pela perna das calças até a água o cobrir e empilhei alguns sacos com areia por cima dele para o esconder da vista. Não fazia ideia do que fazer a seguir. O seu homicídio fora um impulso. Já me sentia a reenquadrar mentalmente a sua morte; a atribuir-me o papel de testemunha, traumatizada pelo que tinha visto. Fui para casa e esperei pela polícia; passaram dois dias, depois uma semana. A chuva pouco própria da época parara. Era uma questão de tempo até alguém reparar no corpo naquela água absurdamente pouco profunda.

Não regressei ao King Henry. Concorri à vaga na Sunnybank Park, nunca esperando ficar tanto tempo. Todos os dias chegavam os jornais, e procurava neles a notícia do Fentiman. Não apareceu nada. E depois, por fim, fiz o que nenhum homicida deveria alguma vez fazer: regressei ao local do crime. E compreendi então o que acontecera, e por que motivo ninguém comunicara o aparecimento de um cadáver. Três camiões cheios de terra e brita tinham sido espalhados sobre a área afundada dos campos de jogos junto ao portão da casa do porteiro – parte de uma tentativa regular de lidar com a questão do aluimento devido às minas. Tinham sido despejadas toneladas de cascalho e terra no campo alagado, após o que uma máquina prensara a superfície, e a zona fora vedada para proteger a relva acabada de semear. Ao olhar para os minúsculos rebentos já a despontar, supus que tudo aquilo teria acontecido menos de quarenta e oito horas depois da morte do Fentiman.

Custa crer como não viram o corpo de um homem adulto numa poça com menos de trinta centímetros de profundidade. Mas vemos principalmente o que *esperamos* ver – sacos de areia, um sobretudo deixado ali. Na melhor das hipóteses, uma pilha de lixo que, por uma engraçada coincidência, tem a forma de um corpo. O St. Oswald, assim como o King Henry, sempre foi tão complacente, tão seguro das suas certezas. Estes homens, que pensam que governam o mundo. Uma mulher teria reparado.

Mas ninguém foi à procura do Fentiman. Ninguém comunicou o seu desaparecimento. Graças ao Darren Milk e à sua tarântula, o pessoal do St. Oswald – você incluído, Roy – supôs que ele simplesmente perdera a coragem. Não tinha família chegada; a sua casa era arrendada, e o senhorio

retomou-a quando a renda deixou de ser paga. Daí a seis meses, houve uma pequena investigação pouco empenhada a pedido de um casal idoso que alegara que o Fentiman lhes tinha levado as suas poupanças – a quantia era pequena em comparação com a que os meus pais lhe tinham dado, mas bastava para explicar a súbita partida do homem. A história apareceu no *Yorkshire Post* e no *Malbry Examiner*, mas nunca foi notícia de primeira página. Eu tinha escapado sem ser detetada. Era – mais uma vez – uma homicida.



2 de outubro de 2006, 16h18

A memória é um rio que leva a todas as terras do Mundo dos Mortos. Alguns afluentes correm para o Lete e a bênção do esquecimento. Outros levam ao Tártaro e aos tormentos do remorso. Nunca senti remorsos. De certa forma, poderia ter sido melhor senti-los. Em vez disso, simplesmente teci um casulo, acrescentando camadas de pormenores até a verdade ficar perfeitamente escondida. E tinha *acreditado* na história; assim como acreditava na existência da Emily Jackson e de Mr. Smallface. Mas agora a verdade tinha sido revelada. O dique rebentara. As águas do rio corriam.

*

Na tarde de 9 de julho de 1971, estava a chover. Recordo as gotinhas de água nos meus sapatos novos brilhantes de verniz vermelho. Entrei no vestiário para esperar que o Conrad chegasse. Sentei-me em frente ao cacifo dele, e depois, daí a uns quinze minutos, espreitei para o corredor para ver se o meu irmão estava por perto.

Um mestre e um rapaz iam a passar no corredor. Reconheci o Milky, e compreendi que de algum modo estava metido em trabalhos. Imagino, Roy, que o mestre era o Eric Scoones, que era diretor de turma do Milky nesse ano e levava as suas responsabilidades a sério. Não conhecia o Scoones, claro, mas lembro-me da sua voz alta e da batina preta que trazia, tão parecido com o retrato na Biblioteca Smarthwaite. Aguardei por trás da porta do vestiário até eles desaparecerem de vista. Recordo o som dos sapatos do mestre, pesados no soalho. Depois, quando o corredor voltou a ficar em silêncio, saí para investigar.

Uma escola vazia soa diferente, sabe? Esperar-se-ia que estivesse silenciosa quando todos os alunos estão ocupados nas aulas, mas há sempre uma espécie de zunido no ar, como uma colmeia sonolenta. A ausência tem um som próprio, e o liceu soava *vazio* nesse dia; vazio como uma colmeia onde todas as abelhas estão mortas. Não havia clubes ou atividades

desportivas depois das aulas tão perto do fim do período. A maior parte do pessoal tinha ido direito para casa. O pessoal da limpeza só chegaria às cinco horas. A última representação de *Otelo* deveria começar às oito, o que dava a todos os envolvidos oportunidade de ir a casa, fazer uma refeição e voltar a tempo de se preparar para o espetáculo.

Com a minha pequena pasta vermelha na mão, saí para o corredor. Os meus sapatos novos faziam um som martelado nas traves do soalho encerado. Sabia onde ficava o Pequeno Teatro. Já tinha lá estado, e lembrava-me do símbolo de máscaras entrelaçadas – a Tragédia e a Comédia – por cima da porta. Não gostava de máscaras. Metiam-me medo. Empurrei a porta e entrei.

Estava escuro dentro do teatro. As luzes da sala estavam desligadas, e brilhava uma luz verde vívida à volta do palco vazio. O cenário era o de um espaço interior; paredes de pedra como as da torre de um castelo, com janelas pontiagudas que de algum modo me recordavam o Pimenteiro. A luz verde vinha de uma porta de alçapão aberta, e formava um padrão de folhas de árvores que mosqueavam as cortinas e o cenário. Vindo de longe, ouvi o som de vozes; risadas distantes.

– Conrad?

O som das vozes parou. Aproximei-me um pouco. Havia uns degraus que conduziam à lateral do palco. Parei por um momento, e depois subi-os. Da porta do alçapão iluminada com uma luz verde, veio uma espécie de som de algo a ser arrastado.

– Conrad? – A minha vozinha soava muito alto no palco vazio.

O som de algo a ser arrastado aproximou-se. Parecia vir de baixo dos meus pés, como se alguma coisa tivesse acordado ali. Ao mesmo tempo, ouviu-se um som sibilante de uma caixa nas laterais e começou a jorrar fumo para o palco; fumo espesso e branco que cheirava de algum modo a giz, a giz e borracha e serrim. A luz verde incidiu no fumo como tinta em pó a dispersar numa taça de água; aquele verde brilhante e de algum modo venenoso derramou-se sobre as pontas dos meus sapatos de festa. E era *fria*; conseguia já ver a condensação na pequena pasta vermelha que apertava com tanta força contra o peito.

Voltei a chamar pelo Conrad, dessa vez num murmúrio sufocado. O som de algo a ser arrastado estava mais perto, e pareceu-me ouvir uma voz; uma voz

suave e muito familiar que segredava: *Becks. Becksssssss*. Vinha da porta aberta do alçapão, onde o fumo fizera uma espécie de poça verde-lima; e então, saindo do fumo verde, apareceu uma cabeça com um rosto vazio grotescamente *pequeno* sobre uns ombros gigantes...

Há dois tipos de pessoas, Roy. As que sob pressão ficam paralisadas e as que partem para o ataque. Reagi instintivamente. Segurando a minha pequena pasta vermelha pela alça, arremessei-a contra a porta do alçapão. Havia uma espécie de escora de metal a segurar a porta, mantendo-a aberta. A pasta atingiu a escora de metal, que caiu, arrancando-me a alça da mão. A figura monstruosa desapareceu, a porta pesada do alçapão fechou-se com força, com um som que pareceu encher o mundo inteiro. De baixo do palco, veio o som de algo pesado a cair. A seguir, silêncio; depois uma voz erguida numa consternação sem palavras, gorjeada.

Tinha perdido a minha pequena pasta vermelha. Caíra pela porta do alçapão. A minha perturbação por a ter perdido eclipsou totalmente o resto da cena. As crianças são assim, Roy; têm as suas próprias prioridades. Veem o mundo da sua própria perspectiva, muito reduzida e peculiar. Os adultos vivem numa espécie de névoa, muito acima das cabeças delas. Os pensamentos e as ações das crianças são estranhamente intensos; determinados por rituais infantis que os adultos não compreendem. Assim, a morte do meu irmão quase passou despercebida em face de uma tragédia maior; a perda da minha pequena pasta vermelha no covil do monstro.

O meu eu adulto consegue vê-lo agora. Pela janela traseira límpida do presente, tudo se encaixa. O rapaz com a máscara *moretta* e o manto preto à volta dos ombros; o outro rapaz, ao fundo dos degraus, à espera no alçapão. A criança a fechar com força a porta do alçapão iluminada por uma luz verde como tantas vezes fechava o tampo da sanita, para emudecer o som sinistro do autoclismo e se resguardar do monstro. A porta do alçapão era pesada; esmagou o crânio do rapaz. O Conrad morreu numa questão de segundos.

— É chocante, a rapidez com que aconteceu tudo — dissera o Fentiman junto à poça. — Por um minuto, não consegui acreditar que o Conrad não estivesse a fingir. Vivo num momento, morto no seguinte. Acho que fiquei desvairado durante um bocado.

Sorri ao ouvir aquilo, com alguma consciência da ironia da minha posição. E ele tinha toda a razão, claro: é sempre uma surpresa quão fácil é tirar uma vida. Os filmes e as séries televisivas fazem com que pareça muito difícil, muito dramático. Mas, tal como as melhores tragédias clássicas, a morte do Conrad aconteceu fora de palco. Eu só sabia que tinha dado luta; que fechara a porta com força na cara do meu atormentador.

Com a ajuda do Fentiman, ordenei a sequência dos acontecimentos. O Conrad e o Fatty encontravam-se dentro do alçapão, a planear a partida que iriam pregar a Miss Macleod. Não era um plano complicado. Uma simples saqueta de um pó causador de comichão na parte da frente do vestido de Desdémona: exatamente o tipo de partida que eu sabia que o Conrad acharia hilariante. O Dominic tinha ido ter com o Milky à saída do gabinete do reitor. O Scoones ainda estava lá dentro com o reitor; o seu tom de voz solene a penetrar até à porta do gabinete. Os dois rapazes tinham ouvido o grito de consternação do Fatty e seguiram o som até ao alçapão. Viram a pasta vermelha no chão ao lado do corpo do meu irmão e, todos juntos, foram à minha procura.

Encontraram-me no vestiário. Só recordo realmente os sapatos deles; os sapatos pretos brilhantes do Milky; os sapatos de couro do Fatty: as pontas do sapatos do Dominic, esfoladas e cheias de pó quando se juntaram à minha volta. O Fatty estava a tentar explicar o que vira – a pasta da escola, a porta do alçapão, o Conrad. A sua voz, aguda com alarme, perturbava o ar do vestiário. Lembre-se de que eu tinha cinco anos. Aqueles rapazes de catorze anos eram como adultos para mim. As suas vozes estalavam e saltavam como bolas de basquetebol contra o teto alto e duro. Encontrei um cacifo aberto e enfiei-me lá dentro, a salvo naquele espaço confinado.

Foi o Dominic a assumir o controlo da situação. O Dominic quem me falou na sua voz calma e baixa, pela fresta da porta do cacifo, enquanto os outros voltavam para o alçapão e debatiam o que fazer.

Está tudo bem, Becks. Fica aí dentro. Fica aí dentro, onde é seguro.

Onde está o Conrad?

O Conrad foi-se embora. Mr. Smallface levou-o. Lembras-te disso, não lembras?

No escuro, acenei com a cabeça.

Não digas a ninguém que estivemos aqui. Caso contrário, ele pode voltar.

Mais uma vez, acenei com a cabeça e enfiei-me mais para dentro do espaço no cacifo.

Agora, sê uma boa menina e espera, disse ele.

E, como uma boa menina, esperei.

*

Segundo o Fentiman, foi o Dominic, por fim, quem assumiu a liderança em vez do Conrad e sugeriu um plano de ação.

– Não podemos contar isto a ninguém.

– O que queres dizer? – perguntou o Fentiman. – Temos de contar a *alguém*.

– Não, não temos – respondeu o Dominic. – Se quiseses contar a alguém, conta. Mas estavas sozinho quando aconteceu. Vais ter de explicar tudo. Incluindo o que estavam a fazer lá juntos, para começar.

– Foi um acidente – disse o Fatty. – Ele estava a mexer na porta do alçapão, a tentar pregar um susto à irmã.

– Pensas que os pais dele vão nessa? Vão procurar alguém a quem culpar. Pensas que vão acreditar em *qualquer* história em que o Conrad não fosse o herói? Olha para o que aconteceu ao Milky.

O Fatty olhou para o Milky, que encolheu os ombros.

– Fazem tudo para deitar as culpas em alguém que não seja daqui.

– Vão dizer que estávamos a lutar ou coisa do género – disse o Dominic. – Vão dizer que não devíamos estar ali sozinhos. Vão dizer que tínhamos alguma coisa contra ele, e *tínhamos*... estava sempre a provocar as pessoas. Vão chamar a polícia. Vão ter de o fazer. E depois ficamos com cadastro. Vamos ficar no radar da polícia *para sempre*...

Imaginava que a experiência da polícia do Dominic era diferente da dos seus amigos. De qualquer modo, foi convincente: e os outros já estavam suficientemente nervosos para alinharem na ideia dele.

– E então? Fazemo-lo desaparecer?

– Primeiro, limpamos a porta do alçapão. Há lixívia no armário das funcionárias da limpeza. Depois, encontramos um sítio para o esconder. Um sítio aonde ninguém vá procurá-lo.

*

– Havia malas no alçapão – disse-me o Fentiman. – Encontrámos uma com rodinhas em que ele cabia e depois levámo-la até ao Pimenteiro.

Devem ter demorado mais de uma hora a arrastar a mala pelos campos de jogos do King Henry, até ao bosque nas traseiras do liceu, e finalmente ao longo do caminho que levava ao túnel do comboio. Tiveram sorte em não serem vistos, mas a essa hora a zona estava deserta e, além disso, chovera torrencialmente nesse dia, o que significava que não andariam pessoas a passear os seus cães no caminho ou entusiastas dos caminhos de ferro a tirar fotografias. Treparam pelo lado do Pimenteiro, içando a mala atrás deles, presa a uma corda do teatro. Depois, atiraram com a mala para dentro do Pimenteiro, onde foi juntar-se aos sacos do lixo, brinquedos partidos e outras coisas sem préstimo.

A seguir, foi cada um para seu lado – o Milky para a sua parte da cidade, o Fatty e o Dominic para casa, para jantarem antes de voltarem ao liceu para a representação de *Otelo*. É claro que nessa altura as funcionárias da limpeza já me tinham encontrado e o facto de o Conrad não me ter acompanhado a casa estava já a fazer soar o alarme.

Depois disso – bem. Já sei como lhes parecia irreal. A vida prosseguiu como normalmente, só que o Conrad não fazia parte dela. Evitavam-se uns aos outros no liceu. Em casa, viam episódios da série *Dr. Who* na televisão, e *Hawaii Five-O* e *Z-Cars*. Ouviam rádio, com «Get It On» no número um do *top* de músicas. Escovavam os dentes de manhã. Comiam peixe com batatas fritas aos sábados e ansiavam pelo fim do período. *Essas* coisas eram reais. *Essas* coisas eram *eles*, não a mala no Pimenteiro. E quando a busca do Conrad esfriou, e as férias do verão quente começaram, os três foram cada um para seu lado – o Milky quinze dias para a praia em Scarborough com a mãe, o Dominic para a ilha de Trindade visitar a família da mãe e o Fatty para a Cornualha com a sua família, onde andou a patinhar nas poças das rochas e comia gelados e secretamente se sentia encantado com o facto de que ninguém o chamaria por aquela alcunha feia nunca mais.

Sabe, Roy, eu compreendo. Enquanto a minha vida ia ficando cada vez mais distanciada do que era, a deles foi-se tornando cada vez mais normal. Tinham metido os acontecimentos daquele 9 de julho numa mala e deitaram-na fora. E, à minha maneira, fiz o mesmo. Tentei encaixar o que recordava na história da minha vida. E quando perguntaram: *Para onde foi o Conrad?* contei-lhes a verdade, como a vira. Falei-lhes sobre Mr. Smallface. Falei-lhes sobre a porta verde. E quanto mais vezes contava essa história, tanto mais autêntica me parecia, até o resto das recordações – a porta do alçapão, o som dele a cair, os sapatos dos outros rapazes a arrastarem-se por ali e as suas vozes altas a discutir – ter desaparecido no turbilhão do que a imprensa chamava o *Caso Conrad Price*.

E lembre-se de que uma criança de cinco anos vê o mundo de uma perspetiva diferente. Fizeram-me perguntas sobre *rostos* quando a maior parte do que eu via eram pés. Esperavam que me concentrasse, quando eu só queria brincar. Mr. Scoones foi chamado a prestar declarações; assim como Miss Macleod e Mr. Sinclair. Lembro-me do homem com a cabeça pequena e do seu hábito de puxar o cabelo, mas não sabia o que queriam de mim quando me perguntavam se o vira. E a memória gosta de normalizar o que vê como irregular. Colmata as fendas no mundo. Forma um casulo a proteger-nos do trauma. No caso dos amigos do Conrad, deve ter sido mais fácil libertarem-se. Traçar um risco por baixo do Conrad e esquecer que alguma vez tinham estado envolvidos. Oh, talvez tenha deixado marcas neles, marcas ligeiras. O Dominic Buckfast saiu do liceu e acabou na Sunnybank Park, onde o seu talento considerável para a arte acabaria por ser canalizado para o ensino. O Christopher Milk deixou de estudar aos dezasseis anos e acabou, quatro anos depois, como encarregado da manutenção no King Henry. E o Jerome Fentiman, depois de uma breve passagem por Oxford, tornou-se um vigarista que se aproveitava de pessoas idosas e lhes roubava as suas poupanças.

Bem, é claro, agora estão todos mortos. Mortos, e praticamente esquecidos, Roy – como aqueles episódios de sonambulismo que acompanharam a minha breve passagem pelo King Henry. Há registo de casos em que pessoas afetadas por esse problema fazem coisas extraordinárias quando se encontram sob o seu efeito. Cozinhar uma refeição, por exemplo. Ou escrever num diário. Qualquer coisa para desviar a pessoa adormecida da fonte de

Mnemosine – aquela fonte que revela o passado e o presente – e a atirar para os braços de Lete.

Quanto ao Dominic Buckfast, morreu numa festa de anos, só seis meses depois do seu casamento, de uma reação adversa a *ecstasy*. A sua família negou resolutamente que alguma vez tivesse sido consumidor de drogas, embora a sua predileção pela marijuana fosse conhecida e remontasse ao início da adolescência. Ninguém admitiu ter fornecido a droga ao Dominic. Ninguém na escola conhecia o seu *dealer*. A polícia demonstrou uma deplorável falta de interesse por esses pormenores significativos, que, se ele fosse branco, creio que teriam despertado uma série de suspeitas. Mas a nossa polícia nunca foi boa a olhar para lá do estereótipo. Se o fizessem, quem sabe o que mais poderiam ter descoberto?

O Dominic nunca chegou a adotar a Emily, embora nessa altura o processo estivesse já em marcha. Deixou-nos a casa e as suas poupanças, que, a acrescentar à pequena herança dos meus pais que já tinha recebido, garantiu a nossa segurança. A minha filha mudou o seu apelido para o dele assim que chegou aos dezoito anos, mas nessa altura já quase o tinha esquecido, exceto as histórias que eu lhe contava; as lendas que eclipsavam a verdade – e, claro, as fotografias.

*

Olho para o meu relógio de pulso e vejo que passa das seis. O café já está frio e também o Roy está a arrefecer. Não o vi acontecer, Roy. Penso que deve ter sido muito rápido. Um ataque cardíaco fulminante, provocado pelo *stress* de ter regressado cedo demais ao trabalho. Não, é claro que não tive nada a ver com isso. Eu disse-lhe, Roy. Gosto de si. Parece muito calmo: de olhos fechados, como se a apreciar uma sesta calma a seguir a uma refeição. Agrada-me que tenha vivido o tempo suficiente para ficar a saber que o seu amigo Scoones era inocente, pelo menos em relação a este crime em particular, e que o seu amado St. Oswald está mais uma vez a salvo dos abutres do escândalo.

Além disso, tenho plena consciência de que, para si, aposentar-se teria sido uma maldição. Como é que alguma vez teria conseguido lidar com isso? As últimas semanas provaram-nos a ambos que a vida sedentária não era para si. Em vez disso, uma morte rápida e indolor, aqui na sua Torre do Sino,

envergando o seu velho casaco de *tweed*, parece a opção mais caridosa. E, graças aos seus Brodie Boys, ficará aqui para sempre – sim, sei da gárgula, Roy. Claro que sei. Como poderia não saber? O dever de uma reitora é saber tudo.

Penso que darei consigo a caminho da saída. Talvez tenha visto uma luz ainda no alto da Torre do Sino. Sinto-me chocada e triste, claro. Poderei até verter uma lágrima. Mas primeiro uma breve inspeção dos seus bolsos, para ver se contêm algo excessivamente interessante. Uma agenda. Uma carta, talvez. Possivelmente até o crachá de prefeito que deu o pontapé de saída a todo este caso.

Mas não. Os seus bolsos estão vazios, excetuando uma mancheia de castanhas-da-índia. Parece bastante apropriado. Algumas pessoas não são capazes de passar por um castanheiro-da-Índia sem pararem para encher os bolsos.

Adeus, velho amigo. E fique com a certeza de que o St. Oswald se encontra em boas mãos. As raparigas que os seus colegas tanto desprezam irão prosperar aqui e tornar-se-ão mulheres: fortes, ambiciosas e com princípios. A porta estreita está aberta de par em par; elas já não se afastarão para o lado para tornar o acesso mais fácil aos homens.

Adeus, velho amigo. Vou sentir saudades das nossas conversas. Mas sei que compreenderia que foi realmente pelo melhor. *Audere, agere, auferre*. Atrever-se, esforçar-se, conquistar. Um lema que data dos tempos em que as mulheres eram pouco mais do que propriedade dos homens. Mas o Roy e eu precisamos de algo diferente: algo que reconheça a luta que tivemos até este momento: a sua morte, a minha vida.

Mors tua, vita mea.

Epílogo
Eliseu
(Ilhas dos Abençoados)



Liceu St. Oswald

1 de outubro de 2006

Caros Allen-Jones, Sutcliff, Tayler, McNair e Wild

Chega um momento em que mesmo o mais infatigável cavalo de guerra tem de ser posto a pastar. Não faço ideia de quando chegará a minha hora, mas os acontecimentos das últimas semanas puseram as coisas em perspetiva. Sobrevivi a um século de docência no St. Oswald; um feito meritório para alguém que começou a sua carreira como um potencial réprobo.

Agora, à geração seguinte de réprobos, deixo este relato das últimas semanas, incluindo conversas que tive com a nova reitora. Penso que as acharão de interesse, embora vos deixe a vós a decisão de que ação - se alguma - tomar. Até ao momento, o meu relato está inacabado. Espero completá-lo muito em breve. Porém, aqui sentado na minha sala de aulas, na sala que ocupo há trinta e tal anos, sinto uma espécie de urgência. Há um pequeno parapeito de pedra por baixo da gárgula que fizeram para mim. Guardarei a minha agenda lá, onde sei que a encontrarão, embrulhada numa capa impermeável, para o caso de a Ceifeira vir por mim sem aviso. Aí também deixo o crachá de prefeito. Faltou-me a coragem de lhe dar uso. Talvez pensem de outro modo. Ou talvez decidam dar-lhe - como ao resto desta história - um enterro discreto e final.

Espero que saibam que ensinar-vos foi o ponto alto da minha carreira: os meus Brodie Boys, cuja boa-disposição caótica nunca deixou de alegrar os meus dias. Espero que prossigam com os vossos estudos de Latim; no mínimo, irritará o doutor Strange, e, além disso, um bom conhecimento dos Clássicos foi sempre uma vantagem na vida. Por último, Mr. Allen-Jones, se,

como suponho, está a tentar imitar Mr. Bugs Bunny, deveria ser: «Quid agis, Magister?» Como tenho a certeza de que deve recordar, o pronome interrogativo «quod» implicaria «que» ou «qual», em vez do mais usual; «What's up?». Chamo a atenção para isto, correndo o risco de parecer pedante, é claro, mas, como tenho a certeza de que Mr. Wild diria, nunca compensa não prestar atenção aos pronomes.

Afetuosamente vosso,

Roy Straitley

Agradecimentos

Assim como uma escola é mais do que o seu reitor, também mais do que uma pessoa é necessária para fazer um livro. Devo um agradecimento especial ao meu agente, Jon Wood; às minhas editoras, Harriet Bourton, Lucy Frederick e Anouchka Harris; à minha editora de texto, Marian Reid; ao autor da capa, Tomás Almeida e à ilustradora Micaela Alcaino, à gestora de *marketing* Jennifer Hope e à assistente de *marketing* Tanjiah Islam, à publicitária Alex Layt e ao resto do fantástico pessoal da editora Orion. Vejo pelas redes sociais que os meus Brodie Boys já não são rapazes, mas excelentes seres humanos, o que continua a fazer-me feliz. Sinto também a passagem do tempo, o que é simultaneamente um pouco melancólico e muito como deve ser. Vários Velhos Centuriões e Casacos de *Tweed* pereceram ao longo do último par de anos; sei que não serão esquecidos, mas continuo a dever-lhes um agradecimento do coração, e talvez um copito de algo erguido em frente aos quadros de honra de St. Oswald. Devo também um agradecimento a todas as pessoas que me ajudaram a manter a sanidade mental ao longo dos últimos dois anos; a Kevin Harris, Christopher Fowler, Bonnie Helen Hawkins, Nicola Solomon, Philip Pullman, os membros da direção e ao maravilhoso pessoal infatigável da SOA e da ALCS²⁰. Um agradecimento a todas as livrarias e festivais que organizaram leituras públicas durante estes tempos longos e estranhos, e aos muitos leitores que aderiram a eventos *online* e virtuais. Obrigada aos trabalhadores dedicados do NHS²¹, que têm sido uma enorme fonte de força e apoio para mim e para tantas outras pessoas. E, claro, como sempre, aos meus tordos do Twitter, cujas interações diárias foram a minha sala dos professores, o meu momento de pausa e, por vezes, a minha boia de salvação. Escrever é uma atividade solitária durante um período de confinamento, e vocês têm também o vosso lugar nos quadros de honra. Obrigada por seguirem o Roy Straitley, os seus rapazes, os seus colegas e a perene tragicomédia do St. Oswald durante tanto tempo. E atrevam-se sempre a tomar posição, a esforçar-se; a questionar e a conquistar...

²⁰ SOA, sociedade de autores. ALCS, sociedade que emite licenças de utilização e recolhe os direitos das obras. (*N. da T.*)

²¹ Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido. (*N. da T.*)